

MUITO ALÉM DO HORIZONTE

A LIGAÇÃO ENTRE KARDEC, RAMATIS E ROCHESTER

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA





MUITO ALÉM DO HORIZONTE
A LIGAÇÃO ENTRE KARDEC, RAMATIS E ROCHESTER

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



SUMÁRIO

Prefácio

Advertência ao Leitor

Esclarecimento

1. Reencontro
2. O Sonho de Alexandria
3. Projetos Espirituais
4. Fim do Sonho Romano
5. Fantasmas do Passado
6. Antes da Codificação
7. Plano da Espiritualidade Maior
8. O Imponderável e seus Caminhos
9. Alternativas do Livre-Arbitrio
10. Cento e Quarenta Anos Decisivos
11. Oriente e Ocidente
12. Onde falham as Religiões
13. Onde falham os Homens
14. Diversos Caminhos
15. Os Avatares
16. O Fator Rochester
17. O Sonho de Ramatis
18. As Possibilidades Humanas
19. A Revelação Espiritual
20. A Revelação Cósmica
21. Além do Horizonte Terrestre

Posfácio

Posfácio de Ramatis

Pósfacio de Rochester

Posfácio de Hercílio Maes

Sobre o Autor

Projeto Orbum

Roteiro de Livros

IEEA

PREFÁCIO

A História a que nós arrogantemente chamamos História Universal – como se o Universo fosse o planeta e o planeta fosse apenas um determinado conjunto de países – está longe de ser uma narração correta dos fatos, já que incompleta e escrita segundo nossas visões e sentimentos terrenos.

Mas, se é certo que os historiadores, quantas vezes alimentados pelo orgulho e xenofobia, subordinavam a narração dos acontecimentos aos seus propósitos políticos ou religiosos, distorcendo e distanciando-os da verdade, não é menos certo que, e principalmente, pelas nossas posturas erradas de ódio, violência e ignorância, nos temos conduzido por descaminhos, voltando sempre à mesma mediocridade e estreiteza de visão que nos tem caracterizado o aprendizado ao longo dos milênios, impossibilitando-nos, assim, de perceber a outra parte da História Planetária, a verdadeira, aquela que, ocorrendo noutros níveis existenciais, muito além do horizonte, acaba influenciando e condicionando o cenário terrestre.

As posturas que temos, enquanto encarnados, conformam a parte “visível” da História, e interagem também, e infelizmente, quase sempre pela negativa, no ambiente espiritual, que é a parte ainda “invisível” para a maioria de nós, exigindo dos mentores espirituais e de todos os espíritos que se propõe a trabalhar para o bem, esforços redobrados no sentido da renovação planetária, no quadro da preparação para os eventos cósmicos que ora se aproximam. Benditos esforços esses que, apesar da nossa reiterada persistência no erro, vão nos trazendo alguma luz, pela mão amiga dos espíritos que, encarnando, não dão campo de atuação e não se deixam vencer pelo envolvimento das trevas.

Com este livro compreenderemos que ocorrências históricas que nos pareceram obras do acaso, faziam jus, na verdade, à estratégia dos trabalhadores da Luz e ao engajamento meritório de muitos “trabalhadores da primeira hora”, e agora, volvidos tantos séculos, aos “trabalhadores da última hora”. Mas compreenderemos também, que os muitos insucessos e atrasos provocados, devem-se à planificação das trevas, que encontravam o terreno fértil da nossa vaidade, orgulho, desamor e paixões chãs, para a sementeira bem sucedida da obsessão destruidora.

A persistência teimosamente avassaladora das hostes trevosas guarda íntima relação com o nosso passado remotíssimo, inserido numa

“realidade” muito mais ampla, digamos sideral, que só será perceptível para nós, quando conseguirmos ultrapassar os limites mesquinhos do nosso ego exacerbado de cidadãos terrenos, de nos considerarmos exclusivos, tudo julgarmos saber mas, realmente, nada ou pouco sabermos.

A Obra da Criação é manifestação do Amor do Pai, e como esse amor é infinito, infinita será ela, e incontáveis serão os mundos cujas humanidades caminham também para a Luz, para Deus. Foi nesses mundos longínquos que tudo começou. Com efeito, há muito, muito tempo, contado na nossa escala temporal terrena, houve um problema vibratório, uma rebelião, cujas conseqüências funestas vivemos ainda hoje, e que, alastrando qual epidemia, nos contaminou e nos conduziu ao exílio e ao isolamento. Assim deveríamos ficar até que, encarnando sucessivamente em mundos mais primitivos, reajustando nossas condições vibratórias pelo trabalho, esforço e sofrimento, conseguíssemos as indispensáveis condições de equilíbrio e sanidade moral para que, sem prejudicarmos os demais, pudéssemos ser readmitidos na convivência amorosa e solidária que caracteriza essas humanidades donde saíramos.

Exilados finalmente neste planeta, tivemos que lidar com situações de vida às quais não estávamos acostumados, o que nos provocou uma carga ainda maior de problemas.

Nessa altura, os exilados chegaram a ser um pouco mais do que 4/5 do total de cidadãos aqui existentes, considerando encarnados e desencarnados. E as reminiscências dessa “queda”, que ficaram arquivadas nos recônditos dos centros memoriais do espírito, faziam aflorar à consciência, recordações nostálgicas desses mundos amados, e um íntimo e indefinível sentimento de culpa, aspectos que terminaram ganhando forma nos conceitos então vertidos para as Escrituras Sagradas, do “Pecado Original” e dos “Anjos Decaídos” ou “Anjos expulsos do Paraíso”.

A Autoridade Cósmica, Preposto do Pai, a quem cabe a direção amorosa desta parte do Universo, usando o seu livre-arbítrio, decidiu nascer entre nós, fazer-se menor para que nós, seus irmãos menores transviados, pudéssemos receber o exemplo de amor incondicional, de perdão irrestrito, de não violência, de humildade, de compreensão e caridade, de forma tal que, mais tarde, existindo já as condições vibratórias mínimas, decorrentes da nossa renovação, pudesse vir pessoalmente dirigir a Reintegração Cósmica do planeta.

É nos dias de preparação para a primeira vinda do Messias, alguns séculos antes de tal evento, que o autor inicia esta maravilhosa narração, que se estende por cerca de 25 séculos, até aos dias de hoje.

As hostes trevasas tudo fizeram para impedir o sucesso de tal intenção do nosso Pastor Cósmico e, embora não o tenham conseguido, pelo menos atrapalharam, e muito, como podemos aperceber-nos pela leitura desta obra.

Jan Val Ellam, o autor terreno, ou aflito escrevente – como ele próprio se apelida – com maestria e clareza, conseguiu pôr no papel, uma parte considerável dessa História “invisível” que nos diz respeito, já que, como afirma, “muito ainda está por ser dito”. Descreve-nos os sucessos e fracassos, os avanços e recuos, numa trajetória cheia de intenções fraternas e amorosas dos espíritos do bem, às quais, os espíritos das trevas sempre contrapõem as suas ações obscurecentes e estagnantes. Mas não é só. Não se trata apenas de narração histórica. É muito mais que isso. São os ensinamentos profundamente morais, o auxílio à reflexão, a exortação à renovação interior, o apelo à consciência planetária e cósmica, e é também a informação do que está por vir, com o Segundo Advento de Cristo.

Ellam torna a obra ainda mais interessante ao associar à descrição, já de si maravilhosa, o relacionamento de três espíritos amigos ao longo do tempo, Kardec, Ramatis e Rochester – personalidades bastante conhecidas – mencionando várias de suas encarnações, algumas das quais ocorridas no mesmo local e momento, descrevendo o trabalho realizado.

Desde o seu primeiro livro *Reintegração Cósmica*, editado pela primeira vez no ano de 1996, Jan Val Ellam tem nos demonstrado, com as suas atuais oito obras, que “os conhecimentos são transmitidos na medida em que a humanidade esteja preparada para recebê-los”. Poderíamos perguntar-nos se no século XIX haveria condições para falar mais abertamente do que Kardec o fez em várias obras e na *Revista Espírita*, sobre realidades outras, quando já se fazia difícil transmitir a mensagem da existência e comunicabilidade dos espíritos. Poderia ele, naquela altura, falar tão abertamente como se pode falar hoje, da realidade cósmica, de seres noutros níveis existenciais cósmicos, os famosos E.T.’s, sem que fosse apelidado de louco ou de pessoa pouco séria? Se ainda hoje corremos esse risco, como seria no passado? Apesar de tudo, corajosamente falou e escreveu, às vezes de forma sutil, outras, contudo, de maneira bastante precisa e clara.

E mais: como poderia Jesus, quando encarnado entre nós, dar-nos maior notícia do contexto sideral que não fosse:

“Na casa do Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar.” (*Bíblia*, Novo Testamento, Evangelho segundo João Cap.14 v. 2)

Ou também:

“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco, a essas também me importa conduzir...” (idem Cap. 10 v. 16);

Seria factível naquela época de ignorância e preconceito, o Cristo dizê-lo de forma mais explícita? Não! Por isso o Mestre pediu ao Pai que enviasse o Espírito de Verdade, O Consolador, para que viesse recordar muitas verdades e dizer outras que Ele quisera dizer-nos, mas nós não estávamos em condições de suportá-las. Por esse mesmo motivo, porque não houve condições há 150 anos, principia-se o vislumbre de uma nova revelação, a de caráter cósmico.

Como sucedeu com os livros anteriores, também este terá o condão de ser um divisor de águas, talvez uma explicação cada vez mais clara entre os que já foram irreverentes e agora são ortodoxos porque pararam, e aqueles que estão ainda em movimento. Talvez este livro seja ponto de partida de posições virulentas e extremadas do tipo “impostor”, “falso profeta” e outras, por parte daqueles que se julgam detentores da verdade absoluta e exclusiva e que, ao fazê-lo, na verdade estarão a subscrever e ratificar o que nos diz o autor:

“... A heresia de hoje freqüentemente torna-se a ortodoxia de amanhã. E assim tem sido invariavelmente. Dessa forma, o amante da sabedoria será sempre considerado herege para o ortodoxo do momento.

Na vida terrena é inevitável: estaremos sempre aprendendo com as velhas ortodoxias e, ao mesmo tempo, sendo atraídos pelas novas heresias. Infelizes dos que não se permitirem tal procedimento porque estarão vinculados ao estacionamento dos valores dominantes. Equilibrar-se entre um e outro aspecto da evolução do pensamento humano é questão de habilidade espiritual de cada um. Afinal, o que mais limita o ser humano a não ser o conjunto das suas próprias opiniões? O que mais dificulta o progresso pessoal se não o limite estabelecido pela concepção de mundo que caracteriza o seu intelecto?”

Quaisquer que sejam as convicções religiosas, filosóficas ou doutrinárias, aceitemos o convite que o autor nos faz, e deleitemo-nos com

estas páginas maravilhosas, quais gotas de Luz, que no seu cintilar iluminante nos contagiam com a intenção da busca do conhecimento e nos ajudam a divisar “Muito Além do Horizonte”.

Val Eom

Luanda, dezembro de 2000

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Ao LONGO dos muitos milênios em que tentamos evoluir no orbe terreno, incontáveis foram as encarnações ou personagens que cada espírito animou. Daí resulta que, ao nos referirmos a um determinado espírito, utilizemos por conveniência, um ou outro dos muitos nomes que teve na escalada evolutiva, geralmente aquele pelo qual ficou mais conhecido em determinada época. Como precisamos nos referir a um espírito estando desencarnado ou mesmo encarnado e, por vezes, muitos séculos antes que a dita encarnação ocorresse, necessário se faz alguma precisão de linguagem, já que, não tanto pela pobreza dos idiomas terrenos, mas mais pela nossa ignorância do léxico, temos que exprimir situações diferentes, fazendo recurso a expressões idênticas, o que pode ser motivo de confusão para o leitor desavisado.

Assim, por exemplo, para nos referirmos ao espírito que, estando desencarnado à altura dos fatos narrados, muitos séculos depois encarnou como Ramatis, afigura-se mais simples usarmos a expressão “o espírito de Ramatis”, ainda que tenhamos consciência de não refletir a situação com rigorosa justeza. De forma análoga, para mencionar o espírito desencarnado que numa das muitas encarnações personificou Napoleão Bonaparte, diremos “o espírito de Napoleão” e se a referência for a essa encarnação específica que teve no século XIX, estaremos nos referindo ao imperador francês Napoleão Bonaparte, diremos apenas “Napoleão”.

ESCLARECIMENTO

Era mais um fim de tarde, mais uma palestra seria proferida. Sentado, aguardando a hora em que seria chamado para iniciá-la, pensava a respeito dos caminhos da vida, quando um amigo espiritual, a quem já conhecia pela sua vibração, apesar de jamais ter conseguido atinar com a sua personalidade ou aparência, aproximou-se e me cumprimentou carinhosamente.

Demorei a perceber o que ele desejava. Por algum tempo permaneceu ao meu lado, enquanto o coordenador dos trabalhos repassava algumas informações para a platéia. Em dado instante, o amigo espiritual disse-me que não iria ocupar-me naquela hora já que a palestra iria ser iniciada e sabia ser necessária a devida concentração de minha parte. Além disso, o pequeno grupo de trabalhadores espirituais que normalmente me ajudam no decorrer das palestras já estava a postos para o começo dos trabalhos. Entretanto, solicitava que recordasse um convite, e ao mesmo tempo, um pedido fraterno que um ex-mestre que tive, em uma reencarnação longínqua na Índia, por volta de 2100 anos a.C., havia me dirigido, há alguns meses.

Continuei na expectativa e, talvez por estar com a minha atenção cerebral voltada para o tema da palestra, não consegui atinar com maiores lembranças a respeito.

Havia chegado ao Rio de Janeiro naquele mesmo dia, após um voo que durou cerca de cinco horas. Durante a viagem, entre um e outro cochilo – devido à noite mal dormida – refletia sobre o fato de estar com uma quantidade considerável de livros sendo desenvolvidos ao mesmo tempo e, ainda assim, a todo momento, outras entidades espirituais me concitarem o concurso mediúnico para escrever mais e mais trabalhos.

Inquietava-me o fato de ter que desenvolver as minhas atividades profissionais, de onde tiro o sustento para a minha família e além disso, ter de participar de reuniões de trabalho espiritual em grupo em algumas noites da semana, de viajar constantemente para palestras, de não conseguir manter em dia a correspondência que versa sobre as dúvidas dos leitores sobre os temas dos livros, de jamais conseguir concluir a leitura de uma já considerável “montanha de livros e revistas” e, principalmente, de somente dispor das madrugadas e dos dias de aparente descanso para escrever o que a Espiritualidade me solicitava.

Refletia sobre uma conta muito simples que, observando o mar de nuvens lá fora, preguiçosamente o meu cérebro processava. Por aquela época estava com 41 anos de idade; se parasse de trabalhar para me dedicar só ao mister de escrevente – não me considero um escritor – ainda assim não conseguiria produzir mais do que cinco livros por ano. Em permanecendo nas minhas atividades profissionais, e com o cansaço já acumulado de anos de trabalho em plena madrugada, e tendo que acordar cedo para a vida profissional, não estava conseguindo escrever mais do que dois livros por ano. Na primeira hipótese, se mais quarenta anos vivesse, o que achava improvável, seriam duzentos livros ainda a serem publicados. Na segunda, cerca de oitenta. Ora, mesmo na hipótese mais generosa, ainda assim essa quantia não se aproximava da metade dos livros que já estão em andamento... E ainda assim, continuava a receber “convites fraternos” para desenvolver mais trabalhos literários.

Às vezes pensava, com uma certa dose de humor, que os amigos do outro lado estavam avaliando equivocadamente a questão, ou então, seria eu mesmo que não estava percebendo coisa alguma do que estava ocorrendo comigo. Preferia a primeira hipótese já que a outra, seria um atestado de incompetência em analisar os fatos da minha própria vida, o que, convenhamos, é bastante desagradável para qualquer ser humano que pretenda conhecer a si mesmo, e ao mundo que o cerca. Além do mais, apesar de nunca ter sido um grande aluno em matemática, aquela conta simples, e cujos termos haviam sido elaborados com a necessária prudência de análise, era fácil de fazer. Portanto, imaginava, das duas uma: ou a quantidade de livros em desenvolvimento teria de ser repensada, através de algum processo onde pudesse priorizar o mais importante, separando o que fosse aparentemente acessório, ou, realmente, os amigos do outro lado estavam enxergando aspectos a respeito da minha vida dos quais nada sabia.

Já havia mesmo tentado descartar diversos livros e projetos que estavam em andamento. Entretanto, recordava-me que por trás de cada um daqueles livros estava “um convite ou um pedido de alguma entidade”, espiritual (espíritos desencarnados) ou cósmica (seres que vivem fora do contexto terrestre), para a realização dos trabalhos. Inquietava-me, como ainda me inquieto, ter que decidir o que era essencial e o que seria considerado como acessório em toda essa história.

Normalmente nada pergunto aos mentores espirituais. Registro as dúvidas na minha mente, sabedor de que, quando conveniente, eles tomam

a iniciativa de sinalizar possíveis reflexões que facilitem a tomada de consciência quanto ao tema em questão. Infelizmente, até a data em que escrevo estas páginas, o mistério continua. E para acentuá-lo mais ainda, continuam também a chegar novos “convites e pedidos” de amigos do lado de lá. Com postura de respeito e carinho, além da inevitável dose de humor que o caso requer, registro e reflito sobre todas as ofertas de trabalho que me chegam.

Assim, quando aquele amigo espiritual referiu-se a um convite que me havia sido endereçado tempos atrás, realmente não consegui recordar especificamente qual teria sido.

Encontrava-me ainda absorto, procurando assimilar o acontecido, quando fui chamado para dar início à palestra, o que fiz com uma certa inquietação por não haver entendido a estratégia da Espiritualidade em desviar a minha atenção, justamente naquele momento, se é que houve a intenção. Com a ajuda dos amigos espirituais, discorria a respeito do tema quando, em certo momento, um pequeno grupo de entidades adentrou o local e ali permaneceu até o final.

Quando a palestra terminou e as pessoas no auditório se preparavam para fazer perguntas, o amigo espiritual que havia se apresentado no primeiro momento, fazia se acompanhar de alguns membros do grupo que chegara durante a palestra. Ao se aproximarem, todos apresentando uma beleza vibratória cativante, fraterna e envolvente, dois deles começaram a plasmar detalhadamente as expressões fisionômicas do perispírito escolhidas para aquela ocasião. Pude perceber tratarem-se de um antigo mestre que havia tido em uma vida longínqua na Índia – a quem já conhecia mediunicamente nesta existência – e de um “filho de criação daquele mestre” de quem havia também me tornado amigo naquela oportunidade encarnatória – exatamente o primeiro amigo espiritual que me abordou.

O meu velho amigo e mestre solicitou que me concentrasse nas perguntas e ele mesmo me ajudaria mediunicamente nas respostas. Entretanto, entre um e outro questionamento, “conversava sobre outros temas” de forma a não me atrapalhar quanto ao desenvolvimento dos trabalhos. Dizia mesmo, em uma espécie de brincadeira fraternal, que naquela oportunidade ele estava testando antigos ensinamentos espirituais que havia me dado quando fui seu pupilo. Óbvio que ele somente interferia com a sua poderosa mente e sua vibração envolvente de uma maneira que sabia ser suportável.

A última oportunidade em que havia me encontrado com o velho mestre foi quando de um desdobramento espiritual durante o repouso do corpo físico. O encontro ocorrera exatamente em uma espécie de conclave no qual Ramatis estava dando uma série de palestras para alguns desencarnados e, em especial, para vários encarnados que, como trabalhadores de sua falange espiritual, estavam agora em missão renovadora de cunho esclarecedor e assistência fraternal na esfera carnal. Mesmo não sendo de sua falange espiritual, havia sido convidado para ali estar presente, o que conscientemente fiz com o espírito em júbilo. Recordava-me que, após a última palestra, um outro irmão espiritual levou-me para que nos encontrássemos pessoalmente com Ramatis, e quando lá chegamos, ao perceber a minha presença, esse espírito instantaneamente modificou a sua “forma perispiritual” transformando-se no meu velho mestre hindu a quem muito estimava.

O problema foi não ter conseguido manter consciente toda a lembrança vivida pela mente espiritual referente ao encontro. Ao acordar no dia seguinte, pouco a pouco as lembranças daquele evento foram se distorcendo por pura falta de vigilância e disciplina de minha parte, o que me impediu de, no estado de vigília, fazer com que as minhas impressões cerebrais soubessem que o velho mestre da Índia era a mesma personalidade espiritual que mais tarde reencarnara como Ramatis. Pelo fato de apenas a lembrança mediúnica do velho mestre ter sido retida pela vigília cerebral, somente naquela oportunidade tive a absoluta certeza quanto ao que já desconfiava ao longo dos anos, por já ter passado por outras experiências onde normalmente encontrava o meu velho mestre que, com o seu enigmático e fraternal sorriso, sempre me saudava.

Quando notou que finalmente eu havia percebido a sua outra identificação espiritual – já que o nosso espírito, conforme o estado vibratório que o caracterize, pode assumir a feição fisionômica das vidas que já expressou como bem lhe aprouver – abraçou-me suave e amorosamente, afirmando que mais tarde conversaríamos e afastou-se um pouco, já que as inevitáveis injunções iriam agora povoar o meu cérebro, o que, confesso, mesmo com a ajuda que ele continuava a me fornecer apesar de algo afastado, levou-me a um estado de certa falta de concentração quanto aos temas que estavam sendo abordados através das perguntas.

Após quatro horas de palestra, perguntas e respostas, finalmente meu cérebro se liberava para entender com calma e prudência que Ramatis

estava me convidando para servir-lhe de médium com vistas a algum trabalho esclarecedor. Refletia quanto ao aspecto de ser médium consciente e infantilmente teimoso, até porque já havia lido algumas obras daquela entidade espiritual psicografadas por outros médiuns, e tinha o meu conjunto de opiniões já formado sobre os temas abordados, o que de pronto achava que iria me desqualificar. Mas sabia que os amigos do outro lado tinham conhecimento daquelas fragilidades – e de outras tantas – que me caracterizavam e, se ainda assim estavam me convidando, algum motivo deveria haver. Resolvi aguardar.

Ao retomar as minhas atividades profissionais, em uma certa “madrugada de trabalho” fui novamente procurado por Ramatis, agora acompanhado de um outro espírito que logo se apresentou como sendo o de Hercílio Maes, que havia sido em vida um dos médiuns utilizados por Ramatis. Para minha total surpresa, o espírito de Hercílio Maes revelou-se ser a mesma personagem espiritual que fora o filho de criação do meu antigo mestre hindu, de quem acabei me tornando amigo naquela encarnação. O motivo de sua presença e de revelar-se daquela maneira era para acrescentar a sua solicitação às que já existiam, quanto a minha participação no processo.

Em uma outra oportunidade, durante o desenvolvimento de uma reunião mediúnica do grupo de estudo a que pertenço, o espírito do irmão Hercílio voltaria a me contatar com o mesmo objetivo. Facilitado pelo ambiente vibratório da reunião, questionei-lhe o porquê de sua solicitação e, devo confessar, fiquei bastante sensibilizado com o que julguei entender como sendo a sua resposta.

Esse irmão, de maneira suave e fraterna, perguntou-me se me recordava da aflição que o meu espírito havia sentido ao desencarnar na última existência terrena e, ao chegar nos ambientes espirituais, perceber alguns erros de conduta “mediúnica”, pelas opções equivocadas por este ou aquele realce, pela ênfase em um assunto em detrimento de outro, enfim, pelos inevitáveis equívocos que a imperfeição humana sempre acrescenta à difícil tarefa de transmitir para a Terra as notícias que chegam do Alto. Sorri intimamente e disse-lhe que, no meu caso, não precisava nem retornar a uma vida passada, bastava perceber a existência presente para ter absoluta certeza dos erros que inevitavelmente as minhas imperfeições deveriam estar acrescentando aos trabalhos desenvolvidos. Pediu-me ajuda, comprometendo-se comigo a me ajudar, quando a oportunidade se

apresentasse e, ao que pude entender, de maneira fraterna e algo humorada, ele estava querendo dizer que, quando reencarnasse e, se por ventura o meu espírito já desencarnado lhe solicitasse ajuda semelhante, ele o faria com prazer.

Ressaltei, naquela e em outras oportunidades, antes de aceitar o mister mediúnico, que não me achava qualificado para essa tarefa, por diversos motivos que procurei explicar um por um. Os amigos do outro lado e, em especial Ramatis, insistiam fraternalmente que o aspecto que mais me qualificava para aquela tarefa, era exatamente a somatória das minhas poucas qualidades e as características dos meus muitos defeitos e fragilidades, segundo eles, necessários ao objetivo pretendido. Perguntava-lhes qual era o objetivo e como resposta “escutava” que, apesar de já o saber na minha mente espiritual, não seria conveniente que a minha “razão cerebral” daquilo soubesse, pois, seguramente, dado as minhas características – segundo eles –, terminaria fugindo à tarefa. Assim, era mais conveniente que, aos poucos, com o desenvolvimento dos trabalhos, o meu psiquismo encarnado fosse tomando a devida consciência do direcionamento e das intenções desejadas.

Deixei passar o tempo e, nas minhas reflexões, “pensava alto” para os amigos espirituais bem perceberem a minha posição. Achava, como até hoje penso, que se o espírito do irmão Hercílio Maes não tivesse feito pessoalmente o pedido, seguramente não teria me motivado para enfrentar as inevitáveis angústias que envolvem quem quer que vá servir de aparelho mediúnico entre entidades espirituais famosas e a comunidade terrena, com seus melindres e o juízo apressado que sempre é posto sobre os ombros de quem se esforça por algo produzir, correta ou equivocadamente. Se não fossem as angústias já sentidas, dispersas por entre as da atualidade, não teria me condoído e assim despertado para uma certa responsabilidade que penso sentir diante de fatos do gênero.

Mais adiante, já completamente envolvido pela impossibilidade moral de negar o meu concurso ao projeto tão pacientemente elaborado pela falange de Ramatis, passei a evitar expressar as minhas reticências pessoais quanto ao que estava por vir, deixando a critério dos mentores espirituais o direcionamento dos trabalhos. Entretanto, sempre que tinha a oportunidade de privar da companhia do meu velho mestre hindu, registrava uma ou outra observação quanto à teimosia com que às vezes me recuso a levar adiante

alguns trabalhos literários de caráter mediúnico, por não aceitar ou conseguir entender alguns aspectos que os envolvem.

Nessas oportunidades, sempre “escuto” Ramatis explicar-me que, para a empreitada que pretendia, preferia mesmo um médium “teimoso”, já que isso lhe asseguraria alguns aspectos quanto as suas intenções. Dizia mesmo que, por já ser conhecedor de absolutamente todas as minhas “teimosias” quanto aos temas que desejava enfocar, assegurava-me não haver problema quanto a isso. O único obstáculo que o seu espírito enxergava era o fato de que, algumas partes do livro a ser escrito envolviam recordações e registros de uma vida passada que tive, e nem todo o conjunto das lembranças necessárias ao desenvolvimento do livro estava disponível, vamos dizer, à minha consciência terrena. Para isso, ele já havia conversado com os amigos espirituais que normalmente coordenam os trabalhos que desenvolvo na presente encarnação, no que, segundo ele, também não haveria nenhum problema.

Começava para mim a ficar claro que, vivências do meu próprio espírito no passado iriam concorrer para o desenvolvimento da temática do livro, o que se por um lado esclarecia o porquê da insistência em ter que “ser eu” o médium escolhido para aquele trabalho, por outro me causava profunda preocupação por não saber para onde os esforços iriam ser direcionados, qual o tipo de trabalho que iria surgir.

Disse-me mais: que desde que eu concordasse, o espírito de Rochester – autor de diversos livros através do concurso mediúnico de médiuns notadamente do sexo feminino, cujas vibrações ele coordena e se envolve com mais facilidade –, por ser meu amigo e companheiro espiritual de outras vidas, havia se oferecido para também participar, já que era conhecedor de aspectos do processo de codificação do Espiritismo ainda não revelados, que seriam necessários para a completa compreensão dos nobres objetivos que norteavam a presente tentativa de esclarecer alguns pontos pouco claros ao entendimento de muitos dos que estão encarnados.

Assustei-me um pouco pois, pelo que conheço do amigo espiritual Rochester, ele costuma às vezes não respeitar certas questões de prudência – a meu juízo – que normalmente devem caracterizar o tema e a revelação de alguns detalhes do desenvolvimento. Quanto a esse aspecto, o amigo espiritual Rochester sempre me diz que normalmente confundo as minhas conveniências pessoais com prudência, no que até hoje não chegamos a nenhum acordo.

Rochester não é um espírito evoluído, como é o caso do mestre Ramatis. Eu, muito menos. Passei a perguntar a Ramatis se não estava havendo algum equívoco na escolha dos seus parceiros, tanto no lado da Espiritualidade como no lado dos encarnados, ao que ele agradavelmente afirmava que estávamos todos trabalhando por injunções do passado, movidos pela boa vontade do presente e desejosos de, em futuro breve, ofertar ao Mestre dos Mestres e todos os irmãos e irmãs de jornada cósmica que ciclicamente reencarnam na Terra, mais um foco luminoso para nortear a caminhada conjunta da família terráquea. Se a luz a ser produzida iria ser de muita ou de pouca intensidade, ele não o sabia. Tinha certeza apenas que mais uma luz iria ser acesa em uma época onde as trevas ainda imperavam, o que por si só bastava. Aliás, dizia ele, estávamos justamente vivendo o período final desse domínio, já que o império da luz estava prestes a ser definitivamente edificado no palco planetário terrestre. Éramos todos trabalhadores de última hora, e que fizéssemos, portanto, o nosso mister.

Muito mais ele ainda disse sobre algumas poucas encarnações em que estivemos juntos, e uma em especial, na época em que Rochester havia sido o faraó Merneptah, Ramatis um alto sacerdote geômetra e o meu espírito personificava um outro sacerdote que servia a Merneptah. Novamente iríamos trabalhar juntos, só que agora Ramatis e Rochester no lado espiritual da vida cósmica e este aflito escrevente no lado terreno, em posição menos cômoda. Paciência!

Foi assim, através de um envolvimento amoroso e constante, que este aflito escrevente resolveu assumir essa tarefa no campo da tentativa do esclarecimento redentor. E o faço sem reticências, procurando entregar aos amigos espirituais a condução do processo, e que disponham de mim conforme lhes convier.

Quanto ao juízo do mundo, não me cabe dele cuidar. Preocupa-me, sim, o juízo que faço das pessoas e dos fatos, pois sobre esse é que terei que prestar contas diante da minha própria consciência espiritual como também perante as leis cósmicas que nos regem a existência. Aliás, quando é que o juízo do mundo conseguiu avaliar corretamente os fatos, ao tempo em que estes ocorriam? Somente muito tempo depois é que as “avaliações” do juízo apressado e superficial das épocas começam a se aproximar da verdade. Em alguns casos, como no de Jesus e os temas centrais de sua mensagem, sequer logra esse juízo estar na direção analítica correta, mesmo decorridos dois mil anos. Outras desfigurações feitas por esse mesmo juízo quanto ao

papel de missões complementares ao testemunho do Cristo, também não tiveram, até os dias atuais, os auspícios de serem corretamente percebidas quanto a certos aspectos pretendidos pela Espiritualidade Maior, sendo o Espiritismo o exemplo mais recente. Portanto, não será no meu caso de humilíssimo servidor que esse aspecto haverá de incomodar.

É com carinho que ofereço aos irmãos e irmãs da família terrena as páginas que se seguem.

Jan Val Ellam

Atlan, 15 de junho de 2000

REENCONTRO

ERA UM FIM DE TARDE. Um grupo de homens caminhava lentamente em direção a uma construção cujos contornos já se deixavam perceber através da pálida luz produzida por algumas tochas há pouco acesas. Com suas túnicas de tonalidade acinzentada, dois deles, à frente dos outros, simplesmente caminhavam, como se refletindo sobre o que conversaram até poucos instantes. Logo atrás, cinco outros escutavam com expressão divertida ao que parecia ser o mestre dentre eles, já que era mais velho e senhor da atenção dos demais.

De vez em quando, os dois que caminhavam à frente voltavam-se sorridentes, como se para acompanhar o assunto em foco no grupo logo atrás. Em certo momento foram todos surpreendidos por uma inesperada chuva que tornou mais escura ainda a noite que já chegava. Correram em meio a sorrisos e brincadeiras.

Ao atingirem o pátio da grande construção, observavam a chuva que apressava o cair da noite.

Era o fim de mais um dia dedicado aos estudos na Academia de Platão (427-347 a.C.). Ele e alguns de seus discípulos, naquela oportunidade, resolveram se dirigir até aquele local para ali continuarem a abordar um assunto que os intrigara durante uma certa etapa da discussão.

Na verdade o assunto dividira por completo os alunos mais graduados, e não foram poucos os que começaram a discutir de forma veemente sobre o tema. Por isso Platão resolvera dividir em dois grupos a parte dos seus alunos envolvida na questão, para que depois cada um apresentasse, de maneira adequada à avaliação de todos, o conjunto de suas opiniões. Aquele era apenas um dos grupos envolvidos na querela acadêmica.

Mais estranho do que o surgimento repentino de uma chuva naquela época, pensava Platão, era o fato daquela discussão ter surgido sem maiores relações de causa e efeito. Ora, que importância tinha se o aprendizado real provinha da mente ou dos sentidos, se era a mente quem coordenava os sentidos? Ele já não havia ensinado que o único modo para se alcançar o conhecimento da verdade é através da razão? Por que alguns dos seus alunos estavam sempre retomando discussões que a nada levavam? Entretanto, continuava a meditar Platão, sem a curiosidade intelectual dos seus pupilos, muitos temas por ele analisados jamais teriam sido

despertados na sua mente. Sorriu consigo mesmo, ratificando cada vez mais no seu íntimo, uma certeza que já carregava consigo desde os tempos em que acompanhara a Sócrates: a de que os alunos motivam o mestre a aprender, através de seus questionamentos e provocações intelectuais.

Após alguns instantes, Platão dirigiu-se aos dois que caminhavam à frente dos demais, antes que a chuva tangesse a todos, perguntando-lhes se já estavam cansados de tanta conversa já que, durante a caminhada, preferiram trocar idéias sobre outras coisas sem participar ativamente do tema comum à preocupação do grupo.

Um deles, que nos tempos futuros viria a ser o espírito conhecido como Rochester, explicou-lhe que, por ele, simplesmente caberia ao outro grupo apresentar os seus argumentos lógicos, e somente depois é que aquele grupo deveria se reunir para analisar e contra-argumentar. Enquanto falava, procurava com o olhar o apoio do seu companheiro que caminhara junto com ele à frente dos demais. Este, em silêncio – que no futuro longínquo das reencarnações, no século XIX viria a ser o Prof. Rivail (Allan Kardec) – voltou os olhos para Platão, fitou-o durante alguns instantes e disse que “nada há sob o céu que não seja motivo de curiosidade de Aristóteles e, se cada vez que ele abordar algum tema os alunos da academia forem discutir, passaremos o tempo todo somente satisfazendo a curiosidade intelectual de uma pessoa”.

Platão tornou a sorrir justamente porque o conjunto das suas reflexões relacionava-se com o comentário feito sobre Aristóteles (384-322 a.C.). De fato, Aristóteles – que por essa época era pupilo de Platão –, era o mais curioso e seguramente um dos mais preparados dentre todos os alunos da Academia. Sobre tudo perguntava, em relação a tudo discutia. Às vezes, era tamanha a sua inquietação intelectual que os demais colegas tornavam-no o centro de brincadeiras. Justiça seja feita, era Aristóteles, dentre todos os alunos, quem mais ajudava Platão a refletir.

Estrategicamente, Platão havia deixado Aristóteles no outro grupo, com o qual somente iria se reunir na tarde do dia seguinte. Nesse grupo, aparentemente estavam os adeptos da idéia de que o aprendizado real provinha dos sentidos. E quanto mais refletia, mais Platão sorria por tornar a perceber que, naquele grupo com o qual estava agora reunido, não havia necessariamente uma convergência em torno de alguma idéia, a não ser o fato comum de que todos os que ali estavam normalmente se posicionavam

de forma contrária às teses de Aristóteles. Daí o porquê do comentário do seu discípulo.

O grupo começou a conversar sobre a irritante postura de Aristóteles e, enquanto discorriam sobre as inúmeras oportunidades em que as suas idéias haviam causado algum tipo de conflito, Platão observava a cada um e a todos com olhar carinhoso. Na verdade, o pequeno grupo que ali estava era apenas uma pequena parte dos alunos da Academia.

Um outro discípulo, cujo espírito mais tarde viria a personificar João Henrique Pestalozzi (1746-1827), começou a dissertar sobre o fato da mente comandar as impressões dos sentidos, em uma tentativa de organizar as opiniões de todos para a contenda intelectual que ocorreria dias depois.

E assim, passaram-se as primeiras horas da noite, até que todos resolveram se recolher.

No dia seguinte, Platão tratou de se reunir com o outro grupo ao qual pertencia Aristóteles, para que as proposições sobre o tema fossem devidamente arquitetadas com vistas a discussão comum. No grupo de Aristóteles encontravam-se diversos alunos cujos espíritos no futuro terreno viriam a personificar as ilustres figuras de José de Arimatéia, Paulo de Tarso e Judas Iscariotes (ao tempo de Jesus Cristo), Leonardo da Vinci, Giordano Bruno, Galileu Galilei, Bezerra de Menezes, dentre muitos outros.

Na verdade, sobre os ombros de Platão, repousava a edificação de uma oportunidade, onde espíritos de há muito inscritos na seara de trabalho redentor do Mestre dos Mestres, tornariam a se reunir no concerto das reencarnações, para se prepararem na organização de metas e esforços comuns a serem desenvolvidos no futuro.

Foram poucas as oportunidades em que tantos espíritos trabalhadores se reuniram em uma mesma época e local para reafirmarem os seus laços de afetividade e de afinidade para as lutas do porvir. Coube a Platão a posição de mentor e de financiador daquela oportunidade inesquecível para todos os que dela participaram.

Enquanto discípulo de Sócrates (469-399 a.C.), criara laços de afinidade intelectual e afetiva com muitos outros que também aprenderam com aquele mestre singular. Além de Platão, Aristipo (430-355 a.C.), Antístenes (444-365 a.C.), Euclides (450-380 a.C.) e alguns outros cujos nomes não foram registrados nas páginas da História por motivos diversos, e que haviam sido discípulos de Sócrates, terminariam mais tarde criando as

suas próprias escolas, algumas das quais sequer possuíam pontos de convergência com o seu legado filosófico.

Euclides fundou a escola de Mégara. Antístenes tornou-se o fundador da escola cínica e foi mais tarde mestre de Diógenes (404-323 a.C.). Os membros desta escola afirmavam que o bem ideal estava na virtude e que esta deveria ser colocada acima dos bens exteriores. Viviam sem maiores posses materiais. Aristipo fundou a escola cirenaica, cujos membros baseavam a felicidade no prazer.

Existiam muitas outras escolas que normalmente trocavam “impressões filosóficas” entre si. Muitas vezes, as inevitáveis intrigas e maledicências eram a tônica da coexistência entre os membros de algumas delas. Outras havia que conseguiam manter um nível de convivência cordial e produtivo e era fato comum os seus pares promoverem encontros memoráveis.

Assim, alguns dias depois, Platão, com alguns de seus discípulos, procuravam um outro mestre daquela época que também administrava a sua própria escola e que, desde cedo, nutria grande simpatia por Platão, visto que ambos haviam sido discípulos de Sócrates. Esse outro mestre, por essa época já com idade bem mais avançada que a de Platão, era profundo conhecedor do espírito humano, de suas potencialidades, já que era versado de maneira singular nos ensinamentos de Pitágoras (século VI a.C.), que havia sido o seu próprio espírito em uma reencarnação passada. Agora retornava ao mundo sensório para, de forma mais discreta, continuar a desenvolver os estudos que lhe caracterizavam a perquirição intelectual e a semeadura de seus ensinamentos para quem deles quisesse se servir. Esse mesmo espírito viria a personificar a figura de Ramatis, cerca de treze séculos mais tarde. Dentre os seus discípulos, seja na sua encarnação anterior como Pitágoras ou naquela em que fora contemporâneo de Sócrates e Platão, encontrava-se aquele que no futuro viria a ser o irmão Hercílio Maes que, de há muito vinha sendo preparado pelo seu mestre e amigo para o desempenho de missões futuras.

É importante ressaltar que poucos espíritos congregados no orbe terrestre têm a riqueza curricular que caracteriza aquele a quem se conhece atualmente pelo nome de Ramatis. Apenas no período da história grega a que nos referimos, o seu espírito personificou, em duas encarnações seguidas, dois mestres do conhecimento da época.

Platão e seu antigo companheiro ao tempo em que seguiam Sócrates, cuja infamante condenação tudo fizeram para evitar, conversaram bastante sobre os temas daquela época, sendo lamentável para os tempos atuais, que aquelas conversas não tenham passado à posteridade. Surpreenderia a muitos o teor da troca de idéias daqueles dois homens.

Naquela época, eles já falavam de um “enviado dos céus” que haveria de vir, discretamente anunciado pelo próprio Pitágoras aos seus discípulos, e abertamente propagado por Zoroastro (628-551 a.C.), quando de sua passagem pela Pérsia, anunciando e preparando o caminho daquele que viria no futuro.

Dizia mesmo, aquele que no futuro viria a ser Ramatis, que havia recebido informações através de alguns oráculos daquela época, dentre eles o Oráculo de Delfos, que não seria para aquele tempo a vinda do “enviado dos céus”, mas para um tempo futuro que não estava longe. Afirmava, com o que discordava Platão, que todos eles estavam se preparando para a “realização de um trabalho em vidas futuras”, com vistas ao objetivo do melhoramento do ser humano. E isso conversavam despidos de qualquer entonação religiosa já que, para se ter um comportamento espiritualizado e consciente, desnecessário é, para alguns, a vinculação religiosa, em especial em tempos como aquele em que o intelecto humano foi enfocado de forma privilegiada.

Os Oráculos da Grécia Antiga eram os locais onde se faziam previsões para o futuro, dentre outras informações que eram ali procuradas. Os deuses – espíritos desencarnados – podiam transmitir suas predições por meio de sinais, sonhos ou principalmente pela possessão de uma sacerdotisa em estado de transe, que eram então chamadas de pitonisas. Estas eram tidas nas sociedades gregas como mulheres dotadas do dom da profecia cuja profissão era a de predizer o futuro.

Aliás, eram os oráculos daquela época que afirmavam a necessidade do ser humano buscar sempre perceber a real função da vida e dos mistérios que a envolviam, e caberia a cada um trilhar essa estrada conforme o mérito de seu próprio discernimento. Consideravam a busca e o entendimento da espiritualidade como sendo um processo pessoal.

Apenas a título de informação, acreditem ou não os estudiosos dos tempos modernos, naquela época a Espiritualidade Maior estava tentando realizar uma espécie de “codificação espiritualista” para ser propagada para os outros povos, através de um movimento cultural que iria surgir mais à

frente no contexto histórico daquele tempo. Um conjunto de princípios morais e de princípios metafísicos, acrescidos de um breve manual de orientação para contatos espirituais com os “deuses”, estava sendo confeccionado exatamente por aquele mestre amigo de Platão que no futuro viria a ser Ramatis. O projeto desejado não deu certo por uma série de circunstâncias que, se a Espiritualidade Maior achar por bem, um dia serão esclarecidas. O que se tentou fazer naquela época viria a ser feito dois mil e duzentos anos mais tarde por um dos discípulos de Platão, que reencarnaria na França do século XIX como Prof. Rivail (Allan Kardec).

É importante ressaltar que no tempo de Platão, existiam espalhados pela Grécia mais de duzentos oráculos. Alguns desses se referiam a um evento futuro onde um “enviado dos céus”, muito especial, haveria de nascer na Terra. Alguns mestres daquela época chegaram mesmo a se interessar pelo tema e realizaram estudos, conforme as circunstâncias que o momento permitia, chegando por vezes, a enviar discípulos até os grupamentos judeus, a algumas tribos celtas e também entre os persas, para pesquisar notícias semelhantes que eram veiculadas naquelas culturas religiosas.

Mas nada do que ao tempo de Platão foi discretamente conversado sobre esse tema passou à história. E assim foi por motivos diversos, ainda por serem esclarecidos. Na verdade, esses assuntos eram abordados em muitas conversas, mas jamais eram escritos, talvez por questões políticas da época, pois, por muito menos que isso, Sócrates teve a sua vida ceifada. Imaginemos o que poderia ocorrer com os seus seguidores se estes falassem abertamente na vinda de um “enviado dos céus”.

Foram tempos difíceis, apesar de maravilhosos no quesito da busca intelectual. O trauma do assassinato de Sócrates, promovido pelas intrigas da época, afetou toda uma geração que preferiu, a partir de então, tratar de forma discreta certos assuntos para evitar maiores problemas. Infelizmente, a força do poder temporal sempre tratou de domesticar o vôo livre daqueles que pretenderam fugir à horizontalidade opressiva da mesmice dos valores terrenos. Ainda bem que nem todos se submetem, por isso surgem as novidades – ao custo da vida e da honra de muitos – que promovem o progresso planetário.

Observando a lenta evolução do pensamento através da história, percebe-se que todos os esforços realizados com o objetivo de levar o homem a pensar, tornando-o mais consciente e menos dependente dos

sistemas vigentes que a tudo dominam – o establishment – sempre enfrentaram todo tipo de resistência. Infelizmente, assim deverá ser até que o homem possa firmar-se em si mesmo e agir com plena consciência da cidadania cósmica que o caracteriza. Essa consciência traz consigo necessariamente a união do cidadão cósmico aos circuitos emanados do amor do Pai Celestial, assim afirmam os seres que disso já sabem.

Sob a ótica de análise das épocas em que viveram, todos os grandes reformadores da Humanidade foram considerados hereges. Buda (563-483 a.C.), Sócrates, Jesus e tantos outros, foram assim considerados. Por terem sido pioneiros, e por terem se libertado da horizontalidade estéril dos valores terrenos vigentes nas suas épocas, pagaram o alto preço da incompreensão alheia. Entretanto, a heresia de hoje freqüentemente torna-se a ortodoxia de amanhã. E assim tem sido invariavelmente. Dessa forma, o amante da sabedoria será sempre considerado herege para o ortodoxo do momento.

Na vida terrena é inevitável: estaremos sempre aprendendo com as velhas ortodoxias e, ao mesmo tempo, sendo atraídos pelas novas heresias. Infelizes dos que não se permitirem tal procedimento porque estarão vinculados ao estacionamento dos valores dominantes. Equilibrar-se entre um e outro aspecto da evolução do pensamento humano é questão de habilidade espiritual para cada um. Afinal, o que mais limita o ser humano a não ser o conjunto das suas próprias opiniões? O que mais dificulta o progresso pessoal se não o limite estabelecido pela concepção de mundo que caracteriza o seu intelecto?

O verdadeiro conhecimento de si mesmo – defendia Sócrates – implicava necessariamente a noção das próprias faltas e fragilidades. Segundo a sua concepção ímpar, a verdadeira sabedoria consistia em perceber e admitir a própria ignorância, dominar as opiniões que normalmente são impulsionadas pelo orgulho intelectual, substituir os conceitos equivocados abrindo assim o espírito para que este possa atingir o verdadeiro conhecimento. O pensar que se sabe – e o orgulho intelectual decorrente dessa postura – é responsável por grande parte das tragédias humanas. Afinal, a ignorância já é a própria tragédia humana. Infelizmente, foi a ignorância das épocas que, travestida do poder temporal, produziu incontáveis tragédias a quem por ela não se permitiu dominar.

Sócrates obrigou-se a tomar a sicuta – espécie de veneno com o qual os condenados à morte eram executados conforme os costumes de então –

já que a sua postura filosófica escandalizava a elite ateniense. Do mesmo modo que aconteceria com Jesus, ele preferiu não evitar a infamante condenação, subordinando-se às leis e aos costumes das suas épocas, por ignorantes que fossem. Assim fazem os grandes homens. Entretanto, como que em uma espécie de paradoxo no campo da sensibilidade humana de se portar diante do sofrimento, seus seguidores – tanto os de Jesus quanto os de Sócrates – parecem ter sofrido bem mais que os próprios mártires da ignomínia humana, já que tiveram que seguir adiante, sem mais ter o concurso dos seus mestres amados, responsáveis pela majestosa sementeira do esclarecimento e do amor no solo aparentemente infértil dos corações dos que vivem na Terra.

Era exatamente isso que sentiam os seguidores e discípulos de Sócrates após a sua morte. Pouco a pouco é que Platão foi assumindo, diante da sensibilidade dos demais, o papel de um novo mestre, de um novo mentor para as gerações daquele tempo, e foi nesse contexto que toda uma falange de espíritos encarnou para receber dele os seus ensinamentos e orientações com vistas ao porvir.

Mas a diversidade intelectual era tão expressiva naqueles tempos da Grécia, que existiram muitos outros grandes mestres do conhecimento que sequer passaram à História. Alguns outros, mesmo tendo seus nomes registrados para os tempos futuros tiveram as suas contribuições perdidas já que delas nada ou muito pouco ficou registrado.

Platão participava, em muitas oportunidades, de agradáveis reuniões com outros mestres da sua época. Às vezes, levava consigo alguns de seus discípulos, quando era conveniente. Em outras ocasiões, simplesmente entregava a coordenação dos trabalhos de sua academia a alguns monitores de grupo, e passava alguns dias discutindo ou apreciando proposições diversas de outros mestres.

A vida intelectual daqueles dias em Atenas caracterizava-se por uma riqueza e brilho incomuns, apesar de assistir-se ao final da supremacia política de Atenas. O poderio ateniense, que na época de Sócrates chegou a dominar toda a região do Mar Egeu, rendia-se ao império espartano que se tornara a potência hegemônica da Grécia.

Apesar dos problemas políticos, a produção intelectual das diversas escolas de sabedoria atenienses continuava se desenvolvendo através de trabalhos e pesquisas de toda ordem. Muitas das obras filosóficas daquele tempo, mesmo sem terem as suas idéias centrais registradas, legaram as

suas contribuições para o porvir através da preparação de muitos espíritos que em vidas futuras tornariam a abordar os temas apreendidos nas escolas de Atenas.

Foi ali, naquele tempo e lugar, que os espíritos de Ramatis, de Rochester, de Kardec e de outros, tornaram a se reunir para começar a preparação da última etapa do processo de redenção planetária que se caracterizaria pelas primeira e segunda vindas do “enviado dos céus”. A última vez que haviam estado reencarnados em um mesmo tempo e local, foi na época em que Moisés libertou os hebreus do jugo egípcio.

A sua primeira vinda se daria em tempo breve, faltando, para isso, a consecução de duas fases de um plano estratégico que já estava em curso. Portanto, aquele reencontro na Grécia de muitos espíritos trabalhadores, a fase inicial da preparação do que viria a ser a base cultural e filosófica através da qual, três séculos mais tarde, o império romano tornar-se-ia o centro do mundo. Seria exatamente no seio do futuro mundo romano que a mensagem do “enviado dos céus” iria ser fecundada. Pelo menos era isso que estava previsto. Mas tal não se deu.

A questão que há de ferir a sensibilidade de muitos é que, o pretendido pela Espiritualidade para a primeira vinda, não era a realidade daquele mundo romano que passou à História. O mundo romano pretendido era de teor completamente diferente ao que de fato terminou por acontecer. O que se pretendia – e para tanto muitas foram as famílias espirituais que se congregaram ao projeto em curso – era um mundo já caracterizado pelo progresso tecnológico, científico e cultural, semelhante, se assim podemos dizer, ao tipo de vida que hoje se conhece. Uma sociedade onde as mensagens e informações fossem repassadas com o menor teor possível de distorções e, para isso, nada melhor do que o mensageiro levando pessoalmente o seu testemunho a muitos que lhe queriam ouvir.

Em palavras simples, o que a Espiritualidade Maior desejava, naquela época, era que o “enviado dos céus” nascesse para um mundo já em pleno desenvolvimento em todas as áreas da vida. Assim, o testemunho de um ser muito especial, poderia ser convenientemente semeado e se revestir como estímulo de progresso e benefício para muitos. Mas o plano não logrou êxito.

Alguns se perguntam como isso seria possível, se é que seria possível. O problema é que sabemos tão pouco a respeito do passado, como também acerca do significado do que entendemos por realidade, que torna-se difícil

observar as relações entre causa e efeito de fatos históricos que poderiam ter tomado outros rumos, pois não temos a habilidade para perceber as mesmas relações pertinentes aos fatos acontecidos.

Muito do que ocorre na Terra, tem a ver com os programas encarnatórios que os espíritos arquitetam antes de nascer. Esses programas são produto de análise dos méritos já conquistados em vidas passadas, dos problemas cármicos negativos ainda pendentes de resolução, dos contextos referentes à família, época e lugar onde acontecerá a reencarnação, dos possíveis problemas criados por companheiros de jornada, e por fim, das possibilidades quanto ao cumprimento de tarefas e missões durante a vida. É dessa maneira que, para os casos das reencarnações possíveis de serem organizadas – algumas não o são dado as condições em que ocorrem –, os mentores tentam prever as estratégias para que sejam produzidas “boas obras” no palco terrestre. É sempre com base nas possibilidades de consecução dos espíritos que vão reencarnar que o Mais Alto tenta planejar o curso do progresso planetário.

Para melhor entendimento, descreveremos o plano da Espiritualidade Maior, à época dos fatos.

Nos ambientes espirituais, o grupo de espíritos que se congregou em torno do programa encarnatório de Tales de Mileto (final do século VII e início do VI a.C.), de Pitágoras, de Sócrates, de Platão e de seus discípulos, de Aristóteles e de muitos outros mestres do conhecimento e da filosofia que encarnaram no período compreendido aproximadamente entre os anos de 600 a.C. e 300 a.C., na área do antigo berço da história helênica, ficou conhecido como o grupo de Atenas – embora alguns não tenham vivido nessa cidade.

A exemplo do que ocorre na Terra, quando várias pessoas se congregam em torno de uma promoção cultural, de um evento filosófico, político ou esportivo, e pela necessidade de se criar o padrão de referência em relação ao fato ou evento, passa-se a chamar esse grupo pelo nome da cidade em que houve a reunião, pelo nome do tema que foi tratado ou mesmo por outra simbologia qualquer, com o intuito de se poder traçar a respectiva referência histórica. Nesse sentido é que o grupo de espíritos pertencentes a diversas famílias espirituais que se inscreveu para trabalhar na preparação da vinda do “enviado dos céus”, e que no período referido reencarnou na Grécia, ficou sendo referido como o grupo de Atenas.

Assim, mais de uma centena de espíritos trabalhadores tiveram suas personificações vinculadas aos fatos acontecidos em torno dos nomes ilustres de Sócrates, Platão e Aristóteles. O objetivo desse grupo era o de firmar no mundo um conjunto de princípios que norteasse a conduta das elites, com o intuito de criar padrões de referência para o progresso planetário nos campos da filosofia, da política, da ética, da virtude e da ciência. Caberia a um segundo grupo, conhecido nos ambientes espirituais como grupo de Alexandria – cidade que viria a ser fundada mais tarde, no ano 332 a.C. –, a fixação desses valores, além do início do processo do desenvolvimento tecnológico que modificaria o panorama do mundo, como a revolução industrial ocorrida no século XVIII e os processos tecnológicos daí decorrentes, criaram o mundo como hoje o conhecemos. Dessa forma, repetimos, pretendia-se que quando Jesus nascesse, o mundo já fosse detentor de um progresso tecnológico semelhante ao atual.

Devemos, contudo, ressaltar que não é conveniente para o correto procedimento de análise histórica, que façamos uma divisão linear dos seus períodos, na qual um dado contexto parece se esgotar antes de ceder lugar a outro. Com isso estamos querendo chamar a atenção do leitor para o fato de que existiu ainda todo um contexto “ligando” a missão do grupo de Atenas aos esforços posteriores desenvolvidos pelo de Alexandria. Seria exatamente Alexandre III, o Grande, que viria a realizar a função de elo entre os dois contextos, como será visto adiante.

No grupo de Atenas tínhamos as figuras de Tales de Mileto, Anaximandro (610-574 a.C.), Anaxímenes (585-525 a.C.), Pitágoras, Anaxágoras (500-428 a.C.), Arquelau (século V a.C.), Sócrates, Platão, Heródoto (484-420 a.C.), Alcibiades (450-404 a.C.), Xenofonte (430-355 a.C.), Tucídides (465-395 a.C.), Péricles (495-429 a.C.), Aristóteles, dentre outros. No grupo de Alexandria, as de Arquimedes (287-212 a.C.), Hiparco (161-127 a.C.), Erastóstenes (275-195 a.C.), Aristarco (310-230 a.C.) e muitos outros. Na verdade, alguns trabalhadores do grupo de Atenas reencarnaram mais tarde, durante o desenrolar das tarefas do grupo de Alexandria.

Mas como seria possível o encadeamento de um plano com essas características? Como é possível aos espíritos que, ao encarnarem e se submetendo aos ditames e limitações da organização corporal que caracteriza a vida na Terra, consigam levar adiante ações de um planejamento do qual não mais se recordam? Afinal, ao nascer para o

mundo físico, o espírito esquece de tudo referente às vidas passadas e aos períodos de permanência nos ambientes espirituais que normalmente ocorre entre as vidas terrenas, já que é insuportável, e por enquanto aparentemente impossível ao cérebro temporal (de um corpo biológico também transitório), recordar-se de todo esse contexto anterior ao nascimento.

Muito simples. Tudo o que o espírito faz durante as vidas transitórias na Terra (e em outros mundos), como também as suas atitudes e esforços durante a sua permanência nos ambientes espirituais pertinentes aos mundos transitórios, todas as ocorrências, situações e fatos que lhe dizem respeito, ficam marcados na sua alma como se fossem arquivos de texto, de imagens, de sensações, indelevelmente plasmados em si mesmo. A exemplo de um arquivo de texto ou de outro qualquer de um computador, que é aberto pelo click do mouse, esses arquivos da alma são despertados pelo click dos acontecimentos e das influências externas que envolvem o espírito reencarnado.

Dessa maneira, mesmo o cérebro físico-temporário nada sabendo do que está marcado na alma, vê-se envolvido por sensações, intuições, imagens, tendências, inclinações que de forma veemente, e às vezes até mesmo traiçoeira, irrompem do fundo de sua alma, dominando o seu psiquismo, da mesma maneira que um arquivo aberto ocupa a tela do computador.

A partir desse ponto do processo do despertar de arquivos cármicos da alma, caberá à vontade soberana da pessoa administrar essa torrente de vontades e impulsos que aparentemente passam a ser a tônica daquele momento. Quando essa vontade soberana está associada à companhia amorosa de espíritos guias e benfeitores, todo esse conjunto é direcionado para a consecução das tarefas planejadas nos ambientes espirituais, antes do nascimento, e que na forma de arquivos fechados permanecem na mente espiritual do ser. Ao contrário, quando arquivos defeituosos produzidos pelo psiquismo adoentado, que são verdadeiros venenos para alma, são plasmados na organização espiritual do ser, tais quais orgulho intelectual, insensibilidade ao ridículo, vaidade e ambições incontroláveis, essas boas companhias espirituais sequer conseguem se aproximar de seus afilhados encarnados. Quando isso ocorre, outras são as entidades que passarão a ajudar na coordenação dos arquivos da alma que vão sendo abertos, conforme as circunstâncias da vida, sejam elas previstas ou não, já que todo ser humano se defronta com os dois tipos de situação durante a vida. Nesses

casos, o direcionamento dar-se-á exatamente no sentido contrário ao das nobres intenções antes sonhadas.

Alguns dos encarnados têm a devida consciência desse acompanhamento, outros não. Sócrates, em diversas oportunidades da sua vida, referiu-se a um gênio que o acompanhava, orientando as suas atitudes. Recusava, inclusive, os insistentes convites que recebia a participar da vida pública, afirmando ser seu “daimon” – espécie de deus interior ou guia espiritual – que não o permitia, insistindo que ele deveria cumprir com a sua missão de mestre e orientador.

Assim, é possível ao Mais Alto pretender formar grupos de espíritos trabalhadores para a realização de tarefas específicas na Terra. E quase tudo que ocorre na Terra é produto de erros e acertos de planejamentos executados durante as vidas terrenas das pessoas. É mesmo difícil que qualquer ser humano que nasça em condições minimamente favoráveis, não traga consigo algum planejamento referente às realizações previstas naquela vida, seja em âmbito pessoal, familiar, ou mesmo de amplitudes maiores de consecução.

Portanto, o plano pretendido tinha como objetivo dotar de condições favoráveis à propagação do ensinamento e do testemunho do “enviado dos céus”, ao tempo de sua missão na Terra.

Realizada a tarefa da construção do “norte filosófico”, em especial com os trabalhos edificadas por Tales de Mileto, Pitágoras, Sócrates, Platão, além de outros mestres daquele tempo e de seus respectivos seguidores que se dedicaram especialmente aos painéis filosóficos da alma, da psique humana, das relações entre indivíduos e o Estado e de algumas questões transcendentais. Caberia ao gênio de Aristóteles enveredar pelo campo das ciências exatas e do desenvolvimento de algumas técnicas, dando os primeiros passos na codificação dos diversos campos científicos, já que nada havia que escapasse à observação de tão privilegiado intelecto. Na verdade, a mente de Aristóteles passou por todo o conjunto de conhecimentos que já existia além do que ele próprio chegou a elaborar. Depois dele, os próximos passos do pretendido avanço tecnológico seriam dados pelos membros do grupo de Alexandria.

E assim foi.

Seria exatamente um pupilo e afilhado espiritual que a Providência houvera por bem – obedecendo aos ditames do plano espiritual adequado aos aspectos cármicos das personalidades espirituais envolvidas – dar-lhe

por cuidado tutelar, já que Filipe II (382-336 a.C.), rei da Macedônia, convidara Aristóteles para cuidar da continuidade da educação do seu filho Alexandre, que mais tarde tornar-se-ia o maior conquistador daquele tempo, passando à História como Alexandre III, o Grande (356-323 a.C.). Ele seria uma espécie de instrumento da Espiritualidade para que a cultura helênica pudesse se firmar como foco renovador de progresso.

Muitos questionam como pode alguém tornar-se instrumento da Espiritualidade Maior para a realização de alguma tarefa, sem que isso implique necessariamente na questão do determinismo e do livre-arbítrio. Em outras palavras, se existe o livre-arbítrio, como pode alguém tornar-se responsável por alguma missão, se dela sequer tem conhecimento quando nasce para o mundo terreno, e se as circunstâncias do livre-arbítrio alheio, além do próprio, não forem direcionados para o projeto pretendido? Como pode isso acontecer diante da complexidade dos aspectos que cercam a vida de qualquer ser humano na Terra?

Ora, o espírito renasce para o mundo trazendo consigo a sua própria bagagem existencial – conjunto dos hábitos psicológicos, dos conhecimentos adquiridos, dos méritos e deméritos cármicos, enfim, das tendências e inclinações que o moverão inapelavelmente durante a nova existência – que o impelirá para este ou aquele caminho, dentro do programa encarnatório específico daquela existência.

Dessa forma, e tomando o caso do espírito de Alexandre como exemplo, antes do seu nascimento, era mesmo fácil para os mentores espirituais “terem absoluta convicção” de que, se o espírito de Alexandre, em todas as últimas vidas passadas, sempre se sentia irresistivelmente atraído para lidar com o poder temporal; se o mesmo iria nascer no seio de uma família cujo pai era um grande conquistador, seguramente Alexandre haveria de exercer plenamente o poder, mais cedo ou mais tarde. Juntando-se a esses fatos a questão dos seus talentos pessoais, os seus mentores haviam, vamos dizer, firmado com ele certos compromissos de sua parte quanto ao melhoramento da região do mundo onde ele iria reencarnar. E esse tipo de ocorrência que estamos aqui exemplificando, serve para qualquer um dos bilhões de espíritos que reencarnam na Terra desde tempos imemoriais. Obviamente que cada um conforme as suas conquistas espirituais e as possibilidades cármicas que envolvem a sua evolução no momento da reencarnação.

Se esse tipo de análise pode normalmente ser feito no que se refere às possibilidades da vida de cada espírito que reencarna – há exceções cujo nível de previsibilidade é praticamente nulo no campo das realizações – poderá também ser realizada em relação a um grupo de espíritos que reencarnam em uma mesma época e lugar, atendendo a um objetivo comum no campo das tarefas meritórias.

Assim, analisando todas as informações pertinentes ao pretérito espiritual da individualidade, as circunstâncias que o esperam durante a vida terrena, e as pessoas com as quais ele irá conviver, torna-se tarefa comum para os mentores e guias espirituais traçarem as possibilidades de consecução meritória de cada espírito que renasce na Terra. É com base nesse tipo de análise que o fluxo das encarnações e de suas respectivas tarefas, como também do que delas é esperado, é traçado nos ambientes espirituais, antes da encarnação do espírito.

Portanto, era com base em todos esses aspectos que a Providência houve por bem, dentro das circunstâncias – boas ou más, corretas ou equivocadas – do livre-arbítrio dos envolvidos, fazer com que o aparente destino motivasse Filipe II a contratar Aristóteles para ser o tutor do seu filho Alexandre. Dessa maneira, o Mais Alto envolvia Alexandre com a proteção moral e intelectual de um professor que qualquer pai terreno gostaria de ter para seu filho. Quanto a esse aspecto, é importante que se ressalte que Alexandre já havia tido dois preceptores antes de Aristóteles, que foram Leônidas, parente de sua mãe, e Heféstio que era um nobre personagem da corte. Seria, naquela época, a melhor formação possível que alguém poderia ter. É como se os céus e a Terra estivessem investindo em Alexandre para que ele, com o seu gênio militar, e alimentado pela formação intelectual e moral herdada de Aristóteles, pudesse exercer a sua missão da melhor forma possível.

Mas nem sempre tudo sai conforme o desejado, ou mesmo esperado. Aliás, quase a totalidade dos espíritos que reencarnam – afirmam os mentores espirituais – não consegue um nível de realização satisfatório diante do que se comprometeram a realizar. As paixões humanas sempre desvirtuam de alguma maneira a execução das intenções pretendidas. Poucos são os que conseguem vencê-las. Normalmente, deixamo-nos vencer pelos seus belos e cômodos atrativos.

Com Alexandre não seria muito diferente, e mais ainda pelo fato de existir um outro componente nessa questão que é o lado contrário das

falanges espirituais que não desejam que as missões renovadoras do mundo terrestre tenham o devido sucesso.

Como já é sabido por todos os que estudam os aspectos espirituais que envolvem a vida terrena, se existe um grande grupo de entidades envolvidas com o progresso planetário, existe também uma parcela singular de individualidades espirituais que trabalham incessantemente pela manutenção do status quo da Terra, ou seja, a de um planeta isolado da convivência com as demais civilizações que existem no cosmo.

A exemplo de um bando de loucos empedernidos que toma uma certa cidade e a isola das demais, para que ali possam fazer valer os seus hábitos psicológicos doentios, e que para isso precisam impedir a todo custo a entrada dos habitantes de outras cidades que pretendem lhes ajudar, há entre os cidadãos terráqueos uma parcela que assim se comporta desde que muitos de nós vieram para a Terra na situação de exilados no passado remoto.

Essa falange, à época dos fatos aqui descritos, plenamente organizada como uma espécie de exército das trevas, fazia de tudo para atrapalhar os planos assim identificados como sendo estratégia do outro exército, já que era dessa forma que eram chamados aqueles que se congregavam em torno das intenções redentoras dos mestres espirituais que vinham à Terra e deixavam os seus testemunhos: o exército da luz ou os filhos da luz maldita, como diziam os mais renitentes.

Assim, as falanges organizadas como espécies de pelotões do exército das trevas, obedecendo às ordens estratégicas de seus chefes na hierarquia existente naquele tempo entre eles, passavam a marcar sob pressão aqueles identificados como sendo emissários do exército da luz vivendo na Terra.

Quando o quartel-general das trevas percebeu uma grande concentração de espíritos de razoável porte luminoso encarnando sistematicamente em uma mesma região planetária, fez convergir os seus esforços de vigilância para os que ali nasciam, com o intuito de acompanhá-los de perto e de atrapalhar de qualquer maneira o rumo das atividades em curso de suas vidas pessoais. Dessa forma, todos os membros do grupo de Atenas – como também o de outros grupos de espíritos que estavam encarnados naquela época mas que aqui não serão citados para simplificar a presente narrativa – foram perseguidos através do processo de obsessão espiritual.

Com Alexandre foi da mesma maneira, como de sorte o é com todos os que encarnaram – e ainda o fazem até esses últimos dias do isolamento cósmico pelo qual passa a Terra – com missões renovadoras no palco planetário. Aproveitando-se da ignorância de muitos, como também das próprias fragilidades dos emissários, essas falanges têm conseguido atrapalhar e acima de tudo distorcer os objetivos pretendidos pelo mais Alto.

Houve tempos em que elas trabalhavam com tanta eficácia – na presente atualidade planetária, ao tempo em que este livro está sendo produzido, elas já perderam muito da eficácia que caracterizou as suas interferências ao longo dos últimos milênios – que muitas vezes conseguiam desfigurar por completo o teor de uma ou outra missão. Existiram mesmo alguns casos em que os próprios emissários foram a tal ponto envolvidos pelas fraquezas inerentes à condição humana, que se tornaram instrumentos dos interesses trevosos enquanto viveram na Terra, mesmo pensando estar servindo aos nobres propósitos da Espiritualidade. Na realidade, houve um pouco de tudo ao longo das páginas da difícil e sofrida história de todos nós.

A família terrena de Alexandre foi vitimada, desde cedo, por incursões das influências das falanges trevosas entre os seus pares. Foi de conotação rara o ritmo das conquistas de um homem que viveu somente trinta e três anos. Sua morte prematura, sob certo aspecto premeditada pela pouca vigilância sobre si mesmo, trouxe consigo a interrupção de outras etapas de um planejamento que sequer começou a ser executado. Para termos idéia dos desmandos morais praticados por ele e pelos que o cercavam nas intrigas comuns à busca pelo poder, seu filho póstumo, que ao nascer recebeu o título de rei da Macedônia, foi sumariamente executado por ordem de um familiar. Os seus feitos ambiciosos, a sua morte prematura e a do seu filho a quem ele não chegou a conhecer em vida, produziram complicados liames cármicos que até os tempos atuais – mais de dois milênios depois – ainda ecoam na pouca vigilância moral dos que ainda se permitem odiar, produzindo desencontros e verdadeiras tragédias familiares com repercussões difíceis de serem medidas. Às vezes, problemas de uma família repercutem em toda uma nação.

A individualidade espiritual que personificou a figura de Alexandre, pertencente ao mesmo conjunto de famílias espirituais cujos membros formaram os grupos de Atenas e de Alexandria – e que mais tarde viriam a

formar o grupo de Roma – era a mesma que depois viria a personificar Napoleão Bonaparte. Reencarnara também como um dos césores romanos, no período próximo à vinda do Cristo, mas que com Ele não chegou a ter contato pessoal.

É interessante perceber como um mesmo espírito, cuja tendência íntima é a de sempre se envolver com questões referentes à busca do exercício do poder temporal, seja de que forma e/ou de que tipo for, sempre que reencarna procura anelar-se aos processos que visam a conquista do poder. Seja em âmbito político, religioso, comercial, ideológico, familiar, associativo esportivo, o que for, espíritos desse naipe estão sempre procurando galgar estágios do processo que os levem ao desempenho do poder temporal. Chega a ser mesmo impressionante a capacidade de se dedicarem a essa tendência que certos espíritos têm. É quase impossível para espíritos desse porte vibratório, de inclinação ao exercício político, reencarnarem e não se envolverem, de alguma maneira, com os processos políticos da região planetária em que estejam vivendo. De alguma forma, eles acabam se envolvendo, mais cedo ou mais tarde, dentro dos processos políticos, sejam eles quais forem, com a busca do poder.

Se pudéssemos perceber as verdadeiras identidades espirituais que estão por trás dos principais mandatários que existiram na história terrena ao longo dos últimos cinco milênios, ficaríamos extremamente surpresos, porque veríamos um conjunto de individualidades espirituais de não mais que alguns poucos milhares de espíritos que vêm personificando as figuras dos principais líderes mundiais nos diversos campos da vida humana, desde então. Mas esse assunto não poderá ser aprofundado na presente obra sob pena de desfigurar o real significado do esforço esclarecedor que ora está sendo feito. Este pano de fundo histórico-espiritual deverá ser um dia apresentado ao conhecimento do mundo em um outro conjunto de obras encomendado pelo Mais Alto. Além do que, é constrangedor perceber que uma certa minoria, cujas conquistas espirituais no campo da experiência terrena é muito superior à média da humanidade, vem dominando o cenário do rumo decisivo da história, enquanto uma grande maioria vem servindo como espécie de massa de manobra à esperteza política dos quase mesmos personagens espirituais de sempre.

O próprio Jesus, na sua elegante postura espiritual de respeitar os poderes instituídos da Terra, submeteu-se amorosamente aos ditames da ignorância e do orgulho terrestres. Como se pode perceber, este assunto não

é de fácil abordagem, necessitando da devida maturidade espiritual para que dele se possa tratar sem provocar maiores danos à sensibilidade de muitas pessoas que sequer admitem o contexto espiritual e/ou os aspectos a ele pertinentes. Mas, realmente, nem mesmo os que o admitem, conseguem ir mais a fundo na inadiável análise da questão de certos grupos de seres que vieram exilados para a Terra em tempos imemoriais, já que essa análise implica na percepção do contexto cósmico. Sobre os ombros destes, que hoje formam uma minoria diante de todo o contexto populacional do orbe terrestre, é que pesa a responsabilidade da redenção planetária, no que não estão se saindo muito bem a cada oportunidade que tentam desincumbir-se de alguma missão com esse objetivo.

Por enquanto, para que melhor possamos compreender esse processo, é importante perceber que, para onde se dirigirem os interesses de uma pessoa, aí residirá a sua vida mental, para o foco de seu interesse convergir toda a sua capacidade de realização, seja para coisas boas ou más. Isso é inevitável já que os impulsos humanos são produtos dos arquivos da alma, provenientes dos hábitos e preferências espirituais de vidas passadas que vão sendo despertados pelos fatos e circunstâncias da vida presente.

Segundo aquele que ficou sendo conhecido pelos gregos como Hermes Trismegisto “para onde voltarmos o foco da nossa atenção, faremos convergir toda a nossa energia”. Este é um princípio hermético ainda por ser apreendido pela ciência terrena. E alguns seres humanos conseguem concentrar-se de tal forma em torno dos interesses que lhe são despertados pelos fatos da vida, que simplesmente atingem invariavelmente os seus objetivos, e o repetimos, sejam eles corretos ou equivocados à luz da moral e da virtude. Os espíritos que normalmente vestem as suas personificações terrenas com a prática do exercício político têm essa capacidade de realização. O espírito de Alexandre Magno é um desses.

O problema é que eles encarnam comprometidos em construir a base para que outros trabalhadores espirituais encarnados possam aí realizar as suas tarefas nos outros campos da vida. E na maioria dos casos registrados na História terrena, o que foi antes planejado nos ambientes espirituais pelos parceiros de uma mesma missão, dificilmente consegue ser realizado de forma satisfatória. A Codificação Espírita é, talvez, o maior exemplo desse fato, já que os espíritos que personificaram Napoleão Bonaparte (1769-1821) e o seu sobrinho Luís Carlos Napoleão (1808-1873) – Napoleão III – haviam se comprometido com o espírito de Kardec a dar-lhe

a necessária base de apoio para o projeto comum que unia os seus esforços. Mas, sob esse aspecto, quase tudo deu errado, o que veremos mais adiante.

Não é fácil transitar no meio das intrigas políticas que envolvem o exercício do poder temporal. Nunca o foi. Mas, ao mesmo tempo, como realizar qualquer coisa na Terra, senão através do concurso dos que nela vivem? Como edificar qualquer obra esclarecedora no mundo dos encarnados sem ser atropelado ou ajudado pela “política de uma época”? É esse um dos painéis do grande desafio que abraça a todos os que vêm dos ambientes espirituais com missões a serem realizadas durante a vida terrena.

Como dói na alma verificar – após o decurso do tempo das experiências na Terra – o constrangimento moral que acomete os mesmos espíritos que vêm se repetindo nessa tentativa há longos cinco mil anos. Pena que, quando reencarnados, se permitem trair nas próprias forças íntimas, já que o exercício do poder temporal traz consigo a oportunidade de lidar com situações que normalmente estão conseguindo desviar do rumo pretendido de quase todos os espíritos que a isso se dedicam, o que é lamentável. E nesse aspecto vem residindo um dos grandes focos do atraso planetário, já que assim se perpetuam a ignorância, a miséria material e moral, tendo como pano de fundo o império do orgulho intelectual e espiritual que caracteriza praticamente a todos os espíritos que ainda estão presos ao ciclo reencarnatório do orbe terrestre.

Analisemos, pois, os acontecimentos ocorridos à época em que tantos espíritos sonharam com um avanço singular no progresso da vida terrena a partir de Alexandria.

O SONHO DE ALEXANDRIA

CADA ÉPOCA TEM a sua cidade luz. Atenas havia sido o foco de todo um avanço no campo das idéias e na busca do esclarecimento jamais vistos na História terrena conhecida. Foi uma espécie de capital intelectual do mundo na sua época. Agora era chegado o momento de fazer convergir para Alexandria a base segura onde muitos espíritos fariam jorrar as sementes dos seus esforços com vistas ao progresso planetário.

Mesmo com os inevitáveis percalços que envolvem as missões terrenas, o grupo de Atenas havia conseguido fixar o conjunto de idéias e de ideais filosóficos necessário ao desenvolvimento do progresso técnico.

Da mesma maneira, através das conquistas produzidas pela doentia ambição política de Alexandre, houve uma expansão circunstancial da cultura grega – que era o repositório de todo o trabalho desenvolvido pelo grupo de Alexandria – por toda Ásia Menor, pelo norte da África e, de forma especial, nas ricas colônias fenícias ali existentes, por toda a região da Mesopotâmia, da Síria, da Pérsia e de regiões da Índia. Dessa forma, a irresistível inclinação pelo poder que caracteriza a tendência espiritual de Alexandre produziu uma das mais importantes fusões culturais do passado, denominada de *helenismo*, que representou o encontro das tradições culturais gregas com as do Oriente. Além disso, fundara, também, a cidade de Alexandria que terminou transformando-se na sede de todo um período desenvolvimentista cujas conseqüências influenciariam sobremaneira os próximos séculos.

Alexandria, que mais tarde seria palco do ardente romance entre o cônsul romano Marco Antônio e a rainha egípcia Cleópatra, foi fundada no ano 332 a.C. por Alexandre quando, aos 25 anos, resolveu construir uma cidade no Egito. Morto aos 33 anos na Babilônia, foi Ptolomeu I (360-283 a.C.), seu braço direito, que terminou fundando uma dinastia de 15 monarcas, todos gregos, que governaram o Egito, dos quais Cleópatra foi descendente. Esses soberanos estrangeiros imitavam em tudo os antigos faraós e esse período da história egípcia pouco tem em comum com outros momentos históricos singulares daquele povo.

Apesar de tudo, no período ptolomaico, Alexandria tornou-se uma gigantesca cidade multirracial em cujo centro urbano residiam 600 mil pessoas. Por volta do ano 320 a.C. possuía uma imponente biblioteca com

700 mil documentos em papiro. A própria biblioteca de Aristóteles foi incorporada à de Alexandria.

Tudo o que se referisse ao mundo grego estava ali registrado. Além disso, muitas páginas atualmente desconhecidas do passado terrestre, estavam ali registradas referentes à história do Egito, dos Hebreus, dos Sumérios e dos demais povos da Mesopotâmia, tratados astrológicos – na época a astrologia era um dos ramos da astronomia –, tratados pitagóricos, tratados alquímicos de Hermes Trismegisto, textos do Antigo Testamento, textos babilônicos sobre um homem muito especial chamado Enoch, textos sobre os anjos decaídos e outros painéis do pretérito imemorial. Além disso, muitos trabalhos da antiguidade foram copiados e preservados na biblioteca de Alexandria.

Diversas foram as personalidades ilustres que viveram em Alexandria: matemáticos como Euclides (século III a.C.), Apolônio de Perga (262-190 a.C.) e Erastóstenes, astrônomos como Aristarco, Hiparco e Ptolomeu (100-170 d.C.), físicos como Arquimedes e Heron (século I d.C.), filósofos como Plotino (205-270 d.C.) e Orígenes (185-254 d.C.). A todo momento surgiam escolas de sabedoria pela cidade. Seguidores de Platão e de Aristóteles ainda discutiam, em novas escolas ali fundadas, se o aprendizado real era aquele que provinha da mente ou dos sentidos. Muitos estudantes iam sendo formados nessas escolas através de bolsas de estudo financiadas pelo acordo social e político vigente.

As obras de muitos sábios ilustres que viveram em Alexandria continuaram influenciando a cultura humana quase mil anos depois de a cidade ter entrado em declínio, no século 7 d.C.

Foi nesse ambiente especial que um grupo de espíritos pretendeu dar início ao que viria a ser a base do desenvolvimento tecnológico do futuro.

Assim, entre os séculos III a.C. e I d.C., surgiram em Alexandria certas invenções que mais tarde desapareceriam e, somente decorridos mais de dezesseis séculos, voltariam a ser reinventadas na Inglaterra do século XVIII.

Pergunta-se: se as máquinas que ali surgiram tivessem sido desenvolvidas fomentando o progresso, como poderia ter sido o futuro dos próximos 300 anos depois que, por exemplo, Heron inventou a sua máquina a vapor já que, quando esta máquina foi reinventada entre 1776 e 1782 pelo inglês James Watt, deu origem a um processo tecnológico que, menos de

300 anos depois, produziu o mundo cheio de tecnologias modernas como as que atualmente se conhece?

É importante saber que entre os séculos III a.C. e I d.C., nas muitas exposições artísticas e científicas que ocorreram em Alexandria, foram apresentadas “máquinas”, idéias e projetos que, se levados adiante, teriam modificado a face do mundo, caso o planejamento espiritual tivesse dado certo. Essas notícias de um passado pouco explorado, servem como espécies de avisos deixados para as gerações futuras, de que o passado, como hoje o conhecemos, nos seus aspectos tecnológicos, poderia ter sido muito diferente do que o que de fato ocorreu. Mas, que passado poderia ter sido esse a que nos referimos? Em uma simplificação algo grosseira, embora respeitando o que pode ser percebido pela mente humana que necessita de padrões comparativos para poder exercer o raciocínio lógico, diríamos que, se bem entendemos o que nos foi demonstrado pela Espiritualidade, não estaríamos incorrendo em grande equívoco se imaginássemos para o tempo em que viveu Jesus, um mundo com as conquistas tecnológicas semelhantes as que atualmente se conhece.

O que se realiza durante a vida terrena, contudo, nem sempre se coaduna com o planejado nos ambientes espirituais. Assim, muitos espíritos reencarnaram com a missão de produzir na área científica, e foram muitos os que o fizeram levando as suas tarefas a bom termo. Entretanto, os que se investem do poder temporal, aventuram-se pela estrada irrefreável das ambições políticas e normalmente colocam todo um processo de sonhos e nobres intenções a perder, por pura ilusão no campo da megalomania que vem se repetindo há séculos. E se são as mesmas individualidades que ciclicamente reencarnam na Terra, são também as mesmas inconseqüências, os mesmos crimes e os mesmíssimos equívocos a caracterizar toda a nossa história.

Os sonhos de Alexandria logo foram destruídos pela dinastia ptolomaica que se seguiu no poder após o assim chamado faraó Ptolomeu I, que na verdade, era um dos generais de Alexandre. Foram tempos onde reinaram as inevitáveis intrigas palacianas que implodiram a continuidade do processo de desenvolvimento em curso. E o pior: o pensamento moderno não faz a menor idéia do que representou para os planos do Mais Alto a morte de Alexandre. Mesmo com todas as suas loucuras, comportamentos megalômanos, através das centenas de cidades por ele fundadas em apenas 12 anos de conquistas – Alexandria foi apenas uma delas – o *helenismo* que

inevitavelmente invadiria os espaços culturais dessas novas cidades, teria um estratégico papel a cumprir no processo de avanço científico desejado. A cultura helênica que se expandia propagava a erudição, o virtuosismo, as abordagens científicas e os procedimentos técnicos, a filosofia moral e a moral prática. Apesar de ser somente um dos “muitos caminhos” através dos quais o plano pretendido estava sendo levado a efeito, no seu bojo estava contida a semente de um novo tipo de comportamento político, de uma nova postura moral e religiosa, de um novo padrão de busca científica e tecnológica, de um novo humanismo, enfim, de uma nova concepção da vida e do Universo que nos cerca, com as suas diversas componentes – contexto espiritual e contexto cósmico – que envolvem a vida na Terra.

Com a morte de Alexandre começou a série de contendas entre seus generais pelo domínio das regiões do seu vasto império. Essas lutas passaram à História como sendo a guerra dos Diádocos – título dado aos seus generais. A sua estranha morte aos 32 anos, produto de um processo obsessivo executado por hábeis mestres trevosos, surtiu exatamente os efeitos pretendidos pelo quartel-general das trevas.

Dentre os principais participantes dessas lutas estavam os generais Ptolomeu, Seleuco, e Perdicas. Essas guerras duraram quarenta anos, de 321 a 281 a.C., e culminaram com a desintegração do império deixado por Alexandre, exatamente o que pretendia o quartel-general das trevas. Antíoco I (325-261 a.C.), filho de Seleuco, que formou o império dos Selêucidas, transformou-se em um dos grandes instrumentos das trevas para que o povo judeu fosse exterminado a qualquer custo. Na verdade, os treze reis selêucidas, todos denominados pelo nome de Antíoco, serviram sem o saber, aos interesses das trevas. Antíoco IV, que foi rei de 175 a 164 a.C., com a sua política de helenização, terminou provocando a revolta dos judeus ocorrida no ano de 167 a.C., liderada pelos macabeus.

Os Livros dos Macabeus I e II, constantes da *Bíblia*, escondem mistérios ainda não decifrados quanto ao pano de fundo das ocorrências ali descritas sobre as tentativas de destruição da cultura religiosa judaica. Afinal, sem povo judeu, não haveria a primeira vinda do “enviado dos céus”, ou pelo menos não ocorreria naqueles moldes, e o quartel-general das trevas sabia disso.

Na verdade, todos os generais de Alexandre, como também as famílias e os membros dos seus respectivos governos, tornaram-se instrumentos dos obsessores para atrapalhar o sonhado progresso planetário. Mas no presente

livro não poderemos desenvolver este tema tão intrigante com a profundidade necessária já que desfiguraria o objetivo esclarecedor proposto pelos mentores espirituais.

Por agora é importante que seja percebido que, mais uma vez, haviam reencarnado naquela época e lugar, cerca de três mil trabalhadores de algumas famílias espirituais mais envolvidas com o compromisso cármico da redenção planetária e, ainda assim, os que se dedicaram ao campo político, também membros dessas famílias, terminaram novamente desfigurando o objetivo comum.

É doloroso ressaltar que, muitas vezes, dois grandes amigos espirituais reencarnam com o compromisso mútuo da ajuda e do apoio fraterno durante a vida terrena. Entretanto, aqueles mais inclinados ao exercício da política, vêm falhando sistematicamente com as intenções assumidas nos ambientes espirituais, uma vez que, quando investidos do poder, cegam-se a tal ponto que nem mesmo os impulsos profundos da alma logram despertar as necessárias atitudes ao cumprimento do dever moral. Em outras palavras, nem mesmo nos ambientes espirituais alguns dos nossos irmãos e irmãs que se dedicam à política do mundo estão sendo levados a sério – o que não é conveniente para o progresso planetário. Não se espera mesmo que eles consigam cumprir com os objetivos planejados, e com isso não estamos pretendendo incorrer em nenhum tipo de julgamento, mas sim, apenas constatando, a pedido dos próprios guias espirituais envolvidos com essa história, um fato irretorquível.

A título de exemplo, citaremos um fato ocorrido mesmo antes da fundação da cidade de Alexandria.

Filipe, pai de Alexandre, havia dominado as cidades gregas, o que era motivo de revolta para os gregos. Com a morte de Filipe, quando Alexandre estava com 20 anos, os gregos tentaram libertar-se do jugo macedônio. Diante da revolta, Alexandre marchou com o seu exército contra a cidade de Tebas, que sucumbiu sem maiores dificuldades ante o poderio do exército de Alexandre. Perdido na sua megalomania, Alexandre cometeu todo tipo de atrocidade com os vencidos, como se querendo com aquele tipo de postura intimidar qualquer tentativa futura de revolta com vistas à libertação. Depois de Tebas, ele fez questão de passar com seu exército por muitas das cidades gregas para fazer valer a sua posição de semideus diante dos vencidos, já que se acreditava como tal. Pouca resistência lhe foi feita e

muitas falsas lisonjas lhe foram dirigidas na tentativa de sobrevivência de muitas cidades.

Em Corinto a situação não foi muito diferente. As inevitáveis boas-vindas lhe foram ofertadas, o que não lhe satisfez, já que Diógenes, o Cínico (404-323 a.C.), não se encontrava ali para saudá-lo. Os filósofos cínicos, de origem socrática, já que o fundador desta escola havia sido Antístenes, de quem Diógenes havia sido discípulo, opunham-se radicalmente aos valores e regras sociais vigentes.

Ora, Alexandre, pela formação que recebera de Aristóteles e de outros mestres daquele tempo, admirava profundamente Diógenes, que se recusava a ir recebê-lo. Com rara humildade, foi até o velho filósofo pois queria, a todo custo, conquistar a sua admiração. Diógenes, entretanto, não tinha a menor intenção de se encontrar com o grande conquistador, forçando-o a procurá-lo pelos subúrbios da cidade.

Reza a tradição histórica que ao encontrá-lo, Alexandre, além de demonstrar cordialidade, ofereceu ao filósofo a sua proteção, prometendo dar a ele tudo o que pedisse. E Diógenes, fazendo ver a Alexandre que a sua sombra estava ocultando a luz do Sol, teria simplesmente respondido: “peço-te que não me tires o que não podes dar”.

Alexandre nada fez com o velho filósofo.

A questão é que os dois, na verdade, são grandes amigos e parceiros espirituais mas naquela oportunidade, apesar dos laços espirituais, as circunstâncias terrenas não permitiram que o reencontro fosse profícuo. E assim tem sido em muitas oportunidades.

A tresloucada ambição militar de Alexandre havia afastado qualquer possibilidade de seu cérebro atentar para os compromissos morais assumidos com os parceiros espirituais que tentam promover a redenção da Terra, já que eles tiveram papel decisivo na derrocada espiritual no passado remoto.

Quando qualquer pessoa adquire o hábito doentio de mirar-se no espelho da própria vaidade, impede o seu cérebro de perceber as sensações profundas que lhe surgem da intimidade espiritual, reveladoras dos compromissos anteriormente assumidos. Fato semelhante viria a acontecer entre outros dois personagens desse enredo espiritual, quando de alguns encontros discretos ocorridos entre Allan Kardec e o imperador Napoleão III, na segunda metade do século XIX, em Paris.

Portanto, quando as tarefas esclarecedoras se tornam dependentes de algum apoio do campo político para serem impulsionadas visando o aprendizado de muitos, os bons propósitos dos trabalhadores espirituais normalmente são atropelados pela incúria moral de amigos espirituais que reencarnam prometendo ajudar no desempenho das funções políticas. Infelizmente, com os sonhos que ao tempo de Alexandria, pretendiam criar um novo mundo ao redor do Mediterrâneo para posterior influência política, filosófica e científica para todo o planeta, ocorreu exatamente isso.

Alguns se questionam quanto à ingenuidade da postura dos mentores espirituais em insistir nesses planos que quase sempre dão errado. O problema é que não há outra maneira de se proceder, conforme rezam os preceitos das leis cósmicas que regem a evolução espiritual. Caberá sempre ao conjunto da população de um orbe – espíritos encarnados e desencarnados, no caso terrestre – evoluir com os seus próprios esforços. Afinal, que mérito teríamos a registrar vibratoriamente nos nossos espíritos se entidades de mundos evoluídos viessem resolver os problemas por nós mesmos criados? Além disso, quando tudo o mais referente à postura dos envolvidos com o poder temporal dá errado, restam sempre as realizações edificadas no palco planetário pelo esforço meritório dos missionários que legam as suas obras, os seus testemunhos, enfim, deixam semeado para o porvir, todo um conjunto de reflexões e de esclarecimentos que ao seu tempo haverá de frutificar.

A questão da Terra é, sob alguns aspectos da ótica cósmica, singular, devido a certos painéis da postura psicológica comum aos terráqueos e, em especial, devido às formas da política que vêm caracterizando a nossa história. Esse estranho conjunto de aspectos que compõem o fluxo cármico que continuamente envolve todos os seres, produz oportunidades durante as vidas terrenas que normalmente são perseguidas pelos mesmos personagens espirituais já que seus espíritos, no meio do conjunto dos bilhões de individualidades que compõem a população do orbe terrestre, são os mais habilitados, não para o exercício do poder, mas para a “perseguição implacável, a que custo for”, pela conquista das posições de mando das diversas nações da Terra. É a lei do “mais forte”, da natureza terrestre, ainda a imperar também no campo das posturas políticas.

O mais estranho é perceber que os mais habilitados, nos campos da moral e do preparo psicológico para a convivência com o poder temporal, normalmente fogem às etapas iniciais, por questões de índole pessoal, das

contendas e intrigas que caracterizam a luta pelo poder – assim afirmam os mentores espirituais que de há muito acompanham a evolução da prática política em nosso mundo.

No tempo dos primeiros séculos antes do nascimento de Jesus, esses aspectos do comportamento humano diante da ganância política, foram sobejamente ressaltados pelas forças trevosas que a todo custo procuravam atrapalhar – o que conseguiram com sobras – a consecução dos esforços de muitos trabalhadores espirituais que reencarnaram com o propósito de promover a evolução planetária. Atuando nas esferas familiares, esses verdadeiros técnicos da obsessão comportamental, mestres na percepção das fragilidades da psicologia terrena, conseguiam envolver todos os membros de um determinado contexto grupal, ajudando a transformar a vida terrena em um verdadeiro inferno de intenções macabras e de realizações funestas à luz da moral, da virtude e do amor. Assim o faziam, aproveitando-se de todo tipo de loucura que era empregada na busca incessante pelo poder, pelo prestígio político e social, pela fortuna, enfim, por tudo o que é objeto de irresistível atração aparente para os espíritos que com isso se afinam de maneira doentia.

Foi assim que diversos eventos pouco observados pela lente da história, foram minando os esforços desenvolvidos pelos que buscavam o melhoramento do nível social, moral e tecnológico da vida daquelas comunidades. O grupo de Alexandria, e nesse aspecto se inserem inclusive aqueles que exerciam o poder, pretendia dar continuidade, dentre outras coisas, ao que já havia sido iniciado pelo grupo de Atenas, no que se referia ao objetivo de despertar no ser humano a tendência pela procura de uma vida mais fecunda em realizações intelectuais e morais visando despertar as consciências para o melhoramento do nível da vida terrena. Afinal, todos sabemos que quando o interesse de alguém é despertado para as possibilidades de uma vida mais profunda e verdadeira, o “espírito de busca” torna-se vivo nesse indivíduo, e ele sempre se sentirá impelido a realizar tarefas meritórias no campo do esclarecimento e da ajuda fraterna, já que verá no seu semelhante uma extensão de si mesmo.

No início do século II a.C., verificou-se a impossibilidade da construção da tão pretendida época de progresso para a humanidade. Diante da inexorabilidade dos fatos, viu-se a Espiritualidade Maior na obrigação de redimensionar as estratégias das reencarnações dos espíritos que haviam solicitado trabalhar na seara redentora do Mestre Jesus.

Após o desencarne de todos os envolvidos com o projeto espiritual, ocorreu um encontro memorável em uma certa cidade localizada em ambiente espiritual próximo a Alexandria, onde livremente foram expressadas as tristezas, as inevitáveis decepções com a “atitude alheia”, as reclamações, às vezes ocorrendo mesmo desentendimentos constrangedores já que, também no lado de lá da vida, cada um continua a ser o que é.

O grande problema para todos os que estavam ali reunidos – pouco mais de cinco mil individualidades espirituais – é que haviam perdido a última oportunidade para a execução de um plano que promovesse a evolução do conhecimento científico. Sabiam todos que, perdida aquela oportunidade longamente preparada desde a derrocada da última grande civilização com poderio tecnológico que havia existido no passado remoto, somente num futuro difícil de ser previsto é que teria a família planetária terrestre condições de promover um outro surto de desenvolvimento.

Se com o fim do império atlante, que desorganizou por completo o fluxo evolutivo dos que vivem na Terra, demorou-se mais de dez mil anos para se organizar uma outra época de progresso, não sabiam os mentores, ao perderem a oportunidade de trabalho dos grupos de Atenas, de Alexandria e de Roma, quanto tempo seria necessário para que as artimanhas cármicas das falanges trevas fossem superadas pela conquista meritória dos chamados trabalhadores da luz.

Portanto, fazia-se necessário que a atenção de todos se voltasse para a análise dos principais povos existentes na Terra para que fosse possível vislumbrar a melhor maneira de levar adiante o projeto de melhoramento da Humanidade, mesmo sabendo-se que não mais seria possível promover o progresso tecnológico. Diante disso, a ênfase dos mentores espirituais convergia para as áreas da filosofia, da moral, da religião e da política, já que o campo científico estava, naquela época, sendo atacado de forma virulenta pelas falanges ligadas às trevas, única maneira – na concepção própria dos que comandavam o exército dos empedernidos daqueles dias – de impedir a “modernização” dos hábitos da vida terrestre.

Conforme o que atualmente se encontra registrado nas “anotações espirituais” dos mentores, a estratégia das trevas de impedir a qualquer custo o avanço das técnicas e do conhecimento científico foi tão bem executada nos séculos III, II e I a.C., que muitos dos conhecimentos científicos já adquiridos, perderam-se na noite dos tempos e somente por volta de mil e setecentos anos depois foram novamente redescobertos pela

ciência. Podemos mesmo dizer que nem tudo o que se perdeu foi ainda reconquistado pelo conhecimento científico.

Conhecimentos astronômicos relativos à posição do Sol e da Terra – dentre outras –, a questão da curvatura da Terra, as rotas marítimas e demais noções sobre os oceanos, clima, agricultura e muitos outros aspectos no campo do conhecimento, por volta do século I d.C., simplesmente desapareceram das noções que o ser humano comum possuía a respeito de si mesmo, da vida e do mundo que o rodeava. Foi verdadeiramente singular a eficácia com que a estratégia das trevas foi executada, em especial, no mundo greco-romano, mas também por todos os outros recantos planetários.

Sabemos hoje que, após o império romano – última civilização daqueles tempos a conseguir construir um padrão de organização e conduta técnico-científica, militar, política, econômica, cultural dignos de registros –, a história somente voltaria a registrar padrões de realização semelhante à cerca de mais de mil anos mais tarde. Depois da decadência do império romano estabeleceu-se um caos que simplesmente aniquilou com os padrões organizacionais já existentes, impedindo que novos padrões progressistas fossem implantados até que, pelo final do século VIII e início do século IX, Carlos Magno (747-814), imperador dos francos, que sonhava reconstruir o império romano, conseguiu reordenar o mundo ocidental disperso em padrões minimamente aceitáveis de vida social humana.

Sob outra ótica de análise, mesmo não concordando com o estigma que alguns historiadores impõem à Idade Média como tendo sido uma época de trevas, é inevitável perceber que, em relação a certas questões pontuais da evolução humana, o período medieval deixa algo a desejar, se comparado com a capacidade criadora da Antiguidade greco-romana que a precedeu e a Renascença que lhe sucedeu nas páginas da História, apesar de, como toda época, ter possuído as suas riquezas culturais e uma visão de mundo muito particular. Seja como for, entre a Antiguidade greco-romana e a Renascença, houve um “tempo” onde alguns conhecimentos básicos já conhecidos pelos sábios de Alexandria, onde certas questões essenciais à percepção humana de um contexto espiritual e cósmico a envolver a vida terrena já eram conhecidos, simplesmente não conseguiam ser apreendidos pelo cérebro dos homens e mulheres da Terra por absoluta falta de condições para tanto. Hoje percebemos com facilidade esses painéis algo obscuros das condições de vida do medievo. Mas ao tempo dos sonhos de

Alexandria tudo se resumia apenas às possibilidades de um futuro ainda por acontecer.

A reunião nos ambientes espirituais a que estamos nos referindo, ocorreu por volta do ano 190 a.C., já depois da derrocada do plano pretendido. Por essa época, o império romano sequer havia surgido nos moldes em que passou à história. Tudo o que existia referente ao núcleo do que em futuro breve viria a ser um dos maiores impérios que o mundo já vira, resumia-se por esta época, às terras do próprio estado italiano que finalmente fora dominado pelos romanos que venceram as tribos que ali existiam.

Por aquela época, os principais núcleos populacionais que existiam e que poderiam servir de base, tanto para a estratégia das equipes das trevas como para as da luz, encontravam-se passando por um estranho processo de decadência – não percebido por muitos historiadores – em diversos campos da vida humana. Apesar da expansão da cultura grega helênica pelo mundo “civilizado” ter levado a bom termo a semeadura de focos de progresso, a estratégia contrária, praticada pelas trevas, conseguia anestesiar qualquer avanço.

Todas as entidades presentes à reunião procuravam dar a sua contribuição diante do aparente impasse. As que estavam mais envolvidas com aquele período de trezentos anos da história do povo judeu – do século II a.C. ao século I d.C. – expressavam as suas preocupações na busca de alternativas a serem perseguidas durante a vida terrena.

A entidade espiritual que iria reencarnar em breve como Judas Iscariotes – que viria a ser o apóstolo do Mestre acusado de traição – mostrava sua preocupação quanto a iminente destruição do povo judeu. Dizia: “Jerusalém encontra-se dominada pelos selêucidas. O que está arquitetado por Antíoco, financiado pelos judeus helenizados e abastados que vivem em Jerusalém, é a total destruição do povo judeu e de seus principais traços culturais religiosos, já que a todo instante o santuário maior é vilipendiado por seus prepostos que ali escandalizam, sob todos os aspectos, os ritos da tradição do Deus de Israel, com sacrifícios impuros e destituídos de honra e de moral religiosas. E não há força nenhuma à vista entre o povo, que possa organizar-se para fazer frente aos invasores.”

“Falta pouco para o nosso Messias chegar. Não podemos agora estacionar em postura de simples expectadores, quando todo um projeto do Pai Abraão, encomendado pelo Deus de Isaac e de Jacó, está a ponto de ser

soterrado pela iniquidade. Os nossos pares que na Terra estão, vivem a época da abominação da desolação predita por Isaías e ai de nós se nada fizermos. Os ancestrais do nosso povo, seio da semente divina do Messias esperado, lutaram até com os anjos do contexto celeste para fazer valer a fé de Israel. E é essa fé que se encontra a ponto de deixar de existir. Levou-se quase dois mil anos para edificá-la. Antíoco e seus comparsas trevosos não levarão menos de vinte anos para aniquilá-la. Proponho que reencarnem urgente entre o povo judeu, os espíritos com maiores possibilidades e experiências na arte da guerra, para defenderem o patrimônio dos céus na Terra, que é a fé do povo de Israel, custe o que custar. O sangue de Israel não é derramado por questões menores mas para a glória de Deus. Se não fizermos isso em tempo hábil, a outros pertencerá a glória da dominação do mundo pelas trevas.”

Houve um silêncio incômodo porque muitos dos que ali estavam não concordavam com a violência como instrumento de redenção do povo judeu – ou de qualquer outro povo –, mas como nada tinham a apresentar como alternativa que viesse a, pelo menos suavizar a questão em foco, ajudaram na manutenção do silêncio que continuava imperando naquele belo ambiente espiritual, semelhante a um anfiteatro grego.

Levantou-se, então, do lugar em que se encontrava, um espírito de vibração cujo teor de equilíbrio e harmonia envolvia a todos. “Caríssimos irmãos e irmãs de ideal comum – disse aquele que viria a encarnar como José de Arimatéia –, realmente há alguns anos os reis selêucidas da Antioquia dominaram a cidade de Jerusalém. O mais grave é que dominaram também os corações de muitos judeus que, se corretamente influenciados pelos ventos progressistas do *helenismo*, equivocadamente se desvincularam por completo dos ideais do povo judeu de servir de guarida para os desígnios do Altíssimo. Contudo, não nos é dado, nem em nome do Altíssimo, utilizar os mesmos caminhos dos que seguem os impulsos comuns à humanidade de resolver a violência com mais violência. Se aqui nos ambientes espirituais já for essa a nossa predisposição, como será quando estivermos na carne, completamente envolvidos com os valores transitórios de um mundo prenhe de ambição, de egoísmo e de ignorância, e esquecidos dos valores eternos que reassimilamos a cada permanência entre as vidas terrenas, aqui na Espiritualidade?”

“Infelizmente, não atinamos ainda com a maneira de fazer frente ao poder temporal sem que dele dependamos para exercitar o que nos é

próprio: a nossa herança divina de Deus Pai. Ao praticarmos a violência, seja sob que forma ela se expresse, estaremos afastando mais e mais as nossas consciências espirituais, já vitimadas pelos erros do passado, da harmonia vibratória que emana de Deus.”

“Já que, pelas condições vibratórias reinantes entre os familiares dos reis selêucidas não permitem a encarnação de uma quantidade de espíritos devotados ao bem que pudessem modificar o curso dos acontecimentos, só nos resta verificar no campo da inteligência, da fé e da moral, o que podemos realizar, dentro das nossas circunstâncias e possibilidades espirituais, para fazer frente à estratégia das trevas de dizimar o povo judeu. Não adianta empregarmos os mesmos instrumentos porque estaríamos repetindo os mesmos equívocos, justamente os que temos o dever moral de combater com as armas da tolerância, da estratégia renovadora e do amor. Se não fizermos isso, não haverá dois grandes grupos trabalhando, cada um a sua maneira, pela redenção de todos. Se repetirmos o que as trevas fazem seremos um mesmo exército de ignorantes semeando o sofrimento e o desespero por todos os quadrantes da Terra.”

“Convido a todos para que concentremos o foco da nossa atenção em possíveis estratégias que se harmonizem com os princípios que movem a nossa intenção. No caso, não é conveniente que subordinemos a ética às estratégias de luta, sob pena de perdermos o que ainda não reconquistamos: o exercício pleno da nossa soberania espiritual.”

Após as palavras de José de Arimatéia, um irmão espiritual que estava na função de coordenar aquele encontro, solicitou que, caso não houvesse mais nenhuma ponderação a ser feita quanto aos princípios que iriam nortear o planejamento espiritual das reencarnações dos que ali estavam presentes para os próximos três séculos, fossem então apresentadas alternativas concretas que pudessem resolver de alguma forma os principais problemas que afligiam aquelas famílias espirituais envolvidas com as questões terrenas.

Para surpresa de alguns, pede a palavra aquele que personificaria ao tempo de Jesus a figura de Barrabás.

“Solicito que continuemos a abordar os princípios que determinarão a estratégia dos nossos esforços. Sou dos que pensam ser impossível explicar a animais o que eles não podem entender. Com eles, somente o adestramento através da disciplina rígida é necessária para que, através do temor, venham a nos obedecer, pelo menos assim penso. E quando

encarnamos, as coisas do mundo, no seu estágio atual, fazem com que nos tornemos piores que os nossos irmãos inferiores na cadeia evolutiva, os animais selvagens, já que o que neles é só instinto de sobrevivência, no homem, acrescido do tempero da maldade, transforma-se em ódio profundo, já que a convivência lá embaixo (na Terra) é governada pelas relações de poder, de corrupção, de ganância e de egoísmo. É triste constatar, mas o homem transformou-se no pior monstro que existe no planeta.”

“Louvo a sabedoria do que foi expressado pelo irmão que me antecedeu, mas não reconheço nenhuma possibilidade concreta de sucesso na Terra, de ações cujos princípios sejam os de teor celestial, aqui apontados por Val Anon (Anon é o nome cósmico da entidade que encarnou ao tempo de Jesus como José de Arimatéia). Por isso, acho contraproducente insistirmos em princípios celestes se estamos todos vivendo em um verdadeiro inferno. Afinal, quem consegue viver em pleno inferno praticando os preceitos do céu? Eu não consigo... Jamais consegui, nas últimas vidas que tive, não me deixar envolver com as emoções comuns aos que vivem na Terra. Se mil vezes meu espírito for envolvido pela torrente da barbárie do egoísmo humano, mil vezes ele responderá à altura. Sei que se assim faço, é porque ainda não consegui adestrar o meu espírito no usufruto desses princípios celestiais. Mas o que posso fazer? De mim nada esperem a não ser exatamente o que posso dar: empenho, com todas as minhas forças, à causa que abraçar.”

“Defendo a idéia de que devemos todos assumir os débitos espirituais que forem necessários para que consigamos levar adiante a nossa intenção de melhorar as condições de vida no mundo da matéria densa. É doloroso, eu sei, defender uma postura equivocada para combater o erro maior, mas não atino com outra alternativa prática. Além disso, desconfio que, se todos nós resolvermos reencarnar cheios dessas motivações celestiais, do jeito em que o mundo se encontra, não chegaremos à idade da juventude sem que tenhamos nos envolvido com as revoltas inevitáveis diante da dominação da lei do mais forte, isso se do lado fraco estivermos. Caso contrário, não vejo como espíritos do naipe da maioria dos que aqui estão, não se deixem envolver pelas paixões da cobiça pelo poder. É só verificar as últimas dezenas de reencarnações onde aqueles que como eu, sentem-se atraídos pelas lutas terrenas. Não será diferente nas próximas vidas.”

“Discutir princípios quando não há possibilidades para que sejam praticados na vida terrena, é esquecer de focar o que deve merecer realmente a nossa atenção.”

Cumprimentando com uma leve inclinação de cabeça em direção a José de Arimatéia, encerrou as suas palavras.

O espírito de Estêvão, aquele que viria a ser o primeiro mártir do Cristianismo, dirige-se até o centro do átrio e diz: “Sinceramente, não me é dado perceber além do horizonte das minhas possibilidades e além delas não pretendo ir. Contudo, considerar as minhas possibilidades como o limite da felicidade ou da paz alheias, também não me é dado estabelecer. Devo e posso insistir comigo mesmo que aquele a quem esperamos, está sacrificando a si mesmo sob muitos aspectos que desconhecemos quanto a sua realidade celestial, simplesmente para vir ter conosco, em ambiente tão inóspito criado pela nossa dureza de pensamentos e de sentimentos.”

“Se assim é, devemos, de nossa parte, tratar essa oportunidade encarnatória de uma maneira nunca antes professada. Não podemos simplesmente nos repetir da mesma forma que estamos fazendo há milênios. Não podemos reencarnar despreocupados de maiores compromissos conosco próprios, no ilusório estacionamento das nossas possibilidades espirituais, pelo simples fato de acharmos ser inexorável o fato de que viver na Terra é, necessariamente, sinônimo de acúmulo de erros e equívocos espirituais. Se assim for, para que viver afinal?”

“O nosso irmão Sócrates, aqui presente, acertadamente ponderou que não há ninguém que continue a fazer o que faz, quando percebe que há algo melhor para ser feito, quando essa possibilidade está ao seu alcance. Nada há de melhor para simbolizar o tenebroso estacionamento da humanidade nas suas posturas primitivas e ignorantes. Nada há que melhor exemplifique a dificuldade da evolução dos que vivem na Terra. E, pergunto eu, o que podemos fazer de diferente já que, se simplesmente repetirmos os erros lá cometidos, apenas estaremos alimentando um louco processo de derrocada espiritual? Por que não nos propormos a fazer algo diferente, deixando ao menos o nosso testemunho para que possa servir de luz para as gerações futuras? Afinal, alguém precisa deixar na Terra a sinalização de que é possível viver dignamente, para que algum dia possa ser percebido que é possível fazer algo melhor, no campo da utilidade e da nobreza moral, mesmo que em plena vida terrena. O convite que faço, diferente do irmão que me antecedeu, a quem estimo e respeito e de quem já fui companheiro

em outras tentativas do passado, é justamente para que adestremos os nossos espíritos para uma época reencarnatória de sacrifícios pessoais, a exemplo do que seguramente está fazendo aquele por quem amorosamente esperamos, apesar de nada sabermos sobre as suas intenções e estratégias de ação.”

“Violência por violência, ao final seremos todos violentos e somente deixaremos de sê-lo quando aprendermos o valor da fraternidade. Ora, se a violência fosse solução, há muito a Terra já seria o próprio paraíso, mas não é. E se temos que algum dia aprender a praticar o amor incondicional, por que não começamos agora, já que o ser mais amoroso de tantos quantos vieram a Terra está prestes a chegar? Ou será que achamos que Ele irá enveredar pelo culto equivocado dos valores terrestres?”

“Por incapacidade pessoal de concordar com qualquer possibilidade de violência ou de domínio, caso não cheguemos a um acordo estratégico comum para as nossas próximas vidas na Terra, proponho, humildemente, que não estabeleçamos estratégia nenhuma, deixando assim a necessária liberdade para que cada um aja conforme os desígnios de sua própria essência espiritual. Não quero com isso estabelecer divisões. Ao contrário. Pretendo apenas semear a liberdade de ação já que o objetivo que nos move é comum a todos os presentes.”

“De minha parte vos afirmo: em respeito ao testemunho de diversos mestres espirituais aqui presentes – referia-se a Sidarta Gautama (o Buda), a Zoroastro, a Sócrates, a Lao Tsé (século VI a.C.), dentre outros – que deram a vida e a sensibilidade espiritual em sacrifício pela causa humana, farei eu também, modestamente, o que me for suportável para tentar imitá-los. Não concebo outra maneira de trabalhar pela redenção de todos nós.”

A autoridade moral que emanava daquele espírito era de tal monta que enterneceu a todos. O próprio espírito que viria a ser Barrabás dirigiu-se profundamente emocionado até ele e o abraçou, como se a pedir desculpas por não se sentir habilitado a agir daquele modo.

Muitos outros expressaram as suas opiniões sem que, contudo, alguma conclusão pudesse dali ser retirada. Algum tempo depois, uma das entidades espirituais presentes, de rara condição vibratória no campo da bondade e da sabedoria – e que no longínquo futuro viria a ser a figura amada de Gandhi (1869-1948) – dirigiu-se até o mesmo local onde os últimos oradores resolveram fixar-se e de lá, endereçando um suave gesto

de saudação a todos, expressou a sua opinião sobre as questões enfocadas naquela oportunidade.

“Vivemos em uma grande escola onde os nossos espíritos realizam as experiências da alma buscando a elevação vibratória das nossas posturas íntimas. A Terra nos serve de berço para essas experiências e é sempre importante que lá penetremos com o mínimo de conhecimento de causa sobre o que pretendemos realizar. Quando retornamos ao mundo espiritual, avaliamos as experiências vividas, observando as circunstâncias que as cercaram e as atitudes assumidas diante de todo o contexto. Programamos novas experiências, e assim há de ser enquanto não nos tornarmos mestres na arte de amar e no exercício pleno da herança divina que todos carregamos, já que somos herdeiros do Deus Pai.”

“O que não é pretendido pelo espírito jamais tornar-se-á realização do homem. Assim, no estado em que nos encontramos – nos ambientes espirituais libertos das limitações de entendimento que a encarnação impõe à mente espiritual – é imperioso pretender, buscar, intentar, planejar, ir mais além do que é estabelecido pelas nossas análises e expectativas imediatas, nem que seja em sonho. Admitir a própria ignorância, como pondera Sócrates, é o passo inicial de todo um processo de elevação intelectual e moral, sendo este primeiro passo o mais difícil para os nossos espíritos. Entretanto, submeter-se ao jugo da própria ignorância, dando vazão aos impulsos que imperam na postura humana diante da vida – psiquismo pessoal – sem o devido crivo moral, deixar-se subjugar pela repetição do que sempre fomos no passado, é aniquilar a chama do futuro, já que nada pretendemos buscar ou intentamos fazer”

“Se o mundo terreno é laboratório de experiências, a nossa alma é repositório de todos os resultados por nós praticados ao longo da jornada evolutiva. Nada há que façamos, aqui ou alhures, que não fique marcado em nós mesmos. E nisso reside a maior riqueza que dispomos, ou o maior dos problemas que podemos ter, conforme sejam as disposições íntimas de agir no sentido da evolução espiritual ou no estacionamento estéril dos valores terrenos. Portanto, não é razoável que tenhamos já a predisposição consciente de que a única alternativa que nos resta é a da complicação cármica. Não é o caso, segundo o que posso perceber.”

“Precisamos exercer a boa arte da análise dos fatos sem que a paixão da luta nos envolva o discernimento. Porque poderá vir a ser motivo de infelicidade ou de júbilo a eficácia com que analisemos as possibilidades

que temos, para que sejam plausíveis as intenções pretendidas à luz da moral e das circunstâncias meritórias de cada um. Mas, se nos dirigirmos ao mundo terreno imbuído da desistência moral do melhoramento íntimo, desfigura-se a experiência e os seus resultados antes mesmo que ela aconteça, já que desnecessária, pois de antemão já é sabido qual o rumo dos acontecimentos, o que distorce a realidade. Lembremo-nos que os acontecimentos tomam o rumo que neles infligirmos o resultado das opções do nosso livre arbítrio.”

“Não podemos nos vitimar antes da luta iniciada. São sempre importantes o altruísmo espiritual, a nobreza de caráter, as belas intenções, pois formam o melhor conjunto de hábito alimentar para a nossa organização espiritual. Sem esse alimento, como poderá o nosso espírito se fortificar para enfrentar os obstáculos da vida na Terra? De que adianta pretendemos um dia evoluir se estamos tornando menores os nossos sonhos e intenções?”

“Não sei, e pelo que entendo talvez ninguém aqui saiba, quais diretrizes nortearão a vida daquele que virá. Por quem Ele é, uno com o Deus do Universo, não deverá esperar mais do que nós próprios não esperamos do gênero humano terrestre. Contudo, por ser quem é, deverá dar de si o que for possível ser ofertado, embora provavelmente nada espere receber. Se assim foi com muitos dos mestres espirituais que já viveram na Terra e lá deixaram as suas contribuições, alguns inclusive aqui presentes, não atino com situação diferente para o Mestre dos Mestres.”

“Por isso, rogo a reflexão de todos em torno da questão por nós já conhecida de que na Terra, às vezes é imperioso perder para que ocorra a verdadeira vitória das intenções celestiais. Se é assim, não vejo como podemos pretender ganhar uma batalha contra as forças trevasas, assumindo liames cármicos complicados, dos quais estamos justamente pretendendo nos libertar. Seguir por este caminho é incorrer nos mesmos erros milenares.”

“Pelo que julgo saber, estamos vivendo exatamente o momento em que nossos espíritos terão que tomar a inadiável decisão de se enfileirar, não só por nobres intenções, mas com atitudes reencarnatórias práticas que repercutam positivamente no ambiente em que pretendemos atuar, como também na nossa própria alma. Como dizemos na Terra, precisamos edificar, de uma vez por todas, a mansuetude nos nossos corações e a

sabedoria nas nossas mentes. Estou certo de que, utilizando as armas das trevas não estaremos contribuindo para que o reino dos céus nos envolva.”

“Precisamos descobrir uma nova maneira de nos portarmos ante a investida das forças trevosas. Não podemos responder à altura da habilidade que elas têm em provocar mais e mais a semente de comportamentos equivocados. Aonde chegaremos? Não podemos agir como eles agem, sob pena de transformar a Terra em reduto trevoso, cheio de dor e desespero. Não! Insisto comigo mesmo que devemos dizer não aos convites fáceis à reação violenta. O que acontecerá com a Terra se todos os que nela vivem se tornarem violentos? Seguramente não é esse o caminho. Precisamos criar um novo. Esperemos, sinceramente, que Aquele que é esperado nos ilumine nessa busca.”

Dizendo isso retornou ao seu lugar, por entre os olhares de afeição que todos lhe dirigiam.

O irmão que coordenava os trabalhos ponderou que seria conveniente a troca de impressões entre os presentes. Com este objetivo, resolveu criar, pelas afinidades do pretérito espiritual, reuniões em torno de certos temas básicos pertinentes à questão, para que os membros das famílias ali reunidas pudessem expressar as suas opiniões com toda liberdade.

Por essa época – próximo ao ano 190 a.C. – o contexto histórico que envolvia a região do mundo em que deveria nascer o tão esperado Messias estava se complicando a tal ponto, que os mentores espirituais temiam, realmente, que a semente do povo judeu fosse literalmente destruída pelos reis selêucidas. Por sinal, e por mais estranho que nos possa parecer, os reis Antíoco I, II, III e IV pertenciam às famílias espirituais envolvidas com a redenção planetária, mas, levados pelas paixões e intrigas terrenas, complicaram-se a tal ponto que estavam agora sendo utilizados como instrumentos por parte das forças trevosas para destruir o que restava do povo judeu.

Os seus afetos espirituais mais próximos, de tudo faziam para descobrir um modo de ajudá-los a perceber o curso que os acontecimentos de suas vidas estavam tomando, mas pouco puderam fazer de fato para atingir o objetivo pretendido.

Naquela oportunidade não se sabia o que aconteceria com o Messias, como seria a sua vida, o que Ele faria, qual o seu objetivo e qual a sua estratégia de atuação. Nos ambientes espirituais, sabia-se apenas que o seu nascimento para o mudo terreno deveria ocorrer cerca de 200 anos mais

tarde. Mas, realmente, desconheciam-se por completo maiores detalhes quanto ao que estava por ocorrer.

Na atualidade, depois de já conhecermos os fatos ocorridos com Jesus, fica fácil perceber quais as decisões que, na época do encontro espiritual aqui referido, poderiam ter sido tomadas. Afinal, já conhecemos o seu testemunho inigualável de amor e mansuetude, os seus sábios ensinamentos, quem foram as pessoas que O acompanharam mais de perto, o que fizeram, o que deixaram de fazer, o contexto histórico da época em que viveu, dentre outros aspectos. Assim, seria até fácil perceber que o caminho proposto pelos espíritos que depois personificariam as figuras inesquecíveis de Estêvão (séc. I d.C.) e de Gandhi (séc. XX) era semelhante ao que o Mestre imprimiria aos seus próprios passos. Mas naqueles instantes tudo era incerteza, já que, realmente, não há privilégios informativos que não estejam de acordo com os desígnios do Alto.

No caso em questão, houve primeiro a sua decisão de nascer na Terra como um simples homem, para depois retornar no estado natural com que desempenha as atribuições pertinentes à função celestial da qual se ocupa. Por sinal, coube a Enoch dar notícia desse fato já que, informado pelos seres cósmicos que o “elevaram aos céus”, anunciou essa decisão alguns milênios antes do nascimento de Jesus. Assim, tomada a decisão de nascer na Terra, o Mestre orientou a toda sua assessoria para que nada fosse feito no sentido de facilitar a empreitada a que se propunha. E mais ainda, pela trajetória confusa que a História da Terra vinha seguindo desde há muito, era mesmo inadequado arquitetar qualquer procedimento mais detalhado para o futuro distante do tempo terrestre. Por isso, por volta do ano 190 a.C., não se sabia muita coisa do que iria acontecer.

Naquela época a Terra continuava isolada do cosmo – como ainda está até o momento em que este livro está sendo escrito – em condições sofríveis de intercâmbio espiritual com outros orbes e realidades existenciais situadas um pouco mais além da compreensão terrena. Com o nascimento de Jesus é que foi dado o primeiro passo concreto, no sentido de um dia, no futuro, reintegrar a Terra à convivência com outras realidades cósmicas. Mas, até então, nem mesmo os níveis menos complicados das “esferas espirituais” que envolvem o planeta, tinham maiores conhecimentos do que estava por acontecer, por um simples motivo: os próprios assessores do Mestre continuavam a aguardar o que o livre-arbítrio coletivo dos espíritos que

estavam congregados no orbe terreno iria decidir realizar, se é que iriam conseguir realizar o que viria a ser decidido.

Da mesma maneira que sempre existem obstáculos em cada nível existencial de qualquer recanto Universal – afinal, dos obstáculos é que surge o estímulo à evolução – que tem que ser superado pelo mérito dos seres que ali estão congregados, existe também um nível de incerteza quanto ao porvir, que é característico de cada uma dessas moradas cósmicas, conforme a capacidade perceptiva dos seus habitantes. Esta a razão pela qual os assessores do Mestre aguardavam o rumo dos acontecimentos terrenos para que certos painéis de sua vida na Terra pudessem ser arquetetados. Se nem eles sabiam, não seria a Espiritualidade terrestre que iria saber de mais detalhes, à época a que estamos nos referindo.

Diversos grupos espirituais acabaram se formando conforme as afinidades do passado, e muitas foram as conversas e avaliações feitas naquela oportunidade.

Praticamente aqueles que viriam a ser seguidores de Jesus, já que os teve em número maior do que cem pessoas, além dos apóstolos, defendiam o uso chamado por eles de “estratégico”, das artimanhas terrenas necessárias para o fortalecimento do povo no qual o Messias nascesse, para que a sua missão pudesse chegar a todos os que viviam na Terra. Defendiam mesmo o “uso consciente da violência”, apesar de constrangidos, mas eram bastante objetivos na ponderação dos seus pontos de vista. Refletiam sobre o fato de que, por aquela época, os povos mais fortemente estabelecidos na região geográfica próxima a que é hoje chamada de Palestina, os romanos, os egípcios, os selêucidas, algumas tribos celtas, os fenícios, os persas, as tribos árabes, dentre outros – poderiam facilmente dominar, ou mesmo aniquilar com o povo judeu, como estava acontecendo.

Por isso, os judeus teriam que se fortificar como nação, para dar guarida ao Messias que, como alguns supunham – e dentre eles o mais fervoroso defensor dessa idéia é o espírito que viria a ser Judas Iscariotes – iria elevar o trono de Israel à altura das demais nações, para que os seus ensinamentos fossem apreendidos por todos.

Segundo aquele espírito, somente assim o nível de vida na Terra seria elevado a padrões compatíveis com a dignidade espiritual de cada um. Seria o fim do sofrimento para todos os seres congregados na Terra. Ele, sinceramente, acreditava nessas ponderações, o que viria a ser o seu motivo

maior de perdição espiritual, na época em que tornou-se um dos apóstolos de Jesus.

Outros se reuniam em torno da idéia de que, dificilmente, qualquer estratégia poderia ser traçada, já que o que estava por acontecer, elevava-se muito acima das possibilidades de realização da maioria dos que ali estavam congregados. Defendiam que somente após a encarnação do Messias, quando ele se identificasse, e conforme as propostas que conseguisse professar em plena vida terrena, é que caberia algum planejamento das encarnações para a divulgação dos ensinamentos, ou de outras providências, conforme o caso.

Alguns poucos achavam que o Messias viveria como um grande mago, iniciado em todos os mistérios, e com poderes sobre-humanos edificaria, já naquela oportunidade, o reino de paz e concórdia de há muito prometido nas Escrituras. E que a sua segunda vinda era simplesmente o fato de sair do contexto terreno para retornar depois, a exemplo do que acontecera com Enoch e Elias, pois nem mesmo nos ambientes espirituais era conhecido por todos, o destino daqueles dois homens. Muitos, mesmo lá, aguardavam que ambos retornassem. Só não sabiam se seria através de reencarnações ou por meio de alguma outra forma de expressão existencial.

Havia ainda aqueles que achavam que não seria possível traçar alguma estratégia para os que estavam ali presentes. Defendiam que, para alguns subgrupos que haviam se formado em torno de determinados pontos de vista, seria até conveniente que fossem organizadas algumas reencarnações, com objetivos específicos de acompanhar de perto ao Messias, desde que pudesse ser identificado facilmente. Para outros subgrupos e algumas individualidades espirituais específicas, não havia como vincular os seus programas encarnatórios a qualquer aspecto da vida do Messias. Insistiam que, na impossibilidade de uma estratégia global, deveriam todos reencarnar com os programas voltados para a presumível vinda do Messias, cabendo a cada um, no usufruto do seu tirocínio espiritual, fazer o que fosse possível e permitido pelas circunstâncias.

O pequeno grupo que se concentrou em torno das idéias defendidas pelos espíritos de Estêvão e Gandhi, defendia fervorosamente que todos fossem para o sacrifício, marcando mesmo nos seus programas encarnatórios, situações inexoráveis para que fosse cumprido o compromisso espiritual assumido. Defendiam que somente assim estariam agindo à altura do sacrifício a ser perpetrado pelo Messias.

É interessante perceber que aquele grupo de entidades – mesmo naquela oportunidade gozando de uma maior amplitude de consciência espiritual, já que se encontravam no estado de espíritos desencarnados –, não mais detinham nas suas sedes conscienciais a recordação precisa e objetiva quanto aos fatos ocorridos à época da chamada rebelião de Lúcifer. Desse evento celeste é que se originou a doutrina dos Anjos Decaídos, que por sua vez se refere, apesar de poucos saberem, a uma grande parte dos que ainda hoje reencarnam ciclicamente na Terra, pois que para aqui vieram exilados em tempos imemoriais, em decorrência desse problema cósmico.

Mesmo sem o cérebro físico das vidas terrenas para limitar mais ainda essa consciência, já que este aniquila temporariamente as lembranças de vidas passadas, aqueles seres somente tinham a consciência de um pretérito espiritual equivocado, criminoso mesmo. Mas, devido às incrustações de débitos cármicos ao longo das muitas vidas terrenas desde que aqui chegaram como exilados, o peso desses registros magnéticos na mente espiritual não os deixava ir mais além no campo das recordações. Segundo o que informavam os mentores, isso se dava por uma espécie de auto-defesa da própria mente espiritual, para não entrar em profundo desequilíbrio. Não deixava de ser também uma espécie de esquecimento temporário do passado, a exemplo do que ocorre quando se encarna na Terra.

Sabemos que muitos se surpreenderão com a afirmativa feita. Mas é bom não esquecer que todas as primeiras etapas referentes ao problema luciferiano, pertencem a um contexto cósmico que, por enquanto, encontra-se muito além dos horizontes terrenos. Por isso, essas mentes espirituais ao mergulharem no primitivismo das vibrações terrestres, terminaram sofrendo essa espécie de “embotamento” quanto aos fatos de um passado extraterrestre.

Diante de todo esse contexto e das indefinições ainda em curso, reuniram-se outra vez no mesmo local, algum tempo depois.

O irmão que coordenava os trabalhos novamente concitou os presentes a expressarem as suas abordagens, seguidas de propostas concretas, para que se chegasse a uma definição comum.

Posiciona-se à frente de todos uma entidade espiritual de polaridade feminina que viria a ser a mãe de Maria, por conseguinte a avó de Jesus, que passou à história com o nome de Ana.

“Posso chamá-los a todos de filhos e filhas já que assim me sinto diante das vossas vibrações amigas.”

“Como alguns já sabem, tive a graça de ser escolhida para mãe daquela que irá receber como filho dos céus, o amado emissário celeste cuja chegada já se nos avizinha no tempo do mundo terrestre. Assim o digo porque a minha próxima reencarnação já foi devidamente registrada em termos de tempo e de lugar, no mundo que hoje nos serve de berço planetário. Será a minha filha que O receberá. Ao menos assim está previsto.”

“Podemos todos, portanto, presumir que daqui a aproximadamente cento e oitenta a duzentos anos terrestres, o Enviado dos Céus há de vir ter conosco. Organizemos os nossos melhores sonhos e estratégias pessoais para que, unidos em torno do ideal maior de servi-Lo e ajudá-Lo no desempenho de sua missão, possamos todos desenvolver com a dedicação que o evento requer, os esforços necessários para que o que se espera seja alcançado. Assim vos falo para que possais tomar conhecimento do fato que tanto aguardamos.”

“Já é realidade para os nossos espíritos. Ele aqui virá, como fez seus prepostos anunciarem aos profetas hebreus no passado. Honra e louvor aos patriarcas Enoch e Abraão, que tanto fizeram para que esse sonho viesse, um dia, a ser realidade. Honra e glória ao Deus Eterno e ao seu Emissário Celeste, que como homem virá, a pedido do Deus Pai, e como homem se revelará filho dileto de Deus, conclamando-nos a assim também concebermos a nossa relação filial para com Ele, encerrando na sua encarnação humana, o mistério da nossa filiação divina. Que estejamos à altura para bem recebê-Lo.”

Aquele espírito já havia penetrado em detalhes ainda não percebidos pela maioria dos que ali estavam. Foram de suas palavras que surgiram as primeiras noções objetivas de tempo, lugar, conteúdo profético e o contexto cósmico a envolver o evento tão esperado. Mesmo não tendo feito nenhuma proposta concreta quanto ao que deveria se fazer a título de estratégia grupal, a sua intervenção serviu como base para outras que ocorreram posteriormente.

Seguiram-se mais algumas outras explicações até que aquele que viria a ser José, o pai terreno de Jesus – que por sinal, naquele momento ainda não sabia que iria ser escolhido para ser o esposo de Maria e, portanto, o pai terreno do Messias esperado – idealizou a sua proposta.

“Não creio que chegaremos a bom termo quanto ao que fazer. Acho inclusive que deveríamos deixar a critério do discernimento de cada um dos

que aqui estão, o que poderá ser feito. Em contrapartida, penso que deveria haver uma estratégia para aqueles que já se sentem aptos a realizarem trabalho de maior porte meritório, o que não é meu caso. Mesmo assim, entre a nossa grande família aqui presente, existem alguns com sobejas condições morais e intelectuais de firmarem compromisso com estratégias de pequenos grupos para fins específicos de apoio ao Messias.”

“Apenas suponho que o gigantesco trabalho que Ele irá iniciar, deverá ter muitas etapas de consecução. Vimos errando de há muito para que tudo seja consertado no tempo fugaz das vidas terrestres. Deduzo que não será na sua primeira vinda o grande trabalho a ser feito, mas sim no intervalo entre as suas vindas e em especial, talvez, em um tempo encarnatório difícil de ser agora por nós vislumbrado.”

“Proponho aos que se sentem vibrantes e cheios de júbilo por esse grande momento para todos nós, que se tornem trabalhadores desta hora memorável em que seremos brindados pela presença de uma expressão do Deus ao qual estamos reaprendendo a nos filiar por amor, mesmo que, quando nas vidas terrenas, disso não tenhamos consciência. Aos que, como eu, indecisos quanto à própria força íntima de capacidade realizadora, mas cheios de nobres intenções, possamos ficar livres de maior compromisso, preparando os nossos espíritos para que, quando por Ele solicitados, possamos, aí sim, desenvolver os nossos melhores esforços. Aos que insistem na confrontação com as trevas, apresento as minhas desculpas, mas não posso segui-los nesse intento, apesar de saber o nobre ideal que acalentam. Creio ser equivocado o curso dessas idéias. Mas reconheço a necessidade de que estejam livres para agir conforme o destino que for possível vislumbrar.”

“É o que posso ofertar, atendendo a tudo o que pude perceber do que aqui foi expressado.”

Foi assim, através da proposta daquele espírito, apoiada de pronto por todos os presentes, que foi aberta uma espécie de inscrição para aqueles que gostariam de se tornarem trabalhadores do que se passou a chamar de “primeira hora”.

Os espíritos daqueles que viriam a ser Gandhi – cujo nome da encarnação que teve na época de Jesus não ficou registrado na história – Estêvão, José de Arimatéia, Judas Iscariotes e os demais apóstolos, Lucas, Paulo, Ananias (Bezerra de Menezes), dentre outros, inscreveram seus

nomes cósmicos para serem trabalhadores da primeira hora. Foram poucos os que o fizeram.

Todo o restante daquela grande falange espiritual permaneceu em dúvida quanto ao que fazer. Recorreram aos seus mestres e, com a ajuda dos amigos espirituais, foram compondo pouco a pouco o ritmo a ser implementado no curso de suas futuras reencarnações e, em especial, a que iriam ter no tempo da vinda do Messias.

Somente o desenrolar dos acontecimentos, tanto na Terra como nos ambientes da Espiritualidade, é que iriam ajudar a montar os programas encarnatórios de cada uma daquelas individualidades.

PROJETOS ESPIRITUAIS

COM O FINAL DAQUELE CONCLAVE, cada grupo de trabalhadores espirituais começou a se reunir em torno de questões e objetivos comuns aos seus pares.

Alguns grupos se deslocaram até os ambientes espirituais da China com o intuito de ajudar parceiros daquela grande família que sequer participaram da reunião referida, que estavam reencarnados, sofrendo uma pressão constante das falanges trevosas que pretendiam – como de fato conseguiram – neutralizar séculos de avanços e conquistas ali realizados.

Por essa época, segunda metade do século III a.C., Chin Chi Hoang Ti, o primeiro imperador da Dinastia Chin – da qual derivou o próprio nome da China –, resolveu elevar a si mesmo a um status que ninguém antes dele havia ousado. Ele que nascera comprometido com a Espiritualidade Maior em realizar uma mudança profunda no curso dos acontecimentos naquela parte do mundo, pretendeu ser o centro de uma ordem celestial cuja criação correu por conta da sua própria megalomania.

Tão grande foi a sua presunção que procurou representar no solo terreno, através de construções memoráveis, a posição de algumas estrelas no céu, tendo a sua morada como o centro de todo esse complexo. A escala fantástica de suas idéias, pouco a pouco percebidas pela pesquisa arqueológica, haverá de assombrar mais e mais os estudiosos: ele pretendia viver e governar por cerca de 1000 anos.

Mesmo sem conseguir seu intento, durante o tempo de seu reinado – de 246 a 210 a.C. – tratou de organizá-lo cosmologicamente.

Por essa época, na China de Chin Chi Hoang Ti, cuja porção leste foi por ele unificada em 231 a.C., começou a surgir um estranho e novo conceito: o de que seria possível “não morrer”. Por mais estranho que possa parecer ao pensamento moderno, a inovadora idéia de escapar à morte encantou a muitos cérebros daquela época. O primeiro imperador decidiu tornar-se imortal. Para isso, por volta de 220 a.C., ele organizou uma série de expedições para as montanhas sagradas da China, para ali serem colhidas algumas substâncias – cogumelos e fungos especiais – que, ao serem corretamente consumidas, teriam a capacidade de transformar lentamente a pessoa em um ser imortal, não sendo mais necessário passar pelo momento da morte.

Surgiram elixires para toda sorte de pretensões. Estes, na sua maioria, eram formados por uma estranha mistura de plantas e minerais. Muitos morreram por conta da sua simples ingestão, encurtando de maneira drástica o tempo de vida que, paradoxalmente, pretendiam alongar. Mesmo assim, o culto da imortalidade foi uma estranha realidade naqueles dias.

O imperador não tolerava críticas de nenhuma espécie. Com o orgulho e a cegueira espirituais a lhe conduzir as tresloucadas atitudes, mandou queimar todas as bibliotecas que existiam, cujos volumes cobriam fatos históricos de mais de 2500 anos. Com isso, pretendia evitar que o seu governo fosse comparado a algum evento ou organização do passado, já que disso poderia surgir alguma expressão conceitual pouco lisonjeira para o seu desempenho. Dessa forma, “pegando carona” nas posturas equivocadas do imperador, os agentes das trevas conseguiram produzir uma “queima de arquivo” referente ao passado terrestre, somente semelhante ao que Nabon Assar, imperador da Babilônia, havia feito em 747 a.C., fato este também promovido pelos obsessores das falanges trevosas que pretendiam, como de fato o conseguiram, aniquilar o elo dos que vivem na Terra com o pretérito espiritual.

Mas o imperador, que se pretendia imortal, fez muito mais. Ciclicamente mandava matar quem com ele não se alinhasse nas suas pretensões. Em certa oportunidade, foram assassinados cerca de 460 estudiosos de Confúcio que costumavam criticar o curso dos acontecimentos do seu governo.

No meio de sua insistente busca da imortalidade, chegou mesmo a imaginar o que fazer, em vida, para que pudesse se proteger dos seus inimigos na próxima, caso desse errada a sua pretensão de imortalidade. Para esse fim, fez construir um grande exército de soldados, em tamanho natural, ladeando o seu túmulo, para protegê-lo na posteridade. O pior é que, quando de sua morte, em 210 a.C., os infelizes participantes do seu cortejo fúnebre foram mortos, sendo, inclusive, alguns enterrados vivos, por obediência a uma instrução que fazia parte do seu infeliz legado.

Foi exatamente a esse espírito que personificou Chin Chi Hoang Ti, que muitos membros do conjunto das famílias espirituais referidas anteriormente, tentaram ajudar, sem muito sucesso. Tão grande era – como infelizmente ainda é – a sua megalomania espiritual, que no século XX, Mao Tsé Tung, ao fazer as suas reformas radicais, tentava imitar o “primeiro imperador”, parecendo, com isso, a simples repetição de

tendências e inclinações espirituais de graves erros cometidos em um passado distante.

E assim as trevas conseguiram trabalhar o orgulho de espíritos embevecidos com a própria estupidez mental, gerando verdadeiras “queimas de arquivos” que revelariam páginas e mais páginas de um passado para nós hoje desconhecido.

Alguns grupos resolveram reencarnar por vezes seguidas entre os judeus, com o intuito de ajudar, conforme as circunstâncias espirituais de cada um, o fortalecimento daquele povo que havia sido escolhido pelo Mais Alto, para desenvolver um projeto de emancipação planetária que jamais chegou a ser realizado. Ainda assim, foi com base na tentativa de execução desse projeto que elaborou-se equivocadamente uma mentalidade de exclusivismo, de intolerância e de pretensão realce sobre as demais nações, aspectos que jamais foram pretendidos pela Espiritualidade e muito menos lhes foi prometido. O objetivo sempre foi outro, que, infelizmente até os dias atuais, não foi sequer compreendido pela maioria dos que continuaram a reencarnar como judeus, através dos tempos.

Dessa maneira, mesmo com o incômodo acúmulo de débitos cármicos, Judas Macabeu, membro da “heróica família” que rebelou-se contra o império dos selêucidas, criou o mini-Estado que, tendo Jerusalém como capital, subsistiu por cerca de um século quando os romanos passaram a dominar a Palestina. Muitos dos que participaram das lutas do povo judeu que tiveram início no século II a.C. contra os dominadores selêucidas, haviam estado presentes no conclave espiritual referido anteriormente. Todos contrairam débitos espirituais complicados.

Quanto aos demais grupos, após a percepção da impossibilidade de se levar adiante o plano pretendido de progresso planetário, ao tempo das encarnações em Alexandria, diversas falanges de espíritos trabalhadores se desobrigaram da continuidade das reencarnações que haviam sido planejadas quanto ao objetivo sonhado. O único ponto em comum entre as famílias espirituais envolvidas com a questão, é que todas resolveram seguir com as metas inicialmente traçadas, com a preocupação maior de fazer renascer os seus pares na Terra, na época exata prevista para o nascimento do “enviado dos céus”.

Foi dessa maneira que os espíritos de Kardec e de Rochester acharam por bem reencarnar na Gália francesa, entre os celtas, tentando adestrar os seus espíritos aos trabalhos do porvir. Aqueles dois espíritos não se

enquadravam muito bem no exercício da crença algo fanática que naquela época caracterizava a cultura religiosa judaica. Acharam por bem seguir um caminho diverso do que foi escolhido pela maioria dos membros do grande grupo que havia se reunido naquele conclave.

Por sinal, foi orientado a todos eles, pelos mestres espirituais mais experientes e lúcidos, quanto às possibilidades de realização na Terra das missões pretendidas, que nos cento e cinquenta anos seguintes, obedecendo às relações cármicas, cada um procurasse reencarnar conforme o objetivo que lhe fosse mais caro ou estratégico, para depois, ao tempo da vinda do Messias, reunirem-se todos em dois grandes grupos de trabalho: os grupos de Jerusalém e de Roma.

Por essa época, o império romano já se encontrava em plena expansão, e muitos foram os sofrimentos infligidos a quem com ele se defrontava. Algumas tribos celtas não fugiram a essa regra. E lá estavam os espíritos de Kardec e de Rochester sofrendo as angústias de um aprendizado que, se por um lado lhes foi muito produtivo, por outro trouxe doses de angústia e, no caso do espírito de Rochester, de um certo acúmulo de débitos espirituais.

Especificamente quanto ao seu espírito, quando ali reencarnado, dando continuidade a um dos muitos dos seus talentos espirituais, enveredou pelo campo da arte, tendo sido um bardo – nome dado aos poetas e cantores – entre os celtas. Foi uma rápida reencarnação. Logo depois, reencarnou como gladiador, dando vazão a um certo contexto de teste espiritual que lhe incomodava a alma.

O espírito de Kardec, diferente do de Rochester, apesar de intimamente ter desejado dedicar-se também ao adestramento espiritual no campo das artes, a princípio teve que dedicar-se a outros misteres, tendo sido um “sacerdote” druida entre os celtas, o que não lhe impediu de desenvolver-se no campo de sua predileção.

A religião gálica ficou sendo conhecida como o druidismo, apesar de que a instituição dos druidas não se constituía em corpo sacerdotal, como é normal às demais religiões que têm os seus sacerdotes. O título de druida equivalia ao de sábio. Destes, alguns poucos presidiam as cerimônias religiosas. A maioria, entretanto – e foi a isso que o então Allan Kardec esteve vinculado –, dedicava-se à educação dos jovens, a práticas políticas e judiciais e ao estudo das ciências e das letras.

Poucos estudiosos conseguem perceber que entre as tribos celtas daquele tempo, em especial no meio dos seus sacerdotes, corria também a

notícia de que um “enviado dos céus” estava para chegar. Conforme certa lenda cheia de inspiração profética que existia entre eles, o tão esperado Messias, de alguma maneira, teria contato com eles, quando os tempos fossem chegados.

Não foram poucos os cantos que um certo bardo entoou pelos vilarejos celtas, referentes aos anúncios dos sacerdotes druidas quanto a um emissário dos céus que estava por vir. Não foram poucas as vezes que um certo sacerdote druida viu-se envolvido por energias incomuns ao padrão humano, quanto a percepções futuras da vinda de um grande mensageiro celeste.

Ao tempo da codificação espírita, o Prof. Rivail foi informado por uma médium que ele reencarnara no passado como um sacerdote druida, de nome Allan Kardec. O espírito comunicante, cujo nome foi entendido pela médium como sendo Zéfiro, era exatamente o espírito de Rochester que, conforme prometera, ali estava para ajudar, dentro das suas possibilidades. Mas o evento da codificação será abordado mais adiante.

Fosse durante as vidas terrenas ou nos ambientes espirituais, entre as reencarnações, os espíritos relacionados com o processo da vinda do Mestre, eram a todo momento envolvidos por algum painel preparatório referente ao tema que norteava os seus esforços evolutivos.

Enquanto isso, o espírito de Ramatis permaneceu nos ambientes espirituais, já que era coordenador de uma grande falange, cujos pares normalmente se revezam no jogo das reencarnações, cabendo-lhe o acompanhamento amoroso de todo o processo do grupo ao qual se encontra vinculado por injunções do pretérito. Pretendia, também, em permanecendo na Espiritualidade, planejar junto com os demais membros da família espiritual a que pertencem os espíritos de Kardec e Rochester, as futuras encarnações que fariam à época do Cristo.

Por aquela época os espíritos de Ramatis e de Kardec já se encontravam desvinculados de maiores embaraços cármicos. Entretanto o mesmo não se dava com o de Rochester. Tudo estava sendo feito para que fosse atendido um desejo deste último para que pudesse, durante a vida terrena, encontrar-se com o Mestre amado. Desejava ardentemente, conforme as notícias veiculadas nos ambientes espirituais, estar apto para desincumbir-se de alguma tarefa, por modesta que fosse, junto ao Mestre. Mas isso não foi possível.

Por volta do ano 60 a.C., tendo o império romano já dominado toda aquela região do mundo, houve uma outra reunião – com participação mais modesta – nos ambientes espirituais próximos à região da Palestina.

Estavam presentes quase todas as entidades espirituais que iriam reencarnar na época da chegada do Messias. Fosse obedecendo a algum plano estratégico ou mesmo com liberdade para agir conforme as circunstâncias dos futuros momentos a serem vividos, todos ali estavam para avaliar, naquela que seria a última oportunidade antes do nascimento do Mestre, os fatos em curso para o necessário reordenamento dos esforços ou das diretrizes encarnatórias.

O espírito de Ramatis preferiu não se vincular a nenhum dos dois grupos de trabalho em formação – os de Jerusalém e de Roma – ajustando a sua iminente reencarnação para possivelmente ser um dos instrutores terrenos que, se os fatos acontecessem conforme o planejado, receberia a visita de um “jovem galileu” que, por volta dos seus vinte anos viajaria pelos centros iniciáticos daquela época na busca de conhecimento e experiências terrenas. Com a evolução dos acontecimentos, realmente o seu espírito terminou personificando um dos chamados “três reis magos” que visitaram Jesus, quando do seu nascimento. Mais tarde, foi visitado pelo jovem Jesus em memorável encontro que talvez um dia venha a ser relatado.

A maior parte daquela falange de trabalhadores formada por membros de muitas famílias espirituais congregadas em torno do nascimento do Messias, preferiu compor o grupo de Jerusalém. Tendo os espíritos que viriam a ser José de Arimatéia e Ana, a avó de Jesus, à frente da idéia da formação do grupo de Jerusalém, ali se inscreveram aqueles que viriam a ser Estêvão, Judas Iscariotes, Pedro, João, e demais apóstolos. Além destes, alguns com quem o Mestre viria a traçar relação de amizade como Lázaro, Zacheu e Nicodemus, os dois que viriam a ser crucificados ao lado de Jesus, como também mais de uma centena de individualidades que se tornariam seguidores e discípulos do Mestre, diversos espíritos de polaridade feminina que, por força das circunstâncias sociais da época, se congregaram em torno principalmente das pessoas de José de Arimatéia, de Lázaro, de Zacheu, além das famílias dos apóstolos e dos próprios familiares de Jesus. Foram cerca de 270 individualidades espirituais que se inscreveram para apoiar de alguma maneira, o trabalho do “enviado dos céus”. Dessas, não mais do que três dezenas cumpriram fielmente o papel a que se propuseram. Outras

quarenta não ajudaram, mas também não atrapalharam muito a sua missão. O restante dificultou em muito o trabalho de Jesus.

O espírito de José, o que viria a ser o pai de Jesus, não se inscreveu para trabalhar naquela primeira hora, o que ocorrera, aliás, também em reunião anterior. Mas, pela sua elevação moral, esperava-se que ele fosse um dos que seguiria à frente daquela falange de espíritos trabalhadores que iriam encarnar em situação existencial próxima à figura de Jesus.

A exemplo do espírito de Ramatis, ele achava mais prudente tentar desenvolver algum trabalho onde pudesse estar desvinculado de qualquer grupo e de outras circunstâncias. Por existir uma grande afinidade espiritual entre o seu espírito e o de Kardec, os dois costumavam conversar, nos ambientes espirituais, sobre muitos temas, em especial a chegada do tão esperado Messias.

Já haviam sido companheiros em diversas vidas passadas na Terra, isso sem contar o fato de pertencerem à mesma origem cósmica.

Naquela época já se sabia que o império romano havia dominado a Palestina e que, portanto, seguramente o Messias haveria de nascer em uma terra dominada por uma potência estrangeira.

Os dois amigos espirituais intentavam reencarnar entre os romanos, atendendo a certos compromissos afetivos do passado, já que ali estavam reencarnados diversos espíritos que lhes eram caros. Contudo, em uma certa oportunidade, o espírito daquela que viria a ser Ana, procurou o espírito de José para uma conversa reservada – que nos ambientes espirituais também existem. Sabedora de que, naqueles tempos, os espíritos de José e de Kardec estavam estudando juntos uma série de possibilidades para as suas futuras encarnações, resolve encontrar-se com ambos, até mesmo porque, como ela diria depois, o espírito de Kardec, com o qual possuía também relação de afinidade espiritual de encarnações antigas no Egito, poderia ajudá-la numa missão que o Mais Alto lhe encomendara.

Antes de reproduzir o teor da conversa entre os espíritos de Ana e de José, assistida pelo espírito de Kardec, é conveniente explicar que as falanges trevosas procuravam, a todo custo, descobrir informações sobre a vinda do “enviado dos céus”. As trevas somente sabiam o que puderam perceber através do anúncio de Zoroastro, entre os persas, dos diversos profetas do povo judeu, além de outras tradições religiosas daquele tempo, de que “alguém muito especial” iria nascer na Terra. E este “alguém” seria uma grande autoridade celeste que vinha em missão de âmbito planetário.

Colocaram “os seus melhores agentes” nos ambientes espirituais para acompanhar o fluxo das informações pertinentes à questão que tanto interessava ao quartel-general daquela grande e poderosa falange.

Em contrapartida, os poucos espíritos envolvidos pelo Mais Alto com o curso das preparações referentes à vinda do Messias mantinham, por sua vez, as modestas informações que tinham a respeito do assunto, envolvidas com o véu da prudência ou mesmo do mistério. Por isso, todo tipo de cautela foi tomada pelo grupo de trabalhadores espirituais que assessorava o espírito de Ana, para que a sua entrevista com os espíritos de José e de Kardec pudesse ocorrer sem que ninguém mais o soubesse. O simples fato de algum outro espírito saber e “pensar a respeito do assunto em local impróprio”, poderia ser o bastante para que os “espíões das trevas” pudessem adquirir as informações que tanto os interessavam.

Foi em um ambiente espiritual belíssimo, próximo à região dos Meteoros da Tessália, na Grécia, que o encontro teve lugar. Ali, em tempos idos, uma série de espíritos dotados de alto grau de evolução, haviam construído um ambiente espiritual difícil de ser acessado pelos que se encontravam na erraticidade. Não foi por menos que, milênios mais tarde, após o levante das construções espirituais, alguns monges no mundo dos encarnados, ali construíram diversos mosteiros de beleza singular.

“O que me trouxe até vós – começou a se expressar o espírito de Ana – é de todo sagrado para a minha alma, e sei que também o será doravante para as vossas. Em especial para ti, Shan Yonan (nome cósmico do espírito de José), pois sei do respeito que nutres por tudo o que existe. E é por saber do zelo que caracteriza todas as tuas atitudes que diante de ti solicito que me atendas no seguinte mister.”

“Como já declarei, fui escolhida para ser a mãe daquela que receberá como filho o nosso Pastor Cósmico. Por questões de impossibilidade de imantação espiritual à condição dos corpos terrestres, devido à pureza singular da sua organização espiritual, Ele não poderá nascer como fruto de uma relação sexual entre os seus pais terrenos. Um processo de sementeira da vida ainda desconhecido na Terra será levado a bom termo, no momento devido, para que o seu espírito possa ser seguramente fixado no íntimo daquela que será minha filha, o que pelos valores do mundo, que todos nós conhecemos, implicará em momentos de angústia e de aflição tanto para ela, quanto para mim e para aquele que será meu companheiro, como

também para o seu esposo, já que simplesmente a sua esposa aparecerá concebida, sem maiores avisos.”

“O mais complicado, pela minha avaliação, é que isso deverá ocorrer ainda em idade juvenil para que não venha ela a ter alguma relação sexual antes da imantação do espírito do nosso Mestre e Pastor, o que impediria todo o processo já arquitetado pelo Mais Alto. Ela terá que conceber virgem. É a única maneira dEle poder nascer entre os homens e mulheres da Terra.”

“Portanto, a minha futura filha deverá conceber cedo e já compromissada com um varão que não lhe venha a abandonar, depois de descobrir o inusitado, o que traria conseqüências complicadas para o seu psiquismo de mulher e de mãe, com possíveis conseqüências desagradáveis para o seu filho durante o período de gestação, o que poderá dificultar a sua missão na Terra. E não há outra maneira de fazê-lo, repito. Pelo menos assim me foi afirmado pelos amados membros do Conselho do nosso orbe.”

“Sabes quem foi a escolhida pelo Mais Alto para ser a mãe do “enviado dos céus”, Shan Yonan? A nossa querida Shan Sylle, da tua família capelina. Sabes quem ela desejaria ter como companheiro na venturosa porém difícil vida terrena, para receber aquele que será considerado como o Filho Dileto de Deus? A ti, querido Yonan. Os membros do Conselho aprovaram o teu concurso e, ao que me foi revelado momentos antes de encontrar-me convosco, é que uma certa aprovação vibrante de felicidade foi recebida pelo Mais Alto vinda dos ambientes de Capela.”

“Shan Sylle está neste momento se preparando para seguir-me os passos, já que devo reencarnar sem perda de tempo. Não poderá encontrar-se contigo, por questões de preparo energético do seu espírito, até que os caminhos da vida terrena os coloquem frente à frente. Por isso fui incumbida de procurar-te, em seu nome, na impossibilidade do seu próprio espírito poder fazê-lo, o que muito a agradaria.”

“Quanto à escolha de Sylle, poderia até mesmo haver engano quanto as possibilidades de sua atitude como companheiro e pai terreno de quem tanto aguardamos. Porém, se os membros do nosso Conselho, os mestres espirituais e, em especial, a vibração captada por eles vinda dos mundos de Capela estão em plena harmonia com o teu concurso, só posso acrescentar o meu próprio sentimento de júbilo pelos dias terrenos que nos esperam em salutar e fraternal convivência.”

“Há uma característica nas tuas aquisições espirituais que foi tida como essencial para o que espera o pai terreno do “enviado dos céus”. As trevas, ao perceberem a partir de um determinado momento a singular vibração da criança, se é que seus trabalhadores não perceberão antes, procurarão de todas as maneiras dificultar a vida da sua família. O teu espírito é aquinhado nas posses espirituais da paz íntima, da retidão de conduta, do discernimento maduro e da nobreza de sentimentos, independente das circunstâncias contrárias que o possam rodear. Já destes sobejas provas em vidas passadas do que agora afirmo. Por sinal, acompanho-me agora de dois espíritos bastante ricos neste mister” – disse de forma simpática, referindo-se aos espíritos de José e de Kardec que a escutavam. “E mais ainda: sois dos poucos, das famílias de Capela, que já sabem lidar com o fermento venenoso do orgulho e da vaidade pessoais que têm servido de porta ampla no psiquismo de muitos para a entrada das forças negativas.”

“Quanto a ti, ó Yonan, sois venturoso, já que és desprovido de posturas estereis no campo do psiquismo que têm posto por terra o trabalho de muitos missionários que aniquilam as missões das quais são portadores sem que, para isso, necessitem de outros adversários que não as próprias tendências e inclinações pessoais que lhe dominam a todo instante. Já fostes testado em diversas circunstâncias do pretérito espiritual. Fostes escolhido pelo afeto e escalado pelo mérito; o que farás?”

Shan Yonan estava como que petrificado, observando algum ponto no espaço. Foi necessário um longo tempo para que o seu espírito pudesse acostumar-se com todo aquele conjunto de novidades que o deixaram perplexo.

Eram muitas famílias cósmicas envolvidas com a vinda do Mestre. A família Shan era uma das menores em termos de quantidade de membros mas, também, uma das menos envolvidas com os problemas cármicos advindos da rebelião ocorrida no pretérito cósmico. Haviam convivido com o Mestre nos tempos idos de Capela, antes do problema vibratório que vitimou a todos que direta ou indiretamente se relacionaram com as ocorrências daqueles tempos.

“Não me acho habilitado para aceitar e ao mesmo tempo não posso recusar... Penso que será necessário ser melhor informado quanto ao que de mim é esperado...”, expressou-se Yonan.

“Nada se espera de nós a não ser o que normalmente os nossos espíritos já estão aptos a fazer”, refutou o espírito de Ana.

“Quando fui comunicada de tamanha graça, comecei também a perquirir e mesmo a cobrar dos mestres espirituais que eles me revelassem o que o Messias, ou alguém em seu nome, poderia ter informado quanto a sua vinda e alguns outros aspectos pertinentes à questão. Para minha surpresa, fui cientificada de que também eles, os mestres espirituais, nada sabiam, até mesmo porque o Messias fazia absoluta questão de enfrentar todos os mistérios e obstáculos comuns à condição terrena, e isso envolvia também os aspectos referentes ao nascimento. Por isso, apesar dEle estar acompanhando o rumo dos acontecimentos, todas as decisões individuais, e também no âmbito de grupos sobre as reencarnações a serem empreendidas pelos exilados, em especial por aquelas famílias que já haviam convivido diretamente com Ele no passado cósmico, correrão por conta de cada um ou de cada grupo envolvido com a questão. Nada foi orientado pelo Mais Alto no sentido de pedir ou mesmo informar coisa alguma, a quem quer que fosse reencarnar próximo a sua pessoa. Ele não quer nenhum privilégio e não o terá. É da sua vontade que assim seja.”

Muito mais foi conversado naquele recanto espiritual privilegiado. Ao final, Yonan consentiu em seguir com o espírito de Ana para a preparação, junto aos mentores, do seu “novo” programa encarnatório.

Quanto ao espírito de Kardec, obedecendo a injunções de compromissos assumidos no passado, deveria nascer como cidadão romano – grupo de Roma – e depois, conforme o curso das circunstâncias normais da vida terrena, dirigir-se por força do trabalho à região da palestina, onde voltaria a se encontrar com o grupo de Jerusalém.

Em outra oportunidade, o seu espírito, junto com o de Ramatis, participou de um encontro entre alguns membros do grupo de Jerusalém, já que o assunto em foco nos ambientes espirituais, era a dominação romana que se alastrava naquela região planetária.

Discutia-se sobre o rumo a ser seguido nas próximas reencarnações dos que ali estavam presentes. Naquela oportunidade, não se sabia ainda – pelo menos com absoluta certeza – que os judeus não conseguiriam se libertar do jugo romano, propiciando assim, ao Messias, a oportunidade de nascer em um país livre da opressão estrangeira.

Muitos insistiam no fato de que seria ainda possível uma contra-ofensiva que promovesse, em tempo hábil, a libertação da nação judaica.

Outros afirmavam que aquele ponto era uma questão de “honra espiritual” para quem já havia reencarnado em muitas vidas no seio do povo judeu.

Alguns poucos – entre esses os espíritos de Ramatis e de Kardec – achavam que o problema a ser resolvido estava presente nos escaninhos do espírito humano, independente da nacionalidade terrena, apesar de acharem lógico que seria melhor se o Messias nascesse em uma nação livre. Mas diante dos fatos terrenos, a força e a energia que iriam ser concentradas para tentar libertar a nação judaica do jugo romano, fatalmente haveria de piorar o ambiente vibratório do mundo e, em especial, daquela região, o que dificultaria a missão do Mestre.

Talvez houvesse uma “mão da Providência” por trás dos fatos terrenos, que nem mesmo eles estavam percebendo, já que os romanos eram mais abertos “a novidades, a inovações”, aspectos a que a cultura judaica se opunha frontalmente. Se o Messias viesse semear novidades, talvez fosse até mesmo melhor que a autoridade do império romano ditasse as “regras do jogo”, dando mais liberdade de ação à sua tarefa, se fosse o caso.

Ali naquela reunião foram novamente semeadas – já haviam sido antes, em outras oportunidades que não serão descritas neste livro – as questões referentes a figura de um Messias político, um rei que formaria um exército para dominar o mundo, ou a de um Messias filosófico, angelical, enfim, um mestre de sabedoria e de poder espiritual.

Para alguns estava claro que seria “impossível” um “enviado dos céus” descer à Terra para fazer guerras. Para isso, diziam os defensores dessa tese – entre os quais se encontravam os espíritos de Ramatis e de Kardec – não seria necessário a vinda de ninguém mais, pois já existiam candidatos de sobra para o papel de chefe ou líder terreno. Para outros, a Providência Divina poderia mesmo utilizar um grande rei como instrumento de renovação planetária.

O que de concreto existia e que inquietava profundamente a maioria dos que ali estavam, era o fato de que os judeus iriam continuar a ser obrigados a se espalhar por outros países, já que com a vitória dos romanos, em 63 a.C., a Palestina passou a ser um protetorado romano. Com isso, a dispersão dos judeus em fuga e perseguições de toda ordem começaram a ocorrer, o que seria uma dificuldade a mais a ser superada, conforme o juízo dos que ali estavam. Cada vez mais os judeus se enfraqueciam exatamente quando precisavam estar fortes para receber o tão esperado Messias, pensavam. Esse processo de dispersão do povo judeu seria, por sinal,

acentuado mais ainda, cerca de aproximadamente 100 anos mais tarde, quando da destruição do Templo de Jerusalém, em 70 d.C., pelas forças romanas que abafaram mais uma fracassada rebelião dos judeus.

Aqueles discípulos de Jesus que viriam a pertencer à seita dos zelotes, que defendiam a luta armada contra os romanos, estavam todos ali reunidos naquela oportunidade, inclusive alguns que viriam a ser escolhidos como apóstolos. A avaliação que estavam fazendo era no sentido de se encontrar alguma estratégia para reverter a situação no mundo dos encarnados. Mas, no sentido pretendido, nada havia a ser feito. O império romano seria a potência estrangeira a dominar o mundo onde o Messias nasceria. Por isso que muitos espíritos, pretendendo ajudar, reencarnaram no grupo de Roma.

Faltava pouco para que os espíritos com programa encarnatório na época de Jesus começassem a encarnar.

E assim, conforme a estratégia de cada encarnação em referência à época prevista para a vinda do Mestre, nasceram para o mundo terreno primeiro os espíritos de Ramatis e de outros que se espalharam pelas terras do Oriente, dando prosseguimento aos já desenvolvidos núcleos iniciáticos e escolas de mistérios que existiam espalhados por todos os quadrantes. Depois, os espíritos de Rochester e da maioria dos membros do grupo de Roma. Mais tarde seguiriam o de Kardec, o de Lucas, o de José de Arimatéia, dentre outros. Por fim, os membros do grupo de Jerusalém, que iriam compor o quadro dos amigos, dos discípulos e dos apóstolos do Mestre.

Na carne havia quatro mil e poucas pessoas, todas esquecidas dos acontecimentos espirituais que antecederam os seus nascimentos e acoissadas pelas forças espirituais negativas. Muitos sequer conseguiram cumprir com os padrões minimamente exigidos pelas suas próprias consciências espirituais. Várias delas não conseguiram nem mesmo levar o rumo de suas encarnações para a graça do encontro, nem que discreto, longínquo ou furtivo, com o Mestre. Afinal, somente vê-lo, ouvi-lo, tornar-se seu discípulo, receber a sua fragrância espiritual e o magnetismo de sua presença, trocar idéias com Ele, participar de alguns de seus momentos, ajudá-lo na sua missão, ser por Ele ajudado, conviver com Ele um pouco que fosse, são graças celestiais que uma autoridade cósmica derrama invariavelmente naqueles que têm o privilégio de cruzarem seu caminho. Mesmo os que o caluniaram, que o prejudicaram, que dificultaram a sua missão ou até aqueles que o crucificaram.

Chegada a sua hora, ele nasceu independente de tudo o mais. De maneira modesta, sem nem mesmo contar com o mínimo de conforto, cercado de pessoas que não o entendiam, Ele deu tudo o que tinha sem nada pedir ou esperar receber em troca. Fez-se um simples homem, apesar de ter vivido como um deus.

Assim foi Jesus, aquele homem diferente, calmo, cuja presença irradiava uma energia tão singular que envolvia a todos. Olhos claros e suaves, sorriso discreto nos lábios, sem afetação de nenhuma ordem, convivia com os que dele se aproximavam como se fosse o mais simples dentre todos.

Tudo sabendo, agia como se nada soubesse, respeitando os limites da ignorância humana, mesmo sabendo que iria ser por ela premiado com uma morte infame. Ainda assim, amou-nos até o último suspiro do seu corpo já combalido.

Ali, aos pés da cruz que representava a hipocrisia judaica unida à ignorância e ao orgulho romanos, estavam congregados em um certo fim de tarde, logo após o seu corpo ter expirado, alguns daqueles que, nos ambientes espirituais, não fazia muito, desenvolviam os sonhos e expectativas do que fazer para ajudar aquele cujo corpo agora estava sendo retirado da cruz.

Ninguém entendia absolutamente nada do que estava se passando. Uma estranha sensação dominava as poucas pessoas que ali estavam.

Já havia ocorrido uma série de fatos estranhos a respeito dos quais nada se comentou naqueles momentos. Os romanos, orgulhosos, não queriam reconhecer que aquela execução havia sido diferente de tantas quantas já haviam realizado. Os judeus, talvez já acostumados ao fato de que tudo referente àquele homem, o crucificado do meio, era realmente estranho ao padrão comum terreno, também nada comentavam já que haviam presenciado muito mais em outras oportunidades. Além disso, estavam todos muito cansados, sem forças para maiores expressões da tristeza que os envolvia.

O silêncio somente era quebrado por um ou outro comentário referente aos preparativos em curso.

Dois oficiais romanos, entre os quais o centurião que havia comandado a crucificação, alguns soldados, José de Arimatéia acompanhado de um amigo e mais dois servos, João, que viria a ser o Evangelista, que foi o único apóstolo a acompanhar seu Mestre até o último momento, Maria, sua

mãe, acompanhada de Cleofas – que chegou já no final da execução – e de algumas outras mulheres; desses, coube ao centurião e a mais alguns soldados, conduzirem o corpo já sem vida até uma propriedade de José de Arimatéia, próxima ao local.

Algumas poucas pessoas, taciturnas, observavam mais afastadas os últimos instantes da crucificação e o cortejo que agora se dirigia ao local apontado por José de Arimatéia. Ainda havia uma certa movimentação em torno dos acontecimentos referentes aos outros dois que haviam sido crucificados ao lado do Mestre.

Ali se encerrava um capítulo de uma história até hoje não esclarecida de todo. Não se sabia antes, como não se sabe ainda na atualidade, o pano de fundo da missão daquela autoridade cósmica que resolveu primeiro nascer como um simples homem, para mais tarde retornar em toda a sua glória celestial, ou seja, na sua própria forma cósmica de autoridade que Ele é.

Daqueles que reencarnaram para serem trabalhadores daquela primeira hora, muitos retornaram aos ambientes espirituais em condições psicológicas precárias. Poucos foram os que, encontrando-se ou não pessoalmente com o Mestre, cumpriram as obrigações assumidas anteriormente.

Quando todos os espíritos que reencarnaram no intervalo compreendido entre os séculos I a.C. e I d.C. retornaram aos ambientes da Espiritualidade, os mentores das famílias espirituais envolvidas com os projetos cuja execução estava sob a responsabilidade dos grupos de Atenas, de Alexandria, de Jerusalém e de Roma, resolveram realizar uma espécie de conclave para o necessário reordenamento dos esforços quanto ao porvir.

Por essa época, as individualidades espirituais de Lucas, o Evangelista, de José, o pai terreno de Jesus, de Maria, de José de Arimatéia e de Estêvão, apenas para citar o nome de algumas entidades que viveram à época de Jesus, tomaram a iniciativa de procurar conclamar aqueles que estavam vivendo o ápice de uma profunda e singular crise espiritual, com remorsos e sentimentos de culpa alarmantes pelo que havia sido feito a Jesus, a se candidatarem como “trabalhadores da última hora”, já que não haviam sido de todo felizes nas suas últimas realizações terrenas.

Assim, por volta do ano 130 d.C., outro conclave promovido por aquelas mesmas famílias espirituais envolvidas com a questão, teve lugar em um ambiente espiritual próximo à cidade de Roma.

Ali estavam reunidos os espíritos que haviam personificado as figuras dos avós maternos de Jesus, dos seus pais terrenos, dos pais de João Batista, além dele próprio, de todos os apóstolos – à exceção do de Judas Iscariotes que, por questões pessoais estava envolvido com outra ordem de problemas – de muitos dos seus discípulos, José de Arimatéia, Lázaro e suas irmãs, Zacheu, Lucas, Marcos, Estêvão, diversos mestres que haviam estado com Jesus antes do início do seu ministério público, espíritos que haviam sido seus familiares, amigos de infância e de adolescência, personalidades romanas que tiveram contato pessoal com o Mestre, Paulo de Tarso, Ananias, Barnabé, dentre outros. Além desses, muitos judeus, gregos, árabes e romanos que haviam reencarnado com o objetivo de conhecê-lo, estar com ele, mas que sequer chegaram a avistar Jesus, por força de opções outras do livre-arbítrio pessoal no decurso da vida terrena.

O trauma espiritual era a tônica da psicologia de todos os presentes.

Exatamente os que mais de perto haviam convivido com o Mestre eram os mais combalidos por verem agora quanto de equívoco haviam cometido ao seu lado. Mesmo aqueles que muito fizeram para ajudá-lo, estavam agora remoendo traumas complicados.

O espírito de Lucas, ladeado pelo de Estêvão e o de Pedro, assim se expressou para os que ali estavam congregados.

“Somos todos, aqui reunidos, quase a totalidade das nossas famílias espirituais. Somente aqui não se encontram aqueles que enveredaram pelo tortuoso caminho da pretensão descabida do exercício estéril da magnificência espiritual, do ódio e da intolerância, já que do orgulho e da teimosia padecemos ainda todos nós. Mas há limites além dos quais não nos é dado ultrapassar, sob pena de nos tornarmos vítimas de um torvelinho que, quando iniciado, demora a cessar e não nos permite, por um longo tempo, repousar as nossas consciências no equilíbrio espiritual que nos é próprio, por sermos herdeiros da condição do Pai Celestial.”

“O Mestre Amado, a despeito do que possamos avaliar, deixou semeado no coração do mundo, o pão espiritual que há de saciar a fome de paz, de harmonia e de justiça que marca a todos os que lá vivem. Precisamos cuidar, com zelo e devoção, para que a Árvore da Vida Eterna, por Ele plantada, cresça e dê frutos, porque somente assim os nossos espíritos poderão se fortificar, alimentando-se da paz e da mansuetude que Ele legou às gerações futuras.”

“Cuidemos, pois, em especial vós que nos ambientes espirituais deste orbe permanecerão no circuito incessante das reencarnações, para que cada oportunidade na Terra reverta-se em realizações no campo do esclarecimento e do testemunho amoroso. Com isso, a cada doutrina elucidativa lá fecundada pelos trabalhadores espirituais, mais e mais sinalizações da boa conduta espiritual estarão sendo postas às margens da estrada da vida terrena, para que todos possam se conduzir na direção correta da busca espiritual, promovendo a paz e o progresso. Dessa maneira, qualquer que seja o rumo tomado, estarão sempre no sentido do norte amoroso testemunhado por Jesus.”

“Nós outros, acalentados nesta primeira hora de redenção que se promove na Terra pela misericórdia do Cristo Senhor, por Ele convidados a nos retirarmos do contexto do orbe terreno para adestrar as nossas consciências em mundos aqui próximos, levaremos conosco a certeza da persistência serena e amorosa nos ideais que sempre nos moveram a conduta espiritual. Daqui iremos para que, fortalecidos na convivência singular com outras famílias siderais, possamos, oportunamente, retornar para preparar a próxima vinda do Senhor.”

“No tempo propício aqui retornaremos, na posse da investidura cósmica que nos seja normal ao exercício da nossa cidadania celeste, já que somos todos cidadãos cósmicos, como o sabeis. Retornaremos para o trabalho vindouro como hoje o fazem aqueles chamados de anjos, por não existir outra nomenclatura para denominá-los na limitada expressão humana. E quando aqui estivermos, seremos novamente convosco irmãos e irmãs em objetivo de redenção comum, já que a nossa causa é uma só: a redenção de todos os que vivem congregados no orbe terreno e regiões dimensionais adjacentes.”

“Que fiquem nos vossos espíritos a certeza do nosso retorno, porque assim prometido pelo Mestre. Sabemos que quando aqui voltarmos, vos encontraremos despertos para a busca incessante do bem, do amor, da beleza e da harmonia. Levaremos, de nossa parte, como lembrança imorredoura, a milenar parceria amorosa, sempre buscando a realização espiritual, desde que neste orbe chegamos. Se separados estaremos pela aparente distância cósmica, permaneceremos eternamente unidos em torno dos nossos ideais de redenção e no amor semeado em nós por Jesus.”

E assim, diversos personagens cujos nomes ficaram registrados nas páginas do Novo Testamento, como também alguns outros que não

passaram à História, por terem agido satisfatoriamente nos seus papéis durante a missão de Jesus, estavam se preparando para deixar o orbe terreno. Iriam na condição de espíritos desencarnados para exercer temporariamente suas cidadanias cósmicas em outro orbe, como haviam exercido na Terra. Libertos dos grilhões cármicos que os prendiam à primitiva realidade terrena, pelos méritos conquistados, iriam nascer, ou melhor, “acontecer” para uma outra realidade planetária. Lá, no tempo normal de uma vida – utilizando os vocábulos comuns da expressão terrena – estariam se desenvolvendo para poderem ajudar aos seus irmãos e irmãs que ainda permaneceram no ciclo das reencarnações terrenas.

Quando a Terra apresentasse condições propícias para que pudessem voltar e tentar ajudar ao progresso planetário – o que ocorreu por volta do século XVIII – alguns deles aqui regressariam para reencarnar nos séculos XIX e XX, dando as suas contribuições pessoais. Outros aqui retornariam não para reencarnar, mas nas suas condições normais, portanto considerados como seres extraterrestres, para preparar a reintegração da Terra à convivência cósmica, já que há muito estamos isolados desse intercâmbio.

É importante ressaltar que o conclave que teve lugar em ambiente espiritual próximo à Roma, durou, no fuso do tempo terreno, cerca de uns cinquenta dias. Lá se analisava quem dos trabalhadores, realmente considerados como da primeira hora, iria se ausentar do contexto terreno.

Conforme rezam os preceitos das leis cósmicas, desconhecidos para os que vivem na Terra, pelas injunções do problema planetário diante do cosmo, alguns dos seus habitantes, assim considerados como sendo aqueles que aqui encarnam ciclicamente, teriam que se habilitar com certas aquisições da alma para poderem ajudar estrategicamente à evolução planetária.

Não vamos, nesta oportunidade, aprofundar essa questão, seja por não ser o tema central do presente livro ou mesmo pela absoluta falta de termos comparativos com os valores terrenos.

O fato é que alguns seres teriam que sair do contexto terreno. E no referido conclave, analisava-se quem, dentre os que haviam adquirido condição vibratória para tal, iria sair, e quais os que permaneceriam, pois era mister que permanecessem trabalhando nos ambientes espirituais terrenos, espíritos de alto padrão vibratório no campo da moral e da vibração amorosa.

Por força das circunstâncias, dez dos doze apóstolos, tiveram que se colocar entre os que saíam. Somente os espíritos de Judas Iscariotes e de João Evangelista permaneceriam no contexto terreno. O primeiro por questões de grilhões cármicos; o segundo, atendendo a um pedido do próprio Mestre, que solicitou que o seu espírito permanecesse encarnando na Terra até que ele retornasse (Jó 21, 20-23), o que por sinal, tem feito até os tempos atuais em que este livro está sendo escrito.

Ananias (Bezerra de Menezes), que poderia ter se ausentado da Terra, foi um dos que decidiu ficar. Outros aqui permaneceram, mesmo tendo sido trabalhadores de relevância na primeira hora; por grilhões ou compromissos cármicos, tiveram que permanecer. Dentre eles podemos citar Paulo de Tarso, Barnabé, Zacheu, Lázaro e suas irmãs, todos os discípulos que acompanharam Jesus e muitos outros.

Saíram do contexto terreno os espíritos de Maria, Ana, José, Lucas, José de Arimatéia, Estêvão, Marcos, João Batista (o Precursor), Tiago (o Justo), demais irmãs e irmãos terrenos de Jesus, dentre outros. Daqui também saíram muitos daqueles que foram profetas do Antigo Testamento e filósofos e mestres na Grécia, como Sócrates, Platão, além de outras ilustres personagens dos tempos referidos. Dos que saíram, alguns deles retornaram à Terra, por volta do século XVIII, para ajudar na codificação espírita, além de outros misteres. Os demais – e mesmo os que já haviam se desincumbido de suas encarnações no século XIX – apresentam-se como seres extraterrestres e vêm preparando o ambiente planetário para o retorno do Mestre, na sua glória cósmica, como Ele mesmo prometeu.

Dos que ficaram reencarnando na Terra, muitos se inscreveram para serem trabalhadores da última hora, antes da segunda vinda do “enviado dos céus”. Dentre estes, estavam os espíritos de Ramatis, de Kardec e de Rochester – e muitos outros que ainda estão comprometidos com este planeta.

FIM DO SONHO ROMANO

COM O TEMPO, a Espiritualidade Maior decide liberar as famílias espirituais envolvidas com as Promessas do Enviado dos Céus que, na tradição mundial, após a sua primeira vinda, passou a ser denominada como as Promessas do Cristo.

Ora, se o “enviado dos céus”, antes mesmo de nascer como um simples homem, já havia prometido – em outros ambientes existenciais entre os diversos que existem nas “muitas moradas do Pai” – que nasceria na Terra e depois retornaria para “julgar os vivos e os mortos”, com vistas à reintegração do planeta à convivência com as demais civilizações cósmicas, e se Ele já havia cumprido a primeira parte da sua promessa, seria de todo razoável que fosse criada uma expectativa, para muitos, ou uma certeza, para outros, de que Ele um dia retornaria.

Quando esteve entre os homens e mulheres do mundo, fez absoluta questão de cumprir em si mesmo todas as profecias constantes no Antigo Testamento. Fez mais: prometeu ressuscitar e ressuscitou; prometeu enviar também o Consolador para explicar e esclarecer o que não lhe foi possível naquele tempo, por absoluta falta de condição para ser entendido. Afinal, o mundo para o qual a sua missão estava inicialmente preparada deveria possuir um nível cultural e de conhecimento científico muito superior ao que encontrou, o que lhe dificultou a expressão dos ensinamentos e das orientações que pretendia ofertar. Por isso, obrigou-se a prometer que o Consolador haveria de vir para complementar a sua missão – e enviou o Espiritismo, cumprindo mais uma vez a sua promessa. Fez mais ainda: repetiu exaustivamente a promessa já feita antes, em outros níveis existenciais, de que retornaria no “final dos tempos profetizados” para novamente abraçar a todas as suas ovelhas, dando a cada uma conforme os méritos conquistados, ao longo do período de exílio na Terra.

Como essa volta somente se daria depois da vinda do Consolador, quando os tempos fossem chegados, a Espiritualidade diretora deste orbe resolveu deixar a critério de cada família espiritual a arquitetura dos programas encarnatórios de seus membros, até que soasse a hora de um planejamento maior a ser elaborado.

Dessa forma, cada família elegeu os seus próprios mentores, preparou os espíritos que poderiam servir de guia espiritual aos que iriam encarnar, e

através de repetidas avaliações de rumo e de esforços em relação aos objetivos pretendidos, cada uma delas foi executando os planos traçados, conforme as possibilidades dos seus pares.

Naquela época se achava que, como o objetivo maior de todos sempre foi o de religar a Terra ao circuito da convivência cósmica, fazendo cessar o isolamento que estava prejudicando todo um processo de avanço psicológico, moral e intelectual dos que estavam presos ao orbe terrestre por força dos equívocos do passado, somente quando surgissem no horizonte do futuro longínquo as condições para o esclarecimento moral e o avanço tecnológico, é que soaria o grande chamamento para todos os trabalhadores espirituais. Sem posturas de coexistência social e política educadas, sem a devida sustentação da componente moral a nortear os esforços evolutivos, e sem padrão científico e tecnológico para descobrir o Universo que nos rodeava, seria mesmo impossível proceder a reintegração da Terra ao cosmo.

Por aquela época estimava-se que mais uns mil anos e haveria novamente condições para que os membros do grupo de Alexandria, acrescidos de outras individualidades espirituais que foram se qualificando para o trabalho, novamente executassem o plano progressista nas regiões do planeta cujas condições fossem as mais propícias para que rapidamente o progresso – norteadado pela moral e pela fé esclarecida – pudesse fincar os seus alicerces em diversas nações.

A única decisão que seria tomada naquela época era referente a quais famílias iriam se dedicar ao mister formativo, com ênfase na elucidação moral, filosófica e religiosa, ou às atividades no campo político, no âmbito das organizações, fossem elas religiosas, civis ou do exercício do poder, ou ainda aos estudos com vistas ao progresso científico e tecnológico.

Não se chegou a maiores acordos e ficou decidido que cada subgrupo, dentro das famílias, conforme as suas relações de afinidade, iria se dedicar ao adestramento espiritual mais diretamente relacionado com as suas possibilidades de consecução. Isso não impedia que uma mesma individualidade dividisse as suas experiências encarnatórias pelos três campos de ação. Por sinal, muitos espíritos o fizeram.

E foi assim que nas civilizações cosmopolitas daquele tempo, comuns à expansão do *helenismo* e depois à própria expansão do império romano, muitos espíritos trabalhadores reencarnaram para realizar trabalhos e missões específicas em torno dos dois principais valores Universais

dominantes que existiam no mundo ocidental: o pensamento e arte dos gregos que compunham a base do *helenismo*, e o jus (direito) e a política dos romanos.

É importante ressaltar que, a partir daquela época, os membros das famílias espirituais que vêm sendo referidas neste livro, passaram a reencarnar quase que exclusivamente no Ocidente. Isso nos obriga, portanto, a fazer referência ao mundo ocidental com maior ênfase que o oriental. Para que não fiquemos omissos quanto ao que lá ocorria é que, mais adiante, apresentaremos um capítulo sobre o assunto.

Assim, as três individualidades espirituais que estamos usando como personagens centrais da presente narrativa, resolvem seguir apoiando-se mutuamente, apesar de cada um ter que levar adiante os seus projetos pessoais, conforme as circunstâncias cármicas específicas, fossem positivas e/ou negativas.

O espírito de Kardec reencarnou ao tempo da decadência do Império Romano do Ocidente. Por essa época, a Itália era cristã e encontrava-se ocupada desde 493 pelo exército e pelo rei dos godos, Teodorico. Ele governava a Itália a partir da cidade de Ravena, impondo a sua autoridade por toda aquela região, como se compensando causas e efeitos cármicos ao tempo do império romano da época de Jesus, que a tudo dominava, inclusive as terras da atual Palestina. Com a vitória dos godos, deixava de existir o Império Romano do Ocidente, restando apenas o do Oriente sob a autoridade dos césores gregos de Constantinopla – mais tarde Istambul.

Apesar da invasão, Roma continuava a ser uma grande cidade, com seus papas, sua aristocracia, suas honras consulares e senatoriais. Teodorico, apesar de iletrado, sabia perfeitamente que seus pares não tinham a menor capacidade para exercer a arte de governar. Sabiam apenas guerrear. Por isso, necessitava da aristocracia romana para bem desempenhar o seu governo. Com essa estratégia em mente – não havia outra alternativa –, aproximou-se das principais famílias romanas da época. Mantendo seus soldados afastados, nos afazeres militares nos acampamentos circunvizinhos, com habilidade política, o imperador recrutou os seus mais altos funcionários e ministros entre os membros das famílias romanas mais tradicionais.

Foi exatamente nessa época que Anício Mânlio Severino Boécio (480-524), filho de uma das mais nobres famílias senatoriais romanas, a família Anicius, que era cristã há mais de um século, começou a desenvolver os

seus esforços no campo da música, da literatura e da política. Seu pai, que havia sido cônsul por volta do ano 487, morreu muito cedo, o que levou o jovem Boécio a encontrar apoio de um amigo mais velho na pessoa de Quinto Aurélio Símaco – reencarnação do espírito que no futuro viria a ser João Henrique Pestalozzi.

Boécio tinha uma cultura singular. Era um romano “helenizado” que conhecia o grego com rara habilidade. Desde cedo idealizou um grandioso projeto de traduzir para o latim toda a obra de Platão e a de Aristóteles, projeto este que conseguiria realizar apenas em parte, devido ao pouco tempo que lhe restou após as intrigas palacianas que o levaram à morte. A forma como morreu lhe serviu, inclusive, como uma espécie de primeira compensação cármica pelas injunções referentes ao fato de, ao tempo de Jesus, ter tomado parte na crucificação. Mais tarde, reencarnado como Jan Huss, e também morrendo condenado por volta dos seus 44 anos, extinguiria de vez o débito contraído no tempo em que serviu como militar romano, na Palestina.

Enquanto desenvolvia seu projeto, entrou para a carreira da magistratura, aconselhado que fora por Símaco. Mais tarde tornou-se questor e depois cônsul em diversas ocasiões ao longo dos anos 510 e 511. Por essa época Boécio tinha apenas 30 anos.

A sua função política sempre baseou-se, diante do inevitável, em tentar de todas as maneiras uma coexistência pacífica entre romanos e godos.

Por defender um senador a quem estimava, que fora acusado de trair o imperador Teodorico em favor do imperador de Bizâncio – forma pela qual também era chamada o imperador romano do Oriente –, Boécio viu-se implicado em uma questão que não lhe dizia respeito diretamente. Contudo, por uma questão de caráter, defendeu o senador a quem estimava, inclusive na presença do próprio Teodorico, na cidade de Verona, o que lhe serviu como uma sentença de morte.

Foi preso, condenado à morte e executado no ano 524.

Logo depois, um outro amigo pertencente à mesma família espiritual que reencarnara para trabalhar no seio da igreja romana, que inclusive se tornara o papa João I (523-526), também teve sua vida ceifada pelos mesmos desígnios das intrigas políticas da época. Alguns anos antes, na época do papa Gelasio (492-496), o papado havia conquistado a sua independência absoluta, pelo menos em teoria, tanto em relação ao imperador como também aos concílios eclesiásticos que sempre

pretenderam impor as suas decisões ao papa, situação que persistia até então. Foram tempos difíceis.

Foi durante o pontificado de João I que Dionísio, o Pequeno, que era um escritor eclesiástico, recebeu do papa a incumbência de calcular a data da Páscoa. Contudo, ao desenvolver os seus estudos, ele resolveu estabelecer a data de nascimento de Cristo conforme lhe permitiram as circunstâncias da época, o que provocou uma diferença de alguns poucos anos. Em 531 ele apresentou aos doutores da igreja a sugestão de contar os anos a partir do nascimento do Senhor. Até então, o ano 1 correspondia ao da ascensão ao trono de Diocleciano (284), imperador romano. A sua nobre intenção era a de acabar com a desordem criada pelos diversos sistemas de contagem cronológica que existiam. Na época a sua sugestão não foi aceita, o que viria a acontecer mais tarde. Contudo, ocorreu um outro problema. No tempo de Dionísio o número zero não havia ainda sido inventado, o que o levou a não determinar “um ano zero”. Por isso, somente as décadas, os séculos e os milênios terminam em zero e, não, os seus respectivos inícios.

A condenação que foi imposta a Boécio pelos godos foi de ordem política. Entretanto, no contexto da época, assumiu um significado religioso, já que depois foi considerado santo e recebeu as honras de mártir.

Mais tarde, quando a obra escrita em plena prisão foi se tornando conhecida, a Igreja não o perdoaria por ele não ter dado um testemunho religioso mas, sim, de ordem filosófica, já que a sua principal obra, *Consolação da Filosofia*, escrita entre duas sessões de tortura, colocava a musa da filosofia como sendo a sua verdadeira fonte de consolação diante da morte, e não os santos, ou algum outro ícone dos valores católicos.

Naquela oportunidade, o imperador Teodorico, um dos membros de uma certa família espiritual que reencarnara com o possível compromisso de dar a devida sustentação para que a latinidade fosse traduzida para a posteridade, cuidando para que a influência de Sócrates e Platão pudesse fermentar a filosofia já distorcida do Catolicismo nascente, terminou por impedir o que o seu próprio espírito se comprometera a realizar.

De toda forma, Boécio foi um dos personagens mais significativos da latinidade.

Mais uma vez diversos parceiros das famílias espirituais envolvidas com o progresso planetário, haviam reencarnado para a realização de um projeto comum que fracassava no seu todo, sobrando sob certos aspectos algum tipo de mérito ou mesmo de avanço promovido circunstancialmente.

Apesar de não se conseguir executar o que estava planejado, pelo menos em termos dos programas encarnatórios individuais ocorria algum progresso, o que era motivo de conforto para os mentores das famílias espirituais envolvidas.

Tomando-se por inevitável a premissa de que a cada mergulho na carne o espírito tende a se complicar, por esse simples fato, em um mundo que poderia ser considerado na escala cósmica como sendo subdesenvolvido – como sabem os estudiosos das coisas da Espiritualidade –, somente vivem individualidades que necessitam expurgar suas faltas, sendo, por conseguinte, inevitável a existência dos escândalos.

Analisemos o preceito evangélico de que “o escândalo há de vir, mas aí de quem pelo escândalo venha” (Mt 18, 7); o que isto significa? Que em mundos onde a quase totalidade da população é formada por espíritos que necessitam purgar seus equívocos, o sofrimento e a dor tornam-se inexoráveis. Mas aí de quem os causa, porque estará, por sua vez, invariavelmente contraindo débitos. E essa é a triste situação dos que vivem na Terra: encarnam em um mundo complicado onde quase nunca os bons projetos espirituais dão certo e, a cada equívoco, mais e mais débitos espirituais são adquiridos para serem saldados no futuro.

Dizem os mentores espirituais que, após o espírito contrair, por expressão do seu livre-arbítrio, algum tipo de débito moral diante das leis que regem a evolução espiritual, somente poderá compensar este débito através de duas alternativas ou possibilidades: adquirindo méritos morais e/ou sofrendo o que fez sofrer para, através da dor, poder “encarar” quem fez sofrer.

Em análise simples, na primeira hipótese, quando da execução de tarefas meritórias ao longo da vida, o sofrimento poderá tornar-se desnecessário porque o acúmulo de “créditos espirituais” compensaria as faltas cometidas. Dizem os mentores que assim dispõe um “sentido gradualístico das leis do carma” ainda por ser melhor explicado ao entendimento humano. Quanto à segunda, na impossibilidade da aquisição de méritos, por qualquer motivo que seja, somente o sofrimento dará a mínima condição moral para que o espírito em falta com as leis cósmicas possa reabilitar-se diante de si mesmo e dos outros. É como se algum espírito, após sofrer as conseqüências geradas pelos próprios erros, pudesse procurar aqueles a quem fez sofrer no passado e dizer: “O que fiz a vocês, sofri em mim mesmo. Assim como eu perdoei a quem me fez sofrer, espero

agora ser perdoado. Já que não pude adquirir os méritos morais necessários pela consecução de boas obras, tive que adquiri-los pelo exercício da dor, que ensina e renova. Sinceramente espero que me perdoem porque, de minha parte, sinto-me livre para arquitetar o futuro, já que, quanto ao passado, moralmente julgo-me desincumbido de suas conseqüências negativas.”

O exemplo citado, na verdade, retrata ocorrência comum nos ambientes espirituais, pelo menos no que se refere à coexistência entre os espíritos que têm um mínimo de boa vontade para com a sua própria rota evolutiva. Muitos existem que sequer se preocupam com isso. Sofrem e fazem sofrer sem a menor habilidade mental para perceber as razões entre causa e efeito. Infelizmente, muitos ainda estão completamente perdidos nessa espécie de circuito fechado do sofrimento terreno: nascem para expiar as faltas do passado – o que conseguem em parte –, mas sempre praticam novos equívocos, adquirindo, assim, mais débitos, cujas conseqüências inevitavelmente terão que enfrentar no futuro. Afinal, mais cedo ou mais tarde qualquer ser cósmico há de se encontrar com os “fantasmas” que ele mesmo criou.

Dessa maneira, diante das leis cármicas que regem a vida cósmica, que é uma só, porém vivida em muitas realidades transitórias, como é o caso da Terra, muitos dos membros das famílias espirituais envolvidas com o progresso planetário iam se “libertando” de maiores conseqüências negativas e, mesmo que lentamente, conquistando efeitos positivos, através de atitudes meritórias praticadas durante as vidas terrenas.

O espírito que viria a ser Ramatis, já liberto de maiores problemas nesse campo, procurava adestrar-se para o seu futuro projeto de unir o entendimento oriental e ocidental em torno de um mesmo foco de luz esclarecedora, o que viria a fazer – como ainda está fazendo – a partir do século XX.

O espírito que viria a ser Kardec – apesar de, naquela altura já ter encarnado com esse nome –, ainda com pequenos problemas no campo consciencial, porém sem maiores carmas negativos a serem saldados, desejava enfrentar algumas situações para testar a si mesmo, se assim podemos afirmar, para melhor se preparar para o seu projeto espiritual que, naquela época, era bem diferente do que terminou realmente acontecendo.

Já o espírito que viria a ser Rochester, a cada mergulho na carne purgava alguns problemas e adquiria outros tantos, aspecto espiritual que

ele faz absoluta questão de deixar claro.

Tomando essas três individualidades espirituais como base, a maioria dos membros das já referidas famílias espirituais que permaneceram reencarnando na Terra estava entre as situações vibratórias dos espíritos de Kardec e Rochester, por volta do século VI d.C. Alguns poucos, apesar de serem um número considerável, estavam em situação complicadíssima, se comparadas a do espírito de Rochester.

O planeta, por aquela época, ainda não havia propiciado condições para que as estratégias sonhadas pela Espiritualidade Maior – vinculadas às Promessas do Cristo – pudessem ser postas em prática. Essas promessas, que seriam cumpridas através de revelações progressivas, conforme as possibilidades das épocas, formavam, como ainda formam, o tema mais precioso para os mentores do mundo terrestre, já que feitas pelo próprio Mestre Jesus quando esteve na Terra.

Esperava-se pelo mínimo de condições razoáveis para novamente convocar o concurso dos espíritos trabalhadores que haviam solicitado participar de maneira estratégica pela edificação da obra do Cristo. Enquanto isso não acontecia, essas entidades iam levando adiante os seus programas encarnatórios pessoais com vistas ao melhoramento vibratório de seus espíritos.

Contudo, com a derrocada do império romano do Ocidente, o mundo sofreu um forte abalo naquilo que estava planejado quanto ao seu progresso. A barbárie no campo do comportamento humano atingiu níveis tais que o significado da vida passou a carecer de maiores sustentações no campo da moral e do próprio humanismo.

Nada era feito em função do ser humano – como infelizmente não o é até os dias atuais – e a estagnação intelectual e moral dos que viviam na Terra era a maior preocupação dos mentores.

Tão complicada era a situação que, até mesmo os aspectos remanescentes do que, durante cerca de 400 anos, fora um período de glória intelectual e filosófica para todo o mundo, quando nos palcos existenciais de Atenas, Alexandria, Roma, dentre outras cidades, desfilaram personalidades ilustres dando as suas contribuições para o progresso humano, estavam agora completamente decadentes. A própria Alexandria, que havia resistido durante os primeiros séculos da era cristã, estava agora em plena derrocada, apagando tudo o que nela havia sido produzido e que

iluminara por tanto tempo as épocas referentes aos períodos de antes e depois do Cristo.

Atendendo a um chamamento feito por uma determinada família espiritual que iria fazer mergulhar na carne um número expressivo de seus membros, muitos espíritos acorreram até um ambiente espiritual próximo ao Oriente Médio.

Por aqueles dias, o espírito daquele que viria a ser Maomé estava preparando a sua encarnação, e muitos o seguiriam no apoio estratégico ao bom desempenho da missão comum. O objetivo no campo político era unificar as tribos árabes dispersas e independentes e também ajudar os núcleos do povo judeu, em uma tentativa de fazer cessar os conflitos seculares que ciclicamente ocorriam. Pretendia-se criar condições de coexistência pacífica e produtiva para aqueles dois povos que praticamente dividiam o mesmo espaço geográfico.

No campo religioso, por ser cristã uma boa parte dos árabes de então – a grande maioria era dispersa em termos de crença religiosa já que seguiam diversas doutrinas antigas originárias da Pérsia e do Egito – a princípio o compromisso espiritual daquele que se tornou um grande profeta, era o de adequar os ensinamentos cristãos à nova situação política que se esperava construir. Além disso, havia a intenção maior de criar laços de boa convivência religiosa entre os judeus, seguidores do judaísmo, e os árabes cristãos. Jamais havia sido intenção da Espiritualidade a de criar mais uma religião. Afinal, no mundo terreno pode-se até não se saber ao certo, mas nos ambientes espirituais mais esclarecidos todos sabem que o foco original comum à totalidade das religiões que surgiram na Terra é o Pai Celestial. Se assim é, o objetivo educacional da existência das religiões é religar os filhos e filhas a este Pai, dando-lhes para isso o indicativo dos bons caminhos a serem seguidos pelos que pretendem se unir a Deus. Dessa forma evoluem as individualidades espirituais promovendo o progresso dos mundos. É importante ressaltar que Maomé, ao atacar Meca quando da fundação do islamismo o fez em aliança com os judeus.

Maomé, apesar de iletrado, era conhecedor das escrituras judaicas. Profundamente influenciado pelo conhecimento referente às atitudes que Moisés havia tomado no passado hebreu, resolveu, por sua vez, tornar-se um novo profeta, um novo legislador, e impôs pela força o que julgava ser a revelação recebida do Mais Alto. Inspirado pelo Cristianismo e pelo judaísmo, usou a sua inteligência ímpar para compor o que realmente lhe

veio na alma através de inspiração do Mais Alto. Contudo, adequou as mensagens inspiradas às conveniências do momento difícil que a aristocracia comercial da cidade de Meca lhe impunha. Em plena guerra, pelejou como um grande general, dando-se ao direito de fazer o que sempre é feito em qualquer guerra, sem que contudo sua rara sensibilidade espiritual se deixasse amortecer pelos efeitos dos instantes conflituosos pelos quais passou. Ainda assim, compôs lições belíssimas de tolerância, de amor e de respeito fraternos.

É importante que se ressalte que os dogmas do islamismo defendem a existência de um Deus único que tem em Maomé o seu último – e não o único – profeta, além da ressurreição dos mortos, do céu e do inferno, de um juízo final e de anjos e demônios. Praticamente os mesmos valores constantes na Torá, livro sagrado dos judeus, e da *Bíblia* cristã.

Novamente um só homem modifica o destino de milhões de pessoas com a sua força pessoal. Firmado em uma fé e convicção inabaláveis, e estimulado pela singular inspiração que caracterizava o seu espírito, Maomé transformou toda uma região planetária. Sobre o seu impressionante legado religioso, filosófico, moral e político, os califas que lhe seguiram os passos, prosseguem no fortalecimento constante das forças islâmicas que vieram a compor, até os dias atuais, o rumo dos acontecimentos planetários. É interessante, por exemplo, observarmos que foi sob os auspícios do califa Omar que os judeus e árabes tiveram um dos raros momentos de convivência pacífica, já que após derrotá-los, Omar os convidou a retornar e ali viverem junto com os árabes.

No encontro espiritual ocorrido antes da encarnação do espírito de Maomé, a sua família espiritual solicitou o concurso fraterno de algumas outras falanges para que fosse possível levar a bom termo a missão pretendida.

Muitos se questionam como podem essas necessidades de ajuda entre falanges espirituais ocorrer, se a quantidade de espíritos desencarnados é sempre bem maior do que a de encarnados. Ou seja, estaria sempre “sobrando” espíritos para nascer na Terra e portanto não deveria ser necessário esse intercâmbio.

O fato é que faltam espíritos livres de liames cármicos e ao mesmo tempo possuidores dos méritos necessários para se dotarem de condição mediúnica adequada ao desempenho das missões. Afinal, o intercâmbio inteligente entre as esferas física e espiritual é bastante complexo e de

difícil consecução. Atente bem o leitor que estamos nos referindo ao intercâmbio inteligente, ou seja, o de troca e/ou recebimento de informações procedentes e de cunho moral elucidativo.

Assim, conseguir entre os pares de uma mesma família espiritual individualidades que tenham um mínimo de relação de afinidade diante do que se pretende realizar na Terra, que possuam as necessárias condições no campo das aquisições meritórias e que estejam desimpedidos de problemas cármicos complicados é praticamente impossível, nas atuais condições que, até a atualidade destas páginas – início do século XXI –, ainda caracterizam as diversas falanges de espíritos congregados no orbe terrestre. Por isso, a ajuda mútua entre as famílias espirituais é um fato comum.

Após o encontro, algumas individualidades espirituais resolveram “continuar a conversa” abordando outros assuntos referentes à questão planetária.

Um outro grupo – bem menor, com cerca de 560 membros – passou a compor o centro das avaliações feitas por aqueles dias da situação do mundo. Os espíritos dos seguintes personagens estiveram presentes a esse novo encontro: Ananias (Bezerra de Menezes), Judas Iscariotes, João Evangelista (que reencarnaria como Francisco de Assis), Kardec, Ramatis, Pôncio Pilatos, Rochester, Napoleão Bonaparte, Napoleão III, Pestalozzi, Voltaire, Francis Bacon, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Paulo de Tarso, Barnabé, diversos discípulos e ex-discípulos de Jesus, em especial, os dois que foram crucificados ao seu lado, alguns membros do Sinédrio judaico e várias mulheres da época de Jesus, muitos espíritos vinculados ao mundo greco-romano que também viveram na época do Cristo, dentre outros.

Naquela oportunidade, coube ao espírito de Brutus – que reencarnaria mais tarde como John Kennedy – iniciar a exposição do seu ponto de vista. Os assuntos em foco eram os que de há muito perseguiam a consciência daqueles espíritos: como deveriam os espíritos se preparar antes dos nascimentos para que não voltassem a repetir os mesmos erros do passado; o que fazer para conseguir um melhor desempenho pessoal a cada reencarnação? Como proceder com a necessidade de executar ações meritórias ao mesmo tempo em que se tem que administrar os carmas negativos do passado espiritual? O que cada espírito ou grupo de espíritos trabalhadores poderia fazer para promover o progresso planetário propiciando condições para que as promessas do Cristo pudessem ser cumpridas?

“Promovi a mais tola das revoluções”, iniciou o espírito de Brutus. “Fiz da necessidade de estado um palco para as minhas mazelas espirituais e hoje obrigo-me a conviver com as conseqüências do que fiz. Aqui na Espiritualidade sei, com absoluta precisão, que cada revolução pela força que ocorre na Terra, é mais um monstro que nasce a ser combatido no futuro. Contudo, questiono-me se lá estando, não me sentirei inclinado mil vezes, por motivos diversos que despertarão esta minha tendência espiritual, a promover tais revoluções ou atos semelhantes, comuns na luta pelo poder.”

“A questão que proponho como tema de reflexão para todos nós é se realmente é possível, para espíritos do meu porte, ter a expectativa concreta de nascer e novamente não sucumbir pelos mesmos erros. Sei ser assemelhado a muitos de vós, tanto no campo das aquisições meritórias, como também no de contrair débitos espirituais a cada vida. Por isso é que proponho a reflexão conjunta em torno do tema.”

Uma certa instrutora espiritual ali presente, irmã Helena, que não teve seu nome conhecido nas suas últimas reencarnações pela dificuldade que a mulher tinha em algumas sociedades do passado, começou a expor o seu ponto de vista.

“O que está por trás dos impulsos da alma a não ser a força represada da nossa própria herança espiritual? E o que é a nossa herança espiritual se não o acúmulo da marcação cármica dos nossos hábitos ao longo de muitas vidas na Terra? Quem consegue represar essas tendências e inclinações equivocadas do passado, e ao mesmo tempo, as substitui pela automação de posturas mais adequadas no campo da maturidade moral, está educando o seu psiquismo na direção correta que as nossas personalidades transitórias terrenas tanto necessitam para evoluir.”

“O que na Terra é chamado de formação do caráter de uma pessoa, nada mais é do que a construção prudente e bem alicerçada do psiquismo pessoal que há de exercer a sua soberania sobre os impulsos que lhe vêm da alma. Ceder ao império desses impulsos é estacionar, repetindo em muitas vidas as mesmíssimas atitudes equivocadas que produzirão sempre os mesmos problemas que marcam o atual estado evolutivo dos nossos espíritos.”

“O que nos constrange é que durante a vida terrena, ninguém observa esta questão. Dessa forma, nem os pais e nem as organizações do mundo – atente o leitor que ao tempo em que esse encontro ocorreu, correspondia na

Terra ao século VI depois de Cristo – têm sequer o menor vislumbre da importância desse ponto.”

“Se tivéssemos conseguido, ao tempo da Grécia antiga, fincar entre os valores da vida transitória terrena o plano pretendido de esclarecimento dos valores espirituais e de sua importância para a redenção planetária – o que o espírito de Ramatis tentou fazer quando esteve reencarnado ao tempo de Platão –, talvez pudéssemos na atualidade desenvolver outros esforços. Contudo, na ausência de um suporte elucidativo no mundo dos encarnados que nos possa servir de apoio educador, pouco podemos fazer a esse respeito, a não ser insistir, mesmo com os riscos espirituais do agravamento de débitos cármicos, nas tentativas de promover o progresso planetário, mesmo que com poucas chances de sucesso. Não há segredo a ser descoberto, nem muito menos fórmula espiritual a ser empregada a não ser o adestramento constante dos nossos espíritos no despertar imperioso da nossa consciência para a necessidade da reforma íntima, do melhoramento vibratório dos nossos espíritos. Não há outra alternativa para seres do nosso naipe, pelo menos que possa ser por mim percebida.”

Alguns outros espíritos ali presentes fizeram as suas explicações sobre a questão sem que, contudo, se chegasse a uma conclusão mais razoável do que a apresentada pela irmã Helena, do grupo de Roma.

Mais adiante, o espírito de João Evangelista, que havia sido um dos apóstolos mais chegados a Jesus, expõe as suas reflexões, que assim ficaram registradas nos anais da Espiritualidade.

“Hoje sei. Tive a oportunidade de conviver com um ser celestial que somente pôde firmar-se em si mesmo para realizar na Terra a missão que trouxe dos céus, já que nada havia que lhe pudesse servir de apoio. É triste recordar como Ele obrigou-se a agir, sendo talvez a única forma que lhe fosse possível, mesmo a custo de sua excelsa sensibilidade pessoal. Assim, não creio que exista para nós outros, forma diferente de atuar no mundo terreno, que não seja, também firmando as nossas expectativas em nós mesmos, independente do que isso possa representar. Não há outra maneira de agir.”

“Ensinar o bem e a conduta correta ao próximo é fácil. Difícil é exercer esse discernimento em nós mesmos. E aí reside o grande problema de todos nós que estamos congregados neste orbe.”

“Pesa-me ainda na consciência espiritual, a opção tardia que fiz por divulgar as promessas que Jesus nos fez, enquanto esteve conosco.

Desculpo-me, entretanto, por perceber, mesmo daqui, como é difícil tomar a decisão correta quando estamos vivendo na Terra.”

“De toda forma, recordo-me da estranha preocupação que Jesus tinha em cumprir nele mesmo, tudo o que havia de vaticínio feito pelos profetas (do Antigo Testamento) em relação ao Messias esperado. Não foram poucas as vezes em que o Amado Mestre assumiu-se entre nós, os seus apóstolos – ao dizer isso, voltou-se para o espírito de Judas Iscariotes ali presente – como o Messias profetizado. Explicou-nos reiteradas vezes o espírito das profecias, o seu papel no mundo, a promessa feita quando ainda se encontrava no seu reino dos céus antes de vir à Terra para ajudar-nos, além de tantos outros aspectos que pouco a pouco ainda procuro compreender.”

“Quando Ele começou a nos preparar para a sua morte iminente, falou-nos de uma promessa de ressurreição que iria se obrigar a realizar como forma de deixar o seu legado terreno vinculado a um contexto celestial ainda por ser entendido pelos que viviam na Terra. Nenhum de nós acreditou ou mesmo levou a sério quando proferiu as promessas de que ressuscitaria após a sua morte. Na verdade, sequer esperávamos que Ele viesse a morrer tão cedo. Afinal, Ele já havia ressuscitado outras pessoas e quem, entre os humanos, tinha o poder para tanto? Mas Ele dizia não ser daquele mundo, o que também não compreendíamos.”

“Contudo, a sua mais insistente promessa é a de que após a sua morte e ressurreição, Ele haveria de retornar, para aí sim, exercer o seu jugo amoroso na sua real função de mandatário celeste, o que muito menos entendíamos.”

“Assim, quando Ele morreu, não atinei de pronto com o que estava por acontecer. Com as notícias de sua ressurreição, e posteriormente com a própria constatação que mais tarde teríamos todos nós, passei a perceber o seu zelo e preocupação com o que fora profetizado pelos antigos, e com o que ele mesmo prometera.”

“Foi com uma muda interrogação na minha alma que, na sua última aparição no estado de ressuscitado em que tomei parte (Jo 21, 20-23), afirmou que eu teria que ficar na Terra até que Ele voltasse. Mesmo com tudo o que já havia presenciado, preferi não dar muito crédito àquilo tudo. Sequer sabia se havia compreendido o que Ele desejara simbolizar com aquela afirmativa.”

“Por ser o mais novo dentre os apóstolos, fui também o único a ficar vivo, a partir de uma certa época. Como a história de que eu ficaria na Terra

– alguns diziam até que sem enfrentar a morte – até que Ele retornasse havia se espalhado, a pressão sobre a minha pessoa por parte dos núcleos cristãos para o atendimento de dúvidas, orientações e em especial quanto ao prometido retorno do Mestre era muito forte. Muitas vezes fugi de tudo aquilo por sentir-me incapacitado para atender toda aquela demanda, o que fazia constrangido.”

“Sem mais contar com as presenças de Tiago (o Justo, irmão de Jesus), de Pedro e de Paulo – a quem dirigiu o olhar – e dos demais apóstolos e seguidores do Mestre, tive que administrar como pude a herança de um movimento reformador, bem como o desespero crescente de um povo dominado na sua honra pela potência estrangeira e uma promessa de retorno de um ser celestial que julgávamos para aqueles dias. Foram momentos de muita angústia.”

“Quando as perseguições dos cristãos se tornaram mais fortes e, em especial, com a derrocada de Jerusalém, tive que fugir, como os demais, para procurar abrigo, o que encontrei em terras estrangeiras da Grécia. Ali permaneci esperando o prometido retorno, sempre em dúvida se seria aquilo mesmo que o Mestre havia prometido.”

“Tão grandes eram as pressões dos núcleos cristãos, que hesitei em abordar esse assunto no primeiro evangelho que fiz (Evangelho Segundo São João). Já sabia que Lucas, Mateus, Marcos e outros haviam se referido à prometida volta do Mestre, o que me levou, junto com as minhas hesitações e angústias, a não desenvolver o tema. Afinal, sobre os meus ombros estava a responsabilidade de esclarecer sobre a época do retorno do Mestre, o que me era angustiante.”

“Um dia, sob os auspícios da misericórdia do meu Senhor e Mestre, fui levado até uma região onde havia uma base celeste estacionada próxima à Terra, que naquela oportunidade não pude sequer descrevê-la a contento.”

“Essa base servia de morada temporária para os seres que trabalhavam no intercâmbio entre as coisas do mundo terreno, de suas esferas espirituais onde hoje estamos, e do contexto cósmico que a tudo envolve. Lá encontrei o meu Senhor Jesus, já investido de sua postura natural de autoridade celestial que lhe é própria, cercado pelos seus assessores de outros mundos. Somente então pude entender quando o meu amado Mestre dizia não pertencer ao mundo terreno e que era rei, mas de um outro mundo. Ali, envolvido pela energia amorosa de todos aqueles seres maravilhosos, é que pude perceber quem era na verdade o nosso Mestre Jesus, e o que

significavam aqueles artefatos voadores, que eram a expressão material do poder daquelas entidades de luz.”

“Fui esclarecido pelo meu Senhor que a volta por ele prometida não era para aqueles dias, mas sim para um futuro ainda por acontecer, quando várias coisas deveriam ser revistas, buscando a tão esperada emancipação do mundo terreno. E explicou-me então que o meu espírito deveria permanecer trabalhando na Terra até que ele voltasse. Disse-me mesmo que teria as minhas vidas conforme o plano elaborado pelos seus anjos e pelos espíritos protetores deste mundo, de acordo com um planejamento celeste que apontava a sua volta para um intervalo de tempo que se enquadraria aproximadamente entre 1990 e 2030 anos após a sua primeira vinda. Disse-me também que eu deveria adestrar o meu espírito no programa de revelações progressivas que seria ofertado à humanidade, conforme as circunstâncias do futuro.”

“Pedi-me que deixasse registrados os apontamentos necessários e possíveis para que as gerações futuras pudessem entender o que ali me estava sendo mostrado, o que procurei fazer com a ajuda dos que me estavam próximos, já no fim de minha vida terrena, quando foi elaborado o meu segundo evangelho – o Apocalipse. Nele, procurei de todas as maneiras deixar registrada a promessa de retorno de Jesus para os dias futuros. Desejaria ressaltar bem mais do que foi feito, a importância para as gerações futuras dos avisos ali postos. Mas como é difícil levar para o cérebro temporário dos corpos físicos as notícias presentes na nossa mente espiritual eterna! Pouco consegui levar do que me foi informado. E do pouco que consegui, muito menos ainda foi realmente repassado para o campo da expressão narrativa quanto aos fatos acontecidos e aos avisos dados pelo nosso Senhor e os seres que o assessoram.”

“Posso, entretanto, recordar de alguns aspectos que dizem respeito a todos nós. Em especial quando unimos o que o Mestre Jesus nos disse, enquanto esteve na Terra, com o que Ele depois me informou, já no seu estado natural de Ser Celeste, é que percebemos um certo fluxo anteriormente planejado quanto aos possíveis acontecimentos do porvir.”

“Se bem pude entender, caros irmãos e irmãs de ideal aqui presentes, haverá um tempo em que o Consolador prometido haverá de esclarecer o que não foi possível à época da vida de Jesus. Ao que entendi, ele mesmo retornará em Espírito – sem que os que vivam na Terra o percebam – para coordenar esta expressão esclarecedora que a seu turno ocorrerá no mundo

dos encarnados. Depois, duas pessoas do mundo haverão de coordenar a preparação final do ambiente para o seu prometido retorno, quando uma série de eventos preparatórios deverá ocorrer com vistas a esse mister. Por fim, Ele haverá de vir, conforme o seu próprio desejo pessoal, na sua excelsa condição de Ser Celestial para cumprir com o que ele mesmo profetizou: fazer as últimas avaliações quanto ao papel de cada ser vivente para a emancipação do mundo terreno. E assim será, eu o sei. O Mestre jamais faltará com a sua promessa de retornar à Terra. Afinal, este é o grande e único vínculo que nos une ao Pai Celestial e as suas hostes. Emancipar a Terra é tornar este mundo mais uma das muitas moradas do Universo vinculadas ao Reino de Amor do Pai, como nos dizia Jesus. Para isso, temos todos de adestrar os nossos espíritos na prática da postura amorosa, única maneira de ingressarmos nesse Reino e de nos tornarmos cidadãos atuantes e conscientes da nossa função no Universo.”

“Portanto, diante das promessas do Cristo, outra coisa não posso dizer-lhes a não ser dar o meu testemunho, apoiando a tese da nossa irmã Helena, que aponta para o desafio pessoal que cada um de nós tem que fazer com a sua própria consciência, no sentido de se melhorar e de se capacitar o máximo possível, para bem desempenhar as missões que daqui saímos responsáveis, já que o mundo terreno é o palco das nossas lutas de redenção espiritual e moral.”

Com a participação do espírito de João Evangelista fechou-se o circuito de apoio em torno da proposta apresentada por uma das representantes do grupo de Roma, e foi dessa maneira que cada falange espiritual levou adiante os seus misteres encarnatórios. Cada uma definiu para seus pares – com a devida concordância de cada um – os roteiros que visavam à redenção de seus espíritos.

Assim, os espíritos de Ramatis, de Kardec e de Rochester – como o de todos os outros presentes aquele encontro – continuaram a desenvolver os seus planos pessoais quanto ao porvir. Procuravam os três, cada um à sua maneira – a exemplo dos demais – uma forma de ser útil ao objetivo comum vinculado ao cumprimento das promessas do Mestre Jesus.

FANTASMAS DO PASSADO

NADA HÁ que façamos cujas conseqüências, sejam elas positivas ou negativas, não venham a nos envolver em vidas futuras. Por isso, era necessário aferir quais os “fantasmas” – problemas cármicos negativos – do passado espiritual ainda por aparecerem durante a vida, e qual a possibilidade de outros tantos serem criados ao longo da jornada terrena, a ponto de inviabilizar as futuras missões pretendidas pelos espíritos trabalhadores que estavam inscritos na folha de prestação de serviço na seara redentora do Mestre.

Era essencial a aferição dessas possibilidades para que ao menos as nobres intenções pretendidas encontrassem um mínimo de ressonância diante das possibilidades reais de realização no mundo dos encarnados. Sem que houvesse a possibilidade concreta de algum sucesso nessas tentativas de cunho missionário, não era crível que se pretendesse alavancar o progresso planetário. Se fosse esse o caso, que os mentores espirituais trabalhassem com a estratégia maior de manter estacionado o progresso dos povos em nível satisfatório, se é que algo de satisfatório, sob a ótica dos valores espirituais, pudesse existir por aqueles dias. Afinal, o analfabetismo, a miséria – tanto na sua expressão moral como na material –, a ignorância, a falta de perspectivas, a corrupção, a violência e o ódio despertados sob os condões dos falsos interesses religiosos, dentre outras características desesperadoras, grassavam por toda parte.

Por volta do século VI, espíritos minimamente equilibrados, ao encarnarem, procuravam o refúgio moral e psicológico dos mosteiros, dos retiros espirituais, pois difícil era a convivência com valores de vida tão distorcidos. Em 529, São Bento funda o mosteiro de Monte Cassino e estabelece as regras do monasticismo ocidental, evento que para a época foi de extrema importância, já que era considerável o número de pessoas que procuravam fugir à convivência social perturbadora.

Próximo ao final do século VIII, diversas equipes tinham encarnado em uma tentativa de organizar o mundo disperso, o que de certa forma concretizou através do trabalho, com acertos e equívocos inevitáveis, de uma numerosa equipe espiritual que encarnou para dar suporte ao espírito que passou à História terrena com o nome de Carlos Magno.

O espírito de Rochester foi um dos que encarnou com uma missão de importância estratégica para uma possível guinada na história do mundo através da arte e da política, mas nada deu certo. A partir dessa existência, o seu espírito engrandecido por conquistas no campo do desenvolvimento intelectual com ênfase na arte e nas ciências do espírito, passou a complicar-se cada vez mais, reiniciando um novo ciclo de encarnações que quase não lhe permitiam, sequer, planejar alguma missão executável no mundo terreno, tantas eram as questões cármicas complicadas que tinha que resolver.

Para sua tristeza, após terem sido feitas as verificações no seu “marco vibratório”, ele mesmo concluiu que as suas tendências ainda não de todo administradas, sempre explodiam no seu psiquismo quando das reencarnações, fazendo com que se envolvesse em certas “paixões” pertinentes à vida terrena, e que normalmente lhe traziam consequências espirituais complicadas. Por isso, achou por bem desligar-se temporariamente da expectativa de maiores realizações levadas a efeito na Terra, com o que concordaram os demais amigos espirituais que lhe eram e são caros.

Na verdade, restando-lhe menos de uma dezena de reencarnações que estavam previstas até o que se supunha ser o tempo da emancipação planetária, e dado à dificuldade que seria inerente à sua tentativa de libertar-se em tão pouco tempo de tantos grilhões cármicos complicados, o seu espírito começava mesmo a antever que, na época da codificação espírita, como também na época da segunda vinda do Mestre, a sua participação seria bem mais produtiva se feita dos ambientes espirituais, sem maiores riscos de complicação pessoal com as paixões comuns à vida humana terrena, o que de fato terminou acontecendo.

Em certa oportunidade, quando de uma conversa sua com o espírito de Kardec, dizia-lhe ser praticamente impossível fazer algo de útil na Terra. Segundo o seu próprio juízo, teria atingido uma certa condição no seu “marco vibratório espiritual” – produto das vibrações que caracteriza de forma singular cada espírito e que se modifica conforme as aquisições meritórias ou problemas cármicos acionados pelo livre-arbítrio que nos é próprio – que o inabilitava para realizar qualquer coisa de útil durante a vida física.

A cada vez que reencarnava, defrontava-se com tantas situações arquitetadas pelo seu próprio descuido espiritual no passado, que lhe era

difícil sequer motivar a si mesmo com o intuito de assumir o compromisso com a realização de alguma tarefa. O interessante é que, no seu caso, as conseqüências que enfrentava no mundo espiritual após as vidas transitórias na Terra, apesar de desagradáveis, não o impediam de trabalhar com muito empenho nos ambientes espirituais, pelo progresso de todos. Era uma situação espiritual singular a do seu espírito, como ainda o é, sob certa ótica de análise.

Dizia mesmo que não desejava reencarnar próximo a nenhum de seus grandes afetos espirituais para não correr o risco de desviá-los do “bom caminho”, já que o seu espírito sempre se deixava levar pelos convites fáceis do mundo. E assim, quando ia empreender algum projeto encarnatório, procurava se isolar com os parceiros espirituais daquela empreitada. Contudo, sem deixar jamais de “trocar idéias” com os espíritos de Ramatis e de Kardec, dentre outros amigos, quanto ao rumo de suas intenções e possibilidades espirituais.

Por volta da virada do primeiro milênio pós Cristo, os espíritos de Ramatis e de Kardec reencarnaram, o primeiro na Indochina, atual Camboja, o segundo, nas terras da Arábia com incursões posteriores na Índia, na China como também na própria Indochina. Por essa época Bagdá era considerada nos ambientes espirituais como a capital do mundo, principalmente pelo seu grande avanço intelectual e filosófico, além de suas expressões artísticas e religiosas. Muitos espíritos que haviam pertencido ao grupo de Alexandria e de Roma, ali reencarnavam dando as suas contribuições para o melhoramento vibratório do planeta.

O espírito de Ramatis, entretanto, reencarnara acompanhado de boa parte dos companheiros de seu grupo de trabalho espiritual para a execução de uma tarefa ainda não de todo compreendida pelo conhecimento moderno. A doutrina budista, uma das mais belas que existe na Terra, seria renovada por um novo foco de esclarecimento semelhante ao que o Espiritismo viria a ter, auxiliando na elucidação dos evangelhos. Caberia novamente ao espírito de Ramatis tentar, à maneira oriental, e a partir da doutrina budista, um novo compêndio de esclarecimentos espirituais que a seu turno seria resgatado mais tarde, quando chegasse a idade da maturidade espiritual, tanto no Oriente quanto no Ocidente. De fato, foi realizado um trabalho grandioso que se perdeu nas noites dos tempos, por opções equivocadas de alguns espíritos de ex-faraós do antigo Egito que reencarnaram durante o império Khmer.

Houve uma luta árdua entre a falange que reencarnou e as forças trevosas, que fizeram o possível para impedir a propagação daquele foco de esclarecimento, o que realmente conseguiram.

O que escondem, na atualidade, os templos Angkor Wat e demais edificações existentes no atual Camboja é mistério ainda por ser revelado, quando for da conveniência da Espiritualidade. Poucos sabem que ali, em tempos idos, a figura de Rama, tida equivocadamente como lenda, realizou algumas etapas de um plano onde se procurava, por todos os meios, soerguer o nível de vida na Terra, que atingira níveis de caos e miséria alarmantes, decorrentes do fim do império atlante.

Não foi por menos que o seu espírito escolheu homenagear os heróis (Ramatis = Rama + Sita/Atis) do Ramaiana (façanhas de Rama), que é um dos grandes poemas épicos da Índia, já que em duas encarnações longínquas chegou a participar, numa delas ao lado do próprio Rama, e em outra, como um dos que levaram adiante o seu legado filosófico, místico e político, nos difíceis acontecimentos daqueles dias.

São páginas de um passado que, a seu turno, ainda serão esclarecidas.

Quanto ao espírito de Kardec, adestrando-se nas artes e filosofias orientais, era seu objetivo preparar-se, ao mesmo tempo em que procurava dar algum tipo de contribuição, para as lutas previstas, próximas à época da emancipação terrena. Pretendia auxiliar ao espírito de Ramatis, já que, ao seu juízo de então, seria ele novamente, quando surgissem as circunstâncias minimamente favoráveis ao intento – a exemplo do que fizera na Grécia antiga e mais recentemente na Indochina –, quem deveria tentar semear no mundo a codificação de ensinamentos esclarecedores, que iniciaria a etapa final com vistas à emancipação planetária.

Por aquela época, no palco terreno existia a rota da seda que era a “maior e a mais antiga estrada” de circulação de mercadorias que existia no mundo. Atravessando toda a Ásia Central, a rota da seda unia pontos distantes como o nordeste da China até a cidade de Constantinopla – atual Istambul na Turquia –, atravessando a Pérsia, e tendo uma de suas ramificações principais contornando o Himalaia, chegando até a Índia.

Pelo fato de a China ser a única produtora de seda – situação que persistiria até o século XV –, havia um sonho de muitos negociantes europeus em criar uma relação comercial com o Oriente distante.

Foi com a intenção de desbravar esses caminhos, além de outros objetivos estratégicos de comunhão planetária, que um grande grupo de

espíritos trabalhadores se formou com o intuito de aquisição de experiências que alargassem tanto o horizonte pessoal como o dos povos de então. O que a família de Marco Pólo (1254-1324) fez por terra, os navegantes fariam por mar, três séculos mais tarde. Entre os membros dessa família estava reencarnado o espírito de Kardec, além de outros das famílias já referidas, que procuravam encurtar as distâncias entre o Oriente e o Ocidente, atendendo a objetivos estratégicos da Espiritualidade e a compromissos cármicos inadiáveis.

Apesar de todos os estudos já formulados sobre as viagens da família Polo, as circunstâncias em que se deram, as próprias descrições que Marco Polo fez ao seu companheiro de prisão, o escritor Rustichello, que as ofertou para a posteridade, existe ainda um conjunto de aspectos ainda por serem descortinados quanto às ocorrências daquela época.

Na verdade, houve uma tentativa, que não passou à História, de trazer para o mundo europeu alguns ensinamentos morais, filosóficos e espiritualistas que um grupo de monges budistas – Ramatis e demais companheiros reencarnados em missão – havia formulado há cerca de dois séculos nas terras do atual Camboja. Essa tentativa, entretanto, não atingiu os resultados esperados.

Passou-se o tempo e os espíritos, ainda com problemas conscienciais na retaguarda existencial, procuravam enfrentar tantas situações quantas fossem necessárias para se sentirem moralmente libertados dos grilhões que os prendiam ao pretérito espiritual equivocado.

O espírito de Kardec tornou a reencarnar, desta feita, para trabalhar a si mesmo diante das questões religiosas, filosóficas e políticas em uma das épocas mais difíceis da igreja católica. Personificando o padre tcheco Jan Huss (1369-1415), tornou-se reitor da universidade de Praga em 1409. Com as suas pregações, terminou se fazendo alvo da inimizade do alto clero por denunciar a mediocridade e a riqueza material que caracterizavam as suas atitudes pouco condizentes com os preceitos cristãos. Atraiu para si toda a sorte de problemas e incompreensões, tendo sido queimado como herege no dia 06 de julho de 1415. Menos de dois anos depois, Jerônimo de Praga (1365-1416) – reencarnação do espírito de Judas Iscariotes – também enfrentaria o fogo inquisitório por defender as idéias do seu amigo Jan Huss. Terminava ali, para aqueles dois parceiros e amigos espirituais, a purgação moral a que se impuseram, por força de erros cometidos ao tempo de Jesus. Começava, enfim, a ascensão na busca da redenção dos seus

próprios espíritos com vistas à reconquista do exercício pleno da condição de cidadania cósmica que caracteriza a todos os que vivem na Terra, apesar de que sobre isso não se tem consciência, pelo menos por enquanto.

Em meados do século XVIII, no intervalo entre as reencarnações, os espíritos de Ramatis, de Kardec, de Rochester, dentre outros, reúnem-se para estudar o aviso que soara por todos os ambientes espirituais vinculados ao mundo terreno. Referia-se a uma certa ordem que havia chegado das esferas superiores informando a todos os mentores e coordenadores de falanges de espíritos trabalhadores, que os tempos eram finalmente propícios a que mais uma etapa do programa de revelações progressivas pudesse ser semeada na Terra. Era, por fim, chegado o momento de mais uma das promessas do Cristo ser cumprida. Para isso, comentava-se nos ambientes espirituais, o próprio Mestre “viria em Espírito” a fim de coordenar os trabalhos a serem desenvolvidos. Com ele, muitos outros “seres superiores viriam também em Espírito” para poderem participar da tarefa esclarecedora.

Nem mesmo os mais altos dignitários das esferas espirituais vinculadas à Terra sabiam exatamente o que estava por acontecer. A origem e a procedência do que estava para aportar à Terra situava-se muito além dos horizontes terrenos, fossem eles pertinentes à percepção dos encarnados ou mesmo dos desencarnados. Sabia-se apenas – porque assim confirmavam aqueles que estavam desempenhando nos ambientes espirituais as funções de coordenação em âmbito maior – que de fora do contexto do orbe terrestre uma grande delegação estava sendo esperada para chegar a qualquer momento.

Diante dessas ocorrências, os coordenadores das famílias espirituais envolvidas com as posições de vanguarda do progresso planetário convocaram os seus pares para a apreciação do assunto. Foram muitos os encontros, por aqueles dias, que ocorreram em todos os ambientes espirituais vinculados à Terra.

No grupo em questão, as perspectivas dos futuros acontecimentos, das futuras tarefas, eram a tônica. Seria uma nova religião? A todo instante a questão da Reforma Protestante era recordada como exemplo maior. Afinal, não fazia muito tempo que o monge Martinho Lutero (1483-1546) – reencarnação do espírito de Paulo de Tarso – havia começado a discutir o papel da Igreja. Entre outras coisas, ele não aceitava o comércio instituído pela Igreja na venda do perdão dos pecados ou de um “lugar no céu” para

quem melhor pagasse. Na verdade, por aquela época – início do século XVI –, arrecadavam-se com aquele escandaloso processo, os recursos necessários para o financiamento da construção da Igreja de São Pedro, em Roma, além de outros enriquecimentos ilícitos por parte de membros do clero.

Perante esse estado de coisas, Lutero pretendeu provocar um debate público sobre aquele comércio moralmente condenável e para isso, em 31 de outubro de 1517, pregou à porta da Igreja de Wittenberg, na Alemanha, as suas 95 teses para serem debatidas, de acordo com os costumes da época. O que era apenas a nobre e correta preocupação de um pároco com os preceitos religiosos que abraçara, terminou se transformando em uma profunda revolução na história do Cristianismo.

Lutero foi advertido de muitas maneiras a retroceder nos seus pontos de vista. A igreja romana fez de tudo ao seu alcance para calar a indignação e a nobreza moral de Lutero. Não conseguiu. Em uma das tentativas de dobrá-lo às conveniências de Roma, ele se viu obrigado a expressar, conforme a sua opinião, que algumas doutrinas de Jan Huss eram corretas, o que afrontava a autoridade papal. Se para Jan Huss o preço do rigor moral com que defendeu as suas opiniões custou-lhe a vida, para Lutero foi dada a excomunhão como penalidade a sua posição “herética”.

Diante da sua postura moral irretocável, um movimento religioso teve início, a princípio tentando reformar a igreja católica. Como esta não se permitiu renovar, outra religião foi criada para que pudessem ser expressos os novos preceitos e valores advindos da reforma. Pena que decorridos alguns séculos do esforço moral singular de Lutero contra o “fluxo comercial” na igreja do Cristo, alguns segmentos protestantes realizam hoje a mesma mercancia contra a qual se indignou o reformador.

Por conta daquele exemplo ainda recente, e cujas conseqüências ainda se desdobravam no palco terreno por aquela época, muitos achavam que fatalmente o que se fosse fazer redundaria em desagregação religiosa.

Outros achavam que a promessa de Jesus não podia estar vinculada ao surgimento de mais uma religião. Não fazia sentido, segundo os que assim pensavam.

Foram muitas as opiniões sobre o assunto. A única certeza que tinham era o fato de que teria que ser algum ou alguns dos membros daquelas famílias espirituais que de há muito estavam congregadas na Terra, a executar a tarefa renovadora.

Assim, encontravam-se reunidos todos os que estavam inscritos para de alguma forma participar na missão que se avizinhava. Cada um com as suas características, conquistas e problemas espirituais estava se disponibilizando, junto ao Mais Alto, a executar o plano pretendido pelo Mestre. Por nada se saber a respeito, somente as especulações surgiam em forma de análises superficiais ou mesmo mais aprofundadas sobre a situação terrestre.

Ali estavam congregados, entre outros cujos nomes não foram registrados pela História, os espíritos que já haviam sido ou ainda iriam personificar as seguintes figuras: Ramatis, Kardec, Rochester, Judas Iscariotes, Bezerra de Menezes, João Evangelista, Paulo de Tarso, Barnabé, João Henrique Pestalozzi, Leon Denis, Camille Flammarion, Voltaire (que já se encontrava reencarnado à época deste encontro), Napoleão Bonaparte e Napoleão III.

A posição daquele grupo era a de servir na seara redentora do Mestre de alguma maneira. Para isso, estavam sendo verificados todos os “currículos existenciais” dos espíritos ali presentes. A intenção era já deixar preparada uma espécie de pré-análise das tendências e possibilidades de todos os presentes para ser possível adequar a situação de cada um conforme as necessidades do trabalho a ser empreendido.

Algum tempo depois chega a primeira parte da delegação cósmica esperada.

Por todas as cidades espirituais, núcleos socorristas e demais regiões do orbe, cujas vibrações situavam-se no padrão satisfatório de equilíbrio – ou acima deste – correu a notícia da chegada de um grande comboio sideral que permanecia estacionado dentro dos limites do sistema solar, em local próximo à Terra. De lá, aqueles seres iriam se projetar – projeção mental de sua formas existenciais – até as áreas dos ambientes espirituais que lhes fossem suportáveis. Para isso, iriam primeiro passar “um certo período” fazendo as adequações necessárias ao intento.

Enquanto durou esse período de harmonização de suas vibrações pessoais com os ambientes espirituais do orbe terrestre, foram realizados diversos cursos para que os espíritos desencarnados pudessem entender e mesmo se adequar também à convivência com aqueles seres que vinham de um outro contexto existencial além dos que já se conheciam na Terra, a saber, o mundo dos encarnados (planeta Terra) e o mundo dos espíritos

desencarnados (planeta Terra acrescido das esferas espirituais que o envolvem, a que denominamos de orbe terrestre).

Aqueles seres, dentre os quais muitos já haviam vivido na Terra, estavam agora retornando para ajudar seus irmãos terráqueos nas lutas finais de um período de isolamento cósmico pelo qual estava passando o planeta desde tempos imemoriais. Iriam permanecer estacionados em uma verdadeira base sideral, enquanto através de projeções de suas mentes cósmicas iriam conviver com todos os terráqueos, fossem espíritos encarnados ou desencarnados, o que lhes acarretava diversos problemas.

O que se discutia nos cursos da Espiritualidade era exatamente como aqueles irmãos de outros contextos existenciais iriam trabalhar junto à esfera dos encarnados, já que seria lá que o trabalho, fosse ele qual fosse, iria ser realizado.

Segundo o que explicavam alguns mentores e mestres da Espiritualidade, para aqueles seres já desligados do primitivismo das vibrações terrenas, a única maneira de interagir com qualquer uma das esferas espirituais que envolviam a Terra, e mesmo com a mais pesada que é exatamente a que se vincula ao mundo dos encarnados, é projetando os seus “corpos mentais” através de espécies de emissões de suas consciências cósmicas dentro do que poderíamos chamar de “carapaças magnéticas”, cuja função seria a de protegê-los de quaisquer danos. “Aos nossos olhos,” diziam os mentores, “eles serão normalmente visíveis – se assim o quiserem –, tangíveis e poderemos mesmo conviver com eles depois de algum tempo, como se estivessem no mesmo estado em que nos encontramos, ou seja, o de espíritos desencarnados. Da mesma forma ocorrerá para os que estão vivendo na carne, apesar de que, para eles, os nossos irmãos cósmicos não serão normalmente percebidos, a não ser que assim o desejem.”

Em todos os cursos continuavam os mentores explicando que “não havia outra alternativa para os irmãos de fora, a não ser proceder daquela maneira. Mesmo assim, a simples interação com o contexto vibratório terreno, fosse em qualquer dos níveis espirituais que lhe propiciasse o mínimo de condições para o intercâmbio, traria problemas às suas organizações pessoais, o que não lhes impedia a atitude fraterna de tentar ajudar. Contudo, eles assim estavam agindo por ser muito “complicado e doloroso” para eles fazerem-se presentes nesses ambientes investidos das suas atuais formas existenciais, apesar de que possível” – no caso específico desse grupo de seres, pois nem todos os que aqui chegam vindo de outras

moradas cósmicas podem conviver com a atual situação vibratória terrestre sem que isso acarrete sérios problemas, tanto para eles como para os que vivem na Terra, conforme orientam os mentores.

Assim, muitas equipes espirituais foram orientadas quanto ao que estava por acontecer. E foi com sentimento de júbilo indescritível que as famílias espirituais já referidas se congregaram em certo recanto próprio para acontecimentos desse porte, localizado próximo ao continente europeu. Ali, todos aguardavam pela “primeira projeção conjunta” desses seres cósmicos, já que o último evento semelhante àquele ocorrera após a ressurreição do Cristo, em ambiente espiritual próximo ao Oriente Médio.

Como iria ser um evento-teste, onde seriam aferidas e posteriormente avaliadas as conseqüências sobre os que iriam projetar seus corpos mentais, foi solicitado por uma irmã espiritual que estava dirigindo aqueles trabalhos que fosse feita uma preparação, através da prece silenciosa, para que as vibrações no ambiente pudessem se tornar afinadas com o evento em curso.

Feita a preparação devida, todos ficaram aguardando aquele momento histórico, cujas primeiras cintilações perceptíveis aos que ali estavam congregados não tardaram a acontecer. Pouco a pouco, as imagens potencializadas de cerca de quase três dezenas de entidades, todas vestidas com uma espécie de túnica azul celeste, se fizeram presentes no centro daquele local. Um silêncio amoroso era a tônica daqueles instantes inesquecíveis cuja vibração, a exemplo de um perfume agradável e suave, até hoje marca – mesmo séculos depois e apesar das encarnações já feitas – os espíritos que participaram do evento memorável.

Um deles logo apresentou-se como sendo o apóstolo Pedro, apesar de sua aparência naquele instante, em nada se aproximar da que teve ao tempo de sua encarnação da época do Cristo. “Amados irmãos e irmãs aqui congregados, saudamo-vos em nome daquele que nos enviou, o nosso Mestre e Senhor Jesus.”

“Aqui estamos, a seu pedido, para que juntos possamos doravante trabalhar pela redenção da família planetária terrestre, à qual também nos filiamos, já que parceiros na edificação da sementeira feita. Somos todos irmãos e irmãs, membros de uma grande e única família cósmica, vivendo aqui e acolá, conforme a relação de afinidade entre os nossos espíritos e as necessidades e possibilidades que as muitas moradas celestes nos ofertam incessantemente. Dessa forma, trabalhamos todos pelo bem comum dessa grande família.”

“Se no passado ombreamos convosco no cotidiano das lutas terrenas, no presente, após experiências e existências em outras realidades da alma, em outras civilizações planetárias, aqui retornamos para finalizar convosco uma etapa que iniciamos juntos no pretérito espiritual.”

“Como devemos todos recordar, logo após a missão do Cristo na Terra ocorreu o nosso último encontro, quando da escolha daqueles que iriam sair do contexto terrestre para poderem adequar as suas consciências aos níveis vibratórios necessários a uma futura sustentação moral e energética para que a Terra pudesse ser reintegrada à grande família sideral. Eis que o futuro ali referido já chegou e aqui estamos todos de volta – apesar de que alguns ainda não tenham se adequado a essas projeções de consciências e permaneçam na nossa base de serviço – para retomarmos os trabalhos com vistas à redenção de todos.”

“Especificamente quanto a mim, um pouco mais e devo potencializar-me completamente nos ambientes espirituais terrenos já que preciso renascer para adestrar-me e também para melhor tentar contribuir, por modesta que seja a contribuição, com os esforços em curso. Devo novamente nascer para o mundo terreno em período que englobará partes dos dois próximos séculos, antes do cumprimento final da promessa feita pelo Mestre, já que deverei estar novamente liberto das limitações do mundo, quando chegar a hora tão esperada.”

“A exemplo do que farei, outros que aqui estão também o farão, pelo bem de suas consciências pessoais, procurando ofertar de si mesmos um pouco que seja de suas aquisições espirituais. Outros – na sua maioria – não enfrentarão a vida na carne, já despertos para uma condição de trabalho que ainda não possuo, permanecerão no fluxo contínuo entre a nossa base de apoio e os ambientes espirituais terrenos, trabalhando incessantemente pelo sucesso da empreitada que une a todos.”

“Ainda não vos é possível reconhecer os que estão aqui projetados, por ainda não termos adequado as nossas vibrações às forças dos centros memoriais da alma, repositórios dos registros das vidas passadas deste planeta, o que deverá ocorrer em breve. Mais um pouco, e poderemos também, a exemplo do que podeis fazer, assumir a forma das nossas últimas vidas terrenas. Por enquanto, devo recordar-lhes quem são os que aqui se encontram projetados.”

Passou o nosso irmão Pedro a nominar aqueles seres pelos nomes que tiveram no passado terrestre: José, Maria, Ana (a sua mãe), Lucas, Mateus,

Marcos, Estêvão, Sócrates, Platão, Aristóteles, Enoch, Elias (João Batista), e nove apóstolos, dentre outros. Além desses, havia alguns outros seres que também faziam parte daquela equipe que jamais haviam encarnado na Terra. Dentre eles, encontravam-se as impressionantes figuras de Gabriel, Miguel e Rafael.

Alguns deles expressaram as suas saudações aos seus antigos companheiros e afetos que haviam permanecido na Terra.

Por fim, José, em nome do Mestre, reavivou no espírito de todos que, dentro em breve, um outro comboio sideral estaria se aproximando da Terra, no qual estaria presente a figura excelsa do Mestre Jesus. A exemplo dos demais seres cósmicos, ele também utilizaria as suas projeções pessoais para coordenar pessoalmente os trabalhos a serem realizados na esfera dos encarnados. Segundo José, o Mestre agiria daquela maneira para também ir preparando a sua forma existencial celeste para a sua segunda vinda que se daria mais tarde.

E muito mais foi dito naquela oportunidade, onde espíritos afins e parceiros de certas situações existenciais tornavam a se reencontrar para juntos elaborarem os passos do porvir.

Ao final das projeções ocorridas, feitas as verificações, tudo havia acontecido da melhor forma possível, sem qualquer prejuízo para os que se projetaram. Depois de efetivadas as devidas correções e ajustes, aquele seres passaram a conviver normalmente com os espíritos desencarnados, como também, em alguns casos específicos, com os que estavam encarnados, sendo que, neste caso, sempre por motivos de trabalho.

Foi dessa maneira que “seres de fora do contexto terrestre” participariam dos trabalhos da codificação espírita, aspecto pouco entendido por alguns segmentos do movimento espírita. Realmente, para alguns, ainda é difícil entender como seres extraterrenos participaram da elaboração da codificação. Mas, de fato, assim foi e não há nisso nenhum problema, a não ser um possível choque com a cultura imposta pela ortodoxia espírita que até os dias atuais se escandaliza com a questão extraterrestre. Esquecem estes que eram eles mesmos, que há menos de um século, se escandalizavam quando encarnados como católicos ou protestantes, com uma heresia que estava surgindo nos ambientes europeus chamada Espiritismo.

Contudo, no decorrer das primeiras projeções foram proporcionadas oportunidades para que antigas afinidades pudessem ser fortificadas pelos

laços da convivência. Dessa maneira, os espíritos que permaneceram reencarnando na Terra voltaram a conviver normalmente com os que haviam retornado.

Nas conversas que foram sendo desenvolvidas, foi ficando clara a posição de cada um, na medida em que, os que vieram para a Terra preparar o advento do Consolador começaram a esclarecer a estratégia do Espírito da Verdade – assim denominado pelo codificador –, cujo significado expressa apenas uma maneira de se referir ao espírito que personificou na transitoriedade terrena o amado Mestre Jesus.

Com o tempo, a Espiritualidade terrena foi percebendo a intenção do Espírito da Verdade em oferecer ao mundo os esclarecimentos que pudessem dissipar a ignorância, única maneira de evoluir. Afinal, qual o maior entrave à liberdade e ao progresso humano senão a ignorância?

Por aqueles dias, discutia-se como as famílias espirituais envolvidas com a questão deveriam desenvolver os seus esforços já vinculados à execução do plano do Mais Alto.

Assim, em uma certa oportunidade, Ana, José, Gabriel e Tiago, o Justo – o que havia sido irmão de Jesus – fizeram uma projeção conjunta para participar de um encontro com os espíritos que estavam envolvidos com o projeto de esclarecimento para o mundo ocidental, já que haviam, por aquela época, três grandes projetos espirituais em curso, todos eles com vistas ao progresso planetário, sendo cada um deles dirigido para uma certa região da Terra – mais adiante esse aspecto será melhor explicitado.

Após as saudações iniciais inerentes à convivência fraterna, o ser denominado Gabriel tomou a iniciativa de direcionar as abordagens a serem feitas.

“Precisamos, a pedido do Mestre, criar o melhor caminho para as tentativas a serem empreendidas diante do objetivo que nos une. É imperioso verificar, ante as alternativas que existem, qual deve ser o foco da nossa atenção para que não desgastemos nossas intenções com aspectos menores e estéreis. Se o grande objetivo é esclarecer, estimular e ajudar a tantos quanto seja possível, com o objetivo final de reintegrar a Terra à vivência com as demais famílias siderais, devemos harmonizar as ações possíveis com a estratégia que nos levará ao que pretendemos.”

“Ora, as ações possíveis dependerão da capacidade da vossa consecução, ou seja, do desempenho dos espíritos que se ofereceram para trabalhar nesta última hora antes da reciclagem espiritual com vistas à

reintegração. Se assim é, devemos ter certeza das possibilidades reais de atuação no ambiente terreno de cada um de vós. Isso, ao que parece, já está claro para todos, como também já o sabem aqueles que, como eu, foram informados a respeito das habilidades e problemas espirituais de todos vós aqui presentes. Portanto, já temos idéia concreta do que cada um pode ofertar durante a vida na Terra. Conhecendo as possíveis ações a serem empreendidas, resta-nos analisar a habilidade espiritual de cada um agir conforme a estratégia que caracteriza os trabalhos fielmente desenvolvidos no mundo de acordo com os objetivos do Mais Alto. Sabemos que pouco adianta erigir jardins, se neles colocarmos espinhos disfarçados entre as flores, para ferir os que por ali venham a viver. E, quando se tenta edificar durante as vidas terrenas – pelo menos é o que pudemos verificar ao longo do tempo em que vos acompanhamos desde que à Terra viestes –, as missões recebidas na Espiritualidade, tem sido inevitável a sementeira conjunta do produto venenoso das imperfeições humanas que quase sempre conseguem distorcer qualquer tentativa do Mais Alto de ajudar aos que lá vivem.”

“Por isso, pessoalmente, avalio ser este o aspecto de maior dificuldade da questão, já que sabemos o que cada um pode fazer, e seguramente será feito. O problema, entretanto, é fazer de acordo com os princípios que pautam a sementeira celeste, que visa somente o esclarecimento, o estímulo evolutivo e a ajuda para quem dela necessite, sem que, contudo, o culto à personalidade, a imposição dos jugos pessoais, a formação de verdadeiros impérios de vampirismo psicológicos sejam também erigidos ao lado, ou o pior, por sobre a sementeira do foco luminoso. Quando assim acontece, e infelizmente assim tem sido em quase toda oportunidade, as desfigurações e as distorções passam a ser o legado, e as gerações futuras que com ele se envolvem, passam a ser coadjuvantes de um processo onde as falanges das trevas e os encarnados que dominam através do jugo político temporal, terminam se unindo em um doloroso processo de estacionamento espiritual que propicia as piores atitudes humanas. É por isso que os que atualmente vivem na Terra acham até normal matar em nome do Amantíssimo Pai.”

“Sob esta ótica, muitos são os chamados ou os que se oferecem, mas poucos realmente se permitem ser escolhidos como reais parceiros da edificação do reino de amor do Pai Celestial, já que, se bem postados na expressão teórica das suas missões, realizam-nas de maneira a depois envergonharem-se do que foi feito. Contudo, felizes dos que pelo menos

assim se sentem, pois muitos ainda existem que defendem as suas atitudes equivocadas ao tempo de Atlântida, sem a percepção consciente dos erros ali cometidos, o que, por sinal, impede a esses nossos irmãos e irmãs de estarem aqui conosco.”

“Temos, pois, a difícil missão de escolher dentre as alternativas possíveis à vossa bagagem espiritual (currículo existencial) as que mais possam se adequar à estratégia sonhada pela Espiritualidade Maior, para que no menor intervalo de tempo possível, o mundo azul possa se emancipar na escala cósmica, poupando o sofrimento de bilhões de seres. Esse futuro dependerá do que por nós for planejado, e depois executado. Da forma como até hoje as religiões terrenas foram trabalhadas, em especial pelos seguidores que procuraram levar adiante os legados que receberam dos mestres espirituais que encarnaram na Terra, dificilmente o objetivo final será atingido – o da emancipação terrestre com a conseqüente reintegração cósmica – sem que dores horrendas venham a dificultar mais ainda a já infeliz jornada dos terráqueos.”

“Precisamos atinar com o que é possível, com o que precisa ser feito, com aqueles dentre vós que têm a mínima condição no campo da habilidade espiritual para cumprir com o compromisso assumido, sem que ocorram as graves distorções que põem tudo a perder. É esse o grande desafio que neste momento une a todos nós.”

“Peço, pois, desculpas porque sei ter ferido a sensibilidade espiritual de alguns dos presentes, mas não podemos novamente nos equivocar quanto ao rumo do que aqui será decidido, sob pena de repetirmos os mesmos erros do passado. Daí a inevitável sinceridade com que temos que tratar o tema sob nossa responsabilidade.”

As palavras de Gabriel tinham realmente provocado “lágrimas e inquietações espirituais” em muitos dos presentes. Afinal, poucos na Espiritualidade terrena tinham, ao longo das muitas vidas, conseguido errar pouco, e ainda assim sob uma análise muito generosa. Se assim não tivesse sido, a situação do planeta há muito já poderia ser outra.

O espírito de Judas Iscariotes resolve perguntar: “O amado irmão Gabriel realmente afirmou que será decidido por nós, neste momento, o rumo das ações futuras?”

“Foi exatamente o que entendestes, ó Yel Liam (nome cósmico-capelino do espírito de Judas Iscariotes). À exceção de que não será necessariamente neste encontro que definiremos o que deverá ser realizado,

e a quem caberá a responsabilidade pela realização das tarefas necessárias ao objetivo comum. O instante da definição surgirá quando estivermos prontos para decidir. Caberá à nossa responsabilidade espiritual, entretanto, a definição do que precisa ser feito, quando e quem fará, obviamente depois de observadas as nuances do jogo cármico que ora se processa na Terra.”

“Decidiu o nosso Mestre que, de nossa parte, apenas informássemos a vós a sua intenção de vir até a Terra, inicialmente em estado projetado para, dos ambientes espirituais/astrais do planeta, cumprir a sua promessa de que o Consolador haveria de vir para esclarecer o que na oportunidade da sua primeira vinda não fora possível pelas condições da época e, em especial, pela tenebrosa habilidade com que as trevas minaram o apoio que lhe seria prestado por terceiros. Apoio sem o qual a continuidade dos seus esforços não vingaria, como de fato aconteceu. Assim, Ele virá em tempo breve e se projetará para os ambientes espirituais terrenos de onde, juntamente com uma grande parte de vós que aqui permanecereis, fornecerá para os que irão reencarnar e trabalhar no palco terreno, o que julgar oportuno, conforme o seu tirocínio.”

“Ao que julgamos saber, Ele dará continuidade ao seu plano educacional de cunho esclarecedor para os que vivem na Terra, fíncando ali suas luzes que poderão iluminar a percepção do ser terráqueo para os contextos espiritual e Universal (cósmico) que os rodeiam. Com o primeiro, virá a noção de que somos todos eternos e completamente responsáveis por tudo o que acionamos através do nosso livre-arbítrio; com o segundo, a de que existe uma grande família Universal, espalhada pelas muitas moradas do Pai, e da qual a comunidade terrena é somente uma das muitas integrantes. Isso é necessário para o que mais tarde virá: o fim do isolamento com a conseqüente reintegração à convivência com essas outras famílias. Dessa forma, com esses esclarecimentos disponíveis no mundo dos encarnados, as gerações que se sucedem no ciclo reencarnatório terrestre poderão passar por um processo de melhoramento íntimo contínuo, que possibilitará a emancipação do mundo e a redenção dos espíritos de todos os que nele se encontram congregados. Tudo isso com a intenção de preparar as gerações futuras para tornar a conviver com a grande sociedade Universal da qual a família terrestre faz parte. Para esse grande momento, como Ele mesmo prometeu quando esteve entre vós, aqui retornará, não mais como um simples homem ou através de projeções, mas na sua real condição existencial de autoridade celeste.”

Seguiu-se um longo momento de silêncio após as palavras de Gabriel.

Alguns começaram a trocar idéias com os que lhe estavam mais próximos, já que ninguém tomava a iniciativa de dar continuidade ao que fora proposto.

Em certo momento, um dos irmãos ali presentes, cujo nome não passou à História em nenhuma das suas reencarnações mais recentes, mas que no passado atlante ocupou posições estratégicas daquele império, começa a expressar a sua opinião.

“Diante do que foi exposto, devemos talvez agir por exclusão. Já que agora temos idéia do que o Mestre vai realizar, e de como vai operar os seus esforços, entendo ser conveniente que, a exemplo de um nosso irmão aqui presente – e dirigiu o seu olhar na direção do espírito de Rochester – que se assumiu como inabilitado a desenvolver os seus esforços na esfera dos encarnados por questões de problemas pessoais, assumamos todos também uma posição, o que facilitará o desenvolvimento das nossas reflexões. Ora, se devido a isso, e também por ser sabedor de que será necessária a presença de muitos trabalhadores no lado de cá, o nosso irmão trabalhará nos ambientes espirituais, dando o seu apoio ao que vier a ser estabelecido como missão conjunta, poderíamos já, estabelecer a seguinte premissa de análise: quem de nós encontra-se com problemas no campo das possibilidades de executar na Terra tarefa de tal porte, ou seja, servir como ponto de apoio intelectual e moral para que daqui, possa o Mestre Maior dirigir os seus ensinamentos? Se a isso conseguirmos responder, em muito a nossa tarefa de escolher os missionários que atuarão lá, no palco das nossas infundáveis lutas de redenção espiritual, estará facilitada. Eu mesmo não me acho pronto para sequer sonhar em executar o que quer que seja no perigoso terreno do esquecimento temporário promovido pelas encarnações, razão pela qual peço aos coordenadores que me aceitem como modesto trabalhador no lado de cá.”

Muitos outros assim também procederam. Só que em certos casos, os mentores ali presentes, não concordaram com a auto-avaliação que alguns fizeram de suas próprias condições espirituais.

Depois de promovidas aferições jamais sonhadas pelos que vivem na Terra quanto a alguns padrões do marco espiritual de cada um dos presentes, cerca de mais de duas mil personalidades espirituais com vastíssima bagagem acharam por bem ofertar os seus concursos para apoiar os trabalhos a serem desenvolvidos, restando alguns poucos como os

possíveis trabalhadores a executarem no mundo dos encarnados o que era pretendido pelo Mais Alto.

Quando os coordenadores das famílias espirituais ali presentes começaram a enumerar as individualidades que a princípio estavam desimpedidas e que apresentavam as condições requeridas para o trabalho a ser executado, as atenções foram se voltando para os espíritos de Ramatis, de Ananias (Bezerra de Menezes), de Judas Iscariotes, de Kardec, de João Evangelista – que já havia reencarnado como Francisco de Assis –, de Paulo de Tarso. Todos, ao longo das últimas existências, haviam mantido os requisitos morais e intelectuais para tarefas daquele porte. Dentre eles, o mais aquinhado no campo das conquistas intelectuais era o espírito de Judas Iscariotes. No campo da nobreza moral e das aquisições por atitudes meritórias todos eles se encontravam em padrão de patrimônio espiritual semelhante.

Contudo, havia uma questão referente às posturas psíquicas assumidas no campo do orgulho intelectual e espiritual ao longo das vidas que fez os espíritos de Judas Iscariotes e de Paulo de Tarso, dentre outros, reafirmarem o alto nível de risco que a missão sofreria, caso um deles recebesse tal incumbência. Assim, cada um expôs a sua posição publicamente.

O espírito de Ramatis assumiu claramente a posição de que não havia ainda, no seu psiquismo espiritual, a devida maturidade para encarnar com uma missão daquele porte no mundo ocidental. Habitado que estava ao ritmo de vida física nos moldes orientais, não achava que conseguiria se enquadrar de maneira produtiva ao que, por aquela época, se supunha ser a realidade do dia a dia europeu no século XIX, já que era para aquela região do planeta que estava programada a missão. Expôs longamente a sua opinião de que, conforme missão que há muito sonhava, seria mais produtivo ajudar nos moldes a que o espírito de Rochester havia se proposto, ou seja, trabalhar a partir dos ambientes espirituais.

O espírito de Kardec declinou da honra referente às indicações que os mentores espirituais haviam feito. Segundo o que informaram, ele havia sido indicado pelos trabalhos realizados no passado e devido à rara condição de equilíbrio psíquico que caracterizou o seu espírito em todas as suas últimas reencarnações, sem maiores variações de conduta. Ainda assim, insistiu em não aceitar por se achar indisciplinado e pouco inclinado às lides religiosas, pelo menos da maneira com que estavam sendo professadas na Terra. Expressou mesmo, com um certa dose de bom humor,

que faltava nele o que sobrava da disciplina espiritual e psicológica de um Ramatis, o que sobrava da beleza espiritual de um João Evangelista e de um Ananias e o que sobejamente sobrava da capacidade intelectual de um Judas Iscariotes. E deu por encerrada a sua participação, oferecendo-se para trabalhar no palco terreno, dando suporte a quem fosse incumbido da missão, que iria dar apoio às intenções do Mestre Amado.

Aguardava-se ainda as posições que os espíritos do apóstolo João e o de Ananias haveriam de assumir diante dos fatos. Indecisos diante de tamanha responsabilidade, por motivos diversos, não se achavam suficientemente habilitados para a missão na Terra. Achavam que não conseguiriam resistir à terrível oposição que as falanges trevosas faziam contra a missão renovadora.

Já era conhecido de todos, na Espiritualidade, que uma certa missão estava em curso de preparação. Os espiões do “exército das trevas” há muito observavam “os fluxos das esferas mais altas para o mundo dos encarnados” já que naquela situação era mais fácil para eles perceberem, por trás das máscaras corporais dos espíritos encarnados, quem na verdade eram “os que chegavam”, em termos de identidade espiritual. Os chamados “estrategistas das trevas”, apesar da acuidade das suas mentes e dos conhecimentos técnicos adquiridos, pelas vibrações pessoais complicadas, não podiam ter acesso às esferas espirituais mais elevadas. Dessa forma, restava-lhes a tentativa de exercer os seus controles e operacionalizar as suas estratégias nas esferas mais próximas ao mundo terreno, e, em especial, diretamente neste último.

O espírito de Ananias ponderava não ter ainda a necessária experiência no campo da prudência psíquica. Ele achava por bem realizar alguma função de apoio, sem que ficasse sob a sua inteira responsabilidade moral a execução da missão que se pretendia. Na verdade, a posição desse nosso irmão era assim expressada pela nobreza de seu caráter, pelo altruísmo de suas posturas, e mesmo pela falta de malícia para conviver com a esperteza de muitos durante a vida terrena.

O espírito de João, além de repetir com outras ponderações tudo o que já havia sido exposto pelo de Ananias, aprofunda a sua análise com o intuito de deixar claro que não mais pretendia combater as trevas. Ao contrário. Era sua meta espiritual render-se – a exemplo do que fizera quando personificou Francisco de Assis – às injunções do mundo, como fizera o seu Amado Mestre Jesus, o que lhe diminuía a condição de

competir isoladamente contra todo um contexto que se lhe fizesse confronto. Segundo o seu próprio discernimento, não conseguiria levar adiante nenhuma missão de vanguarda filosófica por entre o jogo das intrigas e confusões do mundo. Ofertou-se para apoiar em posição também de apoio, mas não queria assumir maiores compromissos. Afirmava já estar apto a dar a sua vida terrena, se necessário fosse, pelo simples testemunho isolado à obra de Jesus. Mas não se achava habilitado a realizar tarefas meritórias, “contra tudo e contra todos”, no campo da edificação de esclarecimentos espirituais, em uma região do mundo onde os interesses equivocados de duas grandes religiões (o Catolicismo e o Protestantismo, que se expandiam) aniquilavam qualquer esforço renovador.

É importante ressaltar que o espírito de João viria a ser o único, dentre os doze apóstolos, a fazer parte da equipe do Espírito da Verdade que mais tarde realizaria a codificação espírita. Afinal, como já informado anteriormente, apenas os espíritos de Judas e de João haviam permanecido no ciclo das reencarnações terrenas.

Devido à inexistência de oferta espontânea para o serviço por parte daqueles a quem os mentores da Espiritualidade apontaram como sendo os aptos para a missão, restou a Gabriel, que superintendia os trabalhos, avisar a todos um aspecto ainda desconhecido dos que ali estavam presentes.

“Entendemos ser prudente a postura tomada por todos vós, sem exceção. Sei que se estivesse entre vós, provavelmente agiria da mesma maneira, pela magnitude da responsabilidade moral em assumir a função de pedra angular de todo o processo que está por vir. Contudo, será um de vós a realizar o trabalho. Não há outra alternativa.”

“Por mais que vos possamos surpreender com o que ora afirmarei, não era essa a nossa intenção – assim expressou-se dirigindo um olhar de cumplicidade para José, o que havia sido o pai terreno de Jesus. Esperávamos que houvesse da vossa parte, a indicação fraternal, como realmente alguns o fizeram, dos nomes que mais lhes parecessem adequados à tarefa. Ainda assim, para nossa surpresa, os espíritos que normalmente lidam com as questões do poder temporal – assim o disse dirigindo a sua atenção para a falange que eles formavam naquele momento – são os que mais se aproximaram da indicação que trazemos, e que nos foi dada pelo Mais Alto. Mas não serei eu a vos informar este fato.”

Olhou novamente para José como se a lhe solicitar que desse continuidade aos esclarecimentos.

É importante que se perceba a importância singular que os espíritos desencarnados dão aos conclaves, onde certas missões são delegadas aos trabalhadores que se ofertam e/ou são convidados pelo Mais Alto. São momentos inesquecíveis, e dos mais importantes para a vida nos ambientes espirituais, já que são normalmente cercados por estudos referentes ao passado, por aferições de possibilidades do presente e do chamado futuro imediato, como também por tentativas de se arquitetar e prever o futuro para que melhor se ajustem às missões pretendidas.

Ao final da exposição de Gabriel, muitas mentes espirituais ali presentes recordaram que os espíritos vinculados às lides políticas haviam indicado os espíritos de Judas Iscariotes, de Paulo de Tarso e o de Kardec, após inúmeras conversações levadas a efeito durante o desenrolar daqueles acontecimentos. Mas foi com surpresa que todos escutaram a referência a uma possível indicação do Alto quanto à escolha do tarefeiro para a missão, já que haviam sido esgotadas as possibilidades de oferta espontânea para abraçar a tarefa de semear na Terra novas sementes de luz e de esclarecimento, com vistas a nortear os passos da humanidade. Tornava-se mesmo crível a aparente interferência do Alto, para os que pouco a pouco iam entendendo o encadeamento dos fatos.

“Não faz muito”, começou José, “que um dos presentes ajudou-me a aceitar a honrosa e inestimável função de pai terreno do enviado dos céus. E o fez com tanta prudência e sabedoria que praticamente deixou-me sem maiores opções de conduta, pela amorosa postura da análise feita naquela oportunidade em que Ana, a pedido de Maria, confiou-me o seu convite e aceitação do Mais Alto quanto ao meu concurso. Agora pretendo fazer o mesmo com ele.”

Ao dizer isso, olhou de forma terna e sorridente para o espírito de Kardec.

“Antes de retornar ao contexto terrestre, na morada celeste em que me encontrava, tive a singela graça de conviver demoradamente com o nosso Mestre Jesus. Dele escutei as suas impressões quanto às futuras vindas à Terra, sendo uma para coordenar os trabalhos de esclarecimento (Espírito da Verdade – nota do autor) e a outra para presidir, na sua função cósmica de Senhor da Vida e dos Mundos, o que Ele mesmo definiu como sendo a separação dos já aptos a reassumirem o exercício pleno das suas cidadanias cósmicas daqueles ainda inaptos à fraternidade e ao progresso moral.”

“Escutando dele as expectativas que tinha quanto ao futuro da Terra, recordava-me das conversas que tive com muitos de vós aqui presentes, mas em especial com o seu espírito, ó irmão e parceiro de muitas buscas antes mesmo de aportarmos à Terra. Em uma dessas oportunidades, pude referir-me aos trabalhadores da última hora, apontando o teu nome cósmico como um dos que mais desejava servir àquele a quem sequer conseguimos compreender quando estive na Terra”, e continuou José a relembrar muitos fatos do passado, olhando constantemente na direção onde se encontrava o espírito de Kardec, que estava sendo nominado pelo seu nome cósmico, sempre que a ele José se referia.

“Posso dizer-te que o Mestre recomendou-me indicar, a ti, a expectativa de confiar-te, desde que aceites, o teu concurso em três encarnações seguidas, desenvolvendo os melhores esforços pelos objetivos do Mais Alto, demonstrando com isso quanto Ele confia no teu tirocínio.”

“Como te conheço o bastante, sei que agora pensas como pode Ele confiar no teu tirocínio se fostes tu quem o crucificou, por forças das injunções daquele tempo. Ora, ele sabe exatamente quais as nossas possibilidades de atuar em um ou outro sentido e nos ama independente de tudo o mais. Conhecedor dos teus pendores espirituais sabe Ele até onde podes ir a título de sacrifício das próprias opiniões, interesses e conveniências pessoais, quando algo maior se lhe descortina a mente. Assim foi ao crucificá-lo, assim tem sido nas vidas por ti assumidas com raro senso de capacidade de realização de tarefas, por mais inglórias e inconvenientes que sejam para os valores transitórios das épocas, e assim será, Ele o sabe como ninguém, sempre que o teu espírito se propuser a algo fazer alicerçado no rigor moral com que costumavas abraçar as obrigações espirituais.”

“Mesmo sem maiores necessidades, a não ser aquelas impostas pelo jugo da tua própria consciência, impuseste a ti mesmo a obrigação moral de morrer pelo testemunho do Cristo, o que fizeste nas oportunidades por ti mesmo arquitetadas. Fazias de tal forma que, se os escândalos do mundo não te atingissem, os trabalhos feitos cresceriam mais e mais, em benefício de muitos. Ao contrário, se a morte punitiva te fosse imposta, o teu sacrifício serviria ainda de padrão moral para muitos que te seguiriam os passos. E assim fizeste, com raro senso de responsabilidade moral, sem grandes expressões do orgulho e da vaidade que cegam, o que tornou os

teus testemunhos muito caros aos olhos do Nosso Mestre. É Ele quem te encomenda o concurso fraterno.”

“Trabalhando com as ênfases possíveis no campo das revelações espiritual, cósmica, e, mais tarde, no exercício político da educação planetária para o futuro convívio da família terrestre com as demais famílias cósmicas, estará o teu espírito, ó amado irmão, no esforço incessante de esclarecer a si mesmo e a quem mais assim se permitir, e isso eu o sei por te conhecer como poucos.”

“Cuida por atinar que o que te é pedido é o esforço final de um processo iniciado pelo testemunho pessoal do próprio Mestre, o que realça a responsabilidade da tarefa a ser empreendida. Cuida, pois, em refletir quanto à solidão que te espera no desempenho de codificar aparentes novidades em um mundo que não as deseja. Cuida em não deformar o trabalho a ser feito em virtude das conveniências do orgulho espiritual que a tudo envenena.”

“Rogo-te, portanto, ó irmão de tantas tentativas de redenção e progresso, que reflitas sobre o que ora te peço, em nome do Mestre. Mesmo sabendo ser alto o preço da realização, grande também é a honra espiritual, despida de todo orgulho e vaidade, pela convocação amorosa. Por quem és, sei que não deixarás de aceitar o reflexo das nossas expectativas, em especial as que te são depositadas pelo próprio Mestre.”

Olhando ainda para o espírito de Kardec, disse: “Então? Permites ser escalado o teu espírito para a tarefa de redenção planetária, nesta última hora de oportunidade de trabalho que nos promove o cumprimento das promessas do Cristo? Queres tu, dentre os chamados, ser o escolhido para fecundar na Terra as sementes de esclarecimento do céu?”

O espírito de Kardec, em estado de profunda emoção, acenou positivamente, apesar de que continuou em silêncio, o que era compreensível para todos os presentes. Como diria mais tarde o espírito de Rochester, se alguma coisa o espírito de Kardec tivesse para dizer naquele momento, era entre ele e Jesus, e não para que todos escutassem.

E foi assim que o espírito de Kardec tornou-se o escolhido para o trabalho que viria realizar algum tempo depois.

Firmada sua posição como realizador dos trabalhos a serem executados, muitos amigos e parceiros espirituais foram adequando suas encarnações de modo a apoiar a sua tarefa.

ANTES DA CODIFICAÇÃO

O ^{ESPÍRITO} de Kardec foi assimilando aos poucos a responsabilidade que lhe estava sendo depositada pela confiança pessoal do Mestre Jesus, de José, de Maria, de Ana, além de outros. Logo ele, que tomara parte na crucificação, estava sendo agora eleito para realizar, conforme o permitissem as circunstâncias, as duas últimas etapas do programa de revelações progressivas vinculado aos compromissos assumidos pelo próprio Mestre, de enviar o Consolador e depois retornar para encerrar o atual ciclo de aprendizagem e inaugurar o próximo, já com a Terra emancipada na escala hierárquica dos mundos.

Aconselhado por José, procurou adestrar a sua educação espiritual em especial no estudo da “imperturbabilidade da alma” ao se defrontar com os desassossegos, angústias e inquietações que invariavelmente cercam a quem quer que viva na Terra. Afinal, amar incondicionalmente pressupõe uma certa dose de exercício da soberania espiritual sobre si mesmo – em especial no campo das emoções que normalmente são sentidas durante as vidas terrenas, para que estas não tenham os seus nobres objetivos atropelados pelo império emocional equivocado que, frequentemente, tem atrapalhado o esforço dos missionários.

Nas encarnações que tivera como Boécio e Jan Huss, já afrontara a ignorância e as incompreensões alheias com dignidade espiritual, pois nas duas oportunidades fora sentenciado à morte, sem que com isso tivesse nutrido nenhum tipo de ódio por seus algozes. Ao contrário. Tão grande foi o seu esforço moral em perdoar que, nas duas oportunidades em que desencarnou sob o jugo da intolerância e da intriga, delegações do Mais Alto vieram receber o seu espírito nos ambientes espirituais. Em uma delas, o próprio Mestre Jesus se fez presente para saudá-lo. Mas o seu espírito, ainda assim, pelos traumas ainda registrados na sede consciencial, não se sentia digno de tamanha glória, o que foi compreendido pelo Mestre, que apenas o honrou com a sua augusta presença.

Na verdade, os mentores espirituais comentam que, naquela oportunidade – quando desencarnou ao tempo de Jan Huss –, pretendia o Mestre convidar o seu espírito, para se retirar “momentaneamente dos ambientes terrenos”, convite que não chegou a fazer pela postura que percebera no espírito de Kardec. Segundo o próprio, não havia ainda

conseguido reunir os méritos necessários para conviver com seres ricos em patrimônio moral e beleza espiritual como era o caso de quase todos que conviviam mais diretamente, em outros ambientes existenciais, com o Mestre Jesus. Desejava trabalhar mais e mais para poder libertar-se de algumas recordações desagradáveis ainda presentes no seu espírito. E como normalmente faz, o Mestre respeita o livre-arbítrio e as opções de qualquer ser.

Dessa forma, o seu espírito tratou de se adestrar para os embates futuros, já que devido ao progresso das condições da vida terrena, era difícil mensurar-se, naquela oportunidade, a amplitude da missão a ser realizada.

Conversou e foi orientado insistentemente pelos mestres espirituais que coordenam a evolução dos que vivem congregados neste orbe. Percebeu lentamente que a intenção do Mestre Jesus era exatamente a de confiar-lhe a posição de vanguarda nos esforços finais daquela “última hora”, antes do exílio de bilhões de individualidades espirituais que, a partir de um certo momento da última década do século XX, não mais reencarnariam na Terra. Estas seriam exatamente as que já haviam tido todas as oportunidades de crescimento espiritual que lhes permitia o “calendário cósmico”, mas que, infelizmente, não lograram aproveitar.

Sob a égide dessa “urgência”, quanto mais esclarecimento, disciplina espiritual e ternura fossem ofertados, maiores as chances de se evitar o sofrimento de incontáveis espíritos que, se exilados, iriam enfrentar condições em outros ambientes existenciais ainda mais complicadas que as que se conheciam na Terra.

Caberia à sua habilidade espiritual transitar no mundo dos homens com uma sublime missão de esclarecimento e conforto, o que aparentemente, na sua análise, era ainda incompatível com as eternas e equivocadas tendências humanas que buscavam o estacionamento estéril, a inércia espiritual, contentando-se com as misérias morais, materiais e espirituais que a todo momento se acumulam no palco terreno, promovidas pela lei do menor esforço, do orgulho e da ignorância. Este aspecto o inquietava e não foram poucas as vezes em que pensou em desincumbir-se de tamanha responsabilidade, implorando para que outro tomasse o seu lugar naquela função.

Quando assolado pelas dúvidas quanto à sua destreza espiritual para levar a cabo a missão que o esperava, procurava escutar as ponderações dos amigos e dos mentores espirituais que lhe recordavam que “se o próprio

Mestre confiava nele o que mais o seu espírito necessitaria para levar adiante aquela convocação amorosa?” Ao mesmo tempo em que aquilo o confortava, muito o inquietava a responsabilidade superlativa que lhe estava sendo imputada. Ponderava, porém, que se a única promessa que se tinha quanto ao futuro planetário era a de que um dia uma certa hoste celestial viria à Terra acompanhando o Mestre, quando do seu retorno, nada mais lógico que a Espiritualidade Maior procurasse relembrar a todos a existência desse compromisso, até como forma de tornar “mais suportável” a difícil vida na Terra, que por aqueles dias atingia níveis de inquietação e sofrimento alarmantes.

Em qualquer época de renovação, é normal que muitas dores surjam, já que a velha estrutura de sustentação de certos modelos, sejam eles de caráter político ou mesmo religioso, caem por terra. As lutas libertárias do século XVIII estavam sendo travadas em praticamente todos os quadrantes planetários, e os exageros daí decorrentes também criavam as suas monstruosidades que, terminavam, às vezes, produzindo mais problemas do que aqueles que se pretendiam combater. É do gênero humano substituir uma criação monstruosa por outra, sempre com o discurso de renovação e melhoria no campo político. As revoluções violentas sempre terminam por produzir mais violência, e os débitos espirituais vão se acumulando em uma rota suicida onde somente o desespero e o terror moral dão a tônica dos fatos.

Era, portanto, por entre essas lutas renovadoras que o espírito de Kardec haveria de levar adiante a sua missão, o que muito o inquietava.

Quando mais próximo do instante em que reencarnaria na França para o desempenho de sua primeira missão em prol da Humanidade, soou o aviso em alguns ambientes espirituais de que haveria uma reunião dos seres que iriam trabalhar com a equipe do Espírito da Verdade. Comentava-se, inclusive, que o próprio se faria presente através das já comentadas projeções.

Realmente, tempos depois, a equipe que já vinha se projetando normalmente, tornou a fazê-lo, só que em maior número, contando, naquela oportunidade, com a augusta presença do próprio Espírito da Verdade – o Mestre Jesus.

Explicou pessoalmente aos presentes a sua intenção de trabalho. Ressaltou a necessidade do melhoramento íntimo de cada um dos trabalhadores daquela hora, para que se pudesse pretender melhorar o

mundo. Convocou a todos para desempenharem os melhores esforços no campo da edificação das posturas sublimes da mansuetude, da simplicidade, da tolerância, da suavidade, como sendo a única maneira de tornar possível o exercício do amor na difícil convivência das vidas terrenas. Ressaltou que se pudesse ainda dizer alguma coisa a todos os que viviam na Terra, diria novamente da importância do testemunho amoroso, única forma, a seu juízo, de conquistar a redenção espiritual.

Dirigiu-se a cada um dos espíritos que iriam reencarnar com missão de vulto estratégico – dos que ali estavam presentes, pois nem todos tinham condição vibratória de ali estar – para que não se deixassem tolher em suas nobres intenções pelo veneno do orgulho intelectual que, quase sempre, causa sérios danos aos bem intencionados, aos que com eles convivem ou deles dependem e, em especial, no desempenho das tarefas a que se propuseram.

Já próximo ao final de sua participação, volta-se para o espírito de Ramatis e expressa-se dizendo: “Recebi as tuas vibrações, ó irmão amado, que tinham por objetivo rogar-me o concurso para que esta equipe que ora se forma para o trabalho redentor, também dirigisse os esforços de esclarecimento para as regiões do Oriente, onde, a exemplo do que ocorre no Ocidente, existe a carência de novos focos de luz espiritual. Contudo, segundo o aconselhamento dos amados irmãos e irmãs que formam o Conselho deste mundo, seria de difícil consecução uma mesma força esclarecedora conseguir desenvolver uma estratégia comum que se adequasse às peculiaridades de cada região. Por isso, o espírito de Rama, nosso irmão celestial que personificou também Krishna, já está se preparando para realizar, pessoalmente, na mesma região do palco planetário onde estive como Krishna, uma série de encarnações para que, ao seu final, o efeito educativo do seu testemunho contribua decisivamente para a emancipação espiritual dos que ali vivem. Além deste meu irmão em unicidade com o Pai, um outro aqui presente – referia-se ao espírito que mais tarde encarnaria como Mahatma Gandhi – também ali há de realizar fecunda missão que poderá abortar a rota suicida de muitos espíritos que se encontram em perene equívoco.”

“Tu mesmo, ó Ramatis, já que assim és agora denominado, e com toda a tua equipe, irás acompanhar o espírito de Rama em sua última encarnação, no novo tempo para o futuro da Terra, quando já estiverem cumpridos os primeiros passos da reciclagem espiritual pela qual passará o

mundo, após a minha volta” – lá pela altura do ano 2050, dizem os mentores.

“Por enquanto, após algumas experiências ainda no Oriente, permanecerás trabalhando nos ambientes espirituais juntamente com os que na Terra desenvolverão os seus melhores esforços para que no Ocidente, já que é lá que as principais mentes ligadas às trevas estão se concentrando para a desagregação do mundo, possa fazer-se a luz do esclarecimento que poderá evitar a trajetória dos avisos proféticos previstos para os últimos tempos de transição planetária.”

Voltando-se para o espírito de João, que havia sido seu apóstolo, o Mestre disse-lhe sorrindo, “Pedi-te que permanecesses trabalhando no orbe terreno até o meu retorno, e assim será quando os tempos forem chegados, e eis que, enquanto neste orbe estás, conclamo a ti para ser, novamente, no mundo dos encarnados, o sustentáculo da renovação doutrinária que pretendo, será registrada pelo trabalho do que irá antes de ti – referia-se a Kardec – na difícil tarefa de fixar na Terra as lições celestes previstas para os tempos atuais. Tempos depois da fixação do marco da maioridade espiritual deste mundo, renascerás novamente como apóstolo do meu coração, a continuar o trabalho de esclarecimento com vistas à emancipação de todos. Serás, agora, a minha pedra dos últimos tempos previstos antes da minha volta, sobre a qual renovarei o esclarecimento sobre o Espírito, que é a essência evolutiva e existencial de cada ser. E realmente não te surpreendas se retorno a te dizer que lá estarás até que eu venha, respeitando, é claro, as possibilidades da tua conduta pessoal.”

“Estarás também – disse o Mestre dirigindo-se ao espírito de Paulo de Tarso – entre o que travarão aquilo por ti denominada como a boa luta e o bom combate nos tempos anteriores à minha volta. Levarás novamente a todos os quadrantes da Terra o renovado esclarecimento que será por mim personificado através do Espírito da Verdade e se constituirá em mais uma luz no mundo ainda envolvido pelas trevas.”

“Quanto a ti, ó amado irmão – dirigindo o seu olhar compassivo para o espírito de Kardec –, que na hora mais difícil do meu testemunho terreno ajudaste a elevar o meu corpo à altura do sacrifício sublime a que me submeti perante a compreensão humana, ajudarás agora a elevar os esclarecimentos, a minha intenção e o cumprimento das promessas que fiz, para que todos possam perceber o amor dAquele que me enviou, e o meu próprio, por cada ser que existe neste orbe. Será sobre a tua força moral,

sobre o teu equilíbrio espiritual, que não se dobra diante das intempéries do mundo, que novamente erigirei o templo da sementeira da qual o Pai me incumbiu nesses novos e difíceis tempos, porém necessários, que já envolvem este mundo.”

“Sede, pois, paciente com todos como eu sou. Procurai amar sem esperar o retorno do que quer que seja, pois só assim, nas próximas vidas que te esperam, poderás levar a bom termo o que sei ser também o teu desejo. Esforcemo-nos todos pela redenção da família terrestre.”

“É necessário ofertar aos que estão na Terra a possibilidade da percepção do contexto espiritual que envolve a cada mundo, como também do contexto celestial que envolve a todos os mundos e as diversas realidades do Espírito, para que as noções básicas do exercício pleno da vivência no amor que nos une ao Pai, que é a tônica dos seres libertos que vivem nas muitas moradas desta Casa Celeste (a obra da Criação Universal), possam também ser praticadas pelos que vivem neste mundo. Para isso, ó amado irmão, é que te confio a fecunda tarefa esclarecedora de levar a todos essa possibilidade, para que cada um assimile o que lhe for conveniente assimilar, para que cada um perceba o que o seu tirocínio pessoal permitir, enfim, para que todos se preparem da melhor maneira para os inevitáveis eventos que virão, já que assim é o desejo do nosso Pai. E assim será!”

“Cumprirei fielmente os compromissos convosco assumidos ainda no tempo em que vivíeis nos ambientes de Capela. Compromissos que renovei quando aqui estive na minha forma humana, e que agora ratifico: serão cumpridos quando for determinado pelos desígnios do Pai, que a tudo perscruta e conhece, nas irrevogáveis disposições com que o Seu juízo legisla, executa e mantém a Criação. Um pouco mais e tornarei a derramar o meu espírito para que possas tu, ó amado irmão, coordenar os esforços no mundo terreno, para bem recolher os frutos do esforço desta equipe que ora se congrega em torno da Verdade que aqui represento.”

“Realizada esta tarefa, com a fixação dos marcos da revelação espiritual e de outros painéis da vida eterna, voltarás em mais duas oportunidades para continuar os trabalhos do nosso programa de revelações que objetivam educar e possibilitar a evolução de toda a família planetária. Contigo também me encontrarei quando do meu retorno.”

E continuou o Mestre amado a discorrer sobre os trabalhos que viriam a se transformar mais tarde na codificação espírita. Referindo-se ao futuro,

exortou a todos a se prepararem pois, “épocas difíceis vos esperam no concerto mais imediato do tempo planetário. A aparente calma da formulação das idéias e das reflexões diante da vida será atropelada pelo atordoamento incessante de fatos e novos conhecimentos que a todo momento estarão marcando o avanço dos povos no rumo do possível progresso que esta humanidade há de construir dentro em breve.”

“Jamais em vosso passado, sejam nas etapas extraterrenas ou naquelas vividas já na Terra, em civilizações que tiveram considerável surto evolutivo mas que se auto destruíram, conhecestes período tão singular e de tão difícil assimilação espiritual como o que vos espera, para os tempos de transição, antes, durante e depois do processo da minha volta. Cuidai para que não quedeis atordoados e inertes em posturas equivocadas que vos poderão impedir o progresso espiritual.”

“O equilíbrio pessoal e intransferível diante do desenrolar dos eventos que já começaram no solo europeu – referia-se ao Iluminismo e à Revolução Francesa – e, em especial aos que se seguirão até os últimos tempos de sofrimento, antes do meu retorno, correrá por conta da habilidade espiritual de cada um. Por isso vos conclamo a priorizar o controle emocional, a ter bom ânimo sempre, a exercer o dever do perdão para com os outros, enfim, a amar acima de tudo, independente de quaisquer circunstâncias. Essas últimas etapas serão das mais difíceis e desagradáveis, caso não seja desarmado o efeito quase inexorável da acumulação do ódio e do desamor, que de há muito vem sendo construído pelos desavisados seres humanos que transformam o belo mundo terreno em pleno inferno existencial.”

“Há muito esforço a ser feito pela tomada de consciência de cada um de vós, quanto aos tempos que vos esperam. Estimo que de vossa parte não haja ilusão. Vivendo da forma como até hoje vivestes as vidas terrenas, sereis completamente envolvidos pelas circunstâncias do mundo, e as metas da inadiável evolução espiritual serão sempre relegadas a plano secundário, se é que pelo menos assim serão consideradas. Cuidai para que não sejais daqueles que somente aprenderão tendo o sofrimento superlativo como professor. Sejais bons alunos, tendo o testemunho amoroso que me esforcei por vos dar para que saibais ser possível bem viver amando a todos, mesmo sendo na Terra. E muitos, além de mim, já o demonstraram. Possível é, além de necessário, para que possais libertar-vos da situação angustiante em que todos vós ainda vos permitis estar.”

“Aqui estou a vos recordar que somente dependeis de vós mesmos para tornardes o vosso próprio ideal a ser seguido. Afinal, sois deuses, não vos esqueçais disso. Buscai a consciência do que sois e praticai o exercício dessa consciência e tudo o mais se resolverá. Contudo, se estas abordagens das capacidades dos nossos espíritos vos parecerem por demais complexas ao entendimento de quando se vive na carne, rememorai que quando lá estive também vos disse: amai-vos uns aos outros e tudo o mais vos será dado por acréscimo, o que significa a mesma lei cósmica. Já é tempo de se entender preceito tão simples. Não vos percais nas complexidades intelectuais do mundo se estas vos inibirem a simplicidade d’alma. Isto vos tenho dito e demonstrado. Cuidai, pois, para que seja esta, de fato, a última hora das dores, dos sofrimentos, mas principalmente para que seja a hora das oportunidades de melhoramento íntimo que a misericórdia de nosso Pai Amantíssimo vos promove. Aproveitai-a, portanto!”

Antes de “desfazer” a sua projeção, concitou a todos a se aplicarem no treinamento da coexistência fraterna, onde a tolerância e o perdão são atitudes psicológicas fundamentais para que as missões não fracassem. Assim se referia o Mestre, pois muitos dos que ali estavam reunidos, tornar-se-iam, dentro em breve, parceiros de uma tarefa na Terra, onde alguns estariam no seio do Catolicismo, outros no papel de protestantes e somente alguns poucos a procurarem “espiritualizar” essas religiões. Se não houvesse a devida vigilância moral, estes últimos seguramente sofreriam revezes e afrontas de toda ordem, provocadas pelo efeito do antagonismo dos pontos de vista no âmbito religioso – o que normalmente acontecia, e ainda acontece, com os que se incumbiam de promover a renovação ou o redimensionamento do rumo dos movimentos religiosos.

Por fim, após aquela reunião da equipe de seres cósmicos e espíritos desencarnados – ocorreriam outras antes do início dos trabalhos da codificação –, alguns amigos espirituais continuaram a buscar através de um esforço conjunto, a abordagem necessária ao entendimento do que os esperava ao longo das suas encarnações que iriam acontecer no século XIX.

Em uma dessas oportunidades em que alguns se ajuntavam para trocar impressões a respeito do andamento da preparação dos programas encarnatórios, ocorreu uma interessante “conversa” entre os seres José e Lucas (o evangelista) e os espíritos de Kardec, Ramatis, Rochester e alguns poucos mais. Na verdade, o teor dessa conversa há de surpreender a muitos,

pois na Terra é difícil aquilatar como se dão certos fatos nos ambientes espirituais.

Ocorria que, após a abordagem de alguns assuntos sobre a tarefa a ser desempenhada pelo seu espírito, Kardec estava se referindo ao fato de não ter “se inscrito” para trabalhar especificamente na questão da “espiritualização planetária”. Por isso, até então, não havia conseguido apreender toda a extensão do que ocorrera, já que achava não ter ainda assimilado com toda a consciência o fato de ter sido o escolhido.

Dizia Kardec: “havia mesmo me alistado, junto aos que, como Pestalozzi (naquela oportunidade, já reencarnado como tal), iriam se dedicar ao grandioso projeto de educação planetária, a meu ver, muito mais importante do que o da espiritualização planetária, já que fomentar educação é mais estratégico do que semear espiritualização. Assim penso por julgar que esta última fatalmente redundará em novos vínculos religiosos, o que não ajuda em nada o progresso planetário. Penso que não será pela quantidade de religiões que possam existir na Terra que esta poderá se redimir. As muitas que já existem, se praticadas com decência moral e zelo amoroso, poderiam em curto intervalo de tempo renovar a vibração de todo o orbe. Portanto, avalio que a questão não é a criação de mais uma religião, ou uma que se pretenda correta, ou mesmo que pudesse vir a se tornar na menos distorcida – se comparada com as demais. Isto, a meu ver, em nada contribuiria para o progresso espiritual do mundo, pois somente adubaria a já insuportável tendência à intolerância religiosa. Provavelmente, seria apenas mais uma a servir de guarida ao orgulho intelectual ou aos interesses mundanos de muitos, ou mais uma a disputar os fiéis, o que também provocaria desagregação.”

“Penso, portanto, que se fosse possível ao Mais Alto semear na Terra a mais correta das religiões, ainda assim tal não se pretenderia pois, qualquer espírito mediano em capacidade de análise, sabe que todas as religiões semeadas na Terra, em tese, estão corretas, se assim avaliarmos o sentido das suas nobres intenções. Contudo, todas são inapelavelmente marcadas pelas imperfeições dos seres humanos, já que todos somos imperfeitos, e não podia mesmo ser diferente. Qualquer religião nova a ser edificada seria uma afronta às demais, produzindo mais problemas do que soluções.”

“Se assim penso, e rogo a opinião de todos aqui presentes, não posso achar que o Mestre nos pede que fundemos mais uma religião na Terra. E justamente porque assim penso, é que solicitei aos mestres espirituais a

permissão para desenvolver os meus esforços junto a Pestalozzi e outros, que trabalharão no campo da renovação educacional das novas gerações que aportam à Terra. Tenho certeza que, independente das religiões, a educação semeada no íntimo de cada criança, de cada jovem do mundo, há de se transformar no maior condão revolucionário que poderá transformar a situação na Terra. Sinceramente, por assim pensar, e posso estar incorrendo em equívoco, é que não consigo entender com clareza como vim a ser convocado pelo Mestre para um trabalho que, pelo que julgo perceber, situa-se em um limite perigoso entre o sentimento religioso doutrinário, a ótica filosófica e o âmbito científico, já que liberará novos conceitos que necessitarão de abordagem criteriosa, o que só é possível, na atual situação terrena, quando feita através dos métodos da ciência.”

Após as colocações feitas pelo espírito de Kardec, Lucas solicitou uma reflexão sobre o fato de que “são muitas, realmente, as religiões professadas na Terra. E esta já as tem em bom número, no que concordo. Mas todas as que lá existem são marcadamente caracterizadas por certos aspectos que as estacionam. Avalio que talvez o Mestre pretenda fazer um teste sobre um novo tipo de postura filosófica no campo religioso, cuja feição esteja mais voltada para o despertar de uma consciência espiritual que a tudo transformará. Esta nova consciência poderá tornar possível o exercício da solidariedade, da tolerância, da busca pelo rompimento do padrão da ignorância que atualmente marca a maior parcela dos que encarnam, o que poderá afetar todos os campos da vida terrena. Se assim for a intenção do nosso amado Mestre, o que talvez venhas a realizar, quem sabe se não se transformará exatamente na base de toda uma revolução que, a seu turno, envolverá todos os corações terrenos? Uma filosofia de vida espiritualizada, tendo como base uma postura religiosa mas que, cultivada no silêncio, na intimidade e não através de fórmulas e preocupações exteriores que a nada levam, a não ser entronizar aspectos acessórios em detrimento do essencial.”

“Não acompanhei, a exemplo do que José fez, o desenrolar dos acontecimentos que levaram o Mestre a escolher-te para esta missão. Sei, contudo, que a exemplo de uma outra oportunidade em que se avaliava, fora do contexto terreno, a possível escolha de alguém para o exercício de uma missão – quando tal não era decidido no âmbito da Espiritualidade terrena e era remetido para a decisão pessoal do Mestre, o que era raro, por sinal, – pude perceber o surgimento de um nome que sequer havia sido ventilado

pelas avaliações preliminares efetuadas pelos mentores terrenos. Neste caso, ocorrido ao tempo em que ainda se achava possível a elevação do padrão da Espiritualidade terrena a partir de uma possível renovação que tivesse como foco a figura papal, o Mestre escolheu uma determinada entidade, entre as que estavam vinculadas aos ambientes espirituais da Terra, para que a mesma pudesse ser encaminhada pelo aparente destino para o trono católico. Lá este espírito chegou. Contudo, o plano pretendido não logrou bons resultados. Não foi possível para o espírito escolhido suportar os convites fáceis dos valores temporários do mundo, o que lhe provocou profundos traumas na consciência ao retornar para a Espiritualidade.”

“Os mentores terrenos, dentro da ótica do que é possível se observar dos ambientes espirituais que envolvem a Terra, traçaram as opções que, conforme as suas análises corretamente estabelecidas, tinham a mínima condição de atingir o objetivo pretendido, sem que, contudo, pudessem ter certeza do sucesso da missão. Este nível de certeza não é dado a ninguém perceber, nem mesmo aos espíritos mais evoluídos que atualmente vivem nas esferas espirituais mais distantes da crosta. Somente seres já unificados ao circuito que emana do Pai Celestial é que podem melhor aquilatar as possibilidades individuais e de grupo. Além disso, não nos esqueçamos que compete aos espíritos congregados em um orbe – tanto os que estão, como no caso da Terra, no estado de desencarnados como os encarnados – promover o próprio progresso espiritual, resolvendo os problemas criados por eles mesmos, além dos desafios inerentes ao ato de existir, que pressupõe a constante superação de obstáculos. Contudo, em certas situações, por disposições da lei cósmica ainda desconhecidas ao padrão da percepção humana, a promoção da misericórdia por uma entidade do porte do Mestre, permite-lhe interferir pessoalmente nas disposições de escolha – não no desempenho do escolhido – para a realização de determinadas tarefas. No caso, Ele escolheu a única opção, que por sinal não havia sido percebida pelos mentores terrenos, que pelo menos podia ter dado certo, o que infelizmente não ocorreu.”

“Não sei quanto a ti, realmente não sei, meu companheiro de andanças terrenas, por que foste escolhido pelo Mestre para a tarefa em curso. Se, por ventura, dependesse da minha escolha, seria tu também o escalado, pois sei do empenho e do rigor moral com que pautas as tuas atitudes, já que juntos percorremos as estradas do mundo desde que, naqueles tempos, deixaste as

armas do império romano, após a morte de Jesus, para empunhar outras armas de redenção. Sei da tua honestidade de princípios, que colocas à frente das ações que praticas, independente do contexto que te cerca. Tem sido assim nas tuas últimas vidas. Sei da tua preferência, sob a ótica terrena, pela forma como o teu espírito encarnou Boécio (discípulo da filosofia) do que à moda de Huss (discípulo da fé). Quem sabe se em uma próxima vida, não exercitarás uma espécie de meio termo de conduta diante dos fatos que te cercarão, que te possa levar a desenvolver um novo comportamento, uma nova postura que permita trabalhar assuntos celestes de difícil abordagem destituídos de maiores vínculos com as religiões terrestres.”

“Ao tempo em que foste Boécio, hesitavas em recorrer aos deuses do panteão romano, e mesmo ao deus cristão cultivado por tua família naquela oportunidade, preferindo exercer a tua dignidade de crença nas razões filosóficas que davam o devido aporte à tua forma de pensar e existir. Como Huss, treinaste o teu espírito na fé que a tudo sustenta, dando também o suporte necessário para que se persiga os ideais de vida escolhidos do verdadeiro cristão que foste na oportunidade.”

“Sei da tua dificuldade em te submeteres ao jugo filosófico de terceiros, em especial no campo religioso, e isso se dá justamente porque o teu espírito já conhece, com certa profundidade, os painéis que caracterizam a conduta do ser humano. Por sinal, sobre isso já conversávamos ao tempo do surgimento do Cristianismo, quando dizias que se Jesus quisesse ter formado uma religião, e se Ele sabia que iria morrer em breve, seguramente teria agido diferente. O que até hoje, devo confessar-te, é motivo para minha reflexão.”

“Pessoalmente perguntei ao Mestre, em certa oportunidade fora do contexto terreno, quanto à possibilidade de tua reflexão, feita cerca de alguns anos após a crucificação, estar correta. Para minha surpresa, Ele advertiu-me que aquilo era um assunto para ser esclarecido quando existissem condições de maturidade espiritual para tanto, entre os que viviam na Terra. Contudo, assegurou que a sua percepção estava correta. O que comprova a tua capacidade em perceber o que às vezes não é percebido pelos demais.”

“Por isso, seja pelo que o teu espírito já está apto a perceber durante as vidas terrenas, seja pela dificuldade que tens em te deixar submeter ao jugo das disposições alheias, estás fadado a seguir caminho solitário nas próximas vidas, já que é a única alternativa que te resta. Concordo com as

tuas angústias, no sentido que é responsabilidade superlativa aquela que o Mestre te coloca aos ombros, em especial, pela solidão e ausência de apoio de quem quer que seja, pelo menos nos primeiros momentos, até que alguma coisa esteja por ti construída para que os demais olhos possam ver, a partir da percepção do que somente os teus olhos enxergaram. Tem sido assim sempre, amado irmão, e tu o sabes. Provavelmente o Mestre percebeu na tua conduta solitária a fortaleza moral de muitos, e te elegeu porque confia em teu concurso. Mas o porquê dEle confiar em teu concurso, que sei, supões frágil, é questão que somente Ele há de um dia te explicar.”

“O que importa é que te escolheu. Prepara-te, pois, para os embates que virão. De minha parte, esteja onde estiver, estarei sempre te acompanhando e, quando possível, inspirando os teus passos reflexivos para que as tuas atitudes venham a estar de acordo com o planejado.”

O espírito de Kardec agradeceu as observações fraternais feitas por Lucas e, quando se preparava para continuar a sua abordagem sobre a missão que o esperava, o espírito de Rochester, naquela ocasião ali presente – nem sempre lhe era possível participar dessas reuniões devido a problemas vibratórios de ordem pessoal que poderiam redundar em desarmonias energéticas para os seres projetados –, começou a expressar a sua opinião.

“Há, contudo, uma questão que não podemos olvidar. Se o que se pretende ofertar aos que estão na Terra há de necessariamente ser encaminhado através de um programa de cunho educativo ou de uma nova doutrina que busque a espiritualização de todos, observo que, pelas leis em vigor nos países da Europa, onde há pouco e por pouco tempo vivi, seria mais fácil e mesmo estratégico veicular o conjunto dos esclarecimentos que se pretende no bojo de uma doutrina, ou mesmo de mais uma religião, se for o caso, por uma razão simples: os governos dominam o sistema educativo, podendo facilmente servir de instrumento para que as trevas interfiram no desenvolvimento do que pretendem as hostes do Mestre. No entanto, diante das leis, o status de religião protege a mensagem ou o conjunto das crenças e dogmas, já que não é legal que o governo venha a controlar os movimentos religiosos, apesar de que controlam sob alguns aspectos” – todos riram diante das observações de Rochester.

“Acho até que o nosso irmão que vai à frente dos trabalhos, deveria repetir-se à moda de Jan Huss, pois tudo o que chega ao mundo para esclarecer, termina sendo abraçado como questão de fé. É até mais fácil que

assim se desenvolva a estratégia do Mestre. Por outro lado, sei das suas reticências em se submeter novamente às lides religiosas, já que isso termina por limitar o desenvolvimento espiritual, ou criando problemas para quem dentro das ordens religiosas pretenda alcançar maiores vãos espirituais, o que o tornará um herege. E acho que a conta de herege para o nosso irmão já apresenta o saldo que lhe é suportável apresentar.”

“Gostaria de saber da vossa parte, ó irmãos – referindo-se a José e a Lucas –, se existe alguma determinação do Alto no sentido da tarefa de esclarecimento ser desenvolvida através de doutrina religiosa ou de novo modelo educacional? Pergunto mais: o que devemos entender por tarefa de esclarecimento?”

“Não saberia dizer-lhes ao certo – começou José a explicar – a que o Mestre referiu-se como sendo a tarefa esclarecedora que confiara ao nosso amado irmão. Sei, porém, que quando recebeu a delegação que lhe foi enviada pelos membros do Conselho terrestre, chamou-me – e a alguns outros que haviam vivido na Terra – para trocarmos impressões. O interessante é que todos nós que fomos chamados, diante do difícil momento pelo qual passava o Conselho na tentativa de buscar a melhor opção diante dos inadiáveis objetivos, ofertamos o nosso concurso para retornarmos à Terra e um de nós, reencarnar para tentar desempenhar a missão de esclarecimento. Assim fizemos porque nos era lícito fazer diante das leis cósmicas, até porque já havíamos vivido em muitas oportunidades na Terra e estava previsto que voltaríamos ainda a viver. Recordo-me do sorriso dAquele que foi meu filho e amigo terreno, ao sugerir que observássemos qual de nós poderia servir naquele papel de desbravar e ocupar, por entre as forças negativas do mundo, os espaços suficientes para que um novo foco de luz pudesse ali ser fincado.”

“Para nossa própria surpresa, mas não para a dEle, chegamos à inquietante conclusão que nenhum de nós, apesar de estarmos vivendo em um mundo que, se comparado à situação terrena poderia muito bem ser considerado um mundo superior, reunia as condições necessárias para a tarefa de confronto com as forças trevosas sem se deixar por elas vencer e, ao mesmo tempo, ajudando-as a crescer espiritualmente, isso tudo sem repetir as suas atitudes equivocadas. A nosso ver era um critério confuso, que exigia um misto de conquistas espirituais difíceis de serem encontradas em uma só individualidade espiritual, que redundasse em sabedoria moral e equilíbrio emocional, em zelo e prudência nas atitudes, em tolerância para

com as afrontas, em um conjunto de tendências e inclinações de vanguarda intelectual e espiritual, em impulsos ainda por serem de todo educados mas já domados, em ainda ter consigo algumas questões conscienciais que o motivem moralmente a trabalhar às vezes pelo que se aparenta como causa perdida, que já houvesse transitado por todas as paixões do mundo sem delas ter se tornado dependente nas últimas vidas, já ter vencido o fantasma da solidão emocional e moral, em humildade e simplicidade espiritual, e, paradoxalmente, firmado em si mesmo e no bom ânimo que caracteriza aqueles que sempre criam ou descobrem caminhos dignos e retos, mesmo onde não existe dignidade e nem retidão.”

“Quanto mais o nosso mestre nos explicava as características que deveriam marcar a bagagem espiritual – pois ainda foram citadas muitas outras características – daquele que viria a ser escolhido para ser o realizador na Terra daquele sonho celeste, observávamos que nem todo ser, pelo simples fato de viver em realidades existenciais mais avançadas, está necessariamente apto a realizar certas missões nos mundos mais atrasados.”

“Disse-nos o Mestre, naquela oportunidade, que iria refletir e buscar entre as suas ovelhas qual ou quais poderiam ser convocadas para o desempenho da missão. Disse, entretanto, que havia notado através de minhas próprias vibrações mentais que enquanto Ele nos explicava a respeito dos aspectos da personalidade espiritual necessários para a correta escolha daquele trabalhador, começara a se recordar de um amigo espiritual que deixara na Terra uma possível alternativa à busca que iria empreender. Mas que nos confirmaria depois.”

“De fato, em uma outra oportunidade, chamou-nos novamente, e nos disse que somente haviam duas alternativas entre os que estavam ainda vinculados ao progresso terrestre. Mas como a missão iria ser desenvolvida por entre os valores ocidentais do mundo terreno, seria mais indicado eleger exatamente o irmão sobre o qual havia me recordado.”

“E foi assim que surgiu a tua indicação – dirigindo-se ao espírito de Kardec – sem que contudo saiba explicar-lhe como foi a busca reflexiva que o Mestre realizou. Mas não é só esse aspecto da questão que me surpreendeu. Naquela oportunidade, Ele nos rememorou que nós todos – os que atualmente voltamos para a Terra – iríamos ajudar, dos ambientes espirituais, na confecção dos painéis de esclarecimento que ainda estavam por vir. Por isso esforcei-me por identificar qual a idéia do Mestre a respeito da missão esclarecedora a ser realizada.”

“Pude, então, perceber que somente Ele a definiria quando de sua verificação pessoal – que por sinal está ocorrendo exatamente por estes momentos – já que somente os seus olhos e a sua acurada capacidade de observação podem avaliar o que precisa ser feito e, se o que precisa ser feito, pode realmente ser executado.”

“Presumo, portanto, que somente após o teu nascimento, é que Ele verificará as condições que te cercam, a tua própria situação pessoal, as circunstâncias da época e do lugar, para assim definir os teóricos parâmetros do que poderá vir a ser o conjunto de esclarecimentos que Ele pretende ofertar, a título também de cumprir a sua própria promessa. Digo teórico porque, na prática terrena, caberá ao teu livre-arbítrio definir os rumos que o trabalho tomará.”

“Concluindo, acho que tudo está por ser definido, conforme o permitam as circunstâncias dos que vivem na Terra. Trabalhem para que tudo se desenvolva de modo satisfatório, já que quase tudo o que na Terra é feito não sai a contento. Vezes há, como no caso do próprio testemunho do Mestre, que o legado se desfigura a tal ponto que quase perde o sentido pretendido. Esforcemo-nos para que nesta etapa a ser iniciada possa ser também resgatado um pouco do que nos foi por Ele deixado quando esteve na Terra.”

Diversos assuntos foram abordados naqueles instantes. Contudo, para não tornar mais extensa ainda a presente narrativa, ressaltamos apenas que em muitas outras oportunidades “conversas semelhantes” ocorreram entre os espíritos e seres projetados envolvidos com a questão da missão esclarecedora.

Não foram poucas as vezes que o espírito de Kardec reuniu-se com os seres projetados que formavam a equipe do Espírito da Verdade, a saber, Sócrates, Platão, Lucas, José e muitos outros, para tratar dos aspectos pertinentes aos trabalhos das suas futuras reencarnações.

Na verdade, em muitas vezes o tema era enfocado verificando-se as possibilidades de consecução de um plano que cobriria os séculos XIX, XX e XXI, com a adequação dos programas encarnatórios de todos os membros das famílias espirituais envolvidas com o programa de revelações progressivas do Mais Alto, por sua vez atrelado às promessas do próprio Cristo, das quais o Espiritismo que logo surgiria é apenas uma das etapas. Pena que muitos pensem que tudo se encerra com o Espiritismo. Nem ao

menos se recordam de observar que, quem o codificou, afirmou que muito mais ainda estava por vir.

PLANO DA ESPIRITUALIDADE MAIOR

ERAM TEMPOS DIFÍCEIS. A Revolução Francesa dominava o palco planetário, enchendo-o de novas perspectivas quanto ao futuro político das nações, ao mesmo tempo que o manchava com os repetidos equívocos do orgulho e do ódio. Muitos trabalhadores espirituais, que haviam solicitado ao Mestre a inscrição dos seus nomes como ativos colaboradores na realização de trabalhos com vistas ao progresso planetário no mundo ocidental, complicavam-se agora, entre os mais exaltados revoltosos, esquecidos dos compromissos espirituais assumidos, implementando o terror, quando haviam se comprometido a semear a renovação.

No Oriente, diversos mestres espirituais preparavam as suas reencarnações com o intuito maior de ajudar a certos núcleos em sua evolução, propiciando, assim, condições para o progresso geral.

Havia muito trabalho, já que o século XIX traria uma espécie de oportunidade redentora, onde todos os trabalhadores da última hora começariam a desenvolver seus esforços, com o objetivo de poupar o mundo terreno da explosão final da loucura concentrada das muitas falanges trevosas que, a todo custo, pretendiam continuar a exercer o domínio sobre a Terra.

Nos ambientes espirituais permaneceriam aqueles espíritos já libertos de maiores culpas conscienciais quanto ao passado equivocado; individualidades espirituais que haviam realizado atividades meritórias ao longo das suas jornadas terrenas. Ao contrário destas, aqueles que ainda não tinham se libertado das lembranças desagradáveis do passado espiritual equivocado, e que continuavam carentes de maiores méritos na seara dos mestres cósmicos que ajudam o progresso terreno, teriam que, no atual período evolutivo, encarnar duas ou três vezes mais, até à consumação do segundo milênio, época prevista para o chamado final dos tempos, que nada mais era do que um simples final de um ciclo existencial da escola cósmica.

Dessa forma, mesmo entidades veneráveis, não tendo portanto, quaisquer passivos a resgatar – como o espírito de Bezerra de Menezes, dentre outros –, ainda assim, insistiam em reencarnar, pretendendo algo fazer, para ajudar aos seus pares, das muitas famílias espirituais envolvidas com a responsabilidade cármica maior da transição planetária. Afinal, mais dois séculos, e a Terra iria deixar de ser um mundo onde espíritos

perturbados reencarnariam, permitindo, com isso, o avanço do já cansado orbe terrestre.

Era necessário utilizar o “tempo restante” de pouco mais do que dois séculos (XIX e XX) para a realização do que não fora ainda possível concretizar, por absoluta falta de condições de entendimento dos encarnados.

O trabalho, pretendido pela Espiritualidade Maior, dar-se-ia nos seguintes níveis de consecução:

1. Impedir que o progresso verificado no mundo europeu e a supremacia decorrente desse aspecto, servissem de motivo para que as nações mais desenvolvidas “invadissem” as que ainda eram desprovidas de maiores possibilidades tecnológicas e de pujança financeira, em especial aquelas localizadas no mundo asiático, no Oriente Médio e na África. Enfim, pretendia o Mais Alto, fazer reencarnar espíritos lúcidos e comprometidos com os mais nobres propósitos do avanço planetário, para que o processo que viria a ser conhecido depois como sendo o de colonização, pelo menos, não ocorresse da forma como terminou ocorrendo.

O objetivo desse trabalho era obter maior equilíbrio entre as nações, o que não se conseguiu, e também preservar os padrões da diversidade cultural das muitas religiões, doutrinas e filosofias, o que em parte foi conseguido.

2. Formular uma nova concepção de sociedade produtiva, com base no que se conhecia, até então, das experiências ocorridas no passado. Os modelos absolutistas e centrados no poder de alguns poucos, era preocupante sob todas as óticas, já que facilmente “envolvido” pelas forças trevosas com vistas à desagregação das comunidades. As trevas sempre investiram na sementeira de todo tipo de intolerância. Esforçava-se, portanto, a Espiritualidade Maior, para que dentro dos padrões aceitáveis de liberdade e de responsabilidade de cada indivíduo, um novo modelo político fosse proposto para edificar na Terra os nobres objetivos da sociedade cósmica que nos rodeia, que é o do progresso comunitário com base na evolução espiritual de cada ser cósmico.

3. Apresentar ao mundo uma nova concepção de educação, onde o formalismo decadente e o dogmatismo estéril não tivessem lugar, pois o espírito terrestre precisava alçar novos vãos, como se a preparar o espírito científico do avanço tecnológico que começava a marcar o progresso do

mundo. Se esse novo método educacional vingasse no seio da Europa, ele seria levado para o resto do Ocidente e adaptado às condições do Oriente, dentro de um planejamento que estava prestes a ser executado na região da Índia, sabido que era, que um certo avatar estava começando a preparar a sua primeira encarnação naquela região planetária, de uma série de três, com o objetivo maior de edificar novos padrões de conduta pessoal no campo da educação moral e espiritual do ser humano.

4. Semear nos meios religiosos uma nova doutrina espiritualista, onde o contexto espiritual fosse apresentado diante dos valores temporários do mundo, ofertando o vislumbre da eternidade que cerca a evolução dos seres humanos. Essa nova doutrina esclarecedora poderia vir a servir de fermento para o enriquecimento de todos os movimentos de cunho religioso e filosófico que tratassem do pano de fundo da existência terrena. Com essa doutrina, surgiria também o indispensável conhecimento sobre a necessidade de “cooperação através de procedimentos fraternos”, dirigida a centenas de milhões de individualidades espirituais que se congregavam nos ambientes espirituais mais próximos à Terra, asfixiando a situação astral do planeta, o que era fator impeditivo para a sua emancipação na escala cósmica dos mundos.

5. O estabelecimento de novos padrões científicos no entendimento do ser humano, em diversos campos de estudo, que caracterizam a nossa eterna busca pelo conhecimento das origens, como também pela compreensão do nosso modo de viver e conviver. Novos paradigmas científicos iriam ser edificados em matérias do conhecimento, em especial, no estudo do psiquismo, no entendimento da natureza terrestre e da evolução das espécies, no desenvolvimento dos padrões de higiene e dos métodos medicinais, dentre outros.

Para que esses níveis fossem atingidos, reencarnaram muitos espíritos com as suas tarefas específicas.

Se naqueles tempos algumas falanges de espíritos trabalhadores ficaram conhecidas como sendo o grupo de Atenas, o de Alexandria e principalmente o de Roma, agora era a vez do reagrupamento de muitas dessas mesmas personagens, no que foi por eles denominado grupo da Europa, mesmo que alguns deles tenham chegado a viver durante algum tempo em outras regiões durante o período em que ocorreram as missões.

Atendendo a esse mister, os espíritos que viriam a personificar as figuras de Napoleão Bonaparte (1769-1821), Napoleão III (1808-1873),

Karl Marx (1818-1883), João Henrique Pestalozzi (1746-1827), Allan Kardec (1804-1869), Charles Darwin (1809-1882), Sigmund Freud (1856-1939), dentre muitos outros, começaram a nascer para o mundo terreno cheios de nobres intenções, já que os erros do pretérito espiritual serviam-lhes como um pesado compromisso com as próprias consciências, que os impulsionavam a se redimirem diante de si mesmos e das leis cósmicas.

As expectativas da Espiritualidade Maior quanto ao desenvolvimento das missões pessoais nos campos da educação, da filosofia espiritualista e nas diversas áreas do conhecimento humano, eram as melhores possíveis. O dramático era a perspectiva de repetição das tendências equivocadas comuns ao trato com o poder temporal, o que vinha vitimando os mesmíssimos espíritos que, ao encarnar, sempre conseguiam conquistar as posições de vanguarda na política do mundo.

Diversos espíritos reencarnavam por todas as regiões do mundo, na conjugação de esforços de um estranho jogo, onde as peças humanas se moviam no tabuleiro terreno, conforme o livre-arbítrio individual, com o objetivo de executar um plano global, apesar do obstáculo promovido pelo esquecimento inerente às reencarnações.

A movimentação das peças começaria com o talento diplomático de Napoleão Bonaparte, que deveria propor uma aliança continental, com o objetivo de unificar o ambiente europeu. Formar-se-ia uma grande família que, apesar da diversidade cultural de suas origens, possuiria inúmeros focos convergentes na inevitável coexistência sob o prisma da geopolítica.

Nesse meio unificado pela concórdia e pela busca do progresso comum, tempos depois, iriam soprar os ventos renovadores de uma nova proposta nos campos da percepção filosófica do papel da vida, da função espiritual, social e política do ser humano e do exercício da política. O senso comum europeu, ativado por uma nova concepção de vida e de mundo, promoveria o avanço científico necessário nos campos das artes e das ciências, e iria ter início um moderno procedimento científico de averiguação da realidade que cerca o ser humano, sempre norteado pelo senso moral enobrecido pela fé esclarecida.

Cerca de quatro centenas de entidades espirituais reencarnaram no seio das nações européias para o desempenho de funções estratégicas dentro do planejamento global. Ao encarnar, apesar do esquecimento promovido pela limitação do acesso consciente à mente espiritual, resultante da necessária imantação do perispírito a um novo cérebro físico, os ditames dos

programas encarnatórios fariam com que, aparentemente fruto do acaso, os parceiros dos trabalhos específicos fossem se encontrando e, a partir de então, o livre-arbítrio de cada um diria os rumos a serem tomados.

Como em todo processo existe o início, o meio e o fim, todo aquele planejamento, que pressupunha a produção individual dos trabalhadores encarnados, cada um na sua seara de atuação, tinha como primeira “peça a se movimentar no jogo político daquela época”, exatamente a figura de Napoleão Bonaparte.

Ele, cuja bagagem espiritual já se encontrava cheia de vidas onde os fatos nelas ocorridos terminaram por servir como treinamento para que no futuro, nos séculos XIX, XX e XXI, pudesse, em duas reencarnações sucessivas, usar o seu gênio político no campo da diplomacia, na unificação de algumas regiões continentais da Terra, e depois, da própria unificação planetária. Esta é a condição básica para que o ser terreno possa se perceber como um cidadão planetário, acima das barreiras e divisões desagregadoras estabelecidas ao longo da História. Com a consciência de que os que vivem na Terra formam uma só família diante do cosmo, por consequência viria a percepção de que, na verdade, somos todos cidadãos cósmicos vivendo temporariamente neste planeta.

Para a concretização dos compromissos maiores assumidos pela renovação planetária, foi-lhe poupado reencarnar ao lado de espíritos com quem estabelecera grilhões cármicos complicados, ao tempo em que seu espírito personificou Alexandre Magno, o que seguramente iria prejudicar o seu desempenho pessoal. Mas na vida seguinte, que iria ter durante a transição do século XX e XXI, não lhe poderiam ser evitadas tais companhias, pelas injunções das leis cósmicas. O seu espírito deveria portanto, personificando Napoleão Bonaparte, desincumbir-se da melhor forma da sua missão política ao mesmo tempo que agiria sem a contração de maiores débitos espirituais, que lhe comprometessem as possibilidades de consecução de tarefas na encarnação posterior.

Estava previsto que Napoleão utilizasse os seus dotes diplomáticos para comandar os esforços de unificação europeia que se estabeleceria de forma surpreendente pois, de fato, na época era possível ter surgido uma espécie de União dos Estados Europeus que iria nortear o progresso planetário. Caberia a Napoleão e aos demais mandatários europeus daquela época – na verdade, na sua maioria, espíritos que encarnaram exatamente com essa missão – a fixação desses laços de união de nações e povos em

torno dos ideais de parceria, tolerância, fraternidade e progresso. Depois, diversos espíritos também reencarnados para o desempenho desse mister, como Napoleão III, na França, e outros que comandariam as demais nações européias ao longo do século XIX, fortificariam ainda mais esses laços, desengatilhando, dessa forma, as verdadeiras hecatombes morais planejadas pelas forças trevosas.

Não foram poucos os encontros nos ambientes espirituais em que, os espíritos que personificariam Napoleão Bonaparte, Napoleão III e Allan Kardec, renovaram os seus laços de amizade e de compromissos espirituais em torno da missão que este último tentaria semear no mundo terreno. Em inúmeras oportunidades, os espíritos de Bonaparte, de Napoleão III, e outros, rogaram ao Mestre Jesus a renovação de oportunidades encarnatórias para que pudessem ofertar os seus talentos políticos para o melhoramento do mundo.

Parceiros espirituais adestrados ao longo de muitas vidas, como também no intervalo entre elas, em convivência constante nos ambientes espirituais, estavam agora em posição de mando, estrategicamente posicionados pela “mão da Providência” para que, no curso dos seus “destinos”, pudessem honrar os compromissos assumidos com o Mais Alto. Era incomensurável a quantidade de promessas mútuas entre os que iriam labutar no meio político e aqueles que iriam fecundar, em searas específicas, as suas contribuições, que depois seriam levadas para âmbito maior, justamente pela atitude política daquelas autoridades terrenas. Compromissos de toda ordem foram estabelecidos – com a própria consciência espiritual, com os amigos espirituais, com parceiros de empreitadas passadas com os quais já se havia dolorosamente falhado, com certos grupos de espíritos, com os mentores, com o próprio Mestre Jesus e com Deus – quando da convivência nos ambientes espirituais antes do reencarne geral para as lutas renovadoras do século XIX.

Promovida a queda das barreiras étnico-culturais e políticas, responsáveis por tantas guerras no passado, uma Europa pacificada ofereceria a necessária guarida para que dali jorrassem os ventos renovadores para todo o planeta.

Dos rincões da Suíça, João Henrique Pestalozzi promoveria um novo surto educacional, que seria a base sobre a qual se desenvolveriam os métodos pedagógicos a nortear a aprendizagem das próximas gerações do mundo ocidental. Em substituição ao formalismo educacional cheio de

dogmas daqueles tempos, uma nova perspectiva iria surgir, ajudando na formação das personalidades de muitos milhões de pessoas. Ressaltando a importância da razão moralizada por princípios da ética e da virtude, estruturada na busca incessante de conhecimentos e da obrigação de cunho humanístico de se produzir com vistas ao bem comum, esforçava-se Pestalozzi por semear uma nova postura, entre os interesses católicos e protestantes daquele tempo, para que os jovens pudessem lidar com os ensinamentos religiosos sem se deixar constranger pelo forte conteúdo dogmático limitante, invariavelmente presente nas prédicas de ambas as religiões.

Outros espíritos trabalhadores, reencarnaram em torno da atuação de Pestalozzi, com o compromisso maior de ajudá-lo a erigir o seu sonho educacional. Estes, vinculados ao Catolicismo e ao Protestantismo, muitas vezes atormentaram a convivência do saudoso Instituto de Yverdon, na Suíça, onde centralizava os seus esforços pedagógicos. Perdiam-se em intermináveis discussões inócuas que tinham o condão de desviar a atenção dos reais objetivos do instituto, já que versavam sobre qual entre as duas, seria a verdadeira religião, o que entristecia ao próprio Pestalozzi e a muitos dos estudantes residentes – o que era o caso de Hippolyte Léon Denizard Rivail, que ali estudou dos dez aos vinte anos, e que mais tarde assumiria o pseudônimo de Allan Kardec.

Da França, tida naquele tempo como um dos principais centros da vida européia, o professor Rivail, além de contribuir decisivamente na propagação e no redirecionamento do método de Pestalozzi, durante o seu magistério, semearia mais tarde novas possibilidades de educação espiritualizada, já que iria, como o fez, realizar a codificação dos ensinamentos espiritualistas que, liberta de maiores vínculos religiosos, viria a servir como complemento esclarecedor a todos os segmentos de crença, como também para quem deles estivesse desvinculado.

Uma nova visão de mundo estava em curso; uma nova concepção de vida estava sendo preparada para ser apresentada ao mundo. Um grande grupo de espíritos encarnou para dar o devido suporte estratégico à divulgação e à semeadura das novas porções de luz que caíam do céu sobre as terras da França.

Na Inglaterra, Charles Darwin começava a compor um novo paradigma que modificaria a base sobre a qual se assentava todo um conjunto de conceitos sobre as possíveis origens do Homem e, em especial,

sobre a evolução que acompanha a história das diversas espécies da natureza terrena. Viajando por todo o planeta, Darwin concentrou no seu próprio conhecimento uma percepção única sobre como a vida se desenvolvia na Terra. Uma nova concepção de ciência surgia com o seu monumental legado.

O alemão Karl Marx, apoiado pelo amigo Friedrich Engels (1820-1895), arquitetou uma nova manifestação de idéias políticas e econômicas, marcando todo um século que ainda viria com o conjunto de seus postulados filosóficos. Infelizmente, pouco ou nada tem a ver o que muitos regimes ditatoriais fizeram ao longo do século XX sob a égide do manifesto comunista. Assim dizemos porque, apesar da revolução bolchevique ter se servido dos ideais socialistas do século anterior, terminou por entronizar princípios de conduta diversos dos que foram formulados por Marx. Semelhante processo, certos segmentos da igreja católica tinham feito no passado, quando matavam e cometiam as maiores atrocidades em nome do Cristo. Hoje, algumas igrejas ditas cristãs, cobram pedágios de todas as naturezas, em nome de Deus, criando também desfigurações profundas na ética religiosa do mundo, como se Deus dissesse precisasse.

Da Itália, Pietro Ubaldi (1886-1972) produziria uma obra esclarecedora de vulto, como se a apoiar estrategicamente os diversos movimentos filosóficos e espiritualistas que estavam sendo edificados, em especial nas terras brasileiras, para iluminar o conhecimento do mundo terreno. Pela nobreza de caráter e de objetivos que nortearam seus passos, teve disponível – o que poucos logram fazer – um “canal direto” de inspiração com o próprio Cristo, obedecendo aos ditames amorosos de convivência em reencarnação passada e ao merecimento espiritual de sua parte. Modesto, semeou a luz mas resistiu a se deixar iluminar pelo foco da atenção alheia, conhecedor profundo que era do que realmente importa para a evolução espiritual.

Sigmund Freud modificaria os painéis percebidos da alma, mapeando o roteiro das emoções e das atitudes dos seres humanos, procurando identificar relações de causa e efeito que terminaram por semear novos desafios na eterna busca do autoconhecimento, fator essencial ao entendimento do que somos, do que representamos uns para os outros, enfim, do significado da vida.

Todo esse esforço conjunto visava a emancipação da Europa, introduzindo-a a um modo de convivência que impediria as guerras

mundiais, além de outros problemas, que terminaram por acontecer.

Contudo, por aqueles tempos, tudo era sonho e nobres intenções.

Continuavam os espíritos afins se encontrando para o necessário ajuste dos esforços a serem despendidos durante as próximas vidas terrenas que já estavam iminentes.

Na última oportunidade que os espíritos de Rochester e de Kardec tiveram antes da reencarnação deste último, conversaram bastante sobre as possibilidades de se conseguir os bons resultados esperados.

“Não te acompanharei nesta oportunidade – dizia o espírito de Rochester –, pois sabes que melhor poderei te ajudar daqui do que lá. Aliás, se fosse contigo, seguramente te atrapalharia. Não faz muito que realizei em uma vida só, todos os desmandos morais que me foram possíveis – referia-se à vida que tivera na Inglaterra como Conde John Wilmot Rochester (1647-1680), poeta satírico –, o que me torna um ser indigno de se ofertar para qualquer trabalho nobre na Terra. Lá, não tenho conseguido ser senhor de mim mesmo, dos meus modestos objetivos ascensionais. Por isso, por aqui fico. Mas gostaria de dizer-te algo.”

“Acho que para ti – começou a dizer com a irreverência que normalmente caracteriza as suas participações nos encontros espirituais –, deve estar reservado a tiara dos heróis da paciência, já que vais lidar com os mesmos que te têm traído as nobres intenções nas tuas últimas vidas. Como Boécio e Huss, pagaste o preço da mesquinharia espiritual de muitos que, daqui dos ambientes espirituais, enaltecem os esforços de espíritos como tu, já dedicados ao mister amoroso e esclarecedor, mas que quando se defrontam nos ambientes terrenos com os seus heróis aqui cultuados, normalmente os mandam embelezar as noites escuras de suas consciências, criminosamente manipuladas pelas forças trevosas, através do som decrépito dos corpos ardendo nas brasas das fogueiras de sua vaidade espiritual. Assim tem sido sistematicamente.”

“Causa-me desarmonia íntima – além das próprias que já cultivo em mim mesmo por força dos meus imperiosos erros a cada vez que reencarno – percebê-los com os mesmos discursos estéreis e ridículos de nobres intenções que jamais praticaram, e o pior, realizados na frente de mentores espirituais que devem a todo instante disfarçar ou conter o riso, já que não podem levar a sério tais promessas. Ora, esses mesmos espíritos que lidam com o poder temporal, pois que somente pensam nisso, vêm de há muito prometendo as mesmas atitudes altruístas e falhando sempre, devido à

incapacidade que têm em praticá-las, contudo, são-lhes sempre renovadas oportunidades que permitem novas tentativas. Ora, convenhamos. Não sei como o Mais Alto o permite.”

“Somente sinto-me diferente deles porque, mesmo errando tanto ou mais, nada prometo, pouco rogo ao Mais Alto, e erro sozinho ou com aqueles que têm o prazer de errar ao meu lado. Mas não iludo ninguém, muito menos a mim mesmo. Sinceramente não sei como um espírito do teu quilate se permite iludir por essas figuras que se repetem nas posições de mando lá na Terra, e que na primeira esquina do trânsito terreno, vão te voltar a cara e, se ainda o permitirem as leis do mundo, novamente vão te queimar vivo. Sinceramente...”

“Rochester, Rochester – principiava o espírito de Kardec – somos todos uma só família, queiramos ou não. Temos que trabalhar uns com os outros, sendo esta a única maneira de contribuirmos para o mundo que nos serve de berço. Não há outra maneira, na medida em que as leis do mundo terreno aí estão para limitar o desempenho de todos nós. Sem o concurso das renovadas e, mesmo concordando contigo, das já desgastadas promessas pessoais de contribuir nos esforços do Mestre Jesus e dos demais mestres que trabalham pelo progresso planetário, como, pelo menos intentar um dia algo se conseguir fazer, com o intuito de melhorar o mundo em que ciclicamente vivemos? Não há outros parceiros, ó Rochester. Não há como aceitarmos o concurso de heróis de outros mundos se precisamos nós, neste mundo, edificar com o próprio esforço o heroísmo moral necessário para que voltemos a conquistar a paz íntima que há muito perdemos, por força dos nossos incessantes e repetidos erros. Não há outra alternativa a não ser correr os riscos dolorosos, porém necessários, para que um dia possamos todos cumprir com os nobres ideais que nos movem o íntimo.”

Rochester, não se dando por vencido, continuou a perquirir: “Como pretendes realizar missão desse porte, sem o concurso estratégico de muitos que encarnaram no meio católico e protestante, para te dar o auxílio necessário, porque, como bem o sabes, nenhum deles há de efetivar em vida, o que aqui te prometeram?! Tem sido sempre assim. Se já sabes que eles não te darão o apoio mínimo que precisas, como, ainda assim, motivas a ti mesmo a realizar essa tarefa, ó meu irmão. Não dará certo. Não tem condições para que dê certo. Somente tu farás a tua parte. Registra bem o que agora te digo, para que, em futuras conversas, possas tu valorizar mais o que, através dos arroubos da minha mente espiritual, costumo te afirmar.

Seria melhor desvencilhar-te de maiores compromissos com os mentores e com os que vieram de fora, para que não venhas a sofrer com o rigor moral com que normalmente julgas a ti próprio.”

“Cuida para que não te enganes, porque muitos bons espíritos daqui saem recitando todas as preces conhecidas mas, quando lá se tornam os donos do destino do mundo, transformam-se em serpentes, cujo veneno faria inveja aos répteis da natureza terrena, se disso tivessem conhecimento. Preocupo-me apenas para que não venhas a sofrer, meu nobre amigo, pois muito te devo e jamais pretendo causar-te qualquer problema. Contudo perdoa-me, pois ousa repetir que estás a fazer convergir para ti mesmo, toda a carga da ignorância desse bando de megalomaníacos que sempre que reencarnam, julgam-se os deuses terrenos. E eles são implacáveis quando alguém lhes fere os criminosos interesses. Recorda que, daqui onde me encontro, nada posso fazer para barrar-lhes os passos. Posso apenas avisar-te que, conforme penso, eles não deixarão sequer que realizes o teu trabalho em paz. Contudo, se para algo te serve sabê-lo, daqui derramarei as minhas lágrimas de revolta ao ver-te sendo maltratado pela força dos ignóbeis senhorios, da não menos maltratada verdade. E se faltarem bons discursos ao fim de tua vida terrena, quando o teu corpo estiver sendo sepultado, que saibas então, que estarei daqui saudando-te como o mais tolo e nobre dos espíritos que já conheci.”

“Se lá estivesse, entre os vivos, poderia até colocar uma lápide em teu túmulo, saudando aos despojos de um nobre homem que, impedido de fazer o que devia, nem sequer conseguiu fazer o que queria, mas fazia o que podia.”

E sorriram bastante, como só o fazem as almas envolvidas pelo verdadeiro sentimento de amizade fraternal. Como havia sido poeta satírico na sua última encarnação, o espírito de Rochester fez, naquela oportunidade, diversas brincadeiras fraternais no uso de sua arte pessoal, mas que aqui não serão descritas por completa falta de habilidade literária do autor terreno da presente obra.

Fato é que, sempre que conversavam sobre a missão de Kardec, jamais chegavam a bom termo conclusivo, o que os impedia de ir mais além, e por isso cuidavam em mudar o tema central de suas conversas, já que a vida espiritual tem muitos outros painéis a serem descobertos e cultivados, pelas conversas comuns à convivência dos espíritos desencarnados, e, de forma especial, entre os que verdadeiramente se estimam.

O IMPONDERÁVEL E SEUS CAMINHOS

REENCARNARAM todos os espíritos que estavam programados para as tarefas do século XIX.

Capitaneados pelos espíritos de Napoleão Bonaparte e João Henrique Pestalozzi, que já haviam reencarnado, ainda no século XVII, os demais foram, pouco a pouco, nascendo para o mundo terreno, nos países onde desenvolveriam as suas tarefas.

Logo após os primeiros movimentos de Napoleão Bonaparte, começou a ser percebido, pelos mentores espirituais que, novamente, o seu espírito iria se permitir seguir os rumos equivocados da ambição pessoal e do orgulho desmedidos. O que seria um jogo diplomático, onde todas as partes envolvidas na construção de uma nova situação política para o continente Europeu deveriam ter resguardadas a sua honra, a sua cultura e a importância estratégica peculiar que cada nação tem em qualquer processo de coalizão, estava se transformando em uma brutal imposição do mais forte poderio militar, com humilhações, submissões, enfim, com ações que sempre provocam reações de defesa na mesma medida e, às vezes, com força superior.

Ao verificar que Napoleão Bonaparte, nas suas expressões íntimas, já havia ultrapassado aquele ponto do qual não mais se retorna, os mentores espirituais começaram a ponderar, sobre quais das alternativas existentes, poderia ainda surtir algum efeito, próximo ao pretendido, para que, pelo menos, as tarefas pessoais pudessem ser levadas adiante. Mais tarde, verificar-se-ia o que ainda poderia ser feito, no sentido de levar os frutos produzidos para outras regiões do planeta.

O ódio e a intriga já haviam sido semeados na aristocracia emergente na França e também nas demais nações, cujos mandatários começaram a se preparar para fazer frente ao imperialismo francês. Ex-companheiros espirituais, parceiros de muitas empreitadas no passado, estavam agora completamente envolvidos nas querelas políticas onde imperam o orgulho pessoal dos mandatários, as aparentes questões de honra, os sentimentos nacionalistas e todo tipo de sentimento que embota a razão, a ética, o humanismo e a virtude.

Novamente se repetiria, no palco europeu, a terrível peça de horrores produzida e dirigida pelas mesmas forças trevosas, influenciando os

mesmíssimos atores de sempre. Mudavam apenas a roupagem e a cultura, conforme a época. Os crimes, os equívocos, os algozes e as vítimas eram exatamente os mesmos, apenas se alternando neste ou naquele papel.

Os espíritos da falange a que pertence Napoleão Bonaparte, foram chamados pelos mentores espirituais responsáveis pelo acompanhamento do grupo da Europa. Precisavam saber se havia ainda alguma alternativa no programa encarnatório de Napoleão Bonaparte, que pudesse levá-lo a um possível redirecionamento de suas atitudes. Infelizmente, verificou-se, que somente a sua morte poderia cessar o tresloucado rumo que ele, novamente, pretendia imprimir aos fatos, caso reconquistasse o poderio militar e político que sempre almejou.

Foi determinado pelo Mais Alto – e isso pode surpreender a muitos – que os espíritos que normalmente procuravam protegê-lo, espíritos estes, vinculados ao seu magnetismo pessoal de comando desde encarnações do passado remoto, fossem afastados, para que, entregue à sorte por ele semeada, pudesse receber em si mesmo a consequência dos seus próprios desatinos. Com isso, a pressão de sua presença no mundo, como uma ameaça constante às nações européias, cessaria, na medida em que, os mecanismos que ele mesmo gerou para aniquilar quem lhe fazia oposição, se voltariam contra ele. Foi o que aconteceu.

Seus amigos e familiares espirituais mais próximos também concordaram com a medida, única maneira que percebiam capaz de evitar que o seu espírito contraísse mais débitos ainda, em uma quantidade tal, que o inabilitasse para as lutas que ainda o esperavam em uma próxima vida, a ser efetivada na região para onde fossem transplantados os esforços daqueles que estavam formando o grupo da Europa.

A partir da ótica terrena, nem sempre sabemos aquilatar o que é bom ou ruim para a vida do espírito. Às vezes, a morte que na Terra é saudada como um evento triste, derrotista, e mesmo maléfico, sob a ótica espiritual assume outros valores, já que permite a saída da individualidade espiritual de certas situações por ele mesmo criadas, que somente o vitimam mais e mais, diante das leis cósmicas, além do mal que fazem ao ambiente planetário em que estão inseridos.

No caso específico do espírito de Napoleão Bonaparte, os muitos milhões de europeus que passaram todas as vicissitudes devido aos seus deslocamentos pelas estradas a que o conduziram o seu desmando e ambição doentias, estavam a reclamar nas suas rogativas aos céus, que

alguma coisa parasse aquele homem – por sinal, “esses muitos milhões” de indivíduos reencarnaram no presente século no Brasil, e novamente acreditaram em promessas não cumpridas. Os compromissos cármicos resultantes de suas falhas cometidas na França, deveriam ser saldadas através do desempenho político nas terras brasileiras, o que, também, e infelizmente, não ocorreu. Mas isso é outra história, ainda não autorizada a ser esclarecida pela Espiritualidade Maior, já que os personagens espirituais, apesar de reencarnados, hesitam – durante os desdobramentos espirituais produzidos pelo sono fisiológico – em permitir. Enquanto assim for, supõe o autor terreno desta obra, este assunto não será abordado.

Contudo, o espírito de Napoleão, que no século XIX havia se comprometido a ser o elo entre as forças construtivas de uma nova ordem política da qual se esperava que, mais tarde, pudesse surgir a modificação do panorama mundial, era exatamente ele, agora, um foco de ambição que precisava ser detido, para que a sua situação e a de toda a Europa, não piorasse mais ainda.

Às vezes alguns espíritos encarnam sem nenhum compromisso com o Mais Alto, e deles são esperados, de forma geral, eventos desagregadores e complicados. Esses casos sempre correrão por conta dos efeitos cármicos do livre-arbítrio individual e/ou coletivo, que determina as possibilidades do curso dos acontecimentos. Quando inclinados ao bem, as trevas não conseguem promover a desagregação ou mesmo modificar o rumo das intenções pretendidas, sendo então possível, que o espírito logre caminhar em direção à sublimação, de valores elevados, em si mesmo. Contudo, quando os agentes terrenos se predispõem ao mal, as falanges trevosas conquistam, para as suas hostes, incontáveis instrumentos que promoverão o caos moral na Terra, com o objetivo de subjugação energética.

Esse confronto, em torno de cada situação terrena, é denominado nos ambientes espirituais, como sendo a luta desenvolvida entre as falanges luminosas e as trevosas, pelo “domínio” do orbe. Dependendo de quem obtenha a vitória final, a Terra poderá simplesmente estacionar no estado de barbárie espiritual, que a caracteriza desde há muito, ou evoluir na classificação da escala que rege a situação dos mundos, com o conseqüente exílio dos que estão ainda atrapalhando a evolução planetária. E sobre a vitória, eis que já foi anunciada há quase dois mil anos atrás, quando, “aquele que venceu o mundo”, afirmou que voltaria mais tarde para separar

os que ainda estavam vinculados a essas falanges trevosas, daqueles já tendentes ao bem, para que o mundo terreno pudesse progredir.

Existem outros espíritos que encarnam com grande carga de compromissos assumidos com o Mais Alto, e destes muito se espera. Quando, além de não cumprirem o prometido, perturbam e complicam mais ainda a situação planetária, é lícito que a Espiritualidade Superior deixe a individualidade espiritual entregue à sua própria sorte. Sob a ótica espiritual, isso poderá ser benéfico para o ambiente em que esteja inserida essa individualidade, mas também para ela mesma, na medida em que, já começa a responsabilizar-se, em plena vida terrena, pelas injunções cármicas que inevitavelmente viria a sofrer mais tarde. Muitos são os “grandes vultos da História terrena” que se enquadram neste caso. Napoleão é, talvez, o mais dramático exemplo disto.

Assim, terminava a participação do espírito de Napoleão Bonaparte, na tarefa em que lhe cabia a responsabilidade de reunir as condições para que, depois, em uma Europa unificada, a codificação espiritualista e o novo método pedagógico, dentre outras inovações elucidativas, pudessem ser, a seu turno, distribuídas por todo o planeta, em especial, entre as nações do Ocidente.

O desempenho equivocado de Napoleão – e de muitos que reencarnaram ao seu lado – além de complicar a situação espiritual, elevava também a níveis angustiantes, as tarefas de alguns dos seus parceiros espirituais que estavam reencarnados.

Pestalozzi, cujo instituto dependia da contribuição financeira das famílias européias que mandavam seus filhos para Yverdon, teve esse intercâmbio suspenso, devido às guerras napoleônicas, o que provocou graves crises financeiras que levariam mais tarde o saudoso instituto à falência.

No lugar da União dos Estados Europeus que não chegou, sequer, a existir, e que iria ajudar as demais nações do mundo a promoverem o progresso de suas populações, surgiu, pelos erros de Napoleão e dos demais, uma nova doença moral na política européia, que levou as nações mais desenvolvidas a uma competição criminosa, pela subjugação, através da força, de muitas outras que se tornariam suas colônias, sendo roubadas e depauperadas, pela ambição desmedida de muitos governos europeus. Estava em curso a terceira fase, historicamente considerada, da mais recente etapa do processo de colonização iniciada a partir do século XVI.

Nessa oportunidade, a colonização se deu em função da Revolução Industrial, como também pela própria expansão demográfica, levando à criação de vastíssimos impérios. Os maiores foram o Império Britânico e o Francês que, se a eles acrescentarmos as possessões coloniais portuguesas, holandesas, belgas, alemães e italianas, teremos o inaceitável contra-senso de que 200 milhões de europeus dominavam mais de 700 milhões de indivíduos.

A exploração brutal e a violência, sob todas as suas formas de apresentação, eram a tônica da atitude dos “donos do mundo”, que impunham o jugo inclemente do mais forte, como se também no reino hominídeo devesse prevalecer a lei do mais feroz, do mais habilitado ao exercício da dominação como forma de sobrevivência.

A destinação de países como a Índia, China, Camboja, Vietnã e outras nações asiáticas, foi deturpada por completo, pela interferência violenta do poderio europeu. A Ásia que hoje se vê, em pleno século XXI, é completamente diferente da que um dia se sonhou, durante as intermináveis reuniões nos ambientes espirituais.

Da mesma forma, na África, outro abjeto processo de colonização foi também perpetrado por algumas nações européias que até hoje tentam, através do concurso dos seus espíritos luminares diante do Conselho planetário, ajustar as relações de causa e efeito, já que tanta dor, sofrimento, miséria e angústia superlativas foram causadas, atentando contra a dignidade dos povos ali existentes.

Nas Américas, fenômeno semelhante aconteceu, porém definido por contornos de outra tonalidade, marcando a situação de muitas nações, cujo progresso estava sendo impedido pela ganância de certos grupos financeiros europeus, que manipulavam a política das nações daquele continente, por sinal, os mesmos grupos que também se apoderavam das riquezas de muitas nações asiáticas e africanas.

No Oriente Médio, a sanha da ambição tresloucada das potências européias também se fez sentir, e muitas das questões até hoje não resolvidas, têm por base a inescrupulosa interferência dos interesses geopolíticos do Reino Unido e da França no início do século XX.

O lamentável é que tudo isso poderia ter sido evitado, bem como as guerras mundiais que mais tarde marcariam inapelavelmente o último século do segundo milênio. Sobre os ombros de Napoleão repousa a responsabilidade de ter executado, de maneira equivocada, a primeira

movimentação de toda uma engrenagem de esforços que visavam o bem planetário.

Há um outro aspecto, que tem relação direta com o que viria a acontecer mais tarde com o nascente movimento espírita, que necessita de abordagem específica, apesar de difícil tratamento, pelos aspectos singulares que o formam.

No início do século XIX, a França ostentava, diante das demais nações, uma posição de vanguarda em diversas áreas. O Iluminismo, a própria Revolução Francesa, além de outros aspectos, haviam transformado o que saía da França para os outros países, em questão de amor ou de ódio. Mas, no campo do pensamento, da arquitetura de novas idéias e de novos postulados filosóficos, como também da arte, eram bem tidos no intercâmbio cultural entre as nações européias. Contudo, os equívocos de Napoleão, além de terem dificultado e mesmo atrasado as etapas iniciais do que viria a ser a codificação espírita, terminariam, mais tarde, dificultando também a sua propagação. Como consequência, o Espiritismo praticamente isolou-se em si mesmo, nos pequenos núcleos que restaram após a morte de Kardec.

Ao ser constatado que a doutrina espírita havia conseguido sobreviver nas terras francesas, mas não teria mais as condições propícias para promover a sua expansão, na forma pretendida, junto às outras nações, espiritualizando principalmente certos núcleos católicos e protestantes, foi traçada outra alternativa geográfica, para um renascimento do Espiritismo. Assim, foi decidido pelo Mais Alto, antes mesmo do início dos trabalhos de Kardec, que independente do que viesse a ser produzido pelo seu esforço e dos que encarnaram para aquele fim, o produto daquele trabalho, semeado nas terras francesas, iria ser “transferido” para um novo ambiente político-social ainda em “construção”, o Brasil, por essa época já libertado do jugo colonialista português. Era necessário esse futuro redirecionamento, para que o objetivo sonhado por todos – o da espiritualização planetária – pudesse seguir o curso pretendido.

Antes de seguirmos adiante, é importante perceber que o objetivo da Espiritualidade Maior é o de ajudar, o de propiciar condições de esclarecimento e evolução, enfim, o de espiritualizar a quem assim se permitir, porque, somente dessa maneira, o mundo terreno poderá evoluir, saindo da situação moral caótica em que se encontra, desde há muito.

A intenção dos grandes mestres espirituais é a de elucidar, afastando o ser humano da ignorância que atualmente caracteriza grande parte da humanidade, independente de quaisquer outros aspectos, até porque o católico de ontem, poderá ser o muçulmano ou o budista de amanhã, e o Mais Alto não tem predileção por nenhuma das religiões terrenas. Supor o contrário, e infelizmente muitos assim o supõem – inclusive alguns espíritas que pensam que todos os espíritos codificadores são “espíritas” –, é permanecer na postura mental de estacionamento estéril que de há muito caracteriza o nosso comportamento religioso.

A quem interessar possa, o espírito de Kardec, no decurso dos últimos milênios, já foi discípulo de um mestre hindu, sacerdote de Amon, druida, ermitão cristão, admirador do Budismo, padre católico, dentre outras experiências religiosas, e somente nos últimos 15 anos de uma de suas vidas, veio a se dedicar ao mister de codificador das elucidações dadas pela Espiritualidade.

Quem se tem como espiritualizado – aí incluído o espírita – e com seu julgamento pessoal determina o vínculo entre uma individualidade espiritual e um certo segmento religioso, como se fosse uma questão “eterna”, esquecendo que as reencarnações existem, dentre outras coisas, para propiciar condições de evolução aos espíritos, está cometendo no mínimo uma esquisitice conceptual com os preceitos que diz abraçar. Ou será que se pensa que, se o espírito de Kardec reencarnasse, por exemplo, mais cinco vezes, em todas as oportunidades ele seria espírita? Ora, convenhamos.

A grande falange de espíritos coordenada por Jesus, que procura ajudar através da amorosa tarefa de esclarecimento aos que vivem na Terra, está preocupada com todos os seres humanos. Eles jamais praticariam a intolerância, sob qualquer forma em que esta possa se expressar. O proselitismo religioso é uma maneira disfarçada de semear a desagregação entre as pessoas, visto que, os chamados “fiéis” a um certo movimento religioso, estarão sempre se sentindo tendentes a achar que os outros deveriam professar a sua religião, porque é a melhor, é a verdadeira... e por aí vão as infantis posições dos que se pretendem maduros em espírito. É nesse ponto que começam os problemas.

Gandhi, através da sua maneira ímpar e genial de ver o mundo, afirmava que um dos grandes problemas da Humanidade, se não o maior, era a tentativa de converter alguém a um dado credo religioso. Se bem

observarmos, ao longo da nossa História, esses problemas têm presença marcante em muitas das tragédias que caracterizam a trajetória da Humanidade.

O que fazem as religiões do mundo senão disputar os “fiéis”, para que as suas fileiras cresçam em quantidade, seja por questão de princípios de “fé salvadora” ou mesmo visando as contribuições financeiras dos crentes? E quem ganha nessa guerra religiosa? O que Deus, Pai Amantíssimo, tem a ver com essas disputas pelo prestígio de sua proteção, quando, na verdade, Ele voluntariamente oferta para todos os seus filhos e filhas, os maravilhosos atributos da condição celeste que lhe é própria, até mesmo para aqueles que não estão vinculados a nenhuma religião terrena? Os que, em seu nome, vêm até à Terra, esclarecer aos irmãos e irmãs espiritualmente problemáticos aqui congregados, são os que já aprenderam a amar incondicionalmente, e que recebem essas dádivas dele emanadas, com mais eficácia, já que é dado a cada um conforme as suas próprias obras.

Mas este assunto será abordado sob uma ótica específica em um próximo capítulo.

Assim, sem que o mundo o percebesse, a derrocada moral de um só homem, diante dos compromissos por si assumidos antes de nascer, destruiu, por completo, o plano estrategicamente elaborado de propagação das novas idéias e concepções, semeadas, em especial, ao longo do século XIX. Simplesmente, o espírito de Napoleão repetira o que já houvera feito em outras oportunidades.

Dessa forma, o que era para ser uma época de luz, terminou servindo de base histórica para uma série de erros, que vitimariam o destino imediato de todas as nações do mundo.

Por volta do ano de 1830, os mentores espirituais acompanhavam o curso dos acontecimentos, procurando fomentar ao redor do professor Rivail, oportunidades para que a sua tarefa esclarecedora pudesse ser levada a efeito. Nessa altura, Rivail procurava desenvolver o método de Pestalozzi em Paris, cidade onde fixara residência desde 1924. Antes disso, Rivail estudou em Yverdon, na Suíça, onde aprendera com o seu amigo espiritual, dentre muitas outras coisas, a não valorizar as estéreis discussões de caráter religioso que, normalmente, eram tratadas pelos discípulos de Pestalozzi. Divididos entre o Catolicismo e o Protestantismo, os seus auxiliares gastavam muitas horas debatendo teses teológicas, completamente

dominados pelo orgulho intelectual, que costuma vitimar a muitos espíritos tendentes ao bem, mas que, no curso de suas vidas terrenas, assumem certos aspectos acessórios da vida como se essenciais fossem, esquecendo-se do que realmente importa.

A “doença” do orgulho espiritual, travestido pelos arroubos da intelectualidade da época, foi um dos principais painéis, entre muitos outros, que contribuíram para a derrocada do saudoso instituto.

Não foram poucas as vezes em que o jovem Rivail percebeu a tristeza de Pestalozzi, pelas querelas intermináveis entre seus principais auxiliares. Em nada estaríamos exagerando se disséssemos que Rivail formou a sua personalidade, assumindo como traço do seu caráter, uma certa relutância em expressar publicamente uma ou outra fé religiosa, o que, por sinal, jamais fez. Ainda assim, muitos pretendem afirmar que a intenção de Kardec sempre foi a de fundar uma nova religião. Nada mais distante da verdade.

Rivail tentava a todo custo, manter a sua intenção de levar adiante o legado de Pestalozzi, na difícil conjuntura política conseqüente à derrocada política de Napoleão Bonaparte. Voltado para a questão educacional da juventude, não despertara ainda, na sua consciência espiritual, os “arquivos” referentes ao processo de espiritualização do qual era o principal artífice terreno.

No livro *Allan Kardec*, de Zêus Wanyuil e Francisco Thiesen, volume I, os autores fazem um registro que bem caracteriza a preocupação do Prof. Rivail:

“Razão tinha o acadêmico francês Augustin Cochin, quando declarava que “para todo homem que pensa, que ama a Humanidade, que crê em Deus e em seus desígnios soberanamente bons, a educação foi sempre e é mais do que nunca a grande questão, a suprema esperança, a salvação da posteridade”. Rivail fora um destes homens, e como Pestalozzi, durante a sua existência procurou educar, educar sempre, intelectual e moralmente, objetivando a construção de um mundo melhor.”

Com nobres propósitos no campo educacional a nortear os seus passos, o prof. Rivail dedicou-se com afinco ao magistério, até ser obrigado a deixar de lecionar, por questões da política da época, quando passou a se dedicar ao espiritualismo, tarefa que desempenharia até ao fim da sua vida, apesar dos percalços do caminho.

Sob a ótica da Espiritualidade, já era sabido que Kardec não mais poderia contar com o “apoio estratégico”, que o espírito de Napoleão Bonaparte havia se comprometido a prestar. O que estava previsto era que Napoleão elevaria a codificação espiritualista, a ser formulada por Kardec, a um alto patamar, o que permitiria que ela pudesse depois ser utilizada como complemento teológico-espiritualista às religiões católicas e protestantes, além de outros aspectos. Mais tarde, a codificação seria levada para as terras do Oriente, através da diplomacia daquele que, a princípio, caso tivesse vingado o plano preparado na Espiritualidade, seria uma espécie de embaixador da Europa unificada para o Oriente. No entanto, conforme se desenvolveram os acontecimentos, terminou se transformando no imperador Napoleão III, dando um outro rumo ao que havia sido planejado nos ambientes espirituais.

Inviabilizadas todas as possibilidades de apoio vindas de Napoleão Bonaparte, viu-se o professor Rivail sem ajuda para dar início aos trabalhos de codificação. Em vez de incentivo, recebeu, como reação ao fato de ter “permanecido de pé”, após a vitoriosa investida das forças trevosas sobre o contexto que cercava a Napoleão Bonaparte e a Pestalozzi, o cerco dessa falange que passou a perseguí-lo, tentando a todo custo dificultar-lhe a missão. Afinal, em uma história que ainda está por ser contada – e somente esses painéis do passado mereceriam um conjunto de obras para bem explicá-los – as trevas haviam identificado Rivail, como sendo um dos que haviam nascido para preparar o mundo para o cumprimento das promessas do Cristo. Quando isso foi percebido, ele deixou de ter qualquer descanso e, ao seu redor, fosse por erro pessoal ou dos que com ele conviviam, o que podia dar errado, dava “muito errado”.

Napoleão III, parceiro espiritual de Kardec, pertencente ao mesmo grupo de espíritos trabalhadores, ao assumir-se como imperador, ordenou que todos os diretores de liceus prestassem juramento de lealdade ao imperador, coisa que Rivail e outros se recusaram, terminantemente, a fazer. Foram premiados com um impedimento oficial – cassação política – de continuar a exercer o magistério.

Após se dedicar por cerca de trinta anos à educação, repentinamente, Rivail viu-se privado do desempenho da profissão que sempre abraçara. Desempregado, teve que realizar diversas tarefas para sobreviver dignamente.

Ironicamente, foi este mesmo Napoleão III que, nos ambientes espirituais, havia prometido ao espírito de Kardec, ajudar-lhe na propagação dos ideais do Mais Alto, conforme as circunstâncias.

Além de privar-lhe da profissão, também em várias outras ocasiões, criou falsas expectativas no apoio que daria a Kardec. Em uma certa oportunidade, o imperador buscou melhor informar-se a respeito do Espiritismo, após tomar conhecimento de que um ex-professor, muito respeitado no meio acadêmico daquela época, era o autor de um livro que apresentava uma nova doutrina, que atraía muitos dos que lhe eram próximos. Ele sabia que aquele professor havia sido um dos que se recusara a prestar o tal juramento de fidelidade política, tendo assumido um pseudônimo, para poder melhor se dedicar aos estudos espiritualistas. Assim, Napoleão III, ao saber da publicação do *Livro dos Espíritos*, endereçou a Kardec um convite para uma prosa sobre o tema, o que a princípio o codificador hesitou em aceitar. Contudo, por não achar digno de sua parte limitar os objetivos do Mais Alto a questões vinculadas ao campo das suas afeições, resolveu aceitar o convite.

Foram várias conversas. Ao final de cada uma delas, sempre surpreso com a aparente receptividade com que o imperador recebia o assunto – marca que caracteriza o seu espírito até os dias atuais, pois sempre concorda com os seus interlocutores – saía do seu palácio achando que, finalmente, para seu alívio, e diante das renovadas promessas de ajuda às novas idéias ofertadas por Napoleão III, receberia algum apoio estratégico para poder elevar a codificação dos espíritos ao patamar necessário à percepção de todos. Ledo engano. A possibilidade ofertada, de um certo redirecionamento do papel da codificação espírita, a partir do compromisso assumido pelo espírito de Napoleão III, também não vingou. Outras foram as suas preocupações e prioridades.

Os compromissos espirituais, como normalmente ocorre com a maioria dos que reencarnam, vão sendo adiados, quase que invariavelmente, para as vidas futuras. No entanto, todos os prazos se esgotam, até mesmo aqueles, renovadamente ofertados nas reencarnações seguintes. Isto leva a que, até essas oportunidades promovidas por esse “futuro”, para o qual costumamos adiar os melhores projetos do nosso espírito, tenham também um limite. Esse limite está, na atualidade, atrelado ao aparente “final dos tempos” do ciclo encarnatório que se encerra, com o início do cumprimento da última promessa do Cristo, admitamos ou não.

Se Kardec enfrentava todo um contexto trevoso que, por trás do aparente fluxo dos acontecimentos da vida, procurava fazer o que fosse possível para atrapalhar o bom desenvolvimento dos primeiros passos da doutrina recém-criada, Charles Darwin, na posse de uma percepção científica singular, sobre o pano de fundo evolutivo das espécies da natureza terrestre, começava a “ser isolado pelas forças retrógradas” do meio acadêmico e, em especial, do religioso. Somente a muito custo é que Darwin, rompendo corajosamente com os limites impostos pela percepção da época, conseguiu levar adiante a sua contribuição científica superlativa, rompendo com o paradigma criacionista vigente.

Enquanto isso, dois europeus preparavam-se para dar início às suas tarefas, cada um com as circunstâncias pessoais que os envolviam. Ênfases quanto ao conteúdo de suas contribuições à parte, Karl Marx e Sigmund Freud viriam a ser os homens que mais influência teriam sobre o pensamento de certos componentes da elite mundial a partir de então, e suas obras seriam as que mais influenciariam o século XX.

Fugindo do materialismo sob certos aspectos vulgar, como o até então proposto por personalidades como Karl Vogt (1817-1893), naturalista alemão, e o francês Julien de La Mettrie (1709-1751) que tinha como premissa o fato de “o cérebro segregar o pensamento do mesmo modo que a bexiga segrega a urina”, Marx formula um novo materialismo, passível de ser entronizado como tese principal abordável nos meios acadêmicos de então, e que passou à história como o materialismo dialético.

O seu ateísmo, produto das reflexões diante de uma época fortemente marcada por terríveis convulsões sociais, onde absolutamente nada era feito em função do ser humano – infelizmente ainda não muito diferente dos dias atuais – não sobrou um outro caminho à sua percepção pessoal privilegiada, a não ser, criar um Manifesto, em atitude política singular, saindo em defesa do proletariado, frente às forças que imperavam do capitalismo selvagem e às injustiças de sua prática conseqüentes.

Poucos o sabem mas, no período em que viveu em Paris freqüentando os círculos revolucionários dos exilados da época, Marx e o prof. Rivail chegaram a se encontrar, e conversaram em alemão sobre os acontecimentos em curso na Europa por aqueles dias. Obviamente, nenhum dos dois imaginava o que ainda estava por vir.

Obriga-nos o senso moral, a novamente ressaltar que, da mesma maneira que Jesus nada tem a ver com o que foi feito em seu nome por

certos setores da igreja católica, Marx também nada tem a ver com o que, em 1917, na Rússia, os bolcheviques de Lênin ao derrubar o Czar, tentaram implantar: o primeiro Estado proletário, pretensamente intencionando professar, na prática política, a teoria marxista.

Até os dias atuais, um fato triste e, sob certos aspectos pitoresco, ocorre nos ambientes espirituais próximos à Rússia, mais especificamente em Moscou, onde um certo espírito desencarnado clama desesperadamente por ser esquecido, já que não lhe é mais suportável ser reverenciado quando, na verdade, encontra-se profundamente necessitado de ajuda. Contudo, tão poderosos são os grilhões que prendem a sua organização espiritual às proximidades dos seus despojos que, mesmo decorrido quase um século da sua morte, ainda não lhe foi possível sossegar a mente espiritual, atordoada por toda a sorte de reflexos do passado.

Pobres dos heróis que o mundo cultua, pois nos ambientes espirituais mais se assemelham a mendigos da compaixão alheia, em especial daqueles a quem fizeram mal, pois não há ideal que possa justificar qualquer agressão.

Apesar da prática totalmente equivocada de certos princípios nobres formulados por Marx, a Humanidade finalmente tem condições para aprender que o materialismo e o ateísmo não se coadunam com a dignidade humana – da forma como seus conceitos se fixaram na Terra –, já que a destruiu durante as suas expressões políticas. Além disso, pode-se também perceber que durante o exercício dos postulados desses ideais, nada foi feito em função da decência e da honra pessoais, da mesma maneira que a crença fanática, os sistemas teocráticos e o dogmatismo religioso também não logram fazer. E se assim foi no passado, no presente é mais doloroso ainda perceber o quanto estamos longe de construir um processo político que dignifique a existência humana. Portanto, falta-nos apenas a tomada de consciência quanto a este aspecto, pois, exemplos e constatações históricas temos de sobra.

Sigmund Freud, com base no modelo mecanicista da Física, termina por criar o seu modelo, também mecanicista, do funcionamento do aparelho psíquico do homem. Como psiquiatra, abandona o método vigente, criando a sua própria terapia, a do diálogo, nascendo daí a Psicanálise.

Intitulando o seu trabalho como sendo a Terceira Revolução da Ciência, – as outras duas haviam sido a de Copérnico e a de Darwin – Freud foi mais além do que haviam ido René Descartes (1596-1650) e Immanuel

Kant (1724-1804), ao entronizarem a razão e o livre-arbítrio como sendo os centros propulsores das atitudes humanas, formulando, por constatação, a teoria do inconsciente prenhe de sementes de comportamentos irracionais, absurdas e doentias, que o indivíduo não consegue controlar. Por terem que permanecer no fundo do psiquismo, represado por uma série de fatores e circunstâncias, terminavam por provocar os recalques desse psiquismo, as chamadas neuroses.

Um dos muitos aspectos meritórios do trabalho de Freud, foi o de estudar um lado da natureza humana que a filosofia não havia ainda abordado, levando, necessariamente, a uma profunda revisão dos conceitos vigentes.

É interessante perceber que todos os aqui citados, – e pena é que não seja conveniente nominar todos os espíritos trabalhadores que encarnaram para semear, no século XIX, as bases do futuro da coletividade terrestre – a exemplo de Pestalozzi, Kardec, Darwin, Marx, Freud, Louis Pasteur, dentre outros, somente conseguiram realizar as suas tarefas renovadoras, porque lutaram por se libertar dos mitos do tempo em que viveram. Diante disso, torna-se imperioso um questionamento: e se eles estiverem reencarnados para novas tarefas, será que não estarão enfrentando os mitos dos séculos XX e XXI para poderem trabalhar as novidades encomendadas pelo Alto?

Ao seu tempo, Kardec esforçou-se por superar as possibilidades da época. Quando se defrontou com os primeiros dados que chamariam a sua atenção para o pano de fundo espiritual por trás da vida terrena, procurou organizar as suas reflexões em torno das novidades que pouco a pouco foi descortinando, de forma a não se submeter aos valores religiosos que imperavam, sem pretender estar afirmando qualquer nova verdade. A princípio procurava apenas atender à sua própria curiosidade intelectual ante os fatos “estranhos”.

O que para muitos era apenas modismo, ou mesmo casos bizarros comentados nas rodas parisienses, para a sua acuidade mental apresentava-se como sendo um dos aspectos, aparentemente misteriosos, que envolviam a existência.

Com todo zelo e rigor moral, muito antes mesmo de perceber que a Espiritualidade o estava convidando para ser, na Terra, o agente daquela empreitada esclarecedora, dedicava todo o seu tempo livre – por entre as ocupações profissionais a que passou a se dedicar para poder sobreviver, já

que não mais podia exercer o magistério – à tentativa de perceber o que estava ocorrendo por trás daquelas aparentes frivolidades.

Percebendo o conteúdo moral e elucidativo das mensagens, despertou em si mesmo toda a preparação a que se entregara, enquanto desencarnado, antes de renascer para aquela existência. Assim, os arquivos presentes na sua mente espiritual abriram-se, permitindo o fluxo da sua intuição pessoal, amorosamente conduzida pelos mentores espirituais.

Ao aquilatar por si mesmo que estava lidando com novos conceitos pertinentes a uma outra ótica de observação da vida terrena, procurou organizar, de maneira estratégica, os novos postulados que iam sendo formulados, através do concurso de diversos medianeiros que haviam reencarnado para atender a este mister. Na verdade, eram irmãos e irmãs da grande falange espiritual que haviam se preparado para o concurso mediúnico ao tempo da codificação espírita.

Nesta etapa dos seus trabalhos, quando da elaboração do que viria a ser o *Livro dos Espíritos*, lançado em abril de 1857, descortinou-se diante de sua análise um outro contexto, além do espiritual que já havia percebido: o contexto celeste, assim denominado por ele nas suas reflexões.

Já estava introduzindo o conceito de “espírito eterno”, individualizado, responsável por seus próprios atos, e portanto, subordinado às consequências destes, e que atuava nas vidas transitórias através das encarnações – assunção de um corpo carnal transitório – não estando predestinado a ir nem para o inferno nem para o céu, como professavam os valores dominantes da crença religiosa de então, mas, pelo contrário, que retornaria a viver na Terra, tantas vezes quantas fossem necessárias, para atingir a própria redenção. Essa percepção colocava por terra toda uma concepção de mundo e de vida, que as forças religiosas dominantes da época defendiam.

Se já se mostrava extremamente incômodo para a sua sensibilidade pessoal, cientista que era e que sempre colocara a razão acima de tudo, introduzir por entre os valores de então, o novo conceito de “espírito”, questionava se deveria, além deste, ousar levar mais adiante o registro do que estava percebendo, introduzindo outros horizontes sobre o significado da existência espiritual, fosse ela levada a termo na Terra ou em outras paragens. O próprio Mestre Jesus já não dissera que havia muitas moradas na casa do Pai?

Decidiu cuidar do que podia, atendendo também à grande quantidade de material que a Providência lhe colocara nas mãos sobre o contexto espiritual, deixando o que se situava um pouco mais além daquele horizonte, para tratar mais tarde, caso O Mais Alto achasse por bem, lhe tornar possível uma longa vida na Terra, o que não viria a ter.

Por uma série de questões que fugiram ao seu controle e vontade, começara a se dedicar ao mister espírita, beirando já os cinquenta anos de idade, o que não lhe permitia maiores perspectivas de tempo, para a necessária produção intelectual.

Chegou mesmo a pretender escrever uma série de sete livros, somente conseguindo desenvolver cinco dos que havia concebido, e ainda assim, enfrentando dificuldades de toda ordem. Apenas a título de esclarecimento, além dos que chegou a escrever de próprio punho, a saber, o *Livro dos Espíritos* (1857), o *Livro dos Médiuns* (1861), o *Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868), pretendia também desenvolver mais dois, sendo um, sobre o tema específico da reencarnação e um outro sobre o sentido gradualístico das leis do carma.

Afrontado pelo desinteresse e resistência à mudança que a ortodoxia vigente sempre oferta às novidades que intentam surgir, preferiu desenvolver, com toda a profundidade de análise que lhe fosse possível, a temática do “espírito”, deixando, por questão de estratégia pessoal frente às forças conservadoras da época, o conceito de ser celeste – ser cósmico ou extraterreno – para o porvir. Foi compondo paulatinamente os painéis da compreensão desse outro contexto mas, ao perceber que mal conseguiria levar adiante o mister espírita, pela falta de apoio e pelo acúmulo de obstáculos que a todo instante se ajuntavam a sua frente, foi distribuindo pelos artigos da *Revista Espírita* – lançada em 1858 – e mesmo pelas entrelinhas dos livros que estava produzindo, um pouco dessas reflexões.

Mas, o que era o conceito de “ser celeste”, que Kardec depreendera dos seus estudos?

Preocupado em ofertar a melhor possibilidade de compreensão diante do assunto novo, e por força de sua experiência como professor, Kardec preocupou-se em dividir de forma didática o *Livro dos Espíritos* em quatro partes: As Causas Primeiras, Mundo dos Espíritos, As Leis Morais e Esperanças e Consolações.

Na segunda parte, denominada Mundo dos Espíritos, no seu capítulo IV, Pluralidade das Existências, na pergunta 172 é questionado aos espíritos

se “Nossas diferentes existências corporais se passam todas sobre a Terra?”, ao que eles responderam: “Não, não todas, mas nos diferentes mundos; a que passamos neste globo não é a primeira, nem a última e é uma das mais materiais e das mais distanciadas da perfeição.”

Muitas vezes, ao analisar as perguntas que haviam sido formuladas aos espíritos codificadores e as respectivas respostas obtidas, Kardec defrontou-se com as limitações psíquicas da própria época em que viveu. Contudo, algumas questões deixavam tão óbvias as conclusões que, por mais distantes do senso comum que por ventura pudessem se encontrar, eram-lhe motivo de muito estudo reflexivo sobre os temas envolvidos.

Uma das que mais lhe marcou a sobriedade de análise, foi exatamente a resposta dos espíritos, sobre não ser nem a primeira nem a última, a existência corporal que temos na Terra, donde se depreende que, ou todos, ou alguns dos que vivem na Terra, já “viveram”, ou já tiveram existências corporais em outros mundos e que ainda viveriam em outros planetas em tempo futuro, depois que morressem para o mundo terrestre.

Se houvesse dúvidas, a resposta dada à pergunta 173, “... já vivestes em outros mundos e sobre a Terra”, ajudaria a dissipá-las. Também, e de forma inequívoca, servindo para encerrar de vez qualquer questionamento sobre o fato dos espíritos estarem afirmando, claramente, que existia vida corpórea, encarnada, em mundos que não o terrestre, e por conseguinte, extraterrestres, na pergunta 181 Kardec quis saber se “Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?”, ao que os espíritos responderam: “É fora de dúvida que têm corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria. Esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso que assinala a diferença entre os mundos que temos que percorrer, porquanto há muitas moradas na casa de nosso Pai...

No entanto, ultrapassada qualquer hesitação sobre a existência desse outro contexto “celeste”, Kardec tocou, ainda que levemente, a questão do possível relacionamento entre as diferentes humanidades, ao esboçar a pergunta 182 sobre se “Podemos conhecer com exatidão o estado físico e moral dos diferentes mundos?” tendo os espíritos aclarado que “Nós, os Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais; quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estariam em condições de compreendê-las, e isso os

perturbaria”. Assim ficava claro que, de acordo com os conhecimentos terrenos da época, não poderia ser dito muito mais.

Apesar de tudo, prudente, achou melhor publicar o *Livro dos Espíritos* sem aprofundar de forma mais explícita a questão extraterrestre. A seu juízo, a simples menção da novidade sobre um contexto espiritual ainda por ser entendido pela Humanidade, já seria dificilmente aceito pelos valores religiosos e filosóficos vigentes, quanto mais se a estes fossem também agregadas as noções de um outro contexto ainda mais amplo.

Continuou a estudar o tema sem, contudo, transformá-lo em preocupação maior, ante outros também importantes, devido a que, toda a abordagem por si só, era nova.

Aos poucos, passou a questionar o fato do ser humano já ter vivido em outros mundos antes de nascer na Terra. Como podia ser? Se a Terra não era um mundo evoluído, por que a vinda para este globo? Como teria sido essa vinda? E por aí seguiam as suas reflexões, até que percebeu a relação entre a doutrina dos Anjos Decaídos e a questão que tanto lhe chamava à atenção. Mas, o que significa essa doutrina?

Segundo o que o codificador expressou no livro *A Gênese*, no seu capítulo XI, sobre o tema Doutrina dos Anjos Decaídos e do Paraíso Perdido, “Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria, e normalmente pela purificação dos Espíritos que o habitam. A felicidade existe nele, em razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do progresso moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência, eles podem fazer o mal. Logo que um mundo alcança um dos seus períodos de transformação que o deve fazer galgar a hierarquia, operam-se mutações em sua população encarnada e desencarnada; é então que se realizam as grandes emigrações e imigrações. Aqueles que, apesar de sua inteligência e de seu saber, perseveraram no mal, em sua revolta contra Deus e suas leis, seriam a partir de então um entrave ao progresso moral ulterior, uma causa permanente de dificuldades ao repouso e à felicidade dos bons; é por isso que são excluídos e enviados a mundos menos adiantados; lá eles aplicarão sua inteligência e a intuição de seus conhecimentos adquiridos, ao progresso daqueles em cujo meio são chamados a viver, ao mesmo tempo que expiarão, numa série de existências penosas e através de um duro trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento voluntário.”

“Que serão eles, no meio de tais povos, novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos, enviados em expiação? A terra da qual serão expulsos não será para eles um paraíso perdido? Ela não era, para esses degredados, um lugar de delícias, em comparação com o meio ingrato onde vão se encontrar relegados, durante milhares de séculos, até o dia em que terão merecido sua libertação? A vaga recordação intuitiva que conservarão, é para eles como uma miragem longínqua que os faz lembrar aquilo que perderam por sua falta.”

É interessante perceber que muitos espíritas afirmam que a doutrina dos Anjos Decaídos não se coaduna com os preceitos codificados, porque o ato de decair significaria um retrocesso existencial, o que iria de encontro ao postulado de que o espírito jamais retrocede. Coincidência ou não, os que assim pensam, em sua grande maioria são os mesmos que têm dificuldade em aceitar ou perceber a questão extraterrestre. Dizem mais: que o próprio codificador assim o teria afirmado.

Aqui ocorrem dois grandes equívocos: o primeiro referente ao fato de que a doutrina dos Anjos Decaídos fere o princípio de que o espírito jamais retrocede, que não é certo; o segundo, que diz respeito a afirmações que Kardec jamais fez.

Os que assim afirmam, nunca leram o que Kardec escreveu ou, se o fizeram, nada ou muito pouco compreenderam.

No livro *A Gênese*, ainda no seu capítulo XI, Kardec escreveu: “À primeira vista, a idéia de decaimento parece estar em contradição com o princípio segundo o qual os espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.”

Chega a ser constrangedor que um ponto de vista pessoal, tão claramente expressado, venha a ser distorcido pelos que se dizem vinculados ao Espiritismo, quando, em especial, por trás desse tema, encontra-se o elo perdido, do grande mistério que responde pela origem extraterrestre de uma boa parte da Humanidade.

Mais ainda, é o fato do próprio codificador ainda ter escrito, a título de nota explicativa, também no capítulo XI do mesmo livro, o seguinte: “Quando na *Revue Spirite*, de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos Anjos Decaídos, não havíamos apresentado aquela teoria senão como uma hipótese, sem outra autoridade senão a de uma opinião pessoalmente controvertível, pois que, na época nos faltavam elementos bastante completos para uma afirmação absoluta; nós a publicamos a título de ensaio, com a finalidade de provocar o exame do assunto, bem determinados a abandoná-lo ou a modificá-lo se para tal houvesse lugar. Hoje, essa teoria sofreu a prova do controle Universal; não somente ela foi acolhida pela grande maioria dos Espíritos como a mais racional e a mais conforme à soberana justiça de Deus, como também ela foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos acerca do assunto. O mesmo sucedeu no que diz respeito à origem da raça adâmica.”

Como pode ainda algum espírita razoavelmente informado, ter dúvidas a respeito da opinião que Kardec tinha sobre essa questão?

A ultrapassada visão antropocêntrica parece ainda estar – a exemplo da função que o fermento desempenha na massa de um bolo – permeando o que existe de mais moderno em termos de visão de mundo e nos foi ofertado pelo Mais Alto, que é, exatamente, a codificação espírita, com o que a esta vem sendo agregado pelas novas e maravilhosas contribuições de equipes espirituais, que têm nas pessoas de Francisco Cândido Xavier, de Divaldo Pereira Franco – dentre muitos outros – o devido suporte mediúnico, embasado no mais belo testemunho de moral e de virtude, de servir ao próximo em nome de Jesus.

Se o movimento espírita pretende ser o que de mais moderno existe na vanguarda do avanço espiritual da Humanidade, seus pares precisam urgentemente perceber, a exemplo do que propunha Sócrates, as próprias limitações, dominando o orgulho espiritual, quando não de ordem intelectual, para não serem atropelados pelos fatos.

Em pleno século XXI, alguém que se pretenda esclarecido, ainda achar que o ser terreno é o centro da Criação, é talvez, a maior ofensa moral e intelectual que se pode endereçar ao Criador.

Essa postura antropocêntrica, que assume diversas faces, nem sempre facilmente percebidas, responde pelo pano de fundo de muitas posturas psicológicas que inibem a capacidade do ser humano, em construir a sua

própria concepção de mundo e de vida. Contudo, poucos se apercebem do fato de que, a dificuldade em aceitar possíveis eventos ou aspectos da realidade que se encontram muito além do horizonte do que se pode enxergar a partir da Terra, na atual conjuntura, é proveniente das cristalizações conceituais que cada um vai construindo ao longo da vida, conforme as circunstâncias do nosso aprendizado e as tendências inatas – estas, produto da própria herança espiritual de posturas viciadas de vidas passadas – que carregamos para onde formos.

Todo esse conjunto de paradigmas – mesclados aos dogmas já criados, não pelo codificador, mas por alguns que fazem o movimento espírita, sendo mesmo inevitável que isso ocorra, por força da imperfeição humana – vem dificultando o entendimento de muitos, quanto ao real significado por trás da doutrina dos Anjos Decaídos.

Ora, se esse tema não tem importância, é de se questionar o porquê do codificador tê-lo abordado em alguns artigos na *Revista Espírita* e, em especial, dedicado mais de meia dúzia de páginas no livro *A Gênese*. Mas, supondo que Kardec tivesse se enganado ao dar importância ao tema, por que então, em pleno século XX, a Espiritualidade Maior novamente resolveu dar realce à questão, com a serena e bela abordagem do mentor espiritual Emmanuel, através da mediunidade ímpar de Chico Xavier, no livro *A Caminho da Luz*, publicado em 1939, ratificando eventos imemoriais, ocorridos em níveis existenciais situados além do horizonte terrestre? Ali está descrita a doutrina dos Anjos Decaídos como sendo a origem de seres – também abordada no livro *Os Exilados de Capela*, de Edgard Armond – que vieram exilados para a Terra, isto é, seres que vieram de fora, ou seja, extraterrenos.

Se assim é, qual a dificuldade ou quais as reticências em abordar esse tema, por parte de certos segmentos espíritas? Pois que não se aborde. Contudo, que ao menos não se menospreze com sorrisos de pretensa superioridade os que assim o fazem. Não pelo que estes possam sentir, mas pelo constrangimento que causarão a si próprios, quando a revelação cósmica começar a ser descortinada pelos que vivem na Terra, a exemplo do que aconteceu com a revelação espírita, semeada no século XIX, ainda por ser bem compreendida em toda a sua amplitude, pelos que a professam.

É necessário, entretanto, que um aspecto seja ressaltado. Os fatos inerentes ao processo da reintegração da Terra à convivência com os nossos irmãos cósmicos, não esperarão pela compreensão dos que aqui vivem. Se,

tratando-se da revelação espiritual, observa-se que houve todo um planejamento a curto e médio prazo – sob a ótica da Espiritualidade – de três séculos, para que o mundo se espiritualize, já com a revelação cósmica, ela dar-se-á agora, muito mais através da evolução dos próprios acontecimentos, do que propriamente pela capacidade da coletividade terrestre em entender o processo já em curso, por força de algum novo movimento esclarecedor, depois das várias tentativas infrutíferas, nesse particular. Esse aspecto é o que mais surpreende e chega mesmo a chocar a sensibilidade pessoal do aflito escrevente destas páginas. Mas é assim que está ocorrendo. Parece não existir mais tempo para que pessoas ou grupos atinjam este ou aquele nível de percepção. Os eventos que têm como pano de fundo a participação de seres cósmicos, extraterrenos, simplesmente estão acontecendo, e se acentuarão cada vez mais. Cuidemos, pois, para não sermos atropelados pelos fatos.

Segundo a opinião de alguns espíritos trabalhadores das hostes de Jesus, se o tema da doutrina dos Anjos Decaídos tivesse sido corretamente percebida, outra seria hoje, além das muitas que já nobremente o movimento espírita vem exercendo, a postura esclarecedora do Espiritismo quanto à questão extraterrena.

Mais adiante veremos a preocupação que a falange de Ramatis teve e tem com a questão, na medida em que foi percebido que o movimento espírita, que se formou a partir da codificação, acostumou-se a relevar o tema extraterrestre como questão secundária ou mesmo desprezível.

Na época de Kardec, no entanto, não foi por achar de importância menor o tema da vida além das fronteiras terrenas, que ele deixou de aprofundar seus estudos, ou mesmo que tenha sido a justificação da modesta abordagem que se atreveu a fazer, conforme as circunstâncias da época. À medida em que os livros estavam sendo desenvolvidos, percebeu, por parte dos espíritos, a preocupação maior com as questões morais e doutrinárias, com o esclarecimento evangélico, com a apresentação do contexto espiritual em suas muitas formas de abordagem, com alguns aspectos elucidativos que pudessem preencher os vazios quanto aos “princípios e fins” da filosofia existencial terrena, dentre outros aspectos. Por isso, resolveu de moto próprio, deixar que algumas perguntas fossem respondidas no futuro, porque mesmo ele não as conseguia formular corretamente, por força das limitações conceituais da época. Mas percebera com clareza, o vislumbre que os espíritos codificadores estavam lhe dando

de um outro contexto situado muito além do horizonte terreno, como também do horizonte espírita.

Ainda assim, tentou desenvolver estudos a respeito do tema, mas sempre evitando fechar qualquer tipo de questão conclusiva de sua parte, ou mesmo da parte de espíritos evoluídos. Nesses casos, com rara habilidade, deixava nas entrelinhas do que estava informando, que o ali expressado representava a opinião de algum ou de alguns espíritos, ou mesmo a sua pessoal, expressada em nota explicativa, o que por isso não deveria ser necessariamente considerado como sendo sequer verdade pelos espíritas, quanto mais como verdade absoluta. Kardec sempre soube – e deixou claro em todas as oportunidades que teve – que os espíritos não eram infalíveis e mesmo que o fossem, não estavam “falando diretamente” com a Humanidade encarnada, já que utilizavam médiuns para esse fim, o que representa um outro nível de problema, que pode interferir na comunicação. Prudente como sempre procurou ser na sua missão de codificador, jamais se atreveria a pontificar sobre aspectos de um contexto que se situava ainda um pouco mais além dos contextos terreno e espiritual. Até porque sabia que “certas coisas” seriam dadas conforme as possibilidades das épocas o permitem.

Quando da confecção do livro *A Gênese* – e perceba-se que Kardec deixou este livro para “mais tarde”, tanto que foi o último a ser publicado, antes de sua morte em 1869 – o codificador hesitou em, desenvolver muitos “temas celestes”, fosse porque não tinha condições de ter certeza pessoal quanto às informações disponíveis ou mesmo pela ausência de mais e de melhores informações sobre o assunto. Muitas notas e questões pontuais ficaram ao largo de sua produção literária por mera questão de prudência, o que, após o seu desencarne, verificou ter sido o caminho escolhido, o melhor a ser seguido, conforme o seu tirocínio pessoal, no que nem todos os membros da família a que pertence o espírito de Kardec concordam.

O que não registrara no livro *A Gênese*, sobre a questão extraterrena, deixara junto com outras tantas notas que mais tarde, cerca de vinte e dois anos após a sua morte, viriam a compor o livro *Obras Póstumas*, que amigos e admiradores resolveram publicar. É desnecessário dizer que as notas e registros de reflexão sobre o tema em questão foram deixados de lado, ou mesmo não foram levados à conta de importante, sendo que alguns nem sequer foram encontrados, o que em nada teria mudado o curso dos acontecimentos. Realmente aquela época não propiciava condições para

tanto. A questão do contexto cósmico ficaria reservada para o século XX, não mais com as mesas girantes ou as pranchetas com lápis que se moviam por força da interferência dos espíritos – que tanto chamaram à atenção de Kardec e lhe possibilitaram descortinar por trás de ocorrências aparentemente bizarras, todo um contexto espiritual – mas, sim, quando outros objetos traspassassem os céus da Terra, chamando à atenção dos seus habitantes para um outro, além do espiritual: o contexto cósmico.

Na parte introdutória do *Livro dos Espíritos*, o codificador ressaltou que “Ninguém imaginou os Espíritos como um meio de explicar os fenômenos; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Frequentemente, fazem-se nas ciências exatas hipóteses para ter uma base de raciocínio: ora, isso não ocorreu neste caso.”

É importante frisar que a questão extraterrena, também não foi idealizada por ninguém, a título de explicar as ocorrências milenares ao longo da História e bastante enfatizada na segunda metade do século XX, mas, simplesmente, a própria fenomenologia é que vem revelando a identidade dos agentes que a provocam, como sendo seres situados muito além do horizonte terreno.

Dessa maneira, o conceito de espírito eterno, responsável pelos seus próprios atos, e que poderia nascer nesta ou naquela morada das muitas que existiam na casa do Pai, realmente ficou disponibilizado para ser entendido por quem quisesse se servir da luz esclarecedora da codificação. Contudo, a percepção de que esse espírito eterno, quando encarnado ou existindo em um outro mundo, assumia ante a ótica terrena, a função de um ser celestial, de um ser sideral, de um ser cósmico, ou, como popularmente chamado, de um ser extraterrestre, havia ficado para outros dias do futuro. O problema para quem não quer, ou não consegue isso perceber, é atinar realmente com o fato de que esse futuro chegou, entendamo-lo ou não.

Assim, apesar dos esforços de muitos, somente resplandeceu no mundo a luz de alguns trabalhos individuais, tendo a estratégia do esforço coletivo naufragado por entre as ondas revoltas do orgulho e da vaidade de alguns poucos.

Infelizmente, ainda não era chegada a hora do aprendizado como fruto da observação, do planejamento, da correta consecução e dos redirecionamentos necessários que toda e qualquer empreitada terrena requer. O que não estava se conseguindo aprender em condições razoáveis de possível realização, teria que ser depois assimilado a um custo de dor e

sofrimento, diretamente proporcional às barreiras impostas pelo orgulho e pela ignorância dos que pensam muito saber e poder. Contudo nada sabem e nada podem, já que sempre sofrem as conseqüências da própria incúria espiritual. Tem sido assim desde há muito. E não se havia conseguido, naquela oportunidade, transformar aqueles tempos de renovação em oportunidades de redenção serena, erigida sob a luz da maturidade espiritual.

Restou, portanto, para um futuro ainda por ser arquitetado por quem houvesse conseguido não se complicar – a ponto de se inabilitar – no jogo das leis cármicas, para os trabalhos do século que se seguiria.

O grupo da Europa não logrou melhores resultados do que os que foram formados no passado. O fato singular, agora relevante, era o de que algumas individualidades que já haviam pertencido a alguns desses grupos de tarefas da Espiritualidade, já estavam desempenhando as suas missões pessoais, de maneira a se habilitarem para trabalhos futuros, cada vez mais complexos, o que era um alento para todas as famílias espirituais, envolvidas com a responsabilidade moral do progresso planetário.

Por essa época, segunda metade do século XIX, o espírito que no passado remoto já havia personificado as inesquecíveis figuras – para muitos consideradas como lendas – de Rama e Krishna, já estava reencarnado na sua amada Índia, dando início ao processo de três encarnações seguidas, para trabalhar pela redenção da Humanidade, cujos aspectos serão analisados mais adiante.

ALTERNATIVAS DO LIVRE-ARBÍTRIO

DOS IDEAIS SURGEM os sonhos e os objetivos, destes, os planos e, por fim, a realização do que se pretende. Precisamos optar por esta ou aquela postura, no usufruto da nossa sensibilidade pessoal, para que os ideais e as nobres intenções possam ser formuladas na arquitetura íntima das idéias e das metas. Quando do planejamento, temos também que optar por um dos muitos caminhos possíveis para atingir o resultado que esperamos. Optamos ainda, na hora das ações práticas, conforme a nossa capacidade de discernimento diante do contexto e das circunstâncias que nos rodeiam. Enfim, em qualquer etapa da vida, a toda a hora, em todos os instantes, estaremos fazendo uso de uma faculdade mental-instintiva, ou mental-intuitiva, que pode nos levar para a serenidade e paz de consciência, ou ao contrário, conduzir-nos para a perturbação e para o mais atroz sofrimento.

Diante do plano pretendido pela Espiritualidade Maior, cada espírito envolvido com as suas diversas etapas, desde a formulação até à sua execução, acompanhamento e controle, tem as suas idéias e opiniões próprias a respeito do projeto.

O plano desenvolvido prendeu-se ao fato de que, mesmo havendo erros individuais, ao menos o acerto de alguns poderia modificar o panorama planetário na direção do que se pretendia.

Poucos haviam acreditado – no que estavam certos – que, daquela vez, o espírito que personificaria Napoleão Bonaparte, iria finalmente atuar na Terra sem pôr tudo a perder, já que normalmente era traído pelas suas forças íntimas mal administradas. Entretanto, dentro das circunstâncias históricas daquele momento, não existia outro que conseguisse adequar o senso da oportunidade, com a condição cármica de realizar uma missão de amplitude planetária com as características que a marcavam. Somente o currículo daquele espírito tinha se adequado àquela oportunidade única, nas possibilidades da geopolítica do mundo, com vistas ao possível intento de executar a obra esperada.

Por aqueles dias, por volta do ano 1885 do calendário terrestre, nos ambientes espirituais próximos à Terra, um grupo de espíritos, todos eles vinculados ao Espiritismo nascente, avaliavam a tese já defendida há algum tempo pelos espíritos de Voltaire, de Rochester e de Pestalozzi que, a exemplo dos demais movimentos filosófico-espiritualistas semeados no

mundo, o Espiritismo já apresentava um desvio de rota preocupante, conforme o juízo desses espíritos, na verdade, amigos e parceiros espirituais de muitas situações terrenas. O espírito de Kardec, apesar de comungar da preocupação comum, sentia-se algo responsável pelo rumo dos acontecimentos, o que fazia com que a sua conduta pessoal fosse a de simplesmente escutar, para melhor avaliar a questão.

A eterna receita, dos venenos do psiquismo humano, estava construindo o inevitável império do orgulho espiritual no seio do movimento espírita. Apesar de contar com amigos espirituais e trabalhadores notáveis entre os que permaneceram encarnados, para dar continuidade ao projeto da revelação espiritual, a entrada de novos afeiçoados e os inevitáveis conflitos de ordem doutrinária e organizacional, estavam deformando em um prazo surpreendentemente curto, o rumo dos acontecimentos desejados.

Camille Flammarion, procurava dar curso ao seu compromisso assumido ainda na Espiritualidade – e o fez com brilhantismo, tanto moral, quanto intelectual – de tentar levar um dos “braços de atuação terrena” da revelação espiritual, aproximando-a do contexto cósmico que ele, de forma mais profunda do que o próprio Kardec, muito bem descortinava.

Outros tarefeiros, que elevavam o nascente movimento espírita à razão maior de suas existências, procuravam com a melhor das intenções, prosseguir com o sonho idealizado desde há muito. Contudo, as forças contrárias atuavam com mais desenvoltura, já que o ato de destruir é bem mais cômodo e fácil do que a arte de construir. Para destruir, qualquer um serve, enquanto que, para construir, poucos conseguem se habilitar.

A exemplo do que acontecera com o tema central das mensagens de Jesus, desfiguradas pelos seus seguidores, apesar da boa vontade dos mesmos, a codificação espírita estava sendo levada para o cadafalso do julgamento europeu, por ter elevado a fenomenologia e a sua vertente religiosa, como sendo as expressões maiores de sua existência enquanto doutrina.

Esquecidos da orientação dos Espíritos Codificadores, os que deram seguimento ao esforço de sustentação da doutrina, fizeram convergir os seus esforços na justa, normal e honrosa defesa da honra do homem Kardec, agora atacado pela sanha dos interesses feridos, em especial da parte do Catolicismo. Contudo, a ênfase e a estratégia escolhidas transformaram a questão na bandeira maior dos espíritas, em detrimento dos indispensáveis

cuidados que o processo de divulgação da doutrina necessitava. A estratégia das trevas – a de atacar Kardec, atraindo a atenção de todos – sequer foi percebida, e a energia, que deveria manter o rumo do movimento, foi gasta em lutas e contendas em torno de aspectos acessórios, onde normalmente não há vencedores. Com isso, perderam todos e, em especial, o próprio movimento espírita.

As idéias da época, não de todo percebidas na atualidade, variavam desde a aproximação com o Catolicismo até à proposta de se defender que o Espiritismo surgira justamente para destronar o papa, entendendo então, que a grande autoridade sobre os assuntos pertinentes a Jesus e ao seu Evangelho, era o grupo de espíritos da equipe do Espírito da Verdade. Nada havia de melhor para provocar as forças católicas para uma guerra sem fim, onde a intolerância religiosa serviria, ao mesmo tempo, de combustível e munição para a contenda. Diversos painéis formavam as páginas daqueles difíceis dias que não passaram, sequer, à história do movimento, mas que eram observadas com tristeza e preocupação por parte dos espíritos já referidos, além de outros também envolvidos com a questão.

Por essa época, o Espiritismo já tinha chegado a outras terras e, conforme os desígnios do Mais Alto, já era sabido em alguns ambientes espirituais que serviam de base para apoio à divulgação dos ensinamentos já codificados, que o Brasil havia sido a nação escolhida para receber entre os seus concidadãos, a semente da codificação espírita, para tentar adubá-la com outros condimentos, diferentes dos verificados na Europa.

Ao final da avaliação feita naquela oportunidade, o espírito de Kardec, acompanhado de muitos outros trabalhadores espirituais, e em especial dos já referidos, resolveu dirigir-se para os “céus brasileiros”, passando a habitar a cidade espiritual descrita pela mediunidade ímpar de Chico Xavier, em concurso com um de seus mentores espirituais, André Luís, como sendo a de Nosso Lar, em ambiente espiritual próximo à cidade do Rio de Janeiro.

Dali, o seu espírito enveredou, em diversas oportunidades, por aproximações aos grupos de trabalhos sediados no Rio, quando resolveu escolher, por questões de afinidade, um determinado médium para servir-lhe como instrumento, a uma tentativa que iria efetivar, de chamar a atenção dos espíritas brasileiros para certas questões.

Após muito preparo e avaliações de toda ordem, o espírito de Kardec resolveu ditar, ao longo dos anos de 1888 e 1889, através do médium

Frederico Júnior, da Sociedade Espírita Fraternidade, na cidade do Rio de Janeiro, uma série de mensagens que foram mais tarde enfeixadas em um opúsculo editado pela Federação Espírita Brasileira, denominado “Ditados de Allan Kardec”.

Dentre outras recomendações, verifiquemos o que o espírito de Kardec – que pelo fato de encontrar-se desencarnado, não mais tinha as dúvidas que tanto o angustiaram quanto ao rumo a seguir diante de certas questões, quando da sua função de codificador – ditou para ser refletido pelos espíritas daqueles tempos, mas cujo teor, nunca foi tão atual para a reflexão de todos os que lhe dizem honrar o esforço esclarecedor:

“Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a Revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?”

“Que será de vós?... Quem vos poderá socorrer – se à lâmpada de vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?”

“Esses pontos do Evangelho de Jesus Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?”

“Este eco que reboa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo – os tempos são chegados – será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?”

E continuou, o espírito de Kardec, através de suas mensagens, a chamar a atenção dos espíritas, para o desvio de rota que estava sendo implementado no seio do movimento espírita, já edificado nas terras brasileiras. E percebamos que isso ocorreu nos anos de 1888 e 1889, época em que Adolpho Bezerra de Menezes desempenhava função de vulto no recém-criado movimento espírita brasileiro – mais tarde viria a tornar-se presidente da Federação Espírita Brasileira – apesar dos seus esforços gigantescos para o correto direcionamento do movimento.

E na atualidade, qual o cuidado ou zelo moral, que os espíritas têm com esta tentativa do espírito de Kardec em chamar à atenção para o fato que irá descortinar o contexto cósmico para todos os que vivem na Terra, que é a chegada inesperada do Cristo, como ele próprio se referiu?

Mas, quantos espíritas acreditam que realmente haverá uma chegada inesperada do Cristo?

Muitos, e alguns vultos do movimento afirmam que o Cristo não retornará como predito, até porque o surgimento do Espiritismo já seria a própria volta prometida do Cristo. E dizem mais: que assim o afirmam porque Kardec já o teria feito.

Kardec jamais afirmou tal coisa! Ao contrário, como será visto mais adiante. Contudo, o que é realmente estranho, é o fato de alguns espíritas “endeusarem” a figura de Kardec, ao mesmo tempo em que desfiguram ou desprezam completamente as suas mensagens.

Ao desencarnar no ano de 1869, percebeu claramente, sem mais ter presente nas suas indagações as dúvidas normais do cérebro terreno, consciente quanto ao fato de que Jesus haveria de retornar no futuro e, percebendo que alguns espíritas estavam subestimando exatamente a etapa mais importante prevista no programa crístico das revelações sucessivas, procurou da maneira que lhe era possível, chamar à atenção para o equívoco. Porém, quem dentre os espíritas consegue responder às questões formuladas por seu espírito? As repetiremos tantas vezes quantas forem necessárias, para que seja despertado em alguns, a responsabilidade moral diante das Promessas do Cristo:

“...Quem vos poderá socorrer – se à lâmpada de vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo ...?”. Ou seja, dizemos nós, quando o orgulho intelectual cega a percepção da individualidade, quem poderá socorrer aos que não conseguem enxergar, sabido que as opiniões e os valores profundamente arraigados, não permitem a simplicidade d’alma necessária para perceber o que de há muito está profetizado pelo próprio Cristo?

“Esses pontos do Evangelho de Jesus Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?”. Ou seja, na ótica de Kardec é surpreendente como os espíritas, mesmo com os esclarecimentos dados pela codificação, ainda não haviam refletido sobre a questão da volta do Cristo?

“Este eco que reboa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo – os tempos são chegados – (grifo do autor) será um gracejo dos enviados de

Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?”. Ou seja, um aviso dado há tanto tempo e que, na atualidade, está sendo renovado por muitos, com o acréscimo do aviso de que os tempos para os quais aqueles eventos foram profetizados, já são chegados, e cujo eco reboia por todos os quadrantes planetários, como será possível os espíritas não se aperceberem da importância do porvir?

Realmente são surpreendentes os descaminhos que a incúria do espírito humano promove em torno das sementeiras do Mais Alto. Chega a ser deprimente como o orgulho espiritual embota, às vezes, o tirocínio de espíritos maravilhosos mas que, por questões menores de cunho intelectual e/ou mediúnico, tomam o menor pelo maior com a mesma naturalidade com que entronizam as suas opiniões pessoais, o que é do direito inalienável de cada um, sem que seja, contudo, em detrimento das orientações dos Espíritos, já que se dizem espíritas.

Obras maravilhosas de assistência aos necessitados – tanto de ordem material, quanto espiritual –, o movimento espírita tem conseguido realizar sob todas as égides, e é grande o mérito de todos os que se doam para esse mister. Nunca a Terra necessitou tanto de servidores abnegados que se dedicam, com o sacrifício dos seus próprios interesses, em benefício do próximo, como nos solicitava e ainda solicita Jesus. Grande é o mérito espiritual que detêm por essas obras meritórias.

Verdadeiros mananciais de esclarecimento têm sido ofertados para quem deles tiver o bom gosto moral de se servir, porque são verdadeiros focos de verdade e de beleza, e inegáveis são os méritos de tantos médiuns que, de maneira incansável, vêm ofertando os seus concursos para a melhoria do mundo, afastando a ignorância, fermento maior das forças trevasas.

Contam-se às centenas de milhões, os espíritos desencarnados já auxiliados diretamente – indiretamente chegam aos bilhões – pelo esforço anônimo de muitos médiuns que se ofertam, para o difícil trabalho de assistência mediúnica a tantos espíritos desencarnados ainda necessitados de toda ajuda fraternal.

Sob certos aspectos, o movimento espírita conseguiu realizar em cerca de 140 anos, o que jamais qualquer trabalho arquitetado pelo Mais Alto conseguiu fazer, em termos de ajuda concreta a tantos necessitados, tanto no mundo dos encarnados como no dos desencarnados. Grande é o reconhecimento dos mentores espirituais, pelo muito que já foi feito e que

continua a ainda ser erigido diuturnamente pelo esforço de tantos. Porém, apesar de tudo isso, absolutamente não é dada importância a certos aspectos da função do Espiritismo na Terra, o que é moralmente comprometedor para os que estão à frente do movimento espírita.

Estas páginas pretendem apenas rogar maior atenção, não aos que já estão acostumados a pensar, por força das inevitáveis influências dos valores formulados, mas ao que não foi sequer levado a sério pelos mais prestimosos e preparados trabalhadores da seara espírita, quanto a certos aspectos do esforço de Kardec e dos Espíritos Codificadores.

Afinal, sabemos todos que, quando o que está sendo tratado é produto dos valores e das opiniões humanas, seguramente o tempo há de repor a essas questões, o valor que lhe seja devido, posto que é efêmero. Porém, quando o que está em jogo são os interesses do Mais Alto, nada existe na Terra que possa, indefinidamente, fazer cessar o livre curso do que está para acontecer, por determinação de quem tem poder para tanto.

A opinião de muitos espíritas, quanto à volta do Cristo, é sobejamente conhecida, já que é publicamente assumida por nobres servidores da seara espírita. Nisso não reside nenhum problema. Os problemas surgem quando estes advogam assim pensarem por ter sido Kardec que o propôs, o que é um equívoco desculpável, apesar de primário, para o porte moral e intelectual desses médiuns e dirigentes. Contudo, a questão que se impõe é: qual a opinião dos Espíritos a respeito? Quem tem estatura para falar em nome da plêiade de Espíritos que coordenam a evolução do Espiritismo, não enquanto religião, já que disso não cuidam, mas sim, enquanto manancial imorredouro de esclarecimento e de luz? Por que não se lhes pergunta, com todo rigor mediúnico – e se através de médiuns já libertos do peso dos conceitos ortodoxos melhor o seria – a respeito da volta de Jesus e da Revelação Cósmica?

Após concluída a tarefa a que se propôs, o espírito de Kardec, acompanhado dos amigos e afiliados comuns à causa redentora do Mestre Jesus e dos demais mestres cósmicos que trabalham nos ambientes terrestres, dirigiram-se para um certo recanto espiritual, onde foram todos adestrar os seus espíritos para as lutas do século XX.

Em uma dada oportunidade, quando nos ambientes espirituais eram também comemoradas as imorredouras expectativas pelo decurso de mais um século, conforme as disposições do fluxo temporal terrestre, o mesmo grupo de espíritos trabalhadores já descrito, só que cada vez maior, pela

afiliação constante e ininterrupta de novos membros que a todo instante solicitavam terem seus nomes inscritos na seara de Jesus – e de outros mestres espirituais, o que nos obrigamos a repetir – privava de mais uma oportunidade de confraternização, dessa feita, informal, como normalmente acontece no decurso das vidas terrenas, entre amigos que se prezam.

Dizia o espírito de Rochester: “Vê bem, ó Kardec, que mesmo com a habitual cegueira com que costume me comportar perante os projetos espirituais de redenção, ainda assim consegui não perder a noção das questões que se situam além do que postula o horizonte espírita, apesar de que nelas não me aprofundo. Admiro a capacidade da tua mente em lidar com as questões lá da Terra, as daqui da Espiritualidade, e ainda as que se encontram fora do alcance da nossa percepção espiritual. Realmente é admirável e nunca cansarei de afirmar, como conseguiste organizar tantos fatores dispersos, para que se tornassem convergentes conforme os objetivos do Mestre Jesus.”

“Isso te digo, porque vejo aproximarem-se do trabalho que agora diriges, com o justo brilho da tua conduta moral e intelectual, espíritos altamente qualificados no campo intelectual mas que, a meu exemplo, ainda necessitados de condução por alguém em quem confiem, e que não perca suas energias mentais com questões de crença, fé, disciplina férrea, temor a Deus e aos castigos divinos, essas coisas todas, que sei, também não serem do teu agrado. És, ó nobre amigo, o repositório deste pequeno, porém potencialmente grande grupo, que se congrega em torno, não de ti, porque o sabemos jamais concordarias, mas do trabalho por ti edificado na Terra e nestes ambientes. Vê como eles chegam pedindo o teu “aceite” para que contigo permaneçam, no desenvolvimento de esforços no campo das revelações que agora coordenas.”

“Pelo que julgo saber de ti, e pelo que acompanhei na tua última vida na França, há um fato sobre o qual – e ao dizer isso, chamou à atenção dos espíritos que estavam mais próximos, para que todos acompanhassem o desenrolar daquela conversa – gostaria de te perguntar.” E mesmo sem esperar a devida aquiescência da parte de Kardec, levou adiante o seu questionamento: “Por que trabalhaste sozinho, com o concurso da solidão e das madrugadas, quando tantos te desejavam a companhia e, mesmo, ajudar-te no difícil trabalho de codificar ensinamentos tão dispersos e complexos? Será que se tivesses te deixado acompanhar por outros, com as suas opiniões, tendências e predileções intelectuais, terias conseguido

realizar o que realizaste? Por que a solidão te foi a melhor companhia para produzires o que, daqui, achávamos que não iria por ti ser conseguido? O que é que teve de ti, nisso tudo, ó Kardec, e o que é que realmente pertence à autoria intelectual dos codificadores do lado de cá? Assim te pergunto, ó amigo, pois como sabes, estou envolvido com o trabalho que atualmente desenvolvo com a minha afilhada russa (Wera Krijanowsky, que por essa época estava sendo preparada para servir-lhe de médium – nota do autor), e entre mim e ela, tudo funciona de maneira completamente diferente, daquela que percebi ocorrer contigo, no trabalho de ajuntar, crivar e dispor moralmente dos aspectos da Verdade, dificilmente percebidos quando estamos na Terra? Como erraste tão pouco, ó Kardec?”

Algumas outras questões, formuladas por outros espíritos ali presentes, foram, na oportunidade, acrescentadas à já extensa lista de perguntas feita pelo espírito de Rochester. Sorridente, e com a calma que conseguiu arquitetar para aquele instante, já que a “platéia” ali presente era formada por espíritos de rara habilidade e aquisições intelectuais, começou a expor os seus pontos de vista:

“Não terei o condão, com a minha abordagem, de lhes oferecer as repostas a todas as indagações, até porque, algumas partem de premissas generosas em relação ao pouco que consegui fazer, diante do muito que precisava ser feito.”

“No que se refere a esse pouco que consegui realizar, ao identificar um fator estranho aos acontecimentos triviais, fator este que tive a graça espiritual de perceber como sendo algo muito precioso a meu juízo, enchi-me de cuidado e zelo moral para com a condução do que, claramente não me pertencia, e nem a ninguém, apesar de estar a serviço de todos.”

“Percebi estar me defrontando com uma questão que transcendia aos limitados costumes morais, de se arvorar em dono ou autor de alguma novidade, como também aos já ultrapassados valores religiosos em voga, conforme meu próprio tirocínio, o que me fez abandonar o que já estava naturalmente inclinado a fazê-lo, ou seja, os comezinhos costumes da aristocracia e das elites do tempo em que lá vivi, desligando-me dessa forma, por completo, da convivência com os tolos padrões sociais, o que me obriguei a retomar, algum tempo depois do lançamento do *Livro dos Espíritos*, por força das circunstâncias que a partir de então me cercavam. Mas o fiz, não por prazer pessoal, ou mesmo da minha esposa, mas sim, por necessidade estratégica da obra em curso, já que as mensagens ali

constantes não eram minhas, mas patrimônio de todos. E sabia que a face terrena de tudo aquilo, por enquanto, era a minha própria, o que me obrigava a não recusar a convivência social que poderia se transformar em sementeira das mensagens, como de fato veio a acontecer.”

“Mas sou partidário dos que pensam que, em grupo, não se pode refletir produtivamente, podendo-se no máximo perceber as diferenças de abordagens e opiniões distintas, mas refletir, não. O trabalho a que me impus, se caracterizava em fases distintas de consecução. A primeira, dizia respeito ao privilégio que tive de encontrar pelo concurso da própria Providência, verdadeiras fontes, cujo manancial de dados permitiu-me reunir um conjunto de informações e orientações de teor singular, que tive a oportunidade de perceber. A segunda, referia-se ao trabalho de organizar o material informativo que tinha às mãos, através de classificação formulada e diversas vezes modificada, ao longo dos anos em que me dediquei à codificação, tarefa que somente podia executar sozinho. A terceira, a fase mais difícil, referia-se justamente ao ato de escrever, conforme o plano mental que criei com o tempo, a respeito dos temas abordados. Finalmente, por sinal aspecto dos mais complicados às minhas possibilidades pessoais, era a publicação, e enfrentar todo o contexto estabelecido pelos valores dominantes na época.”

“Para garantir a sobrevivência material, somente dispunha dos horários de descanso para levar adiante a tarefa a que me propus. Fosse por isso, a hora em que desenvolvia os esforços no campo da codificação, ou mesmo pelas características das três últimas fases da abordagem anterior, somente podia fazê-lo sozinho, o que não me desobriga de confessar que, seguramente, tê-lo-ia feito da mesma forma, caso fossem outras as circunstâncias.”

“Com a tendência que de há muito vem demonstrando o ser humano em transferir para outrem, seja o próximo, para os santos ou mesmo para Deus, a responsabilidade que lhe seria inerente ao próprio esforço evolutivo, percebo que, no que se refere aos trabalhos de produção intelectual, a solidão ainda é a melhor das companheiras, pois obriga à convergência de toda a energia pessoal para o que se quer realizar. Sem poder esperar nada de mais alguém, a não ser de si mesmo, a individualidade mantém-se desperta para o provimento das próprias necessidades. Quando esperamos receber algo, perdemos tempo e, além

disso, deixamos de exercitar a nós mesmos, na eterna arte de buscar e construir o que precisamos, e não a encontrar o que se pensa necessitar.”

“Talvez pelos privilégios que tive, de encontrar pessoas que, em me fornecendo seus apontamentos a respeito do tema em voga (a fenomenologia espírita da época – nota do autor), facilitaram em muito o meu trabalho, é que assim me refiro à questão apresentada. De toda maneira, se fosse esperar receber, outras tantas coisas que me foram prometidas enquanto desenvolvia os trabalhos literários, seguramente nada ou muito pouco teria produzido.”

“Concluindo, diria que, no meu caso, trabalhar só, foi muito mais uma questão de necessidade do que propriamente um estilo pessoal.”

Realmente, ao longo da vida, dizem os mentores, estamos sempre exercendo a tomada de decisão frente às múltiplas possibilidades que se apresentam. A habilidade com que atuemos diante desse contexto, dirá da maturidade que nos caracteriza o espírito.

Dizem alguns mentores que Kardec somente conseguiu realizar a tarefa de codificar questões tão complexas, porque trabalhou sozinho, e daí a pergunta de Rochester que, em outras oportunidades escutara a abordagem de outros espíritos sobre o tema, o que casava com as observações que pessoalmente tinha levado a bom termo.

Se a produção literária não tivesse se dado antes da formação do sentimento religioso sobre os temas enfocados, provavelmente não teria surgido algo de tão precioso para a evolução humana, como os postulados do Espiritismo.

Habilidade para o exercício do tirocínio que é próprio a cada um; eis, talvez, um dos mais importantes componentes da arte da soberania espiritual, apesar de pouco compreendida, e menos ainda, utilizada, pelos que pretendem honrar a memória de quem jamais julgou a quem quer que fosse. Simplesmente trabalhou, acreditando servir aos propósitos do Mais Alto. Foi a alternativa eleita pelo seu livre-arbítrio.

CENTO E QUARENTA ANOS DECISIVOS

POR VOLTA do ano de 1850, os mentores espirituais acompanhavam o curso dos acontecimentos, cientes de que, as alternativas traçadas para a arquitetura de um futuro dadivoso para a Humanidade, não encontrara lugar nas atitudes daqueles que reencarnaram, em especial, para trabalhar na laboriosa tarefa junto às lides políticas. Já era sabido que a unificação européia que havia sido tentada pelo Mais Alto, não mais aconteceria por aqueles tempos, o que deixava um vasto campo, propenso às intrigas e aos ódios seculares de alguns núcleos étnicos europeus. A desagregação promovida por Napoleão Bonaparte, elevava ainda mais a probabilidade do surgimento de um jogo de competição política que fatalmente redundaria em tenebrosas questões para todo o continente, e cujas conseqüências se fariam sentir, de forma mais ou menos gravosa, em todo o planeta.

Tudo o que havia sido previsto como estratégia de paz planificada, eram, agora, escombros de sonhos e de esforços que, se conjunturalmente para nada ou pouco serviram, ao menos prestaram-se para promover a elevação espiritual de alguns poucos espíritos que, de uma forma ou de outra, estavam se esforçando por contribuir para o progresso planetário, mesmo na ausência de um planejamento maior.

Em outras palavras, aqueles trabalhadores mais se pareciam – como ainda parecem – com jogadores de uma determinada equipe que se movimenta sem a menor estratégia técnica quanto a um plano conjunto de atuação, seja por não compreenderem as orientações dadas, por não conseguirem cumpri-las corretamente ou mesmo porque não se entendem enquanto grupo. Apesar de tudo, procuram fazer o melhor que podem.

Assim, até ao ano de 1990, todo o conjunto de possíveis ocorrências estava por conta da habilidade de cada um, já que não era mais crível, diante do tempo terrestre que restava até ao “final dos tempos” previsto pelas leis cósmicas para a emancipação da Terra, que qualquer outra estratégia mais ampla pudesse ser concretizada. Nada mais, em termos de planejamento global, seria ainda possível implementar, com a intenção de evitar a dolorosa série de eventos, que maculariam a Humanidade no decorrer do século XX.

Naqueles 140 anos seguintes, os grupos espirituais de diversas famílias iriam atuar isoladamente na busca desesperada de fazer algo para evitar o

caos espiritual.

Poucos percebem ou conseguem entender, que existe uma legislação cósmica, cujos efeitos, queiramos ou não, percebamo-la ou não, caem sobre os ombros dos que vivem neste mundo, como, aliás, também em todos os outros mundos, porque é legislação Universal.

O isolamento que caracterizou a Terra diante das demais famílias do cosmo, nada mais representa do que o mais sério dos efeitos, produzidos por nós mesmos, ao entrarmos em contravenção com essa legislação. Mas disso nem sequer cuidamos em imaginar ou perceber, porque, já há tanto tempo isolados, terminamos por plasmar no nosso psiquismo, ser normal o fato de a Terra achar-se vagando solitariamente, como uma espécie de aberração cheia de vida diante de tanto espaço existencial “vazio”, que se encontra no majestoso oceano cósmico que nos rodeia.

Ao que parece, e pelo o que nos é informado pelos mentores, existe uma espécie de decreto celeste, conhecido por toda a comunidade extraterrena envolvida com a nossa questão, mas, paradoxalmente, desconhecido por quase todos os que vivem na Terra, que versa sobre o momento em que esse isolamento terminará.

Sabemos que sempre há de chegar o instante em que os presidiários ou os doentes psiquiátricos internados em algum hospital, conforme a ficha (policial ou médica) de cada um, terão as suas penalidades finalmente cumpridas, ou, nos casos dos doentes, em que as doenças não mais apresentarão conseqüências danosas de contágio. Quando isso ocorre, o preso ou doente poderá ser solto, voltando a conviver com a sociedade que o cerca, apesar de nada, ou muito pouco, dela saber, por força do tempo de isolamento a que foi submetido, na prisão ou hospital em que se encontrava. Esse preso ou doente, antes de ser reintegrado à sociedade da qual foi banido no passado, precisa de toda uma preparação para o seu reingresso, sob pena de não suportá-lo, correndo, inclusive, o risco de tornar-se novamente um estorvo para a sociedade.

Imaginemos agora que as fichas de todos os presidiários e doentes sejam assemelhadas por uma causa comum de afronta às leis e/ou de contração de dada doença contagiosa. Poderão, então, ter um mesmo tempo previsto para poderem ser devidamente reintegrados à sociedade, da qual foram banidos, por força dos seus equívocos no passado. Neste caso, todos irão necessitar do reforço psicológico e informativo, visto nada mais saberem da sociedade, da qual estão afastados há muito tempo.

É este, sob a ótica cósmica, exatamente o caso da grande maioria dos espíritos que estão congregados no orbe terrestre, desde tempos imemoriais, quando provocaram os problemas que acabaram vitimando a si próprios. Entretanto, o restante dos espíritos que aqui se encontravam e que conheceram na Terra a sua primeira estação evolutiva – portanto não exilados –, estavam ainda em estágio bastante primário e receberam, com a chegada dos exilados, um auxílio significativo ao seu crescimento moral e intelectual. Alguns deles foram aprendendo, no empuxo do tempo milenar e das encarnações depuradoras, logrando quebrar as amarras do primitivismo espiritual, e evoluem hoje noutros orbes menos compromissados. Os outros, contudo, se envolveram de tal forma nos enredos cármicos negativos, que mantêm-se em estado vibratório semelhante aos exilados e, portanto, conhecendo as mesmas vicissitudes. Prisioneiros da própria inconseqüência espiritual, estamos todos ainda a aguardar o grande momento em que seremos emancipados, ou seja, reintegrados à sociedade cósmica que nos rodeia, e da qual partem todas as missões de ajuda que já aportaram à Terra, através da chegada de espíritos de escol, como o caso do Mestre Jesus e de tantos outros, para conviver conosco, seus irmãos vencidos em suas próprias forças, pelos equívocos e erros cometidos.

E alguns hão de se perguntar: quem, na Terra, sabe quando será o momento determinado por esse decreto, como sendo o fim do período de isolamento? Quem é que informou tal coisa? Quando será, então, o fim desse ciclo em que os terráqueos estão isolados das demais civilizações cósmicas?

As respostas são surpreendentemente simples. Alguns poucos sabem, já que conseguiram perceber, que a real intenção do Mestre Jesus, quando viveu na Terra, foi a de demarcar para o momento da sua volta, esse grande acontecimento de há muito esperado por todas as demais famílias cósmicas, que têm alguns de seus pares envolvidos com o problema, ou seja, a maioria de nós, e que por isso de há muito estagiam no orbe terreno. Para nossa desdita, presos aos dogmas religiosos e aos limites normais da época atual, quantos, entre os que vivem na Terra, têm ao menos, a noção razoável de que o pano de fundo de toda a nossa História reflete, exatamente, as conseqüências desse isolamento?

Aceitemos ou não, era sabido por muitos mestres espirituais, pela altura do ano de 1850, que em algum momento depois do ano de 1990, os eventos preparatórios, para a reintegração da Terra à vivência com as

famílias extraterrenas, teriam lugar. O ápice dessa transição seria, precisamente, o instante em que ocorreria a tão esperada volta do Cristo, que cumpriria fielmente o que havia prometido há muito tempo.

As conseqüências desse retorno seriam maravilhosas para os espíritos já tendentes ao bem e que trabalham pelo progresso planetário. Entretanto, para aquelas individualidades ainda não tendentes ao bem, e que contribuem, com maior ou menor consciência desse fato, para o caos espiritual que caracterizou a vibração planetária por tanto tempo, esta volta do Cristo não é bem vinda, considerando que, por estarem atrapalhando a evolução dos que vivem na Terra, daqui terão que ser exilados – como foi vaticinado por Jesus, quando se referiu à separação do joio e do trigo, enfim, ao julgamento geral dos vivos e dos mortos, conforme referido no Novo Testamento.

Assim, quanto maior o caos, conforme o tirocínio dos que se ligam às forças trevasas, mais difícil será para Jesus retornar, por força de verdadeiras distorções que as hostes das trevas conseguiram incrustar nas tradições religiosas, tais como o mito de que, a volta de Jesus seria sinônimo de fim do mundo e coisas do gênero. Dessa forma procederam as trevas, investindo em possíveis suicídios coletivos, traumas psicológicos e toda ordem de violência para com o psiquismo alheio.

Seria, portanto, nos próximos 140 anos, a partir de 1850, que uma verdadeira “batalha” seria travada, entre as hostes ligadas à seara dos mestres espirituais que fincaram na Terra os seus testemunhos, e aquelas vinculadas às forças negativas, sendo esta, a última etapa prevista para o atual ciclo evolutivo dos que estão congregados no orbe terrestre, antes da reintegração do planeta.

Nada se sabia a respeito do futuro imediato pertinente aos 140 anos seguintes. A única certeza que se tinha, era sobre o retorno do Mestre, quando fosse chegada a hora, conforme os preceitos da legislação cósmica.

Dessa maneira, as dúvidas em relação ao porvir, ocupavam as mentes espirituais, tanto dos estrategistas amorosos das hostes luminosas, quanto dos vinculados às trevas. Tudo iria depender do que ditasse o livre-arbítrio daqueles que iriam trabalhar no período em questão. Como não havia um grande plano para onde pudessem convergir os trabalhos setoriais, cada grupo cuidou em fazer as suas tarefas conforme o que já era conhecido, com base no programa das revelações progressivas. Principalmente por isso é que foram criadas distintas abordagens elucidativas, a serem

desenvolvidas na Terra, a saber: o Espiritismo, a Teosofia, a obra mediúnica promovida pelo espírito de Rochester e membros de sua falange, a codificação que viria a ser promovida pela equipe de Ramatis, e tantos outros grupos de tarefeiros que sempre contavam entre o seus pares, com aqueles que iriam reencarnar no século XX com esse fim.

Os trabalhos desenvolvidos por figuras de vulto como Edgard Armond, Huberto Rohden e tantos outros, são a expressão terrena de planejamentos e trabalhos executados por grupos espirituais distintos, pertencentes, alguns deles, ao grande grupo de famílias de exilados de tempos imemoriais, hoje reunidas em torno do objetivo comum de redenção planetária.

E outros grupos estão a postos na Espiritualidade porque seus instrumentos terrenos já se encontram em preparação, com vistas aos trabalhos de esclarecimento que deverão eclodir por volta do ano 2007, e que serão intensificados a partir do ano de 2012. Estas datas têm relação com um fluxo migratório, cujas características gerais já se encontram atualmente definidas, de espíritos de outros orbes que estão se preparando, para darem as suas contribuições fraternas aos seus irmãos terráqueos.

Logo após a codificação espírita ter sido concluída, ao tempo em que Kardec desencarnou, no ano de 1869, em especial quando da saída dos ambientes espirituais terrenos de parte da equipe do Espírito da Verdade, foi sinalizado pelos mentores espirituais da Terra que um plano inicialmente traçado, e que envolvia a encarnação desses espíritos “de fora” ainda no decorrer do século XX, não mais seria possível executar.

Por essa época, as injunções da política mundial já indicavam – aos olhos da Espiritualidade – intrincados movimentos que, mais tarde, redundariam em dois episódios profundamente danosos para o futuro da Humanidade: a Revolução Bolchevique e a Primeira Guerra Mundial.

A Revolução Bolchevique, além de abrir as portas daquela região planetária para a fixação de bases dominadas pelas trevas, tanto nos ambientes espirituais como principalmente nos terrenos, teve o condão de desfigurar, por completo, as propostas marxistas. Caso os fatos não tivessem se desenvolvido conforme aconteceram, com as equivocadas e criminosas práticas ditatoriais do pseudo comunismo ao longo do século XX, outra poderia ter sido a aplicação do legado de Marx, cujas conseqüências seriam extremamente benéficas para o futuro planetário.

Segundo os mentores espirituais, o conhecimento do mundo dos encarnados não consegue sequer imaginar o que estava previsto para o século XX, se certos planejamentos tivessem tido, pelo menos, um nível satisfatório de realização. Ao darem certo, nada, absolutamente nada, do que havia sido vaticinado por profetas e videntes quanto aos problemas previstos para o século XX, teria acontecido. Contudo, eliminada a possibilidade, digamos, positiva, quanto ao futuro imediato da Humanidade, tudo o que se podia fazer era arquitetar estratégias pontuais, com o intuito de desarmar verdadeiras armadilhas montadas pelas forças trevosas, que explodiriam no decorrer do século.

É importante ressaltar que, mais ou menos no final do século XIX e do início do século XX, as duas grandes vertentes de possibilidades passíveis de acontecerem para o gênero humano, eram:

- as estratégias das hostes luminosas que objetivavam desfazer o trabalho arquitetado pelas trevas, dariam erradas, e todas ou muitas das hecatombes e dos sérios problemas vaticinados simplesmente ocorreriam, molestando a toda Humanidade, com sérios riscos para a continuidade da vida no planeta;

- as estratégias das hostes luminosas poderiam conseguir, em algum instante do século XX, desarmar as verdadeiras “bombas de sofrimento” prestes a explodir e, neste caso, evitariam o cumprimento das profecias.

Mas, o que são profecias?

Somente se observarmos, sob a ótica de alguém que tem conhecimento das possibilidades futuras e por zelo fraternal, procura avisar a quem não as conhece, é que poderemos entender a essência da sinalização profética.

Mas como pode alguém conhecer as possibilidades relativas ao futuro?

Imaginemos uma pessoa situada em um plano de observação privilegiado em relação aos fatos que observa, como por exemplo, posicionada no alto de uma grande montanha. Embaixo, existe uma estrada de algumas dezenas de quilômetros e um viajante que se prepara para iniciar o percurso. Este, somente conseguirá enxergar as primeiras centenas de metros, não podendo perceber o que lhe espera ao longo da jornada. Contudo, a pessoa que está no alto consegue ver toda aquela estrada. Percebe que, logo após a primeira curva, vários bandidos estão esperando por qualquer desatenção do viajante para atacá-lo. Além disso, verifica outros problemas que já estão, por força de circunstâncias diversas, esperando pelo viajante ao longo de todo o percurso. Preocupado, tenta

avisar esse viajante quanto aos perigos, da maneira mais prática para que possa ser entendido. “Se o viajante começar a se distrair e se envolver com a paisagem naquele ponto da estrada e parar para contemplá-la, seguramente será assaltado.”

Ao perceber o aviso, caberá ao viajante dar crédito ou não, podendo, dessa maneira, evitar o problema.

Assim, os avisos proféticos predispõem os fatos mas não os impõem, na medida em que avisam, sem que, contudo, interfiram diretamente para que eles ocorram ou não. Isso dependerá sempre do livre-arbítrio dos que estiverem envolvidos com a questão profética.

Entidades desencarnadas, seres cósmicos ou mesmo pessoas encarnadas, sozinhas ou com a ajuda de parceiros espirituais, podem, às vezes, ter acesso a observações privilegiadas, quanto a possíveis situações de um tempo futuro. Entretanto, não basta ter acesso ou penetrar nos intricados circuitos das possibilidades. É necessário que consiga compreender corretamente o que está percebendo, para poder, então, elaborar o seu vaticínio. Além dessa dificuldade, existe ainda um outro fator como mais um obstáculo a ser superado, por quem vai dar o aviso: o fato de ter que se referir a eventos futuros, em relação aos quais, muitas vezes, nem sequer existe vocabulário adequado para bem defini-lo.

Há, adicionalmente, um outro problema, que é a dificuldade de entendimento da parte de quem irá receber o vaticínio. Ainda que entenda corretamente, poderá lhe dar crédito ou não.

Dessa maneira, para que tudo possa funcionar, a ponto de surtir os efeitos esperados, muitas são as nuances que contam, nomeadamente, a percepção do problema, a elaboração da profecia, o vaticínio e o entendimento por parte do receptor.

Como se pode notar pelas tradições esotéricas e religiosas da Humanidade, não existe “profecia boa”, já que, somente se utiliza o procedimento profético como uma espécie de último recurso para ajudar a quem se deseja, o que normalmente impele a que os avisos proféticos tenham conteúdo sempre desanimador. Contudo, ao serem recebidas da Espiritualidade, mensagens informando que não mais ocorrerão alguns vaticínios, os que as recebem, costumam enfrentar toda uma ordem de problemas pois, como veicular “notícias boas” se somente as catastróficas fazem sucesso?

É nesse solitário processo informativo que nos encontramos, há algum tempo, tentando chamar à atenção para esse aspecto das questões proféticas, por entre os inúmeros livros que divulgam as tragédias mais horrendas, com toda a força da mídia.

Não estamos afirmando que não mais teremos problemas superlativos, posto que os teremos. Mas não no que se refere à destruição planetária, já que os problemas, caso venham a ocorrer – ainda correm por conta do livre-arbítrio coletivo da Humanidade – serão localizados. O que foi “desengatilhado”, refere-se ao planejamento estratégico das trevas, que pretendia atingir um certo objetivo, registrado nas profecias, que não mais se verificará.

Existe ainda, um outro aspecto que precisamos entender. No passado oriental, em especial nas culturas que floresceram no Oriente Médio, o estilo profético sempre foi utilizado pela Espiritualidade como instrumento de educação dos povos, até porque, não havia mesmo outra alternativa tão adequada ao espírito religioso de então. Afinal, como poderia a Espiritualidade Superior enviar os seus avisos aos que viviam na Terra, com a intenção de ajudá-los, a não ser através do mecanismo mediúnico da veia profética?

Foi por isso que o próprio Mestre Jesus, a todo instante, era solicitado a fazer as suas profecias em relação ao futuro, pois corretamente julgavam-no também, como um grande profeta. Além do que, a história do povo judeu é toda ela baseada nos avisos que “Deus enviava através dos seus profetas”, existindo, portanto, muitas profecias que terminaram por ser registradas nos livros do Antigo Testamento.

Certa feita, Jesus estava cercado por uma pequena multidão que lhe pedia de forma insistente, um sinal do céu, mesmo após a realização de muitos dos seus chamados milagres. Naquela oportunidade, percebendo que, por mais que fosse feito, por mais sinais ainda que fossem ofertados à Humanidade, não haveria a necessária compreensão quanto ao significado da sua própria presença na Terra, e muito menos alcançariam divisar a importância vital dos seus ensinamentos e orientações para as suas vidas, disse Jesus, aos que o rodeavam em grande número:

“Maligna é esta geração; ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas.”

“Porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem o será também para esta geração.”

“A rainha do sul se levantará no juízo com os homens desta geração e os condenará; pois até dos confins da Terra veio ouvir a sabedoria de Salomão; e eis, aqui está quem é maior do que Salomão.”

“Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; pois se converteram com a pregação de Jonas; e eis, aqui está quem é maior do que Jonas.” (Lc 11, 29-32).

O que quis dizer Jesus com este aviso?

Ora, no tempo de Sodoma e Gomorra, existia o vaticínio de que as cidades seriam destruídas, da mesma maneira que ao tempo do império assírio havia a profecia de que Nínive seria também destruída. A essas três cidades, foram enviados mensageiros do Alto para avisar-lhes, através do sinal profético que, caso não fizessem penitência, modificando as suas posturas pessoais, as cidades seriam destruídas.

Os habitantes de Sodoma e Gomorra não levaram a sério o aviso profético, o que tornou inexorável a destruição das cidades. Já os de Nínive, atenderam à orientação do profeta Jonas e a cidade foi poupada.

Portanto, das duas profecias uma somente se cumpriu.

Jesus, com as suas palavras, de que a esta geração somente seria dado o sinal que o profeta Jonas deu aos habitantes de Nínive, apenas estava ressaltando o fato de que, caso a sua orientação do amai-vos uns aos outros, dentre outras, não fosse minimamente atendida, por parcela considerável desta geração de espíritos que continua a reencarnar na Terra, os grandes problemas seriam inevitáveis. Ao contrário, se as suas palavras – ratificadas pelo seu próprio testemunho, pois o que estava em jogo não era somente o caso de “uma cidade”, mas sim, o de toda uma comunidade planetária – tivessem o mesmo efeito que as palavras de Jonas, muito do que, de doloroso, estava para ocorrer no futuro da Humanidade, poderia ser evitado. Aquele seria o único aviso a ser dado, o único sinal, além dos muitos que ele pessoalmente ofertou à Terra com a sua própria presença no mundo, para que o complicado futuro que se delineava, pudesse ser suavizado ou mesmo evitado, a partir daquela época, como de fato o foi, mas apenas nos últimos instantes do jogo das possibilidades.

Efetivamente, só no final da década de oitenta, em pleno século XX, ou seja, quase dois mil anos depois, foi conseguida a interrupção do treloucado processo de autodestruição da Humanidade. Mas, como se deram esses fatos?

Entendamos ou não, Aquele que é maior do que qualquer um dos profetas que já pisou na Terra, avisou que, se não houvesse um redirecionamento, através do qual a Humanidade estava arquitetando o seu futuro, dias terríveis esperaríamos por toda aquela geração de espíritos que continuava a reencarnar no planeta.

O aviso profético estava dado e, se ao menos parte da população planetária conseguisse interferir de tal maneira no processo, que transformasse a resultante dos atos da Humanidade em fator positivo de sustentação e continuidade, preservando sempre a boa expectativa de futuro, os grandes problemas referentes a alguns aspectos da vida no planeta Terra não aconteceriam.

Como os “muitos recados” que Jesus deixou não foram compreendidos, também o aviso quanto ao iminente futuro cheio de dores foi relegado a plano secundário, em termos de importância teológica, permanecendo o seu registro na Sagrada Escritura, como um mero painel dos “tempos proféticos”, sem a profundidade merecida por um aviso sério que o Mestre Jesus deixou, esforçando-se para que todos o compreendessem. Isso ocorreu, de resto, com quase todos os pontos importantes do seu ministério. Não é por menos que todas as religiões cristãs da atualidade estão mais voltadas para aspectos e interesses, que nada têm a ver com as preocupações e os ensinamentos por Ele legados.

Assim, para complementar a tarefa esclarecedora, diversos espíritos na posse de suas especialíssimas potencialidades mediúnicas, tornaram a reencarnar, a título de trabalhar a “veia profética”, até que os tempos preditos fossem consumados.

Na medida em que reencarnavam, conforme as condições de época e lugar, além das próprias circunstâncias de suas vidas pessoais, esses espíritos foram cumprindo as suas missões e, como cada momento é oportunidade para se modificar o presente, interferindo, dessa forma, no futuro, alterando o fluxo das possibilidades, eles sinalizavam através de seus vaticínios, as possibilidades que eram, a todo o instante, arquitetadas por força da resultante positiva ou negativa do livre-arbítrio coletivo da Humanidade. Em alguns casos, os avisos proféticos eram referentes a uma determinada pessoa ou grupo de pessoas e, noutros, a uma nação e mesmo ao planeta.

Foi dessa maneira que personalidades como a de Nostradamus, Malaquias e demais videntes, foram dando a conhecer as suas percepções

quanto ao futuro, conforme o que lhes era possível aferir no tempo em que viveram.

Se bem observarmos, as profecias sempre são proferidas em três campos distintos, a saber, os fatos decorrentes da interação entre os próprios homens, destes com o planeta, e do planeta com o “oceano cósmico” que o rodeia. É como se, em outras palavras, existissem as profecias referentes aos homens (guerras, conflitos, hecatombes nucleares, epidemias etc.), aquelas relativas aos problemas que o meio ambiente pode causar à vida humana, em decorrência do que o homem fez e continua a fazer com o seu berço planetário (tragédias ambientais, terremotos, maremotos etc.) e, finalmente, as que versam sobre as influências danosas que bólidos – ou outras questões – vindos do espaço sideral, possam causar à vida na Terra (quedas de cometas, de asteróides, aproximações indesejáveis etc.).

Os avisos dados pelos profetas e, em especial, o que foi dado por Jesus para a presente geração de habitantes do orbe terreno, teriam o condão de evitar problemas nos três campos referidos, se outras tivessem sido as opções do gênero humano, ao longo da sua história. Porém, mesmo com todos os erros de percurso, muitas previsões sobre guerras localizadas, conflitos mundiais, fim do mundo, extermínio da vida humana na face do planeta por hecatombes nucleares, e um conjunto de outras desgraças, foi possível ser evitado. E a Espiritualidade o sabe desde aproximadamente o início do ano de 1988, quando foi detectado pelos mentores do mundo terrestre que, finalmente, havia se conseguido interromper o fluxo que promoveria, senão a destruição do planeta, pelo menos, a de muitas regiões nele existentes, que não mais dariam guarida para a vida humana por muitos milênios, o que modificaria por completo a destinação da Terra, no concerto dos mundos.

Segundo a Espiritualidade, mesmo com todos os problemas de curso e das inevitáveis imperfeições humanas, posto que, enquanto continue o isolamento cósmico, nada pode ser feito na Terra sem o concurso humano, foram os seguintes fatores que mais contribuíram para que, no decorrer desses cento e quarenta anos decisivos antes da consumação do atual ciclo evolutivo planetário, o aparente determinismo de caos e de dor fosse alterado:

– o aparecimento do Espiritismo que, na sua forma geral, além de fixar em muitas regiões planetárias, focos de luz que desanuviaram a primitiva vibração que repercutia de maneira complicadíssima no astral terrestre,

ajudou a desalojar e a encaminhar para a recuperação espiritual, centenas de milhões de mentes desencarnadas, que vibravam de forma a contribuir para o caos energético que envolvia o planeta, até por volta do fim da chamada Segunda Guerra Mundial;

- a singular contribuição para o astral do planeta que o Mahatma Gandhi conseguiu realizar, além da sementeira que fez entre muitos e que ainda repercutirá positivamente, bem mais do que se imagina na atualidade;

- os focos de esclarecimentos promovidos na Terra através da mediunidade de Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco, dentre outros, que ajudaram a transformar milhões de mentes, exatamente na região planetária onde as trevas, no decorrer do século XX, procuraram de todas as maneiras aniquilar, a exemplo do que haviam conseguido com o Espiritismo nascente nas terras da França, a continuidade do processo de esclarecimento, que objetiva afastar o ser humano da ignorância, maior entrave à liberdade e ao progresso dos que vivem na Terra;

- ao trabalho anônimo, de todos os homens e mulheres de boa vontade que, com o seu esforço de melhoramento íntimo e com os perfumes de suas nobres intenções, injetavam no astral planetário a melhor das vibrações, fazendo, dessa maneira, uma frente vibratória positiva, diante das de ódio e de desamor que ali imperavam, e que estavam para desequilibrar, de uma vez por todas, o nosso mundo;

- o trabalho realizado por Sathya Sai Baba na Índia, cuja função estratégica será mais facilmente percebida no futuro;

- à participação estratégica do Papa João Paulo II que, mesmo subjugado às inevitáveis circunstâncias do peso organizacional da política do Vaticano, soube se sobrepor, atuando com rara habilidade no seio da geopolítica mundial, evitando um porvir cheio de sofrimentos para toda a Humanidade;

- por fim, a participação decisiva de dois homens do mundo que, apesar de vinculados aos grilhões do jogo de interesses por trás da política de suas nações, atuaram na última hora em que ainda havia a possibilidade de serem evitados os problemas de maior monta, de maneira a cessar as hostilidades que inevitavelmente promoveriam o caos planetário. São eles, Ronald Reagan e Michael Gorbachev.

Independente de tudo o mais, devemos reconhecer que o mundo, da forma como existiu nas duas últimas décadas do século XX, foi criado a

partir da atuação desses dois homens. E o que estava previsto de desgraças para essas duas últimas décadas...

Não é fácil para este aflito escrevente expor o que acima encontra-se registrado, por questões de ordem pessoal, pois, conforme critério de análise próprio, não consegue traçar a menor relação de afinidade entre as idéias que acalenta sobre a figura e as obrigações de um estadista, e o desempenho dos que foram citados, sob esse contexto de análise. Contudo, por uma questão de dever moral diante do que foi demonstrado pela Espiritualidade, não resta outra alternativa, para além registrar a presente observação. Afinal, segundo o que me recorda o espírito de Rochester, Deus utiliza a cada um de nós, independente de tudo o mais, no grande concerto evolutivo da obra da criação Universal. E quem somos nós para avaliar o desempenho alheio, sobretudo no campo político, onde as macro-forças que dominam a Terra, estão cada vez mais se fazendo representar? O que faríamos nós, se estivéssemos no lugar daqueles que têm se ocupado das lides políticas terrestres? Será que as nossas tendências e inclinações são muito diferentes daquelas que caracterizam os atuais mandatários terrenos?

Assim, a Espiritualidade Maior, através de seus prepostos, vem afirmando desde o final da década de 80, que não mais ocorreriam as profecias referentes ao que conceitualmente era denominado como sendo o “fim do mundo”, se por isto entendermos o conjunto de eventos catastróficos promovidos pela mão do homem, e que se potencializariam nos próximos anos. Problemas sérios, localizados, específico de algumas regiões do planeta, devem ainda acontecer por questões referentes ao livre-arbítrio da coletividade planetária. Afinal, além da ignorância e do orgulho intelectual que envenenam o tirocínio coletivo, existe também muito ódio represado nos corações, o que é lamentável. Contudo, esse aviso da Espiritualidade referia-se apenas às profecias que diziam respeito à coexistência humana.

Infelizmente os problemas decorrentes do mau uso por parte do homem, das dádivas ofertadas pela natureza terrestre (desmatamentos, poluição etc.), a continuar o atual curso dos acontecimentos, está se tornando um processo inelutável (ou irreversível ou inevitável etc.) que as gerações futuras – segunda metade do século XXI, século XXII e século XXIII – irão enfrentar inexoravelmente, afirmam os mentores. As profecias referentes às conseqüências dos crimes cometidos contra o meio ambiente ainda estão em vigor. Apenas alguns videntes se equivocaram, ao que

parece, em relação à época em que esses eventos irão inevitavelmente ocorrer, problema que, por sinal, tem caracterizado muitas das comunicações proféticas ao longo da História.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado, segundo os mentores, a certos problemas referentes à interação da Terra com o cosmo – no que também teria havido equívoco referente à época. Estima-se que, até lá, época para qual se espera o cumprimento dessas profecias, a tecnologia e as forças políticas do mundo estejam convergentes para o bem comum. Se assim for, não deverão ocorrer maiores problemas em relação aos eventos inerentes a esse contexto.

Há, entretanto, um fato que é digno de registro.

Por entre as notícias sensacionalistas referentes ao “fim de mundo”, “destruição da espécie humana”, dentre outras desgraças anunciadas, um aviso corajoso foi dado à Humanidade ainda no século XIX, mesmo colocando em risco toda uma doutrina, caso os acontecimentos não tivessem se passado da maneira como realmente terminaram por ocorrer.

Estamos nos referindo ao sereno registro que Kardec deixou para a posteridade no capítulo XVIII, “Os Tempos Estão Chegados – Sinais dos Tempos”, no livro *A Gênese*.

“Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é necessário que ela seja povoada apenas por bons Espíritos encarnados e desencarnados, que apenas queiram o bem. Tendo chegado tal tempo, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam; aqueles que praticam o mal pelo mal, e que o sentimento do bem não atinge, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque eles lhe trariam novamente perturbações e confusão, e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar seu endurecimento, uns nos mundos inferiores, outros, em raças terrestres atrasadas, que serão o equivalente a mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos, e onde irão com a missão de as fazer progredir. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz, a fraternidade.”

“No dizer dos Espíritos, a Terra não deve ser transformada por um cataclismo que anulará subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que nada seja mudado na ordem natural das cousas.”

“Portanto, tudo se passará exteriormente como de costume, com esta diferença, porém diferença capital, que uma parte dos espíritos que aí se

encarnam, não mais se encarnarão. Num menino que venha a nascer, em lugar de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, virá um Espírito mais adiantado e inclinado ao bem.”

“Trata-se pois, muito menos de uma nova geração corporal, que de uma nova geração de Espíritos: é neste sentido, sem dúvida, que o entendia Jesus, quando dizia: “Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que estas coisas aconteçam.” Assim, aqueles que esperarem ver a transformação por efeitos sobrenaturais e maravilhosos serão decepcionados.”

E assim, decepcionados, encontram-se todos os que “venderam desgraças” sem nenhuma preocupação educativa – situação na qual, infelizmente, diversas obras literárias se enquadram.

Portanto, retornando à questão das duas possíveis situações previstas pela Espiritualidade para os cento e quarenta anos seguintes, considerados decisivos, à época dos fatos, ou seja, por volta do ano de 1850, não se sabia como as coisas dar-se-iam no futuro, o que obrigava a que diversas estratégias de atuação das falanges espirituais fossem arquitetadas, para tentar avisar ao gênero humano sobre o que poderia acontecer em futuro breve.

Foi dessa maneira que muitas falanges de trabalhadores espirituais, entre as quais a que é coordenada por Ramatis, passaram a se dedicar ao aprofundamento analítico da possibilidade de “tudo dar errado”, e a Terra terminar passando por todo o triste quadro previsto pelas profecias. Quanto mais aprofundavam a análise, quanto às possíveis consequências da hipótese profética que lhes coube cuidar, mais assustador tornava-se o quadro que surgia. Foi decidido, então, que melhor seria avisar o que possivelmente poderia ocorrer, do que nada procurar realizar no sentido preventivo. Mesmo cientes de que esse procedimento, a título de sensibilizar as pessoas a refletirem e procurarem melhorar as suas condutas diante da vida e do mundo, poderia produzir certos contratemplos mediúnicos, ao se veicular fatos que possivelmente não ocorreriam, ainda assim, isso era considerado um mal menor frente ao que preocupava principalmente à falange, que era não conseguirem se fazer entender como desejado.

Teve que ser planejado, então, por parte de muitas dessas falanges, para o século XX, a reencarnação de seus pares que iriam servir como médiuns para que, através deles, as orientações pudessem ser ofertadas ao

gênero humano e, em especial, as notícias referentes às possíveis ocorrências futuras.

Dessa forma, o realce da estratégia de Ramatis em avisar o perigo iminente, terminou compondo um dos principais painéis da volumosa obra erigida na Terra, pelo trabalho incansável do médium Hercílio Maes, o que será abordado mais adiante.

Entendamos ou não, além da falange coordenada por Ramatis, diversas outras organizaram-se para desenvolver trabalhos, sob a égide da fenomenologia espírita, ao longo do século XX, atuando em diversos campos da vida humana.

Cada uma dessas equipes de espíritos desencarnados, congregou-se ao redor daqueles que lhes serviriam como médiuns ou pilares de sustentação terrenas para as suas atividades de auxílio, de orientação, de conforto e de esclarecimento espiritual aos que viviam na Terra.

Por detrás de cada centro espírita, de cada paróquia, de cada comunidade protestante, de cada segmento religioso ou doutrinário, de cada grupo de pessoas que se congregavam com fins específicos de fazer o bem ao próximo e mesmo de pessoas que de maneira solitária estavam compromissadas com a realização de trabalhos para o bem comum, encontrava-se uma equipe espiritual, cujos membros iriam trabalhar conforme as possibilidades de concurso mediúnico, consciente ou não, da parte dos encarnados. Contudo, é importante ressaltar que, a condição humana inevitavelmente assumida pelos que se propõem a trabalhar no mundo dos encarnados, atrapalha e muito, o bom desempenho das tarefas terrenas, independentemente da singular qualificação das equipes espirituais que assessoram essas missões.

Inserem-se neste quadro, o trabalho das equipes espirituais responsáveis pelas obras complementares à codificação espírita, a falange do “médico espiritual” Dr. Fritz – cujo trabalho ainda não foi de todo compreendido mesmo pelos espíritas – que tanta polêmica produziu ao longo do século, dentre muitas outras.

A exemplo do Espiritismo, a Teosofia introduziu um conjunto de conhecimentos transcendentais que pretendia promover uma ampliação de horizontes de muitos aspectos que cercam a existência e o Universo. O espírito que personificou a polêmica figura de Helena Petrovna Blavastky (1831-1891) – e outros que lhe seguiram os passos na elaboração da Teosofia – foi o principal pilar, a partir do qual, edificou-se esse campo de

estudo, que sempre visou a elevação da mente e do espírito. O esforço concentrado de todos os que se congregaram neste segmento esclarecedor, também muito contribuiu para o melhoramento das condições energéticas que envolviam perigosamente o planeta.

Mesmo sem o saber de forma consciente, os cento e quarenta anos decisivos para a mudança do perigoso rumo dos acontecimentos previstos para o final do século XX e o início do século XXI, foram cumpridos de forma a ser superado o caos planetário, previsto para esses tempos. No entanto, é bom não esquecer as profecias feitas pelo Mestre Jesus, sobre tudo o mais relativo aos tempos atuais e, em especial, quanto à sua volta, pois como ele mesmo o disse: “Passarão os céus e a Terra, mas minhas palavras não passarão.” (Mt 24, 35).

Na época em que foram proferidas, pouca condição havia para que fossem plenamente entendidas. Nos dias atuais, entretanto, pesa-nos a responsabilidade espiritual de bem entendê-las, sob pena de sermos atropelados pelos fatos, que apesar de maravilhosos, provocarão mudanças profundas, no psiquismo humano. E eis que esses fatos estão prestes a ocorrer, pois são inerentes ao cumprimento da promessa pessoal do Mestre, de aqui retornar.

Pena que o concurso mediúnico esteja sendo, presentemente, maculado por outros aspectos comuns à viciada percepção humana. Se assim não fosse e os espíritos comunicantes pudessem expressar livremente as suas opiniões e avisos quanto a certos temas, outro seria o vislumbre dos eventos anunciadores dos novos tempos que já envolvem a Terra. Mas, infelizmente, esses assuntos são tidos como heréticos, por parte do movimento espírita e enquanto isso não for mudado, permanece a mesmice da banalização doutrinária e do realce do aspecto religioso, que mais celebra as conveniências das inclinações pessoais de alguns, do que, propriamente, a importância do melhoramento íntimo e do esclarecimento, o que é, sob todos os aspectos, lamentável. Se fosse para celebrações, o Espiritismo não precisaria ter sido criado, até porque, outros segmentos as fazem com mais propriedade.

ORIENTE E OCIDENTE

POUCOS SABEM, mas em nível muito superior ao do Ocidente, o Oriente recebeu continuamente emissários do Alto que, conforme um planejamento realizado há mais de sete mil anos, coordenaram o fluxo de suas reencarnações dentro de uma estratégia particular para aquela região planetária. Na verdade, muito mais que um planejamento na época referida, ocorreu que uma entidade muito especial, proferiu uma espécie de “juramento pessoal”, que vinculava a sua permanência na Terra ao torrão planetário a que se afiliara, até que este atingisse as condições morais e intelectuais necessárias à redenção.

Repetidas vezes, a falange que assessora a esta individualidade, encarnou em grupo, tentando, com isso, fortificar os esforços para que os resultados fossem os esperados. Por ser essa falange – formada por cerca de quase três dezenas de famílias espirituais – a responsável pelo Projeto Espiritual da Índia, seus membros sempre procuraram a participação ativa, acumulando muitas vidas terrenas, o que lhes proporcionava uma média de encarnações superior às demais famílias que se exilaram na Terra, desde tempos imemoriais.

Tão longa é a insistência amorosa desse ser maravilhoso em acompanhar e ajudar a quantos possam dele se aproximar, que suas vidas mais remotas foram tidas, para alguns, como lendas. Mas a verdade é sempre o que é, percebamo-la ou não. O fato é que esta entidade vem, de há muito, sacrificando, vamos assim dizer, o seu progresso cósmico – além do seu próprio bem-estar espiritual – em benefício dos que vivem na Terra. E continuará a fazê-lo, segundo sua promessa e compromisso, pelo menos por mais uma encarnação, além da que já fez durante a segunda metade do século XIX e o início do século XX, e a que está no momento fazendo, já que, enquanto estas linhas estão sendo produzidas – ano 2001 – esse espírito encontra-se reencarnado na sua amada Índia.

O plano do Mais Alto para aquela região, sempre foi o de construir um repositório seguro de testemunhos, de elucidações e de esclarecimentos para serem trabalhados, e posteriormente distribuídos para toda a Humanidade. Há, contudo, um outro aspecto de ordem estratégica.

Em tempos imemoriais, uma das partes mais desenvolvidas do mundo era exatamente essa, onde hoje encontra-se situada a Índia, além das regiões

do Nepal e do Tibete. Ali, as forças trevosas concentraram as suas forças, e, nos ambientes espirituais vinculados àquela região, foram edificadas verdadeiras fortalezas imperceptíveis aos olhos físicos, que subsistem até aos dias atuais, embora como um já enfraquecido reduto trevoso, do qual, apesar de tudo, muita emanção negativa é distribuída, a todo o instante, próxima à região da Caxemira.

Ao tempo de Rama, ainda em época anterior à de Krishna, foram também ali construídas cidadelas luminosas, onde, servidores dos Mestres da Luz, – que procuravam ajudar aos seres que de há muito haviam sido congregados na Terra – desenvolviam os seus melhores esforços, para fazer frente, de maneira fraterna, às hostes trevosas. Ocorreram lutas complicadíssimas, travadas tanto nos ambientes espirituais quanto nos terrenos.

E foi naqueles tempos em que, pela insistência das trevas em fixar o seu quartel-general nas regiões do Oriente, ramificando focos no Oriente Médio e na região já referida, a Espiritualidade Maior viu-se obrigada a também enveredar os esforços necessários para fixar ali parte de seus quadros.

Superintendendo esse trabalho, a entidade luminosa já mencionada, assumiu a responsabilidade de, até ao final dos tempos problemáticos, quando a Terra conseguisse se elevar na eterna trajetória da progressão dos mundos espalhados pelo Universo, ali permanecer trabalhando, contando com o suporte dos demais membros de algumas famílias espirituais que se congregaram em torno de sua augusta figura.

Por essa época, aproximadamente há oito mil anos atrás, verificou-se a necessidade da elaboração de projetos de cunho espiritualista e educacional, conforme estratégia do Mais Alto. Era preciso fomentar na Terra, as bases sobre as quais seriam depois estruturadas as origens das principais religiões terrenas.

Com este fim, a Espiritualidade preparou três projetos espirituais para serem postos em prática, quando houvesse condições para tanto: o da Europa, o da Ásia e o do Oriente Médio.

Por opção esclarecedora, enfocamos o mundo ocidental ao longo da presente narrativa, dado que, os fatos diretamente ligados às duas vindas do “enviado dos céus” terminariam, pelas circunstâncias das páginas da História, associados aos movimentos das tradições religiosas e proféticas alimentadas pelo povos do Ocidente, sabido que é, que Jesus, não é a figura

central do islamismo e, tão pouco, é aceito pelo judaísmo, como sendo o Messias profetizado no Antigo Testamento. Dessa forma, notícias sobre a sua própria promessa de aqui retornar, jamais foram veiculadas ou registradas nas principais religiões do mundo oriental.

Contudo, as principais individualidades espirituais citadas ao longo deste livro, todas elas, sem exceção, reencarnaram muito mais vezes no mundo oriental do que no ocidental, pois houve épocas, no passado remoto, em que as civilizações do Oriente respondiam pelas tentativas da Espiritualidade Maior, de tentar levar adiante o projeto, nunca abandonado, de redenção espiritual para todos os que vivem na Terra.

Até à altura da chamada Guerra de Tróia – século XIII a.C. –, muitos dos membros das famílias espirituais envolvidas com o projeto da redenção planetária, já haviam reencarnado, ao longo dos sete mil anos anteriores, nos núcleos populacionais espalhados pelo Oriente Médio, Ásia, norte e nordeste da África.

Depois dos eventos históricos distintos, referentes à Guerra de Tróia e ao êxodo dos hebreus comandado por Moisés, cerca de três mil individualidades espirituais se envolveram, diretamente, com os programas referentes às duas vindas do “enviado dos céus”.

Desde a derrocada atlante, até à formação das cidades-estados da Grécia, ao tempo de Atenas e Esparta, não houve uma só época, desse longo período histórico, – mais de dez mil anos – em que tivesse sido possível criar condições para que um plano espiritual com o fim de redenção planetária, pudesse ser executado no palco terreno. Ao longo desses milênios, diversas ocorrências, completamente desconhecidas pela História atual, tiveram lugar entre os povos de então.

São temas muito intrigantes, relativos a um período histórico ainda por ser entendido e esclarecido pela ciência, em que emissários dos céus vieram à Terra, sendo que alguns encarnaram, enquanto outros, simplesmente aqui chegaram – de fora do contexto terreno – e deixaram mostras das suas presenças na região da Mesopotâmia e outros lugares. Entretanto, dentre muitas personagens enigmáticas desse período, como as de Enlil e Enki, da história dos sumérios, existem outros dois, cujas vidas e legado, uma vez devidamente entendidos, permitirão que o elo, aparentemente perdido, que temos em relação ao nosso próprio passado, seja refeito. Referimo-nos às figuras de Rama e de Enoch.

Mesmo sem abordar neste livro os períodos históricos em que viveram esses dois seres, é sabido que, ao lado deles, reencarnaram muitos dos espíritos referidos no presente trabalho literário.

Rama, sob certos aspectos, libertou o mundo de um verdadeiro “inferno político” que, se realmente efetivado, todo o planeta teria se tornado palco de um novo império completamente envolvido com preceitos trevosos. Mas essas informações pertencem a um outro contexto esclarecedor. Por enquanto, importa saber que Rama, além de impedir o avanço dessas forças, reorganizou algumas regiões do planeta, em especial situadas entre a Europa e a Ásia, edificando as possibilidades melhoradoras para o porvir.

Com Enoch, veio o primeiro anúncio das iminentes vindas à Terra do “enviado dos céus” – em referências temporais cósmicas –, tendo também deixado um conjunto de focos renovadores, com vistas ao progresso planetário. Com a encarnação de Enoch começou, de forma mais direta, a execução do plano do Mais Alto, para tornar possível o fim do isolamento do planeta, voltando assim, a fazer parte do circuito do intercâmbio cósmico. Antes dele, no que concerne à História dos sumérios, tudo foi apenas transição, para tornar possível a sua tarefa.

Naquela época, as atuais religiões não existiam ainda e, apesar de terem vivido em períodos distintos, coube a Rama e Enoch darem início à atual situação religiosa do mundo, sem que disso o conhecimento moderno tenha o menor conhecimento.

No que se refere aos três projetos educacionais de caráter doutrinário e religioso, planejados na antigüidade remota, o rumo dos acontecimentos – muito diferente do que foi realmente previsto – terminou por produzir uma situação que, de forma sintética, pode ser assim descrita:

- no Ocidente: os Pitagóricos, o Druismo, o Catolicismo, o Protestantismo e o Espiritismo;

- no Oriente-Médio: o Hermetismo, o Zoroastrismo, o Judaísmo, o Cristianismo (igrejas cristãs-ortodoxas, árabes-cristãs etc.) e o Islamismo;

- na Ásia: o Brahmanismo, o Taoísmo, o Confucionismo, o Hinduísmo, o Budismo e o Xintoísmo.

Dessa maneira, as regiões do Oriente e do Ocidente, conforme se alternavam os focos progressistas no concerto das nações terrenas, recebiam os emissários do Mais Alto, que sempre encarnavam com o objetivo maior

de educar, fornecendo meios para o esclarecimento e para a elevação interior.

Por força da diversidade cultural existente entre as muitas regiões e culturas da Terra, jamais foi possível, ao longo dos períodos históricos, a promoção de um ensinamento único, de caráter filosófico ou mesmo religioso, que pudesse ser utilizado em benefício de todos simultaneamente. Assim, pelos aspectos conseqüentes a essa diferenciação, e mesmo desagregação existente – que aliás, já desde as etapas iniciais das comunidades primitivas, ainda nos primórdios do processo de organização dos povos, sempre apresentou-se como sendo uma característica inevitável – foi que os missionários celestes passaram a se dedicar a segmentos distintos do grande projeto de espiritualização planetária.

Os seres que estão por trás de todas as religiões referidas, como também dos movimentos que se seguiram às mesmas, jamais optaram por beneficiar alguns, preterindo outros. Em absoluto. As questões de vínculo entre esses espíritos de escol e as nações terrenas que os receberam, correm por conta da necessidade incontornável de ter que se nascer no seio de alguma família, e também da adequada preparação para encontrar as condições mais favoráveis, que permitam maximizar o esforço do auxílio. Dessa forma, a nacionalidade dos fundadores religiosos, sob a ótica terrena, assume um papel completamente deformado em relação à verdade dos fatos.

Jesus não tem predileção pelo povo judeu em detrimento dos demais. Ali nasceu por injunções de um planejamento do Alto, que teve principalmente nas figuras de Enoch e Abraão, as atuações decisivas que definiram a situação do futuro nascimento de Jesus. Da mesma maneira, Sidarta Gautama não possui vínculo de predileção emocional com os hindus, nem Zoroastro procura interferir exclusivamente pelos persas. Todos esses seres preocupam-se com o *ser terrestre*, acima de tudo. Afinal, o processo de reencarnação deixa claro que o jogo das nacionalidades transitórias na Terra, representam exatamente isso, ou seja, uma *situação transitória* que não tem o condão de limitar a mente e a consciência de seres evoluídos, a comezinhos deveres terrenos nem sempre exercidos com o rigor moral que respeite a ética da vida.

O que acontece é que o fundador de cada movimento religioso ou filosófico, juntamente com aqueles que tomaram por tarefa dar continuidade ao processo de desenvolvimento do que foi semeado, passam

a formar uma espécie de grupo de trabalho, que acompanha o desenrolar dos acontecimentos, tentando ajudar na medida das possibilidades, para que ocorra uma perene contribuição no sentido do engrandecimento espiritual de tantos quantos venham a trilhar o caminho ascencional ali formulado.

Portanto, um mentor que tenha fecundado as terras do Ocidente com o seu testemunho, também se preocupa com os que vivem no Oriente, pois essas entidades enxergam aos que vivem na Terra, como membros de uma grande família planetária. As separações ou o apego a pretensos vínculos excludentes, correm por conta da limitada capacidade humana de entender o significado da vida e a função do ser humano neste planeta. Este assunto, oportunamente será melhor esclarecido, visto não ser tema central deste livro.

Sob a ótica da Espiritualidade, o importante sempre foi promover focos de esclarecimento, que pudessem ofertar oportunidades de melhoria para os habitantes de qualquer um dos quadrantes terrenos, única maneira de proporcionar as condições necessárias à evolução.

Se bem percebermos, existiram diversos períodos históricos, nos quais, algumas partes do planeta apresentavam níveis de progresso, enquanto que, em outras, a tônica era o atraso. Em outros momentos, alternavam-se esses pólos de desenvolvimento, o que provocava uma continuada e inevitável instabilidade no processo histórico.

Em um desses últimos movimentos, quando Bagdá, por volta do ano 1000, era considerada a “cidade luz” de toda a Terra, e a Europa, um continente subdesenvolvido, o mundo, em linhas gerais, e conforme o padrão de desenvolvimento da época, parecia estar passando por uma situação inversa à que se verificou ao longo do século XX, quando a América do Norte e a Europa formavam o Ocidente desenvolvido, enquanto que as nações do Oriente apresentavam, no geral, um nível menor de progresso.

Há cerca de mil anos atrás, situavam-se em algumas regiões do Oriente os pólos de conhecimento mais avançados, além do nível cultural e do modus vivendis superior dos orientais, se comparado ao dos ocidentais. Enquanto na cidade do Cairo, no Egito, era fundada a primeira universidade, a Europa vivia em plena barbárie cultural e moral, à exceção de alguns poucos focos de resistência intelectual, teimosamente fixados em algumas cidades, pois o analfabetismo atingia praticamente toda a população européia.

No próprio continente americano, algumas culturas que ali se desenvolveram, conseguiram, sob certos aspectos, ao tempo a que estamos nos referindo, um melhor nível de vida do que o verificado na Europa. Ainda assim, nada se comparava ao surto intelectual que ocorria em algumas regiões do Oriente, em especial no Oriente Médio.

Com tudo isso, apesar de todas as alterações no processo histórico, a Espiritualidade sempre cuidou em semear, por todas as regiões, o que era possível de ser ofertado em termos de ajuda e de esclarecimento. Contudo, devido a questões que precisam ser melhor analisadas pelo Ocidente, durante os últimos milênios, quem sustentou o nível de espiritualidade planetário, foram, praticamente, as culturas orientais.

É curioso perceber o modo presunçosamente superior com que o homem ocidental dirige o seu olhar para as tradições culturais, por exemplo, da Índia. Somente por profunda ignorância quanto ao passado, e total desconhecimento quanto ao que ocorre no presente, é que posturas desse tipo podem acontecer.

Entendamos ou não, mas, sob a perspectiva dos mentores do mundo terreno, a parte espiritualizada da Humanidade não é a ocidental, e sim, a oriental, apesar desse aspecto não ser aceito no Ocidente, por conta dos bloqueios criados pelo orgulho intelectual, que tanto tem caracterizado a postura dos ocidentais, diante da aparente postura simplória dos orientais frente à vida.

Em termos de perspectiva histórica, não faz dois séculos que o mundo ocidental começou a se espiritualizar, enquanto que, no Oriente, este processo já ocorre há muito mais de dois milênios.

Poucos conseguem perceber que o projeto executado por Jesus, não logrou atingir os resultados por si desejados. Os próprios seguidores, com a melhor das intenções, também não souberam dar continuidade aos temas centrais dos seus ensinamentos, que visavam a espiritualização de todos. Ele próprio percebeu isso em vida, quando acenou com a sua promessa de enviar o Consolador, a título de complemento ao seu legado.

Se analisarmos as circunstâncias nas quais Jesus referiu-se ao Consolador, perceberemos que o fez, somente após a constatação de que não teria mais tempo para dar continuidade à sua missão na Terra.

Recordemo-nos que, na “última ceia” que Jesus teve com os seus apóstolos, ocorrida na noite anterior ao dia da sua crucificação, o Mestre percebeu o futuro inexorável que o esperava. Após a saída de Judas

Iscariotes, que foi ter com os membros do Sinédrio, dando continuidade ao seu plano pessoal de pressionar para que Jesus assumisse o papel de libertador do povo judeu, diante do poderio romano, o Mestre, consciente das próximas horas de horror que o esperavam, passou a falar com os seus apóstolos sobre a sua morte iminente. Mas o fez de uma forma tal, que não foi compreendido de pronto, até porque era sua estratégia agir daquela maneira, para que os apóstolos, ao não saberem o que os esperava ainda naquela noite, pudessem escapar livremente. Se todos fossem presos, muitos poderiam morrer, e o Cristianismo nascente seria também aniquilado. Jesus aplicou uma estratégia em todas as suas atitudes, a fim de que, somente sobre Ele, recaísse a ignomínia dos seus algozes.

Percebendo que nada mais poderia fazer, Jesus passou a se referir, na última conversa que teve com os apóstolos, a um evento futuro, no qual os esclarecimentos necessários seriam dados, para que todos pudessem melhor compreender a sua missão na Terra:

“...E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que eu fique convosco para sempre, O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós.”

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo e vós vivereis...” (Jo 14, 16-19).

“...Tenho vos dito isto, estando convosco. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (Jo 14, 25-26).

“Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas agora não têm desculpa do seu pecado.”

“Aquele que me aborrece, aborrece também a meu Pai. Se eu, entre eles, não fizesse tais obras, quais nenhum outro tem feito, não teriam pecado; mas agora viram-nas e me aborreceram a mim e a meu Pai.”

“Mas é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Aborreceram-me sem causa.”

“Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim.” (Jo 15, 22-26).

“...Todavia, digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vô-lo-ei. E

quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque eu vou para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.”

“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir.” (Jo 16, 7-13).

Foi dessa maneira que João, o apóstolo Evangelista, registrou as palavras de Jesus naquela última noite em que estiveram juntos, pois Jesus seria crucificado no dia seguinte.

Depois da morte de Jesus, o Cristianismo começou a se expandir com o passar dos séculos, porém sem levar consigo a doutrina testemunhada por ele. Expandiu-se a religião formada a partir do seu testemunho, mas não dos seus ensinamentos, que passaram a compor um conjunto secundário para ser recitado, não praticado.

Assim, a igreja católica, após tornar-se a religião estatal do império romano, subjugou a tudo e a todos, sem, contudo, submeter-se, ela própria, aos ensinamentos redentores do Mestre Jesus. O clero subjugava mas não espiritualizava.

Com o tempo, tantas foram as distorções e os desvios de rota ocorridos, que o Consolador, além de servir de complemento à obra do Cristo, passou a ser um marco no processo de espiritualização planetária, em especial, para o Ocidente, porque nada havia sido feito nesse sentido, à exceção de honrosos testemunhos individuais, como o que nos legou Francisco de Assis.

Infelizmente, a teologia católica, por questões de intolerância religiosa, não dedicou os estudos necessários para reconhecer no Espiritismo, o papel que lhe estava destinado pelo próprio Cristo. Por questões menores do frágil compromisso, que as elites católicas parecem ter com aspectos da verdade, que não lhe sejam convenientes, presas que ainda se encontram aos interesses exteriores de dominação religiosa, o papel do Espiritismo no mundo não foi, sequer, até hoje, levado a sério ou respeitado por seus pares, ao menos publicamente. Esse aparente descaso tem levado a certos postulados teológicos, destituídos de qualquer profundidade espiritual, o que é lamentável para os fiéis vinculados ao Catolicismo. Como o próprio

Jesus dizia: “Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência. Vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam.” (Lc 11, 52).

Observadores desatentos, quando da análise dos acontecimentos religiosos que marcaram os dois últimos séculos do segundo milênio, costumam fixar as suas conclusões no estabelecimento definitivo de uma aparente estabilidade religiosa, nos padrões hoje conhecidos. Em certo sentido, há alguma razão, no que se refere ao fato de que, novas religiões dificilmente surgirão, posto que desnecessárias. O mesmo não se pode dizer do surgimento de seitas, que a todo momento irrompem no universo religioso. Entretanto, esquecem-se de observar a influência, que aspectos até então desconhecidos, de ordem espiritual e cósmica, haverão de causar, na maneira atual como se desenvolve o processo religioso.

Isso se dá por força do hábito simplista de analisar o passado, sem levar em conta os aspectos pertinentes aos contextos espiritual e cósmico, sobre os quais o orgulho intelectual não lhes permite maiores conjecturas, o que os força a continuar na mesmice antropocêntrica da premissa de suas análises, pretensamente ricas em conhecimento e verdade.

Perceba-se ou não na atualidade, o processo religioso do mundo se desenvolverá, doravante, a partir de três vertentes distintas:

- a da expansão, não da religião espírita, mas dos ensinamentos ali contidos, por todos os quadrantes do planeta;

- a de uma certa junção estratégica, sob a égide de uma codificação espiritualista das tradições espirituais do Oriente e do Ocidente, a ser promovida por uma equipe de trabalhadores que já se prepara para o início dos trabalhos, alguns anos depois do grande dia da renovação prometido por Jesus, que é o do seu retorno;

- e a que se refere ao conjunto de eventos inerentes ao processo de reintegração da Terra à convivência com os irmãos extraterrenos, cujos efeitos e benefícios influenciarão todos os campos da vida, apesar de que, caberá sempre ao gênero humano promover o seu próprio progresso, independentemente de se encontrar isolado, ou não, do intercâmbio normal que existe por todo o cosmo.

No caso da expansão dos ensinamentos da doutrina espírita, muitos que são a ela filiados, confundem perigosamente a divulgação das verdades e orientações que lhe são próprias, com o crescimento do aspecto religioso que vem abraçando o corpo doutrinário, o que não se coaduna com os propósitos do Mais Alto. Sei da tristeza e da postura ensimesmada com que

muitos vêem afirmações deste tipo. Devo, no entanto, desculpar-me por ferir a sensibilidade de alguns, mas é inevitável a tentativa de tentar, desesperadamente, chamar à atenção, para o profundo equívoco que está sendo perpetrado contra o plano da Espiritualidade pelos que, com as melhores das intenções, pretendem transformar a população mundial em espírita.

Alguns dos que, na atualidade, não aceitam este aspecto da questão, e que procuram defender, a todo custo, o que julgam ser a pureza doutrinária da “religião espírita”, são exatamente os que ontem atacaram Kardec, afirmando-o dominado pelos interesses do “diabo” que procurava enfraquecer a religião de Cristo – a igreja católica. E isso o faziam com a melhor das intenções, apesar dos equívocos profundos, tanto no conteúdo das suas intenções, quanto no método das suas ações. Estes, mesmo que novamente movidos por nobres ideais, apesar de também equivocados diante dos propósitos de Jesus, o repetimos, apoderaram-se – em alguns momentos da segunda metade do século XX – do controle do curso do movimento espírita, e procuram imprimir uma disciplina de celebrações, rituais de passe e de culto, que em nada deixam a desejar aos sacramentos católicos, desastrosamente esquecidos que, a vivência íntima da doutrina enobrece a alma, para além de qualquer questão religiosa.

Se esses que fazem do Espiritismo uma religião – em vez de uma doutrina que celebra e enobrece a vida – continuarem a imprimir o ritmo equivocado dos seus esforços, na desfiguração de mais uma obra do Cristo, estarão forçando a Humanidade a sofrer um atraso de algumas décadas no seu processo de espiritualização. Isso porque a intolerância ainda presente em todas as elites religiosas, dificultará – visto disputarem interesses que normalmente nada têm a ver com os propósitos do Alto – que os não espíritas venham a receber os ensinamentos essenciais à evolução constantes na codificação, o que, atrasará, mas não impossibilitará, todo um processo em curso.

Em nenhuma hipótese o movimento espírita deveria ser mais importante do que a doutrina que o sustenta, até porque, esta, sobrevive sem aquele. Caso o seja, como infelizmente se constata, então o aspecto religioso sufoca e inibe a importância doutrinária. O ser humano torna-se tendente a participar das celebrações do movimento, esquecendo-se do que realmente importa, que é o melhoramento íntimo. Envolve-se com o acessório esquecido do essencial.

A primeira atitude tem um custo psicológico muito cômodo, sendo até mesmo agradável por força do convívio social; a segunda, tem um custo psicológico muito grande, mas é nesse aspecto que reside o mérito espiritual. Tem sido assim com todas as religiões do mundo e o Espiritismo não conseguiria fugir a esta regra, o que é lamentável.

Nenhum congresso ou mídia espírita deveria servir como palco de qualquer tipo de agressão, seja de que ordem ou de que pretexto for, pois não é para isso que o Espiritismo foi criado. Os espíritas devem aprender a repetir Jesus nos seus atos do dia a dia, sofrendo com altruísmo e elegância moral as intempéries promovidas pela incompreensão alheia, jamais se permitindo transformar em instrumento para desonrar a sensibilidade de quem quer que seja. Esse tipo de postura deveria ser a tônica em todas as situações e, nem mesmo sob o pretexto farisaico de defesa da pureza doutrinária, deve-se agredir a outrem. A falta é maior do que a boa intenção, pois esta, no caso da defesa do Espiritismo, para nada serve.

Precisamos aprender a discordar sem desonrar. Não é mais aceitável que o fermento dos fariseus venha a servir, dois mil anos depois, como o veneno letal a vitimar os homens e mulheres bem intencionados, que velam pela doutrina espírita na Terra.

Observem o Catolicismo e percebam que o peso da organização e do movimento dessa religião importam hoje bem mais do que a doutrina de Jesus. Como os espíritas avaliam esta questão no seio do Espiritismo? Ou estão presos à ilusão de que, por serem espíritas, isso não acontecerá? Ora, já aconteceu.

O que na atualidade se procura, nos ambientes espirituais, são alternativas plausíveis para que se melhore o desempenho terreno do movimento, sem que venha a prejudicar o importante processo de complementação da doutrina, cuja segunda etapa está em curso desde o início do século XX.

Apenas a título de registro, a primeira etapa complementar à obra de Kardec ocorreu ainda dentro do grande esforço de síntese espiritual, iniciado ao tempo do codificador, como nos é revelado pelo espírito Humberto de Campos, através da maestria mediúnica de Chico Xavier, no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*: “Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário (Allan Kardec), no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para

coadjuvá-lo, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuariá o desdobramento filosófico; de Gabriel Delaine, que apresentaria a estrada científica, e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.”

Poucas vezes tantas verdades conseguiram ser apresentadas ao mundo, como ocorreu com a codificação espírita e suas etapas complementares. E o que se pretende é que este foco de luz imorredouro permaneça, sempre sendo adubado pelos inadiáveis complementos que outros trabalhadores do Cristo já deram, e continuarão a dar, para este fim. Outras verdades, porém, em especial quanto ao pano de fundo por detrás de todo o processo que está em curso, infelizmente, o ser humano ainda não está preparado para conhecer. Falta-lhe maturidade espiritual para lidar com as novidades que lhe surpreendem, tanto positiva como negativamente, o senso e a razão, acostumados que estão com os conceitos cristalizados.

As aparentes novidades terminam, às vezes, provocando reações complicadas que somente põem a perder muitos espíritos bem intencionados. Assim, certos aspectos da verdade ainda não podem ser, no momento, apresentados, sob pena de se provocar uma verdadeira desagregação no movimento espírita, o que não se pretende.

Se o Espiritismo, contudo, não conseguir despertar a responsabilidade moral dos próprios espíritas, para que não se repitam os erros milenares de conduta imoral no campo da intolerância, eternamente disfarçada de necessidade de conversão de novos fiéis, pouco terá cumprido a sua função, até para aqueles que abraçam os seus postulados. E cuidemos para que o ecumenismo mal aplicado não seja apenas a expressão de uma nova faceta da hipocrisia farisaica, que ainda domina as religiões voltadas para aspectos exteriores e acessórios.

O ecumenismo nunca foi tão necessário na Terra como nestes tempos. Porém não podemos, em desfavor da atuação política correta, manter nos bastidores da percepção alheia, a mesma postura venenosa que de há muito vem maculando a expressão religiosa na Terra. E se há alguém na Terra que deveria saber que o interior importa muito mais que o exterior, seriam os espíritas.

Portanto, quando é dito que o que de melhor se pode fazer com a doutrina espírita é divulgá-la, o que é evidentemente correto, não pode ser confundido com a expansão do aspecto religioso, sob a ótica terrena, que indelevelmente existe no bojo dos seus postulados.

Recordemos Allan Kardec que definia o Espiritismo como sendo uma doutrina filosófica com conseqüências religiosas, uma filosofia espiritualista, e não o contrário, como muitos a praticam, ou seja, uma espécie de doutrina religiosa com conseqüências filosófico-espiritualistas.

Com Jesus e, depois, com o Consolador, estima-se que é chegada a hora da maioridade espiritual dos que vivem na Terra, ao menos dos que atualmente vivem no Ocidente e recebem o fluxo incessante das orientações que emanam do mesmo foco: o legado de Jesus nas suas expressões católica, protestante, ortodoxa e a na codificação espírita.

Quanto a um trabalho que está prestes a ser iniciado, referente a uma tentativa de se reunir em um só corpo de esclarecimento, todo o conhecimento espiritual registrado nas tradições tanto orientais como nas do Ocidente, os espíritos que irão realizá-lo já estão vivendo entre nós, sem, contudo, terem ainda consciência da tarefa, e assim será por apenas algum tempo mais. No momento propício, trabalharão sem estar vinculados a nenhum movimento religioso, e o farão de tal maneira, que o fruto dos seus esforços, a seu turno, servirá como alimento espiritual a preencher um vazio antigo, que existe na alma de todos os que vivem na Terra. Este projeto pretende fortalecer as religiões, apesar de, paradoxalmente, não se encontrar vinculado a nenhuma delas, pois sabe-se, pelo hábito cultural dos espíritos de há muito congregados neste orbe, que as religiões, mesmo da forma como são praticadas, ainda farão parte do contexto terrestre, até que os que aqui vivem se percebam como uma só família planetária.

E será exatamente para realçar este aspecto da cidadania terrestre, que os eventos cósmicos futuros terão o condão de revelar aspectos pertinentes ao homem, à vida, a Deus e ao cosmo, renovando as oportunidades educacionais, para que as gerações do amanhã cresçam, já sob a égide da consciência da cidadania cósmica, que é a que verdadeiramente nos marca, apesar de sermos cidadãos planetários exercendo esta cidadania momentaneamente na Terra.

Essa série de acontecimentos que se desenvolverão nas três dimensões aqui referidas, dar-se-á da maneira mais suave possível, sem alterações, porque tudo o que é promovido sob os auspícios do Mestre Jesus tem a sua

marca indelével de ternura, suavidade e amor – e assim será no dia do seu retorno.

O conjunto de eventos aqui vislumbrados, terá a função de construir uma nova base, sob a qual se assentará a perspectiva cósmica e espiritual, que haverá de abraçar a todas as religiões existentes. Mas, será isso exeqüível?

Na perspectiva de que tudo o que está sendo revelado, venha de fato a acontecer, como deverão se comportar as religiões da Terra? Como elas poderão evoluir junto com os fatos? E, se contra fatos não há argumentos, qual será o panorama religioso do futuro terrestre, após a consumação da promessa do Cristo de retornar à Terra?

ONDE FALHAM AS RELIGIÕES

Há um problema que é comum a todas as religiões da Terra e que as impede de evoluir: o fato de estarem completamente voltadas para o passado.

Devido ao equivocado foco das suas atenções, as estratégias de culto e de prática religiosa disso decorrentes costumam entronizar fatos muitas vezes incompreensíveis e valores acessórios exteriores, como sendo o que de mais importante existe, em detrimento do que, na verdade, é essencial: a vivência íntima, conforme os postulados filosóficos da religião a que se está vinculado.

Dessa forma, a fixação no passado, a preocupação com aspectos exteriores, a formulação de dogmas e a necessidade de converter novos fiéis, formam, sob a ótica da Espiritualidade, o pior tipo de fermento a ser utilizado na tentativa de agregar as partes do todo religioso terrestre, o que jamais será conseguido enquanto as prédicas e as práticas religiosas assumirem tais comportamentos. Estes, somente conseguem produzir o mais letal dos venenos, que tem impedido a necessária coexistência entre as diversas religiões: a intolerância.

O comportamento intolerante assumido por muitos religiosos, tem sido responsável, ao longo da nossa história, pela produção das piores páginas de dor e de sofrimento para toda a Humanidade.

O culto arraigado aos dogmas estabelecidos tem servido como obstáculo ao avanço científico em muitas épocas, e não foram poucos os homens e mulheres que tiveram as suas vidas ceifadas por questões de índole moral, mas que, não obstante, preferiram perder as suas vidas a se submeterem ao jugo da ignorância religiosa dos tempos, aspecto que até a própria igreja católica – louvada seja a sua atitude – reconhece como origem de desvios e excessos por si cometidos.

Se cada época, por força da imperfeição humana, tem o seu nível de desconhecimento quanto a possíveis aspectos da verdade maior, seria o caso de se perguntar, quais, na atualidade, seriam os desvios de rota mais superlativos que estariam ocorrendo no meio religioso? Supor que não está havendo problemas de conduta na prática religiosa, é desconhecer por completo os problemas do passado e as possibilidades do presente.

Urge, portanto, uma reflexão das elites religiosas, sobre a ênfase equivocada e completamente ultrapassada, de muitas das suas questões

consideradas como importantes.

Devemos retirar do passado apenas o devido aprendizado, mas sem que nele fixemos a nossa energia, sob pena de não construirmos no presente, a inadiável arquitetura que o futuro requer. Se as religiões se voltam somente para o passado, qual será o futuro delas?

Os fatos pertinentes aos contextos espiritual e cósmico, que envolvem a vida terrestre estão acontecendo, sendo, assim, postos às claras para o conhecimento de todos. Contudo, quantos percebem?

Na questão cósmica, por exemplo, que envolve a presença de seres extraterrenos próximos à Terra, desenvolvendo um trabalho de educação planetária relativo à percepção da existência da vida além das fronteiras planetárias, o que dirão os representantes das religiões da Terra quando chegar o momento do cumprimento da última etapa das promessas do Cristo e, tal como prometido, Ele aqui retornar cercado por suas hostes de anjos e demais assessores, que outros não são que esses mesmos seres cósmicos ou extraterrestres? O que farão quando eles se apresentarem?

Entre os homens e mulheres voltados para as coisas da espiritualidade, pretende-se que o Espiritismo, no Ocidente, seja o que de mais moderno existe na vanguarda filosófica e religiosa, entre as muitas doutrinas conhecidas. De fato o é. Contudo, há o orgulho explícito dos que se consideram espíritas, ao ratificar esse ponto de vista, quantas vezes, de maneira equivocada, já que a prática de alguns segmentos do Espiritismo vem se opondo aos reais objetivos da Espiritualidade Superior, no tocante ao papel das religiões no cotidiano da vida terrena.

Muitos acham a prática católica ultrapassada nos seus postulados dogmáticos e aspectos organizacionais, enquanto religião secularmente estabelecida. Contudo, contrariamente a suposta postura de vanguarda dos que estão à frente do movimento espírita, coube ao papa João Paulo II e a seus principais assessores, o ato religioso de vanguarda: a questão referente à vida extraterrestre.

Enquanto muitos diretores de centros espíritas nem sequer admitem, que nas “suas reuniões” o tema seja abordado, já a dita “pesada estrutura organizacional” do Catolicismo, de forma surpreendente, dignamente, sem maiores motivos aparentes e dentro da ótica que a caracteriza, pronunciou-se oficialmente quanto ao tema, admitindo no final do século XX, a existência de vida fora da Terra, como uma possibilidade que não mais surpreendia aos irmãos católicos.

O interessante é que a amplitude da missão do Espiritismo foi diminuída, exatamente, pela visão menor e estreita sobre o aspecto cósmico de muitos que, seguramente com a melhor das intenções, teimaram, e ainda teimam, em preservar as verdades espíritas no padrão da pureza doutrinária que eles imaginam ser o correto, conforme os seus pontos de vista pessoais – visto não serem os espíritos desencarnados esclarecidos que sugerem tal procedimento.

É imperioso perceber o profundo engano dos que pensam que os inquisidores medievais agiam daquela forma, porque eram homens maus e criminosos. Não, não eram obrigatoriamente assim. Eram tão bons ou maus quanto o são os homens e as mulheres da atualidade, – afirmam os espíritos – até porque muitos deles estão hoje reencarnados, e à frente do movimento espírita, o que não representa nenhum problema. Os inquisidores também agiam em nome da pureza doutrinária das verdades católicas, assim consideradas, e eram, dentre os da época, os melhores quadros em termos de preparo intelectual e profissão de fé religiosa. Contudo, abraçados aos valores transitórios de um momento histórico, desvincularam-se dos valores essenciais da vida humana, subordinados à distorcida ótica clerical.

Não se questiona a boa intenção do católico em se submeter aos ditames da hierarquia religiosa a que pertence, mesmo que a sua capacidade pessoal de evoluir, enquanto ser humano, passe a ser limitada pelas fronteiras a que ele mesmo se impôs. Ninguém pode duvidar da boa intenção do protestante em se submeter ao jugo dos valores, que comumente são expressados pelos pastores das diversas igrejas que formam aquele meio religioso, mesmo que, aos olhos alheios, os interesses mundanos sejam, às vezes, mais enaltecidos do que os do Alto. É incontestável, a boa vontade e a entrega total dos muçulmanos aos preceitos estabelecidos no Corão, ainda que essa submissão possa, eventualmente, ser manipulada pelo sentimento nacionalista em algumas regiões do planeta. Da mesma forma não se põe em dúvida a nobre intenção dos que professam o Espiritismo, apesar da frágil relação que atualmente existe entre a sua vertente religiosa – que se sobrepôs aos demais aspectos que lhe estão vinculados – e os reais objetivos da Espiritualidade Maior.

Algumas das principais religiões do mundo, terminaram sofrendo tentativas de reforma, no âmago dos movimentos religiosos que as caracterizavam. Com o Cristianismo, por ter sido a religião católica fundamentada muito mais na obra de Paulo de Tarso, do que, propriamente,

nas mensagens e exemplo prático de Jesus, coube ao seu próprio espírito reencarnar como Lutero, para tentar renovar no seio da igreja católica, as expressões do culto ao Cristo. Como não lhe foi permitido, e por força das circunstâncias do momento histórico em que viveu, foi obrigado a criar um outro caminho religioso, acabando, assim, a exclusividade que até então o Catolicismo tinha de cultuar a Jesus.

No caso em questão, tanto necessitavam de renovação os próprios escritos e interpretações dos postulados teológicos do Catolicismo, quanto a conduta do movimento que foi criado a partir do testemunho de Jesus.

Todos sabemos que os fundadores dos movimentos religiosos e/ou filosóficos têm sempre os seus ensinamentos algo modificados, e normalmente distorcidos, pelos seguidores que, sempre com a melhor das intenções, dão continuidade ao foco de luz esclarecedora que foi fixada na Terra pelos espíritos missionários. Infelizmente, no caso do Cristianismo nascente, os seus seguidores distorceram, completamente, a ênfase e as preocupações centrais do conjunto das mensagens de Jesus.

E quais eram as principais mensagens que Jesus preocupou-se em deixar a título de legado para toda a Humanidade?

1. A de que, somente a lei maior do “amai-vos uns aos outros” teria o condão de redimir toda a Humanidade, desde que aplicada, e daí a sua preocupação em dar o maior testemunho possível de amor fraterno.

2. A de que, a existência não se acabava com a morte do corpo físico, já que seria dado a cada um conforme as suas próprias obras, ressaltando sempre que havia muitas moradas na casa do Pai, mostrando-nos a sua certeza de que não estávamos sós na grande obra da Criação.

3. A de que, existia um Deus, Pai Amantíssimo, que tudo nos dava sem nada pedir em troca, com toda uma hierarquia de anjos que cuidava da Terra e dos céus, lembrando sempre que o seu reino não era deste mundo, indicando, assim, a existência de outras civilizações.

4. A de que, Ele tinha vindo à Terra para exercer a função de elo maior entre os que aqui vivem e o Pai Celestial, sendo, portanto, uma espécie de padrinho espiritual, ou como ele mesmo o disse, pastor de todos nós, suas ovelhas, a quem tanto ama.

5. E finalmente, a de que retornaria para presidir pessoalmente as últimas etapas do processo de reciclagem da população do orbe, com o fim de emancipar a Terra, elevando-a em condição vibratória para poder voltar a

conviver com as demais civilizações celestes. A promessa de seu retorno, por sinal, foi a que Ele mais repetiu enquanto esteve na Terra.

Estes, os cinco pontos a que mais Jesus se dedicou quando esteve entre nós. Entretanto, a ênfase do Catolicismo praticada pelos seus fiéis, é a busca da salvação da alma, o culto à Santíssima Trindade, a obrigação da obediência aos sacramentos e dogmas da igreja; aspectos aos quais jamais Jesus se referiu, mesmo porque, os conceitos de salvação e de pecado original foram gerados, de forma distorcida, a partir das Epístolas de Paulo, e a Santíssima Trindade a partir da decisão do Concílio de Nicéia, no ano 325. Sobre isso, tudo o que Jesus disse foi que nós tínhamos um Pai, que Ele era uno com esse Pai, e se nós quiséssemos, poderíamos ser iguais a Ele, desde que nos amássemos uns aos outros, pois tudo mais nos seria dado por acréscimo.

Se assim foi com o Cristianismo e suas demais vertentes, e uma vez que a doutrina da justificação pela fé, de Lutero, também não encontra guarida verdadeira na prática da maioria das igrejas protestantes, o Espiritismo não escaparia à regra, visto que, os atores que normalmente têm conduzido os movimentos religiosos terrenos são os mesmos, em suas múltiplas encarnações, mantendo-se, portanto, quase inalteráveis, as mesmíssimas tendências e inclinações espirituais, estejam onde estiverem atuando. E assim tem sido, o que é compreensível. Mas, da mesma maneira que existem católicos que pensam que foi Jesus quem instituiu a Santíssima Trindade, o conceito de pecado original e a salvação pela fé, pelo fato da semeadura desses postulados ter sido feita há muito tempo, dentre outros aspectos, não é aceitável que uma doutrina edificada ao longo da segunda metade do século XIX, cujos objetivos e estratégias de atuação são de importância vital para o desenrolar dos acontecimentos dos próximos séculos, esteja sendo distorcida em alguns dos seus postulados, por aportes que originalmente lhe eram estranhos. Isso se dá, aparentemente pelo menos, devido ao descuido moral e ao orgulho intelectual de alguns poucos, que estão elegendo as suas inclinações e opiniões pessoais como sendo a via de conduta e dos objetivos espíritas, em detrimento do que deseja a própria Espiritualidade.

E essa questão ocorre principalmente movida pela ênfase, o repetimos, dos espíritas na questão da prática religiosa em detrimento de outros aspectos da doutrina. Quando assim agem, os religiosos fixam-se no passado e, no caso do Espiritismo, o próprio codificador afirmou que muito

mais, no futuro, ainda estaria por vir. Mas como essas novidades podem surgir se os espíritas fecham o circuito mediúnico das suas opiniões – de médiuns e de dirigentes – às suas próprias conveniências pessoais ou às que julgam ser as conveniências da doutrina que abraçam?

Os ensinamentos constantes na codificação, a exemplo do que fez Jesus vindo até à Terra, têm que se dirigir aos que nela estão vivendo para espiritualizar a todos. Contudo, a forma menos habilidosa de se disponibilizar esses ensinamentos, é vinculando-os a uma religião, pelo simples fato de que existe a intolerância dos católicos, dos protestantes e de outros segmentos religiosos para com o Espiritismo, como também, por parte de alguns desavisados espíritas. E isso quando não deveriam existir, sob nenhuma ótica de argumentação, comportamentos intolerantes em relação a outras religiões, doutrinas ou correntes filosóficas, em especial, frente a conceitos novos.

Outro aspecto para lamentar, é o fato dos espíritas mais fervorosos na expressão religiosa, terem se apoderado de paradigmas, conceitos, funções do ser humano e aspectos da vida, como sendo “questões espíritas”, quando não o são, o que somente dificulta que o objetivo do Mais Alto seja atingido: o de espiritualizar a todos os que assim o desejem. Também por isso, e dado que erradamente se divulga que “mediunidade é coisa de espírita”, certos segmentos do Catolicismo e do Protestantismo já adequaram alguns novos conceitos, com terminologia própria, para descrever os mesmos fatos de sempre, que ocorrem com o ser humano desde que ele pôs os pés sobre a Terra. Além disso, a “canalização” de mensagens de seres cósmicos poderia surtir frutos mais saborosos e edificantes, se pautados no manual de conduta mais moderno que existe, em termos de prudência, de ética e de solidariedade fraternas, que é o conjunto de ponderações constantes no *Livro dos Médiuns*, além das informações que existem nas obras complementares sobre o assunto, acertadamente abraçadas pelo movimento espírita. Mas, infelizmente, o médium espírita que receber mensagens de seres que não se apresentem como sendo espíritos desencarnados, estará sob a avaliação às vezes implacável, impiedosa e equivocada de alguns dirigentes de centros, o que é de todo lamentável.

Mas o que fazer a essa altura dos fatos, além de tentar, dentro do que permitem as leis da fraternidade, registrar com clareza essas questões, para que, pelo menos, alguns poucos possam refletir sobre o assunto? A

codificação espírita não precisa de reforma. Contudo, os espíritas, como todo mundo aliás, necessitam de reformas íntimas, que promovam o melhoramento das suas vibrações pessoais e a abertura para as novidades que se impõem, por força da evolução planetária.

Segundo temos depreendido, quanto mais tendente for o Espiritismo a se transformar exclusivamente em uma religião, menos cumprirá a sua função no mundo terreno.

A codificação espírita tem que ser amorosamente ofertada e disponibilizada a todos os que dela queiram se servir, em especial no mundo ocidental, como instrumento de elevação e melhoramento pessoal. Para isso, não deveriam os ensinamentos ali expressados pela misericórdia do Alto, terem a conotação religiosa como promotora de sua divulgação, sob pena de promover mais e mais querelas no campo do proselitismo religioso, quando essa não é, e nunca foi, a intenção.

Felizes os que professam as suas religiões de predileção pessoal com a mesma simplicidade com que os pássaros e os animais se servem da natureza, sem maiores sentimentos de exclusividade ou de propriedade, porque a ligação mais forte que une o ser humano ao Pai e à Criação, não pode se perder no diminuto aspecto da crença religiosa de uma só vida, quando existem tantas religiões e tantas vidas ainda por serem vividas.

Dizem os espíritos que cada ser terrestre deve professar a sua religião de afinidade – caso a tenha – da melhor maneira possível, com o melhor dos zelos íntimos, sem contudo, esperar que a sua opção seja a única e verdadeira. Afinal, existem tantos caminhos para o Pai, quantos forem os filhos e filhas criados pelo seu amor, assim o afirmam os mentores da presente obra. Se assim é, por que o exclusivismo desnecessário? Qual a função da tentativa de conversão religiosa, a não ser, atender a interesses puramente terrenos, sabido que é, que o Pai Amantíssimo deseja apenas que nos amemos uns aos outros, como Ele nos ama indistintamente? Até onde iremos com a disputa pelos fiéis, com as guerras na mídia por esta ou aquela vivência religiosa? E o que Deus tem a ver com tudo isso?

Talvez poucos percebam, mas Jesus legou ao mundo uma maneira singular de viver, um modo de vida cristão, uma forma de se administrar a vida dignamente, jamais uma religião. Tenhamos presente que ele nunca afirmou que seria dado a cada um de acordo com a sua religião, mas sim, conforme as próprias obras, o que independe de religião.

Conhecedor profundo da alma humana, ele sabia que, devido à intolerância extremada existente naquela época, e que com o passar dos tempos tenderia a piorar, se uma nova religião viesse a ser edificada na Terra, pouco acrescentaria diante dos reais objetivos do Mais Alto. Em vida percebera que mesmo os que lhe estavam mais próximos não conseguiram compreender a magnitude do seu testemunho. De toda forma, deu o seu exemplo, cabendo ao livre-arbítrio dos homens e mulheres do mundo dar curso ao que puderam depreender das suas mensagens. E assim foi com o Mestre Jesus, como foi com os fundadores de religiões, missionários, renovadores e com a própria codificação espírita.

Os seus apóstolos, com base na experiência que tinham de prática religiosa do judaísmo – religião a que pertenciam – é que envolveram o Cristianismo nascente com o halo de religião. De fato, o termo cristão somente surgiria mais tarde, na cidade de Antioquia, entre os gregos.

É importante perceber, o repetimos, que Jesus não disse: a cada um segundo a sua religião, mas sim, “a cada um segundo as suas próprias obras”. Onde se concluiu, com o que corroboram os espíritos, que independente da religião que se professe, e mesmo independente de se ter uma religião ou não, o ser humano valerá sempre pelas obras que produz e pelo amor que emana de si. Quando, além das boas obras e do amor que oferta aos que com ele convivem, consegue semear nos corações destes o estímulo e a solidariedade, o objetivo da vida se completa, pois que a sementeira do seu testemunho rendeu os frutos esperados. O ser que assim age fica feliz pelos outros e não porque o seu amor está sendo recompensado. É assim que agem os seres do naípe dos grandes mestres que já viveram na Terra.

Por isso, dizem os espíritos, que a chave para a evolução e redenção da Humanidade é o comportamento amoroso, e não o comportamento religioso. Ora, não foi a religião judaica que se contrapôs a Jesus, considerando-o um blasfemo? Não foi a religião católica que se contrapôs a Ockham, Wycliff, Huss e Lutero por considerá-los hereges? Não foram as religiões católicas e protestantes que mais confrontaram Kardec por considerá-lo um mistificador, um impostor, além de herege? E o que estarão fazendo as atuais religiões com os portadores das novidades que invariavelmente estão chegando e hão de chegar cada vez mais? Como o Espiritismo está se comportando diante do inevitável porvir, que a todo

instante se sucede no horizonte terrestre, queiram ou não, os defensores do estacionamento nas conveniências religiosas de uma época?

Se alguém, na tentativa de auxiliar a algo esclarecer a questão extraterrena, ofertasse a um espírita mais ortodoxo, elucidações sobre alguns aspectos da revelação cósmica agora pretendida pelo Mais Alto, qual seria a sua reação? Não seria semelhante à que os católicos e protestantes tiveram, quando Kardec tentou ofertar os preceitos espíritas para a reflexão de todos? Se assim for, é conveniente que a ortodoxia espírita reflita, pois a sua postura desonra a memória de Kardec, e mais ainda, o esforço dos Espíritos que realizaram a codificação.

“Como tudo o que é novo, esta questão tem seus adeptos e seus contraditores, e que seria conveniente procurar responder a algumas objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos sobre os quais eles se apóiam, sem que exista, todavia, a pretensão de convencer a todos, porque há pessoas que crêem ter a luz sido feita só para elas. E que gostaria de se dirigir às pessoas de boa fé, sem idéias preconcebidas ou mesmo intransigentes, mas sinceramente desejosas de se instruir, e lhes demonstrarmos que a maioria das objeções que se opõem a esta questão provêm de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito com muita irreflexão e precipitação.”

Foram exatamente estas palavras que Allan Kardec usou na introdução do *O Livro dos Espíritos* para pedir aos detratores da revelação espiritual nascente, uma chance para que a mesma pudesse ao menos ser entendida. E o que deve ser dito hoje a alguns espíritas senão a mesma coisa no que se refere à postura que eles têm diante da revelação cósmica?

Retardar o novo a pretexto de defender a verdade, é postura que não mais se coaduna com a maturidade espiritual que hoje já se espera dos espíritas, para lidar com os eventos inerentes ao inevitável progresso planetário. Ou será que se deseja que a Terra jamais faça contato com outras civilizações pelo simples fato de alguns dirigentes e médiuns não se afinarem com este assunto? Afinal, o movimento espírita que se considera o mais moderno – o que de fato é, até por ser o mais recente – dos segmentos da cultura religiosa do mundo, está ou não preparado para enfrentar a verdade? É razoável que muitos pensem que toda a verdade já foi expressada na codificação espírita?

Pode ser até que alguns espíritas pensem dessa forma, o que é um direito inalienável. O que não se pode é afirmar que hoje assim se pensa

porque o codificador assim pensava. Seguramente Kardec jamais pensou dessa maneira.

Outro aspecto existe, que muitos dos que estão vinculados ao movimento espírita não admitem como sendo verdade: o de que ele sempre relutou em aceitar que o Espiritismo viesse a se transformar em uma religião. Mas é verdade. Somente por desconhecimento dos fatos é que se pode pensar que o codificador estava conscientemente fundando uma religião.

Uma das questões mais peculiares aos movimentos religiosos que se formam, é a que se refere à administração do legado deixado pelos seus fundadores. Não são poucos os casos em que estes jamais pretenderam fundar qualquer religião, e o Espiritismo é só o exemplo mais moderno desta questão.

Até ao ano de 1868, Kardec vinha se opondo a se tornar o realizador de um movimento que visasse a preservação da doutrina filosófica com implicações espiritualistas e, portanto, religiosas, já que o assédio das trevas, para deter-lhe o curso progressista, encontrava-se em plena vitalidade. Realizara a codificação, mas não pretendia ser o dirigente de nenhum movimento, muito menos de ordem religiosa, e essa aversão, devido a ser espírito experiente nesta prática que sabia ser bastante complexa. Contudo, não lhe restou outra alternativa, que não fosse, tornar-se o realizador do movimento espírita, mesmo com os riscos implícitos a essa opção. Ainda assim, jamais pretendeu fundar uma religião.

Por não haver opções quanto ao rumo a ser seguido, é que ele definiu um movimento em torno da doutrina, que sabia ser a única maneira de sobreviver diante da movimentação de grupos poderosos ligados ao Catolicismo e ao Protestantismo.

Pretendia, embora por outros motivos diferentes do judaísmo e do hinduísmo que não permitem conversões, que o Espiritismo também não as promovesse, mas sim, que ofertasse aos homens e mulheres do mundo, as sementes de espiritualização, como presente dos Espíritos a toda a Humanidade.

Em diversos registros pessoais, Kardec deixa claro que jamais pretendeu fundar uma religião. Conhecia por demais a capacidade humana de tomar o menor pelo maior, erigindo barreiras, entre o homem e o Pai Celestial, difíceis de serem depois superadas pelo discernimento comum aos que vivem na Terra. Contudo, afrontados permanentemente pelo poder

clerical, muito mais por erro de estratégia dos inflamados contendores do Espiritismo nascente, do que por qualquer planejamento de sua parte, muitas pessoas começaram a simpatizar com a doutrina espírita, que convidava o ser humano a buscar o seu próprio caminho para Deus, sem maiores intermediações, nem mesmo a dos espíritos desencarnados.

Porém, o bispo de Barcelona, Antonio Palau y Termens, no ano de 1861, cuja mentalidade, naquela ocasião, ainda estava voltada para o tempo em que as inquisições promoviam os criminosos “autos de fé” queimando as obras não aceitas pelos clérigos – quando muitos livros preciosos para a Humanidade foram queimados por força da mesquinhez e da ignorância de alguns poucos –, resolveu reavivar aquele procedimento algo esquecido, exatamente com os livros elaborados pelo codificador.

Se o poder clerical pretendia pôr um fim ao Espiritismo nascente, escolheu a maneira menos adequada aos seus objetivos, pois, de toda a parte, mesmo de pessoas que não estavam vinculadas ou nem ao menos conheciam as obras de Kardec, iniciou-se uma onda de solidariedade, que começou a envolver o Espiritismo. E eis que, para muitos, este começava a se transformar na “religião substituta”, pois não foram poucas as pessoas que se desvincularam do Catolicismo e do Protestantismo, aspecto que muito preocupou ao codificador. Aquilo não estava de acordo com os planos da Espiritualidade, posto que, mudar de religião não resolve nenhum problema, ao contrário, semeia o veneno da intolerância religiosa, com o que todos perdem.

Tudo o que pretendia era fazer o que, a seu juízo, entendera ser a solicitação dos Espíritos. Esforçou-se sempre para ofertar, sem distinção ou qualquer exclusivismo, as orientações e os esclarecimentos dados pelos Espíritos, para tantos quanto o desejassem.

Com tudo isso, o Espiritismo começava a ter o seu lado religioso ressaltado, o que com o passar das décadas e as posturas incorretas assumidas, terminou sendo em detrimento da sua própria doutrina.

Infelizmente, conforme os apontamentos da Espiritualidade, muitos são os espíritas que ainda desencarnam cheios de direitos, com queixas de toda ordem, esquecidos dos deveres morais pertinentes à própria evolução, o que os tem infelicitado. Esse aspecto também costuma ser a marca dos espíritos vinculados a religiões nas quais se prega o fácil consórcio entre as benesses de Deus e a troca de algumas contribuições, juntamente à fidelidade aos sacramentos e aspectos exteriores do culto religioso, de todo

lamentável. Se assim é, o Espiritismo precisa ressaltar a importância da reforma íntima, da conduta amorosa e da busca pelo esclarecimento, como devendo ser as expressões maiores dos que se pretendem espíritas, deixando claro que “frequentar o centro”, “tomar passe”, “incorporar espíritos”, dentre outras práticas comuns ao movimento, importam bem menos se não erigidas sobre as estruturas do rigor moral, do amor e do conhecimento, que a tudo sustentam.

Em certa oportunidade, nos ambientes espirituais próximos à Itália, foi realizado um grande conclave, promovido pelos espíritos mentores das religiões que se fazem representar na Terra, além de algumas outras que não mais existem mas que ainda têm espíritos a elas vinculados e trabalhando na preservação das doutrinas que as caracterizaram durante muitas épocas.

Os fatos aqui descritos poderão surpreender a alguns, mas talvez poucos saibam que um certo compromisso tomado, por exemplo, pelo espírito de Kardec – além de outros – ao tempo em que ele estava reencarnado como druida, até hoje repercute na sua memória espiritual. Sempre que esse grupo de espíritos se reúne nos ambientes espirituais para tratar de questões relativas a compromissos daquela época, o faz em uma aprazível cidadela espiritual, à moda celta, que existe nos “céus da Irlanda”. Outras há, também plasmadas com o estilo celta, nos “céus da França”, que contam, inclusive na atualidade, com populações de espíritos que ali permanecem entre as vidas terrenas, por força de afinidades vibratórias do passado.

Somente para lembrar, a religião e a cultura celtas marcaram muitas gerações de espíritos que, durante cerca de sete séculos, encarnaram sob a égide cultural daqueles povos. E o que são dois mil anos para os centros memoriais de um espírito? É como se fosse o “ontem imediato” para a memória “cerebral”.

Assim, existem muitas falanges que trabalham com a herança doutrinária e filosófica de movimentos religiosos que não mais existem na Terra, servindo como ponto de apoio e de esclarecimento para os atuais segmentos que conformam a religiosidade planetária.

No conclave a que nos referíamos, nos ambientes espirituais próximos à Itália, existiam representantes de todas as religiões que, por mais remotas que pudessem ter sido, já haviam tido alguma responsabilidade sobre a formação espiritual dos que vivem na Terra. Chegava a ser impressionante a

maneira como o perispírito dos que ali estavam, vibrava “à moda” cultural dos tempos em que tinham exercido as respectivas funções religiosas.

Para que se tenha idéia aproximada do que lá se passava, somente de “núcleos de mistérios” ao tempo da Atlântida, – apesar de que, muitos dos que surgiram ao longo da história atlante não tenham a conotação das atuais religiões – estavam ali mais de uma centena de seres de grupos representativos. Cada equipe sentia-se responsável pela jornada espiritual daquelas individualidades que, ao tempo do exercício de suas “atribuições sacerdotais”, foram então influenciadas a assumir certas posturas espirituais que, ainda hoje, decorridas algumas poucas dezenas de milhares de anos, marcam-lhes alguns impulsos que surgem nas suas vidas íntimas, atrapalhando, por vezes, o desenvolvimento espiritual.

Esses núcleos – e ali estavam alguns outros, inclusive de períodos simultâneos e anteriores à própria Atlântida – carregam ainda nas suas mentes espirituais, a responsabilidade pelo descaminho psicológico promovido a muitos. Suas consciências somente haverão de se desligar do fluxo das reencarnações terrenas, quando tiverem ajudado, concretamente, a cada um dos que por eles foram prejudicados no passado, a encontrar um novo rumo para seus projetos de ascensão espiritual. Daí o fato de acompanharem o desenvolvimento das atuais religiões, como também das doutrinas esotéricas e filosóficas que existem na Terra, que têm o condão de despertar nas pessoas estímulos, idéias, projetos, condutas, enfim, de possibilitar um renascimento espiritual.

Se as atuais religiões e doutrinas não desempenharem as suas funções de forma a propiciarem o melhoramento pessoal, como infelizmente não estão fazendo a contento, esses grilhões não serão desfeitos tão cedo.

O problema é tão sério que, entre os espíritos que já estão sendo exilados da Terra, muitos há que tiveram o início do seu mais recente ciclo de problemas espirituais, ao tempo dos núcleos atlantes. E muita “autoridade religiosa” daquele tempo, está sendo convocada para acompanhá-los ao longo do exílio, por força da responsabilidade moral pela semente equivocada, o que não lhes é nada agradável. Para eles, é sinônimo de estacionamento em condições dolorosas. Por isso, procuram hoje, de maneira bem intencionada, ajudar no que podem, aos que estão envolvidos à frente dos atuais movimentos religiosos, para que os bons frutos possam ser mais e mais, produzidos.

Outro aspecto de realce é que, entre os que ali estavam, somente existiam espíritos desencarnados, pois a resultante vibratória dos presentes não propiciava condições minimamente adequadas para que seres de outros orbes ali se projetassem.

Dirigindo os trabalhos, encontrava-se um grupo formado por duas entidades espirituais “à moda” hindu, uma chinesa e outra “à maneira” dos druidas. Além dessas quatro, havia uma outra de polaridade feminina, trajada de maneira indefinível, que presidia àquela assembléia.

O que ali estava sendo avaliado, era o planejamento de cada um dos segmentos religiosos para os séculos XX e XXI. Isso porque, para o período de transição entre os dois séculos, estava marcada a chegada de delegações de fora com seus pares que iriam encarnar na Terra, a partir da reintegração cósmica do planeta, e era imperioso, que todas as correntes ali presentes, tivessem consciência desse fato.

Dizia a respeitável entidade que, “da mesma maneira que ali havia representantes de algumas religiões que não mais tinham expressão na Terra, seguramente, no futuro longínquo, muitas das que ali estavam, não mais existiriam, pois a elevação do planeta na categoria dos mundos, promoveria o esclarecimento necessário para que a conduta religiosa terrena se modificasse. Para a paz de consciência de todos, era urgente uma melhor definição de rumos, posto que a disputa pelo aumento do número de fiéis que já se processava no mundo, precisava ser interrompida de uma vez por todas, sob pena de, os interesses terrenos, erradamente expressados através das religiões, suplantarem os reais propósitos do Mais Alto.”

“A função das religiões na Terra foi, é e será sempre, a de propiciar condições para que o ser terrestre acenda a luz do seu espírito, e dessa forma, a luz do esclarecimento e do amor seja emanada de todas as frentes dos que aqui vivem. Não cabe às religiões acender esta luz, pois elas não a têm. Cabe às religiões, o repetimos, ajudar o homem, para que este consiga despertar em si mesmo, a luz da sua alma. E esta não precisa, necessariamente, do contributo formal religioso para acender o que lhe é próprio. Porém, na situação terrena, é ainda imperiosa a participação das religiões nesse processo. O que se tem verificado, para desdita de todos nós, é que os líderes religiosos pretendem deter um papel que não lhes cabe, pois precisam também acender a luz de seus espíritos, o que somente poucos o têm conseguido. Ainda assim, mesmo que iluminados, não lhes cabe

transferir para os procedimentos religiosos, o que é inerente a um processo de elevação vibratória próprio ao espírito humano.”

“Evoluir é elevar-se em esclarecimento, bondade e responsabilidade moral. Se as religiões não esclarecem, se são mesquinhas nas atitudes de alguns dos seus prepostos e limitadas nos seus postulados, e se inibem a responsabilidade individual, já que defendem que as contribuições, a fé, ou a simples ritualística têm o condão de “garantir um lugar no céu”, além de outras benesses, para que têm servido os esforços religiosos se não estão conseguindo promover qualquer evolução no pensamento religioso do mundo, e muito menos, semeando amor, esclarecimento e responsabilidade espiritual? Afinal, para que servirá o sal após perder o sabor?”

“Reflitamos todos pois, enquanto o homem não acender a luz espiritual que lhe é própria, nenhuma doutrina, nenhuma religião terá cumprido o seu papel. Além do que, nada funcionará muito bem nos campos da política e da economia das sociedades terrenas. A questão sobre a qual temos que refletir é se, realmente, esse constitui o objetivo maior dos que estão à frente dos movimentos religiosos do mundo?”

“Em nenhuma hipótese devemos aceitar que as religiões impeçam esse processo. O ônus espiritual para todos vós, que labutais à frente desses movimentos, será doloroso, caso vos comprometais, mais ainda, perante as leis cósmicas. Tendes ainda um século para modificar as cotas de contribuição de cada uma dessas doutrinas religiosas, na redenção planetária.”

“Trabalhem todos para que, nas próximas encarnações, possais praticar o que de mais belo possuídes, ofertando ao próximo o que sabeis ser necessário, para que o desejo de todos os mestres que já trabalharam na Terra, e que ainda se esforçam neste mister, seja finalmente conquistado: a tão esperada redenção do gênero humano.”

Assim referiu-se a irmã que estava presidindo os trabalhos.

Após um longo silêncio, ao qual ninguém ousou interromper, os grupos foram se ausentando daquele magnífico ambiente, “à moda” greco-romana.

Muitos achavam ser impossível, em apenas um século, qualquer mudança de direção do que já estava em curso. Outros opinavam que, se alguns espíritos profundamente identificados e engajados com a causa dos mestres espirituais reencarnassem, contando com o apoio estratégico

necessário a atingir posições de mando entre os movimentos religiosos do mundo, seria bastante provável obter resultados surpreendentes.

Acreditemos ou não, diversos trabalhadores das hostes espirituais que participaram do referido conclave, reencarnaram para desenvolver as suas tarefas ao longo da segunda metade do século XX, em especial, nas suas três últimas décadas. Apesar disso, o papel das religiões na educação da Humanidade para a melhoria planetária, ainda deixa a desejar, já que a ignorância, o orgulho, a superficialidade doutrinária, os interesses inconfessáveis de algumas elites religiosas, a pregação inconsequente que transforma o Pai Amantíssimo em um negociante de graças, indulgências e benesses de toda ordem, o exclusivismo de alguns movimentos, a postura de intolerância de outros tantos, têm semeado no mundo, uma miséria espiritual difícil de ser aquilatada.

À exceção de poucas e notáveis construções no campo do ecumenismo e do esforço pela elevação da vida terrena a um nível compatível com um mínimo de dignidade que vem sendo incessantemente promovido pela luz das doutrinas filosóficas e religiosas que ainda conseguem sobreviver – acalentadas por alguns poucos heróis – no seio dos movimentos religiosos estéreis, tudo o mais parece ser somente equívoco, na postura de muitos segmentos.

Pena que as elites religiosas não percebam que, em linhas gerais, existem duas forças que estão por trás do fluxo dos acontecimentos que ocorrem na Terra: as que unem e as que desagregam.

Pergunta-se: a disputa por fiéis através das tentativas de conversão; a pretensão que algumas religiões têm de ser, cada uma delas, a única a expressar a verdade ou a representar Deus na Terra; o fortalecimento das instituições que pretendem representar essas religiões; a presunção e o orgulho intelectuais dos que se pretendem infalíveis no desempenho dos cargos eclesiásticos e de dirigentes em geral dos seus respectivos movimentos; a disputa na mídia, pelo espaço informativo e pela veiculação de proselitismos de toda ordem; enfim, tudo isso serve para unir ou desagregar ainda mais a Humanidade? Se a resposta a este questionamento for a de que, os fatos incontestáveis apontados estão servindo para provocar a união dos que vivem na Terra, ao contrário, se estão servindo para piorar mais ainda a já complicada situação terrestre, é questão que caberá ao discernimento pessoal exercitar as suas próprias reflexões.

Tristes dos movimentos religiosos que pretenderem enquadrar as gerações futuras nos padrões de atuação que hoje caracterizam as suas prédicas e práticas. Provavelmente não terão público cativo. Ou se elevam nas suas posturas, conforme os princípios que dizem defender, ou simplesmente poderão perder a importância, pois que a “sintonia espiritual” dos que estão para nascer na Terra, não se coaduna com a perene e sempre atual oferta viciada dos valores equivocados, vigentes na atual cultura religiosa. Caso isso venha a ocorrer, será da responsabilidade dos próprios dirigentes religiosos que, mais uma vez, apegados aos aspectos exteriores da emoção do culto, da celebração e de interesses outros, esqueceram-se novamente do essencial.

Ainda bem que a boa vontade de muitos, a boa fé de outros tantos, e acima de tudo, o progresso promovido por cientistas e trabalhadores notáveis no campo da evolução do pensamento científico, filosófico e mesmo religioso, fazem com que nos permitamos sonhar com dias melhores para toda a Humanidade.

ONDE FALHAM OS HOMENS

SOB CERTA ÓTICA DE ANÁLISE, em especial a de certo grupo de espíritos que integra a grande hierarquia espiritual coordenadora dos esforços de redenção planetária, um dos maiores problemas que tem caracterizado a vida dos homens e das mulheres ao longo dos últimos milênios, é uma estranha tendência que o ser humano tem, na sua grande maioria, de transferir para terceiros o que seria de sua própria responsabilidade fazer.

Explicando melhor. Por exemplo, quando alguém se vincula a um certo grupo religioso, surge, a partir de então, a estranha inclinação de se submeter aos ditames das autoridades daquele credo. Serão os prepostos daquela religião que irão ditar o que pode e dever ser pensado, acreditado e praticado.

Essa aparente transferência do que, diante das leis cósmicas é intransferível, que é a responsabilidade inalienável que cada ser humano possui de optar por este ou aquele comportamento diante da vida, tem propiciado ao longo do tempo, o surgimento de uma tendência ao domínio e à manipulação das mentes dessas pessoas, que facilmente aniquilam as próprias potencialidades, diante do que julgam ser o correto.

Há, entretanto, os que procuram seguir os caminhos por eles mesmos criados, sem a submissão de suas sensibilidades pessoais às autoridades terrenas. Estes têm sido – e não poderia mesmo ser diferente – excluídos de muitos processos por não se subjugarem aos interesses, às vezes escusos, dos supostos “representantes” de Deus ou dos detentores do poder. Afinal, muitos campos da vida humana encontram-se dominados pelos tentáculos dessas grandes organizações, que fecham as suas portas para os que não lhes são considerados fiéis.

Também é certo que alguns o fazem acreditando ser uma atitude espiritual produtiva para si, o ato de humildade em se submeterem ao jugo das verdades assim interpretadas por outrem. Em muitos casos, dizem os espíritos, essa atitude é realmente benéfica. Os mentores afirmam ainda que aquele que se vincula a qualquer um dos diversos caminhos religiosos que existem na Terra, e faz da sua obediência às ordens e às imposições comportamentais, da linha de credo a que pertence, sejam exteriores ou interiores, um exercício espiritual de humildade e resignação construtivas, na realidade está vivendo de forma digna, produtiva e de profundas

repercussões positivas nos compartimentos do seu próprio espírito, independente de tudo o mais. Contudo, quando a submissão se dá por pura comodidade espiritual, não encontrando o espírito, a capacidade de discernimento ou a força interior para fazer frente ao agente inibidor, normalmente esses comportamentos têm atrasado por demais a evolução de um incontável número de habitantes deste orbe.

Muitos, com tal atitude, em vez de desenvolverem a “habilidade espiritual” de acender a própria luz, terminam por apagá-la, já que dependerão sempre de uma influência ou decisão externa, para conseguir suportar a vida, e não necessariamente vivê-la de maneira produtiva.

Somente os segmentos religiosos que procuram despertar nos seus fiéis, a responsabilidade de cada um buscar por si mesmo a sua rota para ascender ao Pai, propiciam uma profissão de fé capaz de produzir bons frutos, mesmo que seja dentro dos limites fixados por aquele credo. Porém, quando a aceitação de “determinada fé” resulta de injunção de obediência estéril a valores resultantes das próprias conveniências humanas, mas tidos dogmaticamente como sendo emanados de Deus, então a prática religiosa terá se revelado um grande contra-senso, se por isso entendermos que, em alguns casos, melhor fora não se filiar a nenhuma religião, buscando melhorar-se, enquanto pessoa, por outros caminhos da vida, posto que existem.

Os “intermediários” entre os fiéis e Deus, têm desfigurado por completo a função do ser humano na Terra. E a submissão de muitos seres humanos a esses “intermediários” é que tem contribuído decisivamente para o atual estado de coisas no nosso mundo. E todos nós falhamos, seja em um ou noutro papel.

Se a dominação fosse benéfica para o espírito, não tenhamos dúvidas, o próprio Pai Celestial e seus Prepostos de há muito já teriam tomado as providências necessárias para que a população terrestre vivesse sob o jugo de alguma organização sideral. Se, imposição de algum tipo sobre a massa humana, fizesse bem à Humanidade, Jesus e tantos outros mestres espirituais que aqui estiveram, teriam obrigado e subjugado a quem quer que fosse, para forçar o ser humano a seguir por este ou aquele caminho. Mas foi exatamente Jesus quem mais cuidou por deixar claro que Ele ali estava para dar tudo o que tinha, sem nada pedir em troca, sem nada esperar ou exigir de ninguém, sem nem mesmo, impor as suas opiniões pessoais, nem se imiscuir na vida de ninguém e observemos que Ele sabia e sabe das

coisas terrestres e celestes. Apesar disso, jamais forçou alguém a fazer qualquer coisa ou a assumir tal comportamento. Por que Ele agiu dessa maneira, se conhecia a necessidade de cada pessoa que lhe cruzasse o caminho? Pelo simples fato de saber, como ninguém, que a adesão ao reino de amor e paz, que tem no Pai Celestial o foco criador e mantenedor de tudo o que existe, – e Jesus é uma das personalidades que mais representam esse “reino” na Terra – somente se dá através de uma atitude espontânea do ser, e não por imposição desta ou daquela ordem.

Poder Ele tinha e tem, mas não o utilizou para dominar a ninguém.

Na verdade, o domínio e a manipulação das mentes, somente interessa a quem é ignorante no que se refere a aspectos da verdade cósmica. Poderíamos também dizer que interessaria aos que são mal intencionados. Mas o que é a má intenção, senão o produto da mais obtusa ignorância espiritual? Somente o esclarecimento de cada um de nós, ratificado no exercício de uma conduta reta e digna durante as vidas terrenas, há de conduzir o ser humano no correto rumo ascensional.

Não foi por menos que os espíritos codificadores intuíram a Kardec, para que sugerisse aos que abraçassem o estilo de vida proposto na codificação, a adoção do seguinte lema: “espíritas, buscai o autoconhecimento e a prática da caridade”, porque sabiam e sabem, que somente o esforço pessoal para melhorar-se, adicionado à preocupação moral com os menos favorecidos, habilita à evolução.

Por vivermos em um mundo onde a miséria material, tanto quanto a espiritual, grassa por toda a parte, sabe-se, nos ambientes espirituais, que é impossível evoluir sem atenuar, nem que seja através da simples caridade material, a fome e a miséria de muitos, um pouco que seja. Daí a importância que os Espíritos deram à questão da caridade, tida por muitos como de menor importância. Afinal, na situação terrena, para o espírito evoluir é preciso ter um corpo minimamente habilitado à arte de viver, ainda que seja à custa da caridade alheia, ou mesmo correndo o risco de que, desta, venham a resultar posturas íntimas inadequadas nos que se acostumam a muito pedir, muito receber, e pouco fazer. Mas não há outra alternativa, pelo menos por enquanto.

Buscar o autoconhecimento é, acima de tudo, esforçar-se por melhorar a própria conduta diante da vida e dos que nos rodeiam. O questionamento produtivo, a prudência intelectual e psicológica, a tolerância, a habilidade de saber discordar sem destruir, e o respeito ao próximo acima de tudo, são

conquistas no campo do comportamento que somente o esforço individual consciente há de erigir no íntimo de cada um. Trata-se de um esforço voluntariamente assumido e não imposto por nenhuma religião, até porque, muitos dos seus prepostos, não conseguem pregar nem praticar, ideais desse porte moral.

Este é o grande patrimônio espiritual que carregamos para onde formos. É somente isto que conseguimos levar conosco na hora da morte do corpo físico e não as riquezas materiais. Apenas as riquezas de ordem espiritual, ou as mazelas, estão indelevelmente marcadas no nosso espírito.

Na verdade, é de boa prudência refletir a respeito de quais são as religiões que desejam e promovem oportunidades para que os seus fiéis procurem o autoconhecimento. Se muitas delas não permitem o mínimo ato de questionar, por que impõem seus dogmas como sendo regras de conduta infalíveis?

Tão bem postos estão os postulados na codificação, que o movimento espírita, apesar dos inevitáveis problemas ali semeados pela imperfeição humana, consegue pôr em prática com notável nível de execução, a preocupação maior de estimular nos que lhe estão filiados, o hábito da leitura, da análise e do questionamento. Contudo, por força do comportamento pouco vigilante de alguns dos que estão na função de dirigentes, ou mesmo de comentadores evangélicos, o Espiritismo não consegue ficar de fora de um dos principais problemas que marca, na atualidade, o psiquismo religioso: o preciosismo doutrinário e o orgulho intelectual do que se pensa saber.

Como já referido anteriormente, as pessoas têm transferido para as autoridades religiosas – assim consideradas os papas, os cardeais, os padres, os pastores, e mesmo os médiuns, os dirigentes de centro, dentre outros – a responsabilidade de descobrir o que é certo e o que é errado; do que pode e do que não pode ser feito, enfim, de como devem ou não levar adiante as suas vidas.

Será que é realmente este o papel das religiões? Se os que estão à frente das religiões também são pessoas imperfeitas e necessitadas de esclarecimento, será aceitável que estas se presumam como condutoras das demais? Como ficará a consequência da lei ensinada por Jesus, de que “seria dado a cada um conforme as próprias obras”, se o mérito pelo que se pode fazer ou não, será neste caso, dos que determinam o que pode ser feito e não dos que simplesmente obedecem? Qual o mérito que poderá ter um

ser pensante que, anestesia a herança maior que recebeu do Pai, a de pensar e a de ser responsável por si mesmo, se este repassa para a autoridade religiosa, por comodidade ou por ignorância, a tarefa de determinar quais os valores corretos da vida humana?

Historicamente os seguidores de qualquer religião não têm conseguido interiorizar e aplicar, sem maiores distorções, os verdadeiros propósitos dos missionários que edificaram na Terra os objetivos do Mais Alto. Se os seguidores a tudo desfiguram, e esta constatação faz parte da nossa própria história, como podem estes pretender guiar a outrem, se são cegos guiando outros cegos? Aonde isso vai dar? Quais os frutos que esse equivocado processo terminou por produzir ao longo da História? Se essa forma de agir estivesse correta, será que estaríamos no estado caótico em que ainda nos encontramos?

Sob a ótica espiritual, é deprimente observar o grau de manipulação a que se submetem as pessoas, como é igualmente confrangedor o estado que resulta para os espíritos daqueles que lhes impõem esse jugo equivocado.

Há um caso que vem sendo acompanhado de perto pelo espírito de Rochester que pode nos dar idéia dessas conseqüências desastrosas. Um certo personagem na história da Rússia, desde que “morreu” e cujo espírito deveria ter se libertado da influência vibratória do seu corpo terreno, e ver-se, assim, definitivamente livre dos grilhões materiais referentes àquela vida, conhece, pelo contrário, um sofrimento inenarrável nos ambientes espirituais adjacentes a um certo bairro da cidade de Moscou.

Por ter o seu corpo embalsamado e a sua memória cultuada de maneira imprópria, recebe incessantemente vibrações de toda ordem que lhe são dirigidas por dezenas de milhões de pessoas, impedindo a sua organização espiritual de se desvencilhar dos grilhões materiais. Além disso, tem recebido, também, um verdadeiro cerco de algumas dezenas de milhares de entidades desencarnadas, que a todo momento o admoestam com acusações e exigências morais, cujo peso tornou-se insuportável para a sua mente espiritual.

Dessa forma, situado a meio caminho do que seria a libertação que o desencarne provoca para o espírito, recebe o que de complicado lhe é dirigido da Terra, como também as pesadas vibrações de ódio da parte dos espíritos de muitos daqueles que foram liquidados ou seriamente prejudicados de alguma forma, pela revolução bolchevique, e que não conseguiram, nem se esforçaram ainda, em perdoá-lo, apesar das supostas

boas intenções que, a princípio, motivaram as suas posturas políticas, visto que os atuais perseguidores têm motivos de sobra para não as aceitarem.

Pena que os médiuns atuais da Rússia não estejam conseguindo perceber o desesperado pedido de auxílio que o seu espírito, de há algum tempo, vem clamando. Para isso seria importante que cessassem o “culto de personalidade” que a todo instante o vitima, não lhe permitindo ficar em paz. O seu espírito não mais suporta conviver com homenagens que somente ressaltam os equívocos de algumas de suas atitudes, ao mesmo tempo em que recebe a afronta dos que foram vitimados por essas mesmas atitudes que dão margem a tais homenagens, continuamente recebidas ao longo do século XX.

Como seria importante se esse espírito pudesse receber o bálsamo da oração e do perdão alheio, o que somente será possível se os algozes espirituais forem ajudados de maneira a diminuírem a pressão incessante que exercem sobre o ex-algoz.

Trabalhadores da Espiritualidade, entre os quais Rochester, estão tentando elaborar uma maneira de contornar a complicada situação atual, pretendendo tornar possível a realização de uma “operação espiritual”, para que os laços magnéticos que ainda ligam o seu perispírito ao corpo embalsamado, possam ser cirurgicamente rompidos, e permitir assim, algum sossego espiritual aos envolvidos no problema.

Se disso pudermos retirar o ensinamento, ou ao menos, se fizermos a reflexão de que realmente colhemos aquilo que semeamos, já terá valido a pena o doloroso exemplo, somente citado por desejo expresso do espírito de Rochester. Como autor terreno, julgo ter entendido do amigo espiritual, as explicações referentes a uma certa estratégia implementada para que, por caminhos do aparente destino, nem sempre claros à nossa análise terrena, a solicitação aqui veiculada, possa chegar até aonde se espera, para possibilitar a ajuda ao irmão desencarnado que tanto necessita.

Nós, que estamos na carne, nem sempre sabemos medir o que realmente é conveniente para o nosso espírito. Se aqueles que se encontram em posição de vulto na Terra soubessem o peso cármico que provoca um simples dano que se venha a causar à sensibilidade espiritual de alguém, jamais se utilizariam do pretenso poder que têm em detrimento da honra e da paz alheias.

Precisamos entender que o homem é o sujeito da sua própria história, e nesse aspecto reside o maior mistério da sua existência.

Impor o jugo pessoal sobre alguém é atitude que aciona, para o espírito que assim se permite agir, uma pesada carga de débitos morais, que inexoravelmente será cobrada depois. Submeter-se ao jugo alheio, por comodismo espiritual, é postura que faz estacionar na ignorância improdutiva, adiando o imprescindível ingresso na escola do aprendizado, que renovadamente terá que repetir, até ao plantio do esforço próprio libertador, que conduz à depuração espiritual.

Deus, o Pai Amantíssimo, é o Senhor de toda a Obra da Criação e de todos os processos a ela inerentes, porém deu ao homem o poder de ser o deus da sua jornada pessoal pelo cosmo afora. E o pior – ou o melhor –, com o poder de interferir na vida do próximo, positiva ou negativamente, aspecto que Deus não se permite fazê-lo, pois nunca prejudicou a quem quer que seja. E eis o grande mistério do poder que é inerente ao homem: sobre o que foi criado por Deus, foi dado ao homem o poder de dirigir, de manipular, de ordenar o destino e até mesmo de aparentemente destruir.

O homem não tem o poder de criar o que Deus criou, contudo, tem o poder de destruir algumas expressões do que foi criado, e nesse aspecto reside um grau de responsabilidade que passa ao largo da apressada e superficial razão humana. Razão esta que desconhece essa responsabilidade, pelo simples motivo de não saber sequer, se Deus existe. Se existe uma justiça cósmica ou divina. Qual a origem do homem. Qual o significado da vida. Qual a função do ser humano na Terra, e se existe vida antes e depois da vida terrena.

Não satisfeito e sem saber absolutamente nada a respeito de coisa alguma referente a si mesmo e ao significado do universo que o envolve, o homem destrói o seu semelhante por motivos que, na verdade, nem ele mesmo entende. Se entendesse, seria a situação mais emblemática do que concebemos por loucura ou doença. Mas será que o homem tem conseguido se auto-avaliar, já que desconhece, quase que por completo, a si mesmo?

No entanto, já conseguiu desenvolver ao longo da História conhecida, com lamentável competência, todas as maneiras de fazer sofrer e de prejudicar o seu semelhante e, paradoxalmente, jamais usou de igual competência e desempenho, no desenvolvimento de questões referentes à evolução de si mesmo e do melhoramento do ser humano. Aliás, nem se preocupa com isso.

Essa preocupação é geralmente tida como “coisa” de filósofos, de religiosos e de sonhadores.

Para alguns, obviamente labutando na senda do erro, nem os religiosos e filósofos se enquadrariam nessa assertiva, porque somente os utópicos é que ainda acreditam, esperam ou se esforçam “inutilmente” pelo melhoramento do homem que “jamais virá”. Afinal, que tipo de natureza responde pela raça que somos, se somente os mais “capazes” – entenda-se, os mais ferozes, os mais predadores, os mais violentos, os mais espertos – conseguem vencer o desafio evolutivo? Se assim é, para que existir um Jesus, um Sócrates, um Gandhi? Esses “derrotados de sempre” que nem talento competitivo tinham para fazer frente aos mais violentos, já que sucumbiram diante de sua força e poder?

Será que estamos aqui nos defrontando com duas naturezas: a animal e a espiritual? Será que, na primeira, somente ganham os mais habilitados à destruição? E conforme a ótica da segunda, somente são vitoriosos aqueles que, paradoxalmente, agem durante as suas vidas de maneira oposta aos vitoriosos da natureza terrena, pois que jamais destroem, são ingênuos, perdoam sempre e amam até aqueles que lhe fazem o mal?

E quanto ao homem, será que pelo fato de ser, na sua expressão corporal, um animal, traz na essência química do seu corpo a tendência à destruição, e por isso, quanto mais violento, forte e dominador ele for, melhor será para ele? Será que é isso que devemos entender como sendo o significado da vida na Terra?

Mas o homem é, na sua realidade intrínseca, um espírito que pensa, que através da forma com que reage diante da vida – o seu psiquismo – envolve-se com as emoções e as sensações que determinam a explosão da química corporal que o predispõe ao sexo, ao conflito e ao medo. Se há algo que pensa no homem, e se é isto que o diferencia dos animais, não caberia a essa faculdade singular, diante da natureza terrestre, arquitetar exatamente o caminho oposto às tendências corporais para educar a sua natureza animal?

Se assim é, deverá ser por isso que alguns homens procuram, conforme a ótica do mundo, perder quando podiam ganhar, sofrer para evitar o sofrimento alheio, não esperar nada de ninguém preocupando-se somente em dar, expressando durante as suas vidas um aparente contra-senso, uma verdadeira violência com a sua aparente natureza animal?

Mas, se na Terra somente os mais egoístas e os mais espertos conseguem levar vantagem para sobreviver, conforme o jogo das leis que aqui imperam, como pode alguém pretender ensinar o contrário disso, ou seja, a bondade, a humildade e o amor? De que servirá tudo isso se, na

Terra, esses conceitos para nada valem, a não ser atrair todo o tipo de problemas para os que assim professam os seus valores de vida?

No nosso planeta, todos sabemos que somente os mais habilitados na arte da sobrevivência, ao custo da própria sobrevivência alheia, são os que vencem. No jogo da vida, da forma que o exercitamos, não é um mais um, mas sim, um ou outro. Se assim é, e de fato é, como podem Jesus e outros mestres, pretender que abramos mão da necessidade que temos de sobreviver?

Esses grandes instrutores da Humanidade desejam fazer com que cada homem melhore a si mesmo e que, apesar de viver na Terra, em um corpo transitório notadamente animal, esforce-se por perceber que, além disso, é um espírito eterno e que não pertence à natureza terrestre. Donde se conclui que, segundo o que advogam, a vida na Terra é só uma passagem para o espírito e, se este se degradar segundo as leis que valem para os corpos animais ditos “não-pensantes” da natureza terrestre, estará se vitimando naquilo que lhe é mais caro: na essência do seu próprio espírito que evolui conforme o arbítrio de outras leis, que não aquelas da natureza terrena.

As leis que valem para a evolução deste espírito são completamente inadequadas para quem vive na Terra, já que pregam o altruísmo e a solidariedade. Mas como ser altruísta e solidário se todo mundo ao redor é esperto, hipócrita, falso e violento?

É nesse ponto que reside o grande desafio existencial. Apesar de sermos espécies de deuses, por possuímos todos os atributos herdados do Pai e os termos marcados nos espíritos eternos que nós somos, ainda vivemos submetidos aos desígnios do psiquismo que criamos e adaptamos à natureza dos corpos animais que nos servem, sem conseguir exercer a soberania espiritual que nos é própria, sobre essa transitória condição terrena. Como ela, com as suas necessidades e com o primitivismo de suas vibrações, suplantou as nossas possibilidades espirituais, estamos, na atualidade, vivendo de maneira que nem sequer os animais, nossos irmãozinhos “não-pensantes” terrenos, ousariam, o que é lamentável.

Mas se somos espécies de deuses, por que estamos submetidos a esse tipo de vida animal?

Existem muitas explicações para isso, porém, todas elas enquadradas em questões de crença religiosa, já que a ciência ainda não logrou descobrir as explicações para o fato.

Como ficamos então? Mesmo sem saber de muita coisa, temos que viver. Enquanto vivemos em um mundo que defende e convida à barbárie, o que devemos fazer? Entregarmo-nos ao caos e com ele contribuir com as nossas atitudes mesquinhas, egoístas, violentas, a título de sobrevivermos, ou, pelo contrário, mesmo sabendo que “por aqui” não se há de ganhar muita coisa, simplesmente procurar viver acima das circunstâncias, amando quando muitos odeiam, dando quando muitos somente querem receber, perdendo as agressões para ser mais e mais agredido, como foi o caso de Jesus? Em nome de quê e por quê devemos fazer isso?

Temos as seguintes opções:

Opção 1: viver como até hoje vivemos, ou seja, entronizando a esperteza e a sordidez, quando necessárias, a nosso juízo, em defesa do que pensamos ou acreditamos, se é que, nesses casos, se pensa ou se crê em alguma coisa.

Opção 2: viver como nos orientam as religiões, porque acreditamos em Deus e na justiça divina. Mas se Deus não existisse, e muito menos uma justiça divina, como viveriam essas pessoas? Qual a convicção íntima e a concepção de vida que elas teriam? Se nada sabem, se somente assim vivem porque acreditam, qual a razão de ensinar aos outros a sua crença, se nem sequer sabem ser verdade o que acreditam? Que tipo de paz ou tranquilidade interior se pode ter, se, o que fazemos, o fazemos por acreditar, e não por saber se o que está sendo feito é o que de melhor se poderia fazer?

Opção 3: viver como nos orientam os mestres espirituais, porque, independente ou não da existência de Deus e de uma justiça divina, o que deve fazer bem para a minha conveniência pessoal é o que deve também ser importante para a dos outros, e isso é possível saber para além de tudo o mais. Seremos, portanto, o que desejamos ser, porque sabemos ser esta a melhor maneira de viver a vida. Assim fazendo, viveremos em paz com as nossas consciências, pois estamos fazendo o que de melhor podemos arquitetar para nossa própria felicidade.

À exceção do que consideramos loucura e patogenias das mais sérias, os seres pensantes da Terra costumam enquadrar as suas posturas psicológicas, que versam sobre o comportamento que têm na vida, em uma das três situações acima, e que procuramos analisar a seguir.

Vivemos feitos loucos, perseguindo os objetivos do mundo sensório, na busca da sobrevivência material, da vitória, do sucesso, da riqueza, do

poder, e de tudo mais que for produtivo para alimentar os critérios de valor do jogo do perde e ganha da vida terrena, completamente despreocupados com outras possíveis regras que possam incidir sobre as nossas vidas. Para conseguir tais intentos, tudo ou quase tudo vale, desde que ninguém saiba, porque somente no silêncio da calada da noite das ambições criminosas é que a torpe arquitetura dessas intenções é elaborada. Os que assim percebem a vida e o mundo, fazem convergir toda a energia que têm para atingir os seus objetivos.

Conforme a avaliação dos critérios de esperteza e de virulência da natureza terrena, os que perseguem esses objetivos, enquanto vida têm, serão tidos como os mais capazes. E como a ninguém é dado servir a dois senhores ao mesmo tempo, ao final de suas vidas, a parte que neles não morre e que se acostumou a agir da forma que agiu, fará o quê? Como estará? Para onde se dirigirá? Quem a poderá socorrer? Como prestará contas à sua própria consciência? Aqui se enquadram os que se vinculam à primeira opção.

Vivemos mais ou menos feitos loucos, o repetimos, perseguindo os objetivos do mundo sensório, porém preocupados se Deus e os santos existem ou não, buscando a sobrevivência material, fazendo parte do difícil jogo da vida terrena, inevitavelmente submetidos aos valores que ali imperam, mas se esforçando para não repetir as posturas e as atitudes dos que não crêem em Deus, e por isso estragam o mundo e a vida. Fazemos o que dizem ser certo sem, contudo, saber se de fato é correto ou não o que nos dizem ser certo. Infelizmente, mesmo percebendo que, de vez em quando, quem afirma que o que fazemos é o correto, faz coisas que nem mesmo nós faríamos. Mas, submetemo-nos aos ditames das religiões e das crenças porque Deus assim o quer. Mas será que Deus, Jesus e os demais santos, se estivessem vivendo na Terra, assim também o fariam, diante de tudo isso? Bem..., quando Jesus aqui esteve, procurou o seu próprio caminho e formulou uma nova maneira de viver a vida. Mas isso foi Jesus. Cabe-nos viver conforme Deus quer e o que Ele quer é exatamente que sejamos o que devemos ser para o bem das religiões, já que Deus criou as religiões pois, sem religião, como chegar até Deus? Assim pensam os que mais se vinculam à segunda opção, por acharem que somente as religiões institucionalizadas, e não as doutrinas morais e filosóficas, podem ajudar o ser humano a evoluir. Aqui podemos considerar os que vivem a segunda opção.

Vivemos sob permanente tensão com o estado de aparente loucura que a vida na Terra nos impõe, assoberbados com a sobrevivência material e atendimento às necessidades do corpo. Porém, preocupados com as necessidades da alma, pois, afinal, temos que possuir uma alma para poder sentir esta vontade de resistir aos convites que são tão agradáveis à natureza e ao psiquismo da nossa condição terrena. Talvez, por puro instinto de sobrevivência espiritual, os espíritos, disfarçada e discretamente, se auto-impeliram a procurar descobrir uma maneira de viver que suplante as necessidades dos corpos animais, cujos apetites grosseiros já incomodam à alma, única explicação que temos para não mais nos sentirmos felizes quando damos livre vazão aos instintos.

Talvez Deus exista, mas, mesmo que ele não exista, procuramos viver como se Ele existisse pois, mesmo que não seja conscientemente para Ele, a nossa vida será uma homenagem a quem nele crê, porque esforçamo-nos para viver como imaginamos que Ele gostaria, caso existisse. Contudo percebemos que homens de maior estatura moral que a média humana, testemunharam um lado da existência que transcende os valores que têm tornado a vida na Terra um processo insuportável de dor e de sofrimento. E o mais interessante: todos falaram na existência de um Deus Universal. E se eles sabem mais do que nós...

O nosso planeta está dessa maneira porque os que não têm um ideal, um sonho, uma utopia, um projeto de vida, uma crença honesta, um padrão sincero de conduta religiosa, é que a tudo dominam, pois se transformaram nos mais ferozes dentre as feras da natureza. Recusamo-nos a seguir os seus exemplos, já que o mundo está como está, por causa desses irmãos e irmãs tendentes à desagregação e ao domínio. Agindo assim, mesmo sem saber se Deus existe, mas da forma que sabemos, e se pudermos contribuir para que a dignidade, a ética e a virtude possam caracterizar a vida na Terra, então, no que estaremos falhando? Assim refletem os homens e mulheres de boa vontade, independente de tudo o mais.

Sabemos do aspecto simplório que envolve as opções aqui expostas. Mas tudo vale, no campo das boas intenções, para tentar despertar o ser terreno perante a responsabilidade intransferível que tem em administrar a sua própria vida.

A espécie humana precisa, primeiramente, ter consciência sobre o “x” da questão referente à arte da vida. Sem que saibamos ao certo em quê e

onde estamos flagrantemente falhando, jamais resolveremos os problemas pertinentes à falta de habilidade para bem viver.

Jesus costumava se referir ao fato das pessoas simples aceitarem o seu testemunho, o que não ocorria com os doutores da Lei. E isso era estranho, pois estes, por estarem melhor informados, deveriam mais facilmente perceber a verdade. Contudo, com base no orgulho intelectual que normalmente dificulta a evolução pessoal, os problemas do ego, têm também o condão de limitar o indivíduo à estonteante escravidão do brilho que pensam ter e a luz alheia sempre lhes incomoda, esteja ela personificada em um simples homem, em um mestre, ou mesmo, no caso de Jesus, em um avatar singularmente unido ao Pai Celestial.

Em certa oportunidade, pouco realçada pelos estudos evangélicos, porém de sublime importância para que se possa entender o que Ele veio fazer entre os homens, expressou-se da seguinte maneira:

“Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve.” (Mat 11, 28-30).

Jesus pretendeu nos ensinar a sua doutrina de vida. Solicitou-nos que prestássemos atenção à maneira como Ele mesmo testemunhava a sua prédica. Não se preocupou em nos deixar qualquer religião, mas sim, a sua doutrina, o seu modo de vida. Contudo, a partir do seu legado surgiu uma religião que, por questões institucionais, jamais conseguiu homenagear a doutrina de Jesus, a não ser através de exemplos individuais de alguns dos seus abnegados servidores.

Dessa forma, o que mais importava na missão do Mestre – o testemunho da sua própria doutrina de amor – sempre foi relegado a esparsas e heróicas demonstrações de fidelidade aos preceitos do amado Rabi.

À semelhança de Jesus, o que mais preocupou os grandes mestres que já viveram na Terra, foi também a necessidade de dar o exemplo pessoal através da própria vida, dos ensinamentos redentores que traziam consigo. Jesus, Buda, Lao-Tse, Confúcio e outros, jamais se preocuparam em fundar religiões, mas sim, em dar o testemunho da verdade que predicavam, apesar de saberem ser inevitável, em alguns casos, o surgimento posterior do aspecto religioso.

Os seres e espíritos da equipe que orientam os trabalhos desenvolvidos por este escrevente, já há algum tempo da presente convivência mediúnica, afirmam ser necessária a existência das religiões para mundos como o caso da Terra.

Isolados que estamos do intercâmbio cósmico desde há muito, e por isso, temporariamente impedidos de conhecer o que se situa além do horizonte das possibilidades da percepção que é própria a esta Humanidade, somente restou, aos campos da crença e da moral, servirem como pontos de sustentação ao desenvolvimento do homem. Daí a necessidade das religiões que, em tese, deveriam promover a evolução humana a partir dos princípios da filosofia, da moral, da crença em Deus e nos valores intrínsecos a essa atitude psicológica. Contudo, fizeram da existência de Deus o único motivo para impingir os valores de fidelidade formal, não aos compromissos assumidos pelo crente em relação ao Pai Celestial, mas antes, à obediência aos valores religiosos criados pelas organizações religiosas, o que implica em algo muito diferente.

Ocorreu, pois, que os próprios líderes religiosos, que se apoderaram do legado dos fundadores, deturparam, com as suas posturas, a prática educativa constante em todas as prédicas religiosas, o que vem acontecendo até os dias atuais.

Mesmo assim, com toda a sorte de equívocos inerentes à imperfeição humana, as religiões são necessárias para a evolução do ser terreno, no estado, digamos, primitivo, em que ainda se encontra. E o serão ainda por muito tempo, afirmam os mentores. O que deverá mudar, e para melhor, é a maturidade com que os fiéis professarão o credo de sua preferência. No entanto, eles mesmos nos informam que em mundos mais evoluídos, não existem religiões, porque são desnecessárias, se, tal como se passa entre nós, por religiões entendermos os processos filosóficos de cunho existencial que entronizam a crença em Deus – ou em deuses – como sendo o centro de tudo mais, até porque, nesses mundos, a condição intelectual das suas populações já permite que eles saibam e não mais precisem acreditar. Nesses casos, a postura íntima do ser diante da vida, do Universo, do Criador e do próximo, é que se torna religiosa, no sentido de “religada ou ligada” indissoluvelmente a todos esses aspectos inerentes à sua existência. Mas essa consciência somente se desenvolve, porque não é mais movida pela crença e sim pela razão esclarecida.

Porém, abordagens desse naipe costumam ferir os líderes religiosos que pretendem que suas igrejas estejam dominando o panorama planetário, por toda a eternidade, o que é lamentável. Os que assim agem, não têm a devida noção sobre a importância relativa e temporária das religiões para a evolução humana. Profundamente envolvidos com as benesses e os interesses advindos da administração do processo religioso, demonstram apenas superficialmente, o que, na verdade, deveriam ter como fundamental: testemunhar e honrar com as suas próprias vidas, o exemplo dado por aqueles a quem dizem seguir e adorar.

Com o surgimento dos atuais padrões científicos, erigidos gradualmente a partir dos últimos séculos, finalmente chegou, para a Humanidade – e com todos os riscos que isso implica – a possibilidade de também desenvolvermos as nossas potencialidades intelectuais, outro dos pilares que dão suporte à evolução das diferentes humanidades no cosmo. Entretanto, como ainda nos falta a devida condição moral e espiritual para bem cuidar desse progresso tecnológico, é que o processo de espiritualização do ser humano, promovido pelas religiões ou mesmo fora das suas jurisdições, há de ser urgentemente ofertado aos que vivem na Terra, pois, avanço científico sem a devida base moral e ética, normalmente tem se transformado em sinônimo de derrocada e auto-destruição.

Por isso, a Espiritualidade Maior vem procurando semear na Terra a importância do uso da razão e da consciência espiritual na construção das estruturas que sustentam a vida no planeta. Somente assim haverá o verdadeiro progresso harmonioso de todos os que aqui vivem. Este objetivo, até hoje, não foi devidamente compreendido, nem mesmo pelos que estão à frente dos movimentos religiosos institucionalizados, na medida em que realçam o acessório em detrimento do essencial.

E quase que a totalidade da nossa família planetária conforma-se com esse estado de coisas, na medida em que se submete, comodamente, porém a um preço terrível para a sua sensibilidade espiritual coletiva, ao jugo daqueles a quem elegem como sendo os seus condutores. Transferem para estes a responsabilidade e o trabalho que eles mesmos deveriam ter na condução das próprias vidas. E é aqui onde falha toda a Humanidade, já que se permite servir como massa de manobra aos interesses de uns poucos.

Submeter-se a alguma coisa, quando por gesto de humildade, é fator de evolução. Contudo, submeter-se por comodidade psicológica e por preguiça

mental de buscar o conhecimento necessário para poder entender a vida, é assassinar as potencialidades do próprio espírito.

Não é conveniente, portanto, para o exercício do nosso amadurecimento espiritual, conformarmo-nos, pura e simplesmente, com o mundo do jeito que está. Precisamos crescer, enquanto cidadãos planetários, e isso somente o faremos, quando despertarmos em nós mesmos a importância que cada ser humano tem no concerto da vida na Terra.

Precisamos sair da letargia espiritual que nos é imposta, pelos inúmeros convites ao conformismo perante os atuais valores que imperam no mundo. Se Buda, Jesus, Gandhi, Kardec e muitos outros, tivessem se conformado com a inevitável herança que todos recebemos dos paradigmas que nos rodeiam, se eles tivessem se submetido aos ditames dos conceitos vigentes, não teriam conseguido dar as suas contribuições para o progresso planetário.

Precisamos arquitetar sonhos, ideais, utopias, projetos de vida, o que seja. A Humanidade só se movimenta afastando-se da ignorância que a estagna, quando homens e mulheres fogem do trivial e criam e perseguem seus sonhos, seus ideais, suas utopias.

Atribui-se a Martin Luther King (1929-1968), uma bela passagem em que defende o direito ao exercício dos seus sonhos e dos seus ideais, afirmando que:

“É melhor tentar e falhar, do que ver a vida passar.

É melhor tentar, ainda que em vão, do que sentar-se nada fazendo até o final.

Eu prefiro na chuva caminhar, do que em dias tristes em casa me esconder.

Prefiro ser feliz, embora louco, do que em conformidade viver.”

Afastar-se da ignorância, através do esforço intelectual que é próprio a cada ser humano que pretenda evoluir, educar o ego com base na prática das doutrinas espiritualizadas herdadas de mestres como Jesus e Buda, não se conformando jamais, enquanto houver um só ser humano na Terra sendo desrespeitado na sua dignidade existencial, é padrão de conduta inadiável para todos os cidadãos deste mundo. Precisamos, sim, ter consciência disso. Urge que todos trabalhem para que essa consciência possa ser despertada.

Precisamos exercitar a ousadia de sermos bondosos em um mundo que nos convida à maldade.

O caminho da evolução espiritual na busca pelo Pai, é processo pessoal, único e intransferível. Desconhecer esse preceito cósmico é permanecer na ignorância. Conhecer-lo e não praticá-lo, é estagnar no império promovido pelo orgulho espiritual do ego doentio que limita o entendimento.

Tomemos a doutrina redentora e suave de Jesus, e a pratiquemos com toda a perseverança espiritual de que formos capazes. Afinal, o mundo nunca precisou tanto de pessoas que fujam ao trivial e ousem ser amorosas, esclarecidas e solidárias, que caminhando sozinhas ou em grupo, impregnem o ambiente, por onde passem, com a fragrância amorosa de suas vibrações.

DIVERSOS CAMINHOS

EM PLENO SÉCULO XX, por volta do ano de 1930, dos ambientes espirituais, alguns observadores acompanhavam o desenrolar dos acontecimentos.

Espíritos de escol – dentre eles os de João Evangelista e o de Paulo de Tarso – já haviam reencarnado para iniciar as suas tarefas de servir ao próximo, em nome do Cristo. Se, por um lado, o mundo já perdera, há algum tempo, um grande trabalhador na figura de Bezerra de Menezes, por outro começavam a reencarnar espíritos maravilhosos que iriam trabalhar nas lides mediúnicas, erigindo na Terra as obras encomendadas pelo Mais Alto, complementando – como de fato o fizeram – a codificação espírita.

Naquela oportunidade, o movimento espírita, já quase que transplantado para terras brasileiras, recebia constantemente novos trabalhadores que o engrandeciam com os seus esforços. Enquanto o movimento espírita brasileiro assim crescia, também os ambientes espirituais recebiam um mentor, cujo porte vibratório muito significaria para os trabalhos de assistência aos necessitados.

Os ambientes astrais próximos à Terra, especificamente as esferas mais influenciadas pelas pesadas vibrações dos que vivem no mundo dos encarnados, forneciam condições precárias aos espíritos trabalhadores que estavam desenvolvendo os seus esforços de auxílio. Além dos incômodos produzidos nas organizações espirituais daqueles que se aproximavam da esfera física, existiam também, as inevitáveis intempéries produzidas por um fluxo incessante de diversos bandos espirituais, ainda se digladiando por questões pretéritas. A revolução bolchevique, a primeira guerra mundial e os efeitos odientos de alguns processos de colonização, eram o combustível a provocar, nos ambientes espirituais próximos ao planeta, tantos ou mais conflitos que os que ocorriam comumente entre os homens.

A todo momento equipes socorristas se deslocavam nos céus planetários, atendendo ao mister caridoso da assistência aos desesperados e necessitados presentes nos ambientes espirituais.

Por ess a época, toda uma plêiade de trabalhadores descrita ao longo das páginas deste livro, já havia transferido os seus pares para os ambientes espirituais próximos aos rincões brasileiros, já que, quase na totalidade, aqueles espíritos iriam reencarnar nas terras do Brasil.

Era sabido que ali iriam ocorrer as principais lutas da última etapa prevista, antes do início do processo de reciclagem, pela qual iriam passar todos os espíritos encarnados e desencarnados congregados no orbe.

Na Terra poucos se preocupavam com esse fato, mas nos ambientes espirituais os espíritos mais esclarecidos sabiam que, inexoravelmente, quando fosse determinado pelo Mais Alto, viriam para as proximidades do planeta diversas equipes de seres cósmicos para, conjuntamente com os mentores da Espiritualidade, proceder à aferição vibratória de cada um dos bilhões de espíritos estagiando no orbe terrestre.

Objetivando esse fim, e dentro do planejamento da Espiritualidade, algumas regiões planetárias iriam servir como bases de irradiação dos frutos do esclarecimento que se mostrava necessário para que todos pudessem vislumbrar a importância da reforma íntima, única maneira de melhorar as vibrações pessoais com vistas à iminente aferição energética.

Dentre essas regiões, o Brasil, a China, a Índia, Portugal, Itália, Espanha, Israel, Angola, África do Sul, os Estados Unidos, a Austrália e o Japão, seriam aquelas para as quais convergiriam as equipes mais envolvidas com a última oportunidade de melhoramento íntimo que teriam os homens e mulheres da Terra.

No caso do Brasil, diversas cidades espirituais, espalhadas pelos “céus brasileiros”, começaram a receber, notadamente, os espíritos que ocuparam posições de vulto diretamente envolvidas com o Iluminismo, a Revolução Francesa – na sua maioria, reencarnações de ex-zelotes ao tempo de Cristo –, a era napoleônica, a primeira e a segunda repúblicas francesas, o projeto de Pestalozzi na Suíça, e o advento do Espiritismo na França, apenas para mencionarmos os fatos relacionados com o tema central deste livro, pertinentes ao projeto do Mais Alto que redundou na codificação espírita. Contudo, questões de compromisso referentes a problemas da guerra de Tróia, da época da crucificação de Jesus, dentre outros, estão ainda sendo desenvolvidos sob os céus do Cruzeiro do Sul, em finais do século XX e início do XXI.

Apesar do esforço de muitos, a penúltima investida das trevas estava somente começando. Quando as primeiras movimentações das forças nazistas estavam em curso, soavam, nos ambientes espirituais, os inequívocos avisos de sérios problemas em âmbito planetário a curto prazo. Tão sério foi o problema que a atenção de todos voltou-se para a

incomensurável quantidade de vibrações, seriamente marcadas pela angústia e inquietação, que começou a ser emanada da Terra.

Foram tempos difíceis.

Não fora a injeção de energia positiva no astral planetário produzida em decorrência do trabalho de Gandhi e Sathya Sai Baba na Índia e de outros trabalhadores do Alto que residiam em diversas regiões da Terra, e o caos espiritual poderia ter se estabelecido por muitas décadas em torno do planeta.

O ser humano não imagina, sob certos aspectos, o poder que as vibrações emanadas por um espírito encarnado tem, de interferir nos ambientes espirituais mais próximos à Terra. Imaginemos um ambiente fechado, onde alguém sistematicamente deposita as vísceras de animais que, com o tempo, vão apodrecendo. Esse processo continua de forma ininterrupta até que o local é completamente envolvido com o odor desagradabilíssimo que ali se mantém impregnando o ambiente, mas que poderá também ser sentido a grande distância do local, mesmo depois de retirado o material putrefeito. No modesto exemplo, a pessoa que vibra de maneira doentia, com pensamento de ódio, vingança e afins, corresponde exatamente àquela que despeja as vísceras, enquanto que o nauseabundo odor pútrido que se propaga, corresponde ao tipo de vibração que acomete, em geral, todo o astral planetário, mas de forma mais intensa é sentida nos ambientes vibratórios mais próximos à crosta.

Enquanto durou a Segunda Guerra Mundial, o astral planetário encontrava-se em uma situação vibratória difícil de ser externada através de palavras, sem que venhamos a chocar o leitor.

O problema era tão asfíxiante que muitos espíritos socorristas eram vitimados nas suas organizações espirituais, pelo fato de estarem se dedicando a recolher verdadeiros despojos perispirituais de recém-desencarnados, perecidos nas odientas lutas terrenas, promovidas pela ignorância desmedida de muitos que se congregam em torno de ideais estéreis e criminosos, com os quais se afinam as suas almas doentes. Sintonias dessa natureza normalmente produzem verdadeiras hecatombes morais na Terra.

Com o fim do conflito, começou uma outra etapa na difícil tarefa de assistir, de maneira mais concreta, aos desencarnados, pois durante a guerra, não houvera oportunidade para tanto. A quantidade de problemas foi de tal

forma superlativa que não havia trabalhadores espirituais em quantidade suficiente para a tarefa solidária.

Dessa maneira, por volta do que no calendário terrestre seria o malfadado início da chamada guerra fria, em ambiente espiritual próximo a Portugal, alguns grupos de espíritos estavam se reunindo com os seus respectivos mentores, por ali estar ocorrendo um outro conclave – em menores proporções – das forças religiosas do mundo. Naquela oportunidade era analisada a possibilidade de ainda se fazer algo, para amortecer, ou mesmo suavizar, a preocupante decadência vibratória que estava vitimando a muitos membros das famílias espirituais situadas na vanguarda das lutas libertárias do contexto terreno.

Enquanto eram desenvolvidas abordagens específicas referentes a algumas regiões do globo, os espíritos de Kardec, Judas Iscariotes, Zacheu, Pestalozzi, Pôncio Pilatos, dentre outros, procuravam, com a ajuda dos que iriam permanecer na Espiritualidade, ajustar as suas próximas encarnações aos fatos que estavam sendo determinantes, e influenciariam a segunda metade do século XX.

Além destes, toda uma leva de espíritos formada de ex-discípulos de Jesus, diversos soldados romanos e outras personalidades romanas e judaicas da época do Mestre, em especial os dois que foram crucificados ao seu lado como ladrões, já começavam a reencarnar em terras brasileiras, processo este que se seguiria até aos últimos anos da década de 60.

Ao final do conclave, que conseguiu redefinir o rumo de certos acontecimentos, em especial, no seio da igreja católica, no movimento espírita, nas ciências de todo o mundo, e especificamente no campo artístico do mundo ocidental, os grupos de trabalhadores espirituais se dispersaram de acordo com as necessidades de atuação no mundo, no concernente às próximas reencarnações.

Um pequeno grupo, entretanto, formado pelos espíritos de Kardec, Judas, Zacheu, Pestalozzi e Ramatis, foi abordado por Bezerra de Menezes, que avisou-lhes do desejo manifestado por duas entidades, José – pai terreno de Jesus e Lucas – o Evangelista, em se avistarem com todos. Para esse fim, eles já se encontravam projetados em um dado ambiente espiritual próximo ao nordeste brasileiro, para onde o grupo já descrito, acrescido de uma grande quantidade de espíritos que ainda não haviam reencarnado, imediatamente se dirigiu.

Após as saudações iniciais, José e Lucas começaram a apresentar a cada um dos espíritos amorosamente convocados, as orientações que traziam consigo e que lhes haviam sido repassadas diretamente pelo Mestre Jesus, quanto às futuras encarnações. O interessante é que, com o desenrolar dos acontecimentos, muitos dos que já estavam reencarnados – na medida em que o tempo corria no globo terrestre – e que se encontravam momentaneamente desligados durante o sono corporal, ali chegavam trazidos por outros irmãos espirituais para também receberem a orientação do Alto.

Estavam ali reunidos todos os espíritos que se encontravam reencarnados na mesma região geográfica à época em que Jesus esteve na Terra e que ainda não haviam se libertado do ciclo das vidas transitórias terrestres.

Foram momentos emocionantes em que se percebeu, sem que ninguém o soubesse como, que o Mestre Jesus, de onde se encontrava, acompanhava a cada um e a todos, não apenas naquele momento nem só em relação àqueles espíritos, pois o fato aqui descrito não aconteceu somente para este grupo. Realmente começou com o grupo aqui referido, porém, pelo que informou a Espiritualidade, todos os espíritos que se encontravam reencarnados ou prestes a reencarnar e possuíam um mínimo de condição para aproveitarem conscientemente aquela injeção maravilhosa do estímulo dado pelo Mestre, foram recebendo aquelas graças em um intervalo de tempo que corresponderia às décadas de 50 e 60 no fluxo temporal da Terra.

José e Lucas iam expressando abertamente, para toda a assistência, os casos individuais dos que ali estavam presentes, pois que, nos ambientes espirituais não há a máscara corporal para esconder a realidade íntima do espírito, o que permite tratar das situações particulares diante da grande família espiritual, desde que o espírito tenha o necessário suporte para tanto, o que nem todos têm, e por isso nem todos possam participar de eventos desse tipo.

Especificamente no que se referia ao espírito de Kardec, este estava sendo avisado, com detalhes, das próximas duas vidas que teria para concluir a tarefa que lhe fora encomendada pelo Mestre Jesus.

“Houve por bem o nosso amado Mestre, ó Kardec – começou a dizer José – encomendar-te o concurso para a realização no mundo ocidental, da tarefa que, a nosso juízo, tão bem iniciaste. Os frutos produzidos já saciam a fome espiritual de centenas de milhares de encarnados e grande será a

colheita esclarecedora dos próximos séculos. O rigor moral com que te posicionaste diante dos fatos, conduziu-te à exata posição dos que percebem a si mesmos como simples instrumentos da misericórdia do Alto, o que é raro de se fazer na condição terrena. Porém, o fizeste da melhor forma possível e em nada te arvoraste, a não ser à função de modesto trabalhador no campo das boas intenções, acreditando servir aos altos propósitos do Mestre Jesus, no que estás certo. Doravante a tua postura servirá de exemplo, como já o está sendo, para muitos que te queiram seguir as pegadas na busca incessante da verdade, sem personalismos de nenhum tipo. Louvados sejam o teu empenho e o serviço prestado aos interesses do Alto.”

“Como o sabes, além desta tarefa, outras te esperam nos momentos atuais, marcadamente de transição, pelos quais passa o globo terrestre. A exemplo do que está ocorrendo com muitos outros trabalhadores que, estimulados pelo Alto, conceberam um conjunto de reencarnações para serem efetuadas entre os séculos XIX e XXII, altura em que, se estima, a Terra já estará plenamente reintegrada à vida Universal, também assim procederás, além de muitos dos que aqui estão.”

“Ontem apresentaste ao mundo as primeiras páginas da revelação espiritual. Mais um pouco e estarás novamente na Terra formulando os primeiros alicerces de uma outra revelação, durante a qual, os “anjos” do Senhor abrirão as portas da Terra para que por elas possam adentrar no contexto terreno, as realidades celestiais, de há muito desejosas de tornar a fazê-lo, retomando o curso normal da coexistência da grande família Universal. Em teu tempo muito será esclarecido e os mistérios não mais serão assim considerados, porque finalmente serão elucidados para os que vivem na Terra. Seremos nós – dirigindo o olhar para Lucas – que com outros irmãos celestiais, acompanhando o Mestre dos Mestres, iremos ter contigo e com todos os que estiverem na carne, no grande e inesquecível dia da renovação prometido pelo Mestre.” (“Em verdade vos declaro: no dia da renovação do mundo, quando o Filho do homem estiver sentado no trono da glória, vós que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.” ; Mat 19, 28, referência do autor).

“Realizados os primeiros passos do retorno à convivência com as outras moradas celestes, aí sim, estás convidado a retornar às lides carnavais para realizar a grande tarefa pedagógica, necessária à edificação do suporte moral no íntimo do ser humano, para que se possa lidar com o progresso

material em níveis jamais imaginados. Se na primeira contaste com a ajuda de alguns, nas duas próximas terás a companhia de outros trabalhadores que te seguirão no apoio estratégico aos interesses do Mais Alto, apesar de que continua sobre os teus ombros, a suave carga da responsabilidade moral do compromisso assumido com o Cristo.”

“A exemplo do que está ocorrendo no Ocidente, também nas terras do Oriente está em curso processo semelhante, e que conta com um número de trabalhadores bem mais significativo do que os que tiveram condições de estar disponíveis para o trabalho no mundo ocidental. As injunções cármicas, a pressão das forças trevosas que não têm interesse no progresso, os apegos profundamente realçados pelo desespero desta última hora que força a certos trabalhadores produzirem em âmbito menor, preocupados em evitar o exílio para seus afetos espirituais, e mais ainda, o atordoamento que é normal a todo momento de transição, tudo isso contribuiu para que os projetos a serem executados no Ocidente, contassem com uma quantidade menor de trabalhadores. Este aspecto há de ser superado pela qualidade e pela eficácia na consecução das tarefas.”

Voltando-se para o espírito de Pestalozzi, assim dirigiu-se José: “Deixaste no mundo a marca do teu testemunho pedagógico e de tua honra pessoal no trato com as questões referentes à vida humana. Como bem acordaste com os mentores de tua jornada ascensional, retornarás ao tempo do espírito que te é caro – referindo-se ao seu amigo espiritual Kardec – em ambas oportunidades, para te dedicares ao projeto que tão amorosamente acalenta na tua alma, visando a educação de todos. Como no passado, trabalhareis juntos pelo bem-estar da Humanidade.”

E assim, José dirigiu-se a quase todos os que estavam ali presentes, somente não o fazendo com os que não iriam encarnar ou, em casos especiais, onde não era requerida aquela atitude.

Quando vivemos na Terra, sem dispor de maiores conexões com o que se passa nos ambientes espirituais, costumamos criar um véu psicológico que nos impede, até, de imaginar como a vida pode se expressar em condições diferentes daquelas a que terminamos por nos acostumar durante a transitoriedade terrena. Devido ao processo reencarnatório, uma parte, digamos, “limitada e periférica” da mente espiritual, a que o ser encarnado pode acessar conscientemente – e assim nos expressamos por dificuldades de linguagem – passa a constituir o seu “centro pensante”. Em sua associação com o cérebro físico, constitui o que grosseiramente

chamaríamos de “mente física”, instrumento através do qual o espírito se manifesta temporariamente no plano físico terreno, mas que, se por invigilância não for convenientemente adestrada, adequará os aspectos da realidade maior às suas limitações perceptivas e, a partir daí, a vida terrena, apesar de modesta e rápida, será tida como o máximo que se pode ter, sendo o resto, simples elucubrações místicas de pessoas iludidas que, por não encontrarem maiores razões para “viver a vida como deve ser”, em uma espécie de hedonismo constante, formulam possibilidades infrutíferas e ilusórias, já que incapazes de serem aferidas.

Triste ilusão do materialismo da mente física, destituída de maior capacidade perceptiva para, ao menos, vislumbrar um pouco além do horizonte terrestre. Os que na atualidade ainda se abraçam aos valores puramente materialistas, o fazem por absoluta incapacidade de modificar a visão que têm das coisas, da vida e do mundo que os cerca, no que estão corretos, já que ninguém pode enxergar o mundo com outros olhos que não os seus. Afinal, não há nenhum problema em se ter uma postura materialista, até porque este aspecto do psiquismo humano não implica em tendência ao bem ou ao mal. Contudo, os que assim se definem, se não construírem “os espaços mentais” para a compreensão do novo, pois ciência, política, religião, arte e espiritualidade estão cada vez mais fazendo convergir os seus postulados para dignificar a vida humana na Terra, estarão assumindo uma posição existencial de contra-mão em relação ao que eles mesmos entronizaram, como sendo o foco de suas vidas: o próprio progresso.

Por se sentirem senhores de suas próprias existências, deveriam se deixar sensibilizar pelo testemunho que dão para si mesmos, de um certo vazio existencial que, de vez em quando, lhes domina o tirocínio, visto que procuram, procuram, e nada acham além do que costumam encontrar no seu cotidiano. Contudo, se conseguirem sobrepor-se ao egoísmo, ao desamor e procurarem viver com dignidade, de maneira a só fazer aos outros aquilo que gostariam que lhes fosse feito, independentemente de acreditarem nisto ou naquilo, estarão melhor situados em relação aos fatos que estão por vir, do que muitos que crêem em Deus, mas que descuidam de crer em si mesmos como agentes transformadores do mundo, preferindo entregar a administração de suas vidas a quem não consegue, sequer, cuidar da sua própria.

Religiosos há, profundamente vinculados a alguns credos, e porque assim o permitem, infantilmente manipulados dentro de certos limites, que mesmo acreditando em Deus e, apesar de ignorantes quanto aos aspectos das realidades espiritual e cósmica, esforçar-se-ão para que o conjunto de suas crenças não venha a implodir diante das novidades dos tempos que já se avizinham. Superados os “primeiros assombros”, darão curso às suas vidas, sendo aqui e ali atropelados por fatos que não compreenderão, mas que, com a honestidade moral que os caracteriza, movidos que são por suas nobres intenções, hão de encontrar a devida sustentação para os seus passos evolutivos.

Os espiritualizados, ligados ou não a qualquer credo ou doutrina, serão os trabalhadores mais efetivos da primeira hora do terceiro milênio, com habilidade espiritual necessária para esses tempos, onde todas as coisas serão renovadas. Felizes os que vêm se preparando, desde há muito, para o mister esclarecedor pelo progresso de todos os que vivem na Terra.

Porém, aí dos eternos doutores da lei, prenes ainda do fermento farisaico que, sob a capa da hipocrisia promovida pelo pretenso saber intelectual, de há muito impedem o progresso moral do mundo. Ai destes que, mesmo elegendo a Deus como o motivo maior de suas vidas, infernizam a sensibilidade dos que lhes estão próximos ou dos que a eles não se submetem. Assim o fazem porque perpetuam-se como atores da ultrapassada peça do culto ao poder ditatorial. Apoderam-se das idéias alheias, desprezando os ideais que elas representam. Assim foi com o legado de Jesus e com o de muitos outros. Se assim continuarem a macular as suas posturas pessoais, serão os grandes adversários dos novos tempos. Porém, não mais terão o poder de relegar a vida humana para o papel com que atualmente se encontra investida: o de um mero brinquedo por entre as manipulações das elites mundiais.

Há ainda os homicidas, os ladrões, os traficantes e tudo o mais que possa existir como agente do sofrimento e do terror sobre a face da Terra, que tão perdidos estão no usufruto das suas próprias loucuras, que mal se apercebem da função do ser humano e do significado da vida. São irmãos nossos que, a exemplo dos animais feridos, não permitem ser ajudados e fazem sofrer a quem deles se aproxima, mesmo com boas intenções. Tão feridos e perturbados estão, que restringem as faculdades de suas próprias essências espirituais, por força do treloucado processo de ativação dos seus instintos doentios, sem freios morais de nenhuma espécie.

Sob a ótica celestial, esses espíritos doentes formam a massa de manobra sobre a qual, de há muito se impõe o jugo de forças mentais poderosas, sustentadas na hipocrisia dos que se julgam senhores da Terra, esquecidos da existência de uma justiça maior, pertencente aos contextos espiritual e cósmico e que a tudo envolve, mas não percebida por impedimento da organização sensitiva da mente física. E por não ser percebida, pensam ser inexistente. Ledo engano, mas que perdurou por centenas de milhares de anos, o tempo exato em que esses espíritos conseguiram construir um verdadeiro império das trevas, mas que ora sucumbe à vitória da luz, do esclarecimento e do amor.

Os que assim ainda se aprazem, simplesmente não mais nascerão na Terra, caso não se renovem verdadeiramente, enquanto ainda têm o concurso do tempo. Como muito bem interpretou Edgard Armond, no livro *A Hora do Apocalipse*, estamos todos tendo a oportunidade, antes do grande julgamento geral, de nos definirmos diante do “Livro da Vida”, para que se possa consumir a posição de cada ser que vive na Terra: a de se filiar ao bem e aos nobres ideais ou permanecer tendente ao mal e à desagregação, em outras palavras, a de aqui permanecer ou de ser exilado para outros mundos.

“O injusto faça ainda injustiças, o impuro pratique impurezas. Mas o justo faça a justiça e o santo santifique-se mais ainda. Eis que venho em breve, e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras.” (Apocalipse 22, 11-12).

Na verdade, estamos vivendo – ao tempo em que este livro está sendo escrito – os últimos instantes deste período em que temos ainda a oportunidade de redefinir, se for o caso, o rumo equivocado das nossas atitudes. Se não o fizermos, e eis que o tempo previsto para esta última chance está próximo de se extinguir, estaremos ombreando com aqueles que, dos ambientes espirituais, estão sendo levados para outros mundos, para aprenderem lá, o que não o lograram fazer após tantas vidas na Terra, e isso em novas condições existenciais mais primitivas, mas adequadas ao seu primitivismo espiritual.

Assim, retornando à época em que ocorreu o encontro em ambiente espiritual próximo a Portugal – anterior ao do ocorrido nos ambientes espirituais do nordeste brasileiro –, por volta dos anos cinqüenta, do século XX, os focos trevosos estrategicamente edificadas na Terra, eram observados com preocupação, pois, na análise dos mentores espirituais,

todas as religiões, a política mundial e o campo das artes em geral, seriam os próximos setores da vida terrena a sofrerem a incursão de equipes trevosas muito bem adestradas na disciplina da desagregação. Daí os tentáculos da sementeira das trevas se espalhariam pelos outros campos da vida humana.

O orgulho intelectual elaborado pelo jesuitismo na Idade Média, iria agora penetrar no seio do movimento espírita. O mercantilismo obscurantista, tão longamente treinado pelos ambiciosos de todos os tempos, seria, com a encarnação dos seus melhores expoentes, a tônica de igrejas protestantes que previsivelmente iriam atuar nas últimas décadas do século XX. Grupos de poder que jamais conseguiram se desvincular da sua atração irresistível, iriam novamente mergulhar na busca desenfreada, pela dominação do palco terreno, atuando no seio das grandes organizações como também no das nações. A conduta sexual irresponsável, junto com os vícios de toda a sorte que foram de maneira inconseqüente vivenciados ao longo da história pós-helenista, seriam, sob o epíteto da modernidade, testemunhados por ídolos e senhores de uma nova cultura de massa que poderiam vitimar as gerações futuras no campo das posturas psicológicas.

Diante deste quadro, os espíritos de Kardec e de Rochester costumavam trocar idéias, à medida em que iam sendo informados das possibilidades quanto ao porvir.

Em certa oportunidade, referindo-se ao que havia sido informado quanto às encarnações sucessivas de muitos espíritos durante os séculos XIX, XX, XXI e XXII, Rochester dirigiu-se a Kardec dizendo: “Pelo que tenho percebido, somente uns poucos estão conseguindo perceber as reais intenções com que criastes o Espiritismo. Será que também este há de sofrer reformas como no passado sofreu o Catolicismo?”

“Creio que não!” – respondeu Kardec – “O que se reformaria? O curso do movimento?” – indagou por sua vez.

“Não vejo objetivo em nada disso – continuou – até porque, com o Catolicismo e com o Protestantismo ocorreram problemas não só de curso como também de conteúdo, o que não é o caso do Espiritismo e nem o será jamais. Para que se reformar o rumo equivocado de um movimento se a sua essência persiste, enobrecendo os passos esclarecedores dos que sinceramente a ela se afiliam. Por outro lado, será que se mostraria possível fazê-lo nas atuais circunstâncias? O problema que a todos nós entristece, é o realce equivocado dado ao aspecto religioso, em detrimento da vivência

pessoal que visa despertar a maturidade emocional e espiritual diante da vida. Por mais acentuado que venha a ser o equívoco na ênfase religiosa, se assim continuar o movimento espírita, este sofrerá o mesmo que os outros movimentos religiosos da Terra sofrerão: em tempo breve serão tidos como de pouca importância, pelas gerações mais esclarecidas de espíritos que começarão a nascer no próximo milênio.”

“A codificação haverá de ser lida, como igualmente o serão as Sagradas Escrituras dos outros segmentos, já que neles repousam todo o saber espiritual que formam o patrimônio religioso da Humanidade. Como toda a fonte de água cristalina, a codificação fará derramar os seus esclarecimentos sem que, contudo, haja a viciada vinculação psicológica que produz os mal percebidos grilhões da fidelidade de culto, que acabam atendendo muito aos interesses das elites religiosas terrenas, mas não necessariamente aos do Mais Alto. Infelizmente, tenham consciência ou não, é exatamente esse aspecto menor – o da conversão – o que pretendem os religiosos extremados, que, sob o pretexto de defenderem a religião que abraçaram, estão, na verdade, dando livre vazão ao orgulho espiritual que lhes é próprio. Mas, sobre esse aspecto, as gerações futuras terão o necessário discernimento, para não se deixarem levar pelas dificuldades do que é acessório, pois farão convergir as suas energias para o essencial.”

“Entendo – interrompeu Rochester – que nada farás na tua próxima vida para reformar o Espiritismo?”

“E nem para fortalecê-lo, nos moldes em que continua a se desenvolver, com o realce do aspecto religioso em detrimento dos demais. Entretanto, tudo farei para associar-me aos espíritas na divulgação dos ensinamentos da codificação, como também os que ora lhes estão sendo acrescentados com toda propriedade, e que será benéfico para toda Humanidade.” – assim expressou-se Kardec porque, por aquela época, diversos médiuns, em especial nas terras brasileiras, começavam a produção de obras magníficas em complemento à codificação.

“Ao que sei, já estão definidas as linhas gerais da tua próxima vida. Serás espírita?” – perguntou Rochester.

“Não sei. Pelo que hei de fazer, creio que dificilmente o serei, apesar de que, forçosamente, travarei contato com a codificação. Pelo menos assim está disposto no meu programa. O que daí decorrer, pelo que estou informado, o será por conta do discernimento que me for próprio, conforme as circunstâncias, pois não posso esquecer que oponentes ao trabalho que

ora abraço, lá estarão me esperando na tentativa de dificultar o desenrolar dos acontecimentos.”

“Estes, sei que não te causam problema, ó Kardec. Pelo que tenho percebido, são os que conquistam a tua afeição – e eis que quem de ti se aproxime é sempre brindado com tua benevolência – que te causam problemas. Até porque, é sobre eles que as trevas atuam, para atrapalhar os teus passos. Estimo-te verdadeiramente e por isso solicitei não reencarnar, pois sei, se lá estivesse, mesmo muito te estimando, seria um dos que seguramente te atrapalharia os passos. Por aqui fico procurando ser útil no que puder.”

“Preocupa-me o fato de que até agora, a tua tarefa na França não tenha sido de todo entendida. Ora, se nem o passado recente foi compreendido, como irão entender a tarefa a que te propões? Serás reconhecido?”

“Não consta no meu programa a perspectiva de ser entendido ao tempo de minha próxima vida, e muito menos de ser reconhecido, já que em nenhum desses aspectos reside alguma importância. Sabemos como as coisas se processam na Terra. Não seria diferente no meu caso, e disso estamos cientes. Contudo, ao que sei, durante o desenrolar da minha próxima vida, há de se cumprir o maior dos mistérios da Humanidade: a comunhão com os nossos irmãos que vivem fora do contexto terrestre. Nesse processo, outras vontades definirão também o curso dos acontecimentos terrenos, o que poderá implicar em conseqüências que fogem ao meu pretenso controle, se é que o tenha sobre alguma coisa.” – respondeu Kardec algo sorridente.

“Creio que estás enganado, ó Kardec. Sempre és de uma simplicidade de análise assustadora, quando o foco és tu próprio. Para a tua bagagem espiritual, não é de bom tom essa característica.” – disse-o, também sorrindo, Rochester, que logo aduziu:

“Pelo teu temperamento, e por saber que a tua missão é de âmbito planetário, mesmo que venhas a enveredar pela tradição religiosa da tua próxima família terrena, serás sempre um espírito livre de grilhões seja com o que for. Está previsto também que, desde cedo, pelo que sei, serás envolvido por forças espirituais que te chamarão à atenção para os aspectos deste lado da vida; eu mesmo estou escalado pela obrigação moral que tenho em te ajudar, para que, caso falhem as outras alternativas, ou mesmo que venhas tu a vacilar com as tuas atitudes terrenas, serei eu a romper o

que tiver que ser rompido, para que muito cedo possas despertar e desenvolver os trabalhos previstos.”

“Como o sabes, há o fator da minha estima por ti do qual é impossível te desligares e que te acompanhará sempre que necessário. Por isso, garanto-te, ó Kardec, que as primeiras páginas da tua próxima passagem na Terra não serão da forma que pensas. Quanto às últimas, concordo contigo, já que estarão sob a égide da atuação da equipe do Mestre que por lá estará trabalhando, obedecendo a outras conveniências pedagógicas que, seguramente, hão de tornar pouco importantes as tuas conveniências pessoais, caso existam.”

“Desvinculado de maiores preocupações religiosas, estarás livre para atuar conforme as circunstâncias que te venham a rodear. Será até mais fácil, sob esse aspecto, já que a tua quase doentia preocupação com a pureza das informações constantes na codificação espírita, forçou-te a não explorar, no grau que desejavas, certos aspectos dos temas que urgem ser esclarecidos. Despreocupado quanto a isso, poderás tratar desses assuntos com a abordagem que te for própria, quando ocorrerem os fatos. E lá estarei contigo, a te ajudar, pois bem o sabes que, entre os muitos espíritos evoluídos que te prestarão o concurso de apoio estratégico, haverá um que, por não ter porte vibratório para grandes empreendimentos, será útil para ti nos comezinhos deveres e tarefas do teu cotidiano. Prepara-te, pois poderei vir a ser um fator importante na tua próxima vida.”

E muitas foram as intermináveis conversas entre aqueles dois amigos e parceiros espirituais. Firmados na profunda afinidade que os une, vêm, através dos séculos, trabalhando pela redenção da Humanidade.

Dessa forma, já haviam passado por diversos caminhos do longo aprendizado da vida na Terra. Mas tudo o que haviam vivido, era um nada diante do que haveriam ainda de viver, eles e todos os demais que estão congregados neste orbe, já que, a partir do século XX e, em especial do século XXI, a componente extraterrestre, de maneira irreversível, haverá de fazer parte do cotidiano planetário, abrindo um novo horizonte, diante do qual, o maior sábio da Terra atual seria um simples e modesto aprendiz.

OS AVATARES

EM TODOS OS períodos de grandes tribulações, aparecem na Terra avatares enviados pelo Mais Alto. No Oriente, este conceito é por demais conhecido, e poucas são as pessoas que ali vivem, mesmo sem maiores condições culturais, que não saibam do que se trata.

No Ocidente, entretanto, somente nas últimas décadas do século XX é que foram popularizados os conhecimentos referentes a essa classe muito especial de “enviados dos céus”.

A pedido dos mentores espirituais é que tentaremos abordar – com as inevitáveis limitações que nos são próprias – o presente tema que precisa ser urgentemente entendido pelos que vivem no Ocidente, para facilitar a tarefa de alguns irmãos e irmãs muito especiais que estão para nascer na Terra, após os primeiros passos do processo de reintegração do nosso planeta à convivência cósmica.

Na verdade, conforme afirmam os mentores, já existem em desenvolvimento na face da Terra, planejamentos distintos de atuação de alguns avatares, cada um no seu nível de atuação.

Enquanto este livro está sendo escrito, conforme o que julgamos ter tido a oportunidade de ser informados, após um longo processo de análise e de vivências pessoais de nossa parte, existe um singular avatar, encarnado na Índia, conhecido como Sathya Sai Baba. Sua vida e obra ainda estão longe de serem entendidas, seja por quem a ele se sente vinculado ou mesmo pelos seus inevitáveis detratores.

Esta afirmação que ora faço e os possíveis problemas e os riscos decorrentes da mesma, correm por conta exclusiva da minha vontade pessoal, sem que para isso tenham interferido os espíritos – estes apenas solicitaram que o assunto “avatares e educação espiritual no Oriente” fosse abordado, se as minhas conveniências enquanto autor terreno o permitissem. Contudo, diante das vivências pessoais de caráter espiritual que tive em relação a Sai Baba – apesar de jamais ter me encontrado com ele na vida física, pelo menos até a data em que este livro está sendo escrito – obrigo-me, moralmente, na medida em que sei estar pisando no chão terreno, um ser especialíssimo, a afirmar clara e objetivamente a sua excelsa origem espiritual que tive a grata satisfação de perceber.

Os espíritos que usualmente têm orientado meus trabalhos mediúnicos, por saberem das dificuldades e dos receios que as pessoas normalmente têm na Terra em registrar qualquer reconhecimento a outrem, pelo que pode vir a ser demonstrado de negativo no futuro, nada me pediram quanto a enaltecer o trabalho de Sai Baba, o repito. No entanto, percebo a alegria que marcam suas vibrações, pelo fato deste autor terreno ter decidido assim proceder, o que faço com absoluta tranquilidade.

Faço-o, também, por ter percebido o que se encontra registrado nos anais da Espiritualidade em relação ao desassossego espiritual que passou a caracterizar a muitos espíritos que viveram na época de Jesus. Ao desencarnarem e serem cientificados de que aquele Homem que havia sido crucificado, representava na Terra a quem chamamos de Deus, perceberam o quanto haviam perdido por não ter procurado conviver, aprender ou simplesmente observá-lo, nem que fosse de longe, enquanto Ele estava entre os homens e mulheres da Terra. O espírito que anima este escrevente foi um deles.

Atordoados pelas coisas do mundo, às vezes nos inabilitamos para perceber, ao nosso redor, a torrente de trabalhos singulares que estão sendo desenvolvidos por pessoas muito especiais. Sai Baba é especialíssimo. Por isso, obrigo-me a fazer esta observação, que espero, se a alguém servir, possa despertar ao menos a curiosidade de procurar melhor se informar a seu respeito.

Mas, o que é um avatar?

Conforme rezam as tradições esotéricas hindus, são manifestações da Divindade através dos homens. Swami Vivekananda ensina que “Mais elevado e mais nobre que os comuns é um outro grupo de Mestres, os Avatares de Ishwara. Eles são os Mestres dos mestres, as manifestações mais elevadas de Deus através dos homens.”

São descidas à Terra que o Senhor faz, de tempos em tempos, para ajudar o progresso humano. O próprio Sai Baba diz: “Você tem que pular na água para salvar quem está se afogando.” É mais ou menos isso que os grandes avatares fazem, já que não mais necessitam de nascimentos nos aspectos mais primitivos da existência cósmica. Contudo, há os avatares menores ainda necessitados, sob certos aspectos das leis evolutivas, de experiências nos muitos níveis existenciais.

Tanto o Hinduísmo como o Budismo ensinam a doutrina das muitas “encarnações de Deus” que já ocorreram na face da Terra. Os avatares

maiores como Rama, Krishna, Buda e Jesus, que com os seus legados influenciam todo o contexto planetário, têm intercalado às suas tarefas as missões dos avatares menores. Estes, conforme as possibilidades inerentes às suas conquistas espirituais, também provocam ondas de renovação e esclarecimento de caráter regional, mas que podem, muitas vezes, atingir âmbito global.

Segundo as tradições do Oriente, muitos dos grandes mestres espirituais indianos têm sido avatares parciais ou menores.

Conforme o que orientam os espíritos, utilizando a nomenclatura própria das tradições religiosas decorrentes das escrituras hindus, de fato, muitos têm sido os avatares menores que já realizaram e ainda realizam as suas tarefas por todos os quadrantes do planeta.

Se os tomarmos como porções representativas terrenas da Deidade, que podem expressar os seus atributos em diversos graus de sabedoria, graça e poder, conforme a condição única e singular que caracteriza a cada avatar, perceberemos quão grandioso é o mecanismo que o Princípio Causal a que chamamos de Deus, voluntariamente expressa-se através das limitadas formas humanas, para poder demonstrar aos menores na obra da criação, aspectos da verdade maior que nos cerca.

Como cada ser cósmico, cada espírito, é único, apresenta a sua vibração pessoal distinta e, segundo os espíritos, não existem duas iguais em todo o cosmo, e cada ser encontra-se em natural harmonia com o todo e com a fonte maior que a tudo sustenta. Da mesma maneira, cada uma dessas expressões de Deus junto aos que vivem na Terra, apresenta as suas características próprias, e não há duas encarnações iguais sequer de um mesmo avatar, pelas circunstâncias que invariavelmente hão de interferir tanto na forma como na personalidade terrenas.

Limitando-se à condição humana, submetem as suas conquistas cósmicas às injunções das possibilidades terrenas, e muitos existem que não conseguem levar adiante as suas missões da forma que estariam até preparados para realizá-las, porque caberá sempre ao livre-arbítrio de cada um deles, optar pelo que pode ser feito. Mas não tenhamos dúvidas que muitos deles poderiam fazer ainda muito mais do que fizeram, não fossem as condições limitantes das pessoas que os cercam e dos seguidores que inevitavelmente se formam ao redor de suas jornadas no nosso planeta.

Na verdade, sob a ótica da escritura hindu, somos todos avatares pois temos no âmago da nossa alma, os atributos herdados do Pai, já que a partir

dEle fomos criados. Extrapolando, porém, este conceito, a diferença entre os grandes avatares, os menores, e os seres humanos comuns, residiria exatamente na percepção que se tem a respeito dessa herança divina. Assim, o homem terrestre é a situação emblemática em que o animal e o divino se unem em um só contexto existencial – e nisso reside o grande problema dos que vivem na Terra.

Até mesmo os espíritos considerados divinos se submetem ao conjunto das limitações impostas pela assunção do corpo carnal. E têm que se esforçar, como qualquer ser humano, para não enveredar pelo chamamento fácil das paixões comuns à vida na Terra.

Aceita a premissa, pode-se então concluir que não é necessariamente por ser um avatar deste ou daquele porte, que alguém, vivendo na Terra, não esteja sob o risco de equivocar-se diante de algumas concepções ou mesmo quanto a procedimentos de conduta e estilo pessoal diante dos fatos. A limitada mente transitória, comum ao falível corpo humano do ser terreno, ainda não se encontra habilitada para que o Pai, ou suas expressões pessoais, ou ainda, as expressões dos seus Prepostos que Lhe estão mais próximos, possam usar como instrumento que permita expressar na Terra, toda a potencialidade que os caracteriza em outros níveis menos primitivos que o nosso.

Perfeito somente o Pai Amantíssimo na sua condição cósmica que Lhe é própria. As suas expressões pessoais, quando submetidas às realidades transitórias, tornam-se passíveis de equívoco pelo simples fato de se encontrarem, de alguma maneira, limitados pela forma existencial temporária. Ainda assim, se comparados ao ser terreno comum, são verdadeiros deuses encarnados, já que vivem como tal.

Daí a importância de cada ser humano arquitetar a necessária tomada de consciência quanto ao assunto, construindo o seu estilo pessoal de despertar a parte divina que habita em si mesmo. Este é, segundo Jesus, Buda, Sai Baba, e tantos outros grandes mestres que já passaram pelas vidas terrenas, o grande desafio ascensional que cada ser tem por desvendar. Nesse aspecto reside o mistério da vida cósmica, dizem os espíritos. Afinal, o próprio Mestre Jesus dizia para não esquecermos que somos todos deuses (Jo 10, 34).

Do que se pode depreender, um avatar superior, embora homem em aparência, tem na sua própria alma, a vivência em níveis de onisciência, onipresença, dentre outros aspectos que caracterizam a deidade,

completamente diferente da realidade comum aos demais homens e mulheres. Normalmente, esses seres são reconhecidos por meio de sinais, em especial o poder que demonstram ter sobre certos aspectos da matéria e da vida humana. Alguns deles apresentam a condição singular de conceder graça divina, e é nesse ponto que pretendemos ressaltar o objetivo central dos espíritos ao solicitaram esta particular abordagem, presente neste capítulo.

Apesar de nos encontrarmos isolados da convivência com as demais famílias cósmicas, poucos na Terra, seja no Ocidente ou no Oriente, têm consciência quanto a esse fato. Contudo, esse desconhecimento somente ocorre no mundo dos encarnados, devido ao esquecimento promovido pelas encarnações. Entre os desencarnados, em especial nas esferas mais evoluídas, existe a consciência plena quanto a isso, por mais que alguns espíritas não aceitem sequer as evidências de estarmos isolados por problemas pretéritos, quanto mais que a Espiritualidade o saiba.

De toda a maneira, o final desse processo de isolamento que dar-se-á com a reintegração da Terra aos circuitos de convivência cósmica, é também assunto desconhecido no Oriente. Caso fosse veiculado, facilitaria em muito a percepção – por parte de muitos estudiosos e missionários que ali vivem – do processo global que ora efetiva-se em nosso planeta.

Por mais evoluída que possa ser a individualidade espiritual a encarnar, suas concepções de mundo e de vida dependerão sempre de todo um contexto complexo que rodeia a qualquer pessoa na Terra, independente de quem seja, porque as regras do jogo da vida terrena servem para todos indistintamente.

Jesus, quando de sua juventude, procurou beber de todas as fontes cristalinas da antiga sabedoria para poder melhor desincumbir-se de suas tarefas, procurando ampliar o conhecimento “cerebral”, a fim de permitir que a sua consciência de avatar pudesse ofertar mais e mais graças aos que viviam na Terra. Ampliando os horizontes das percepções comuns à ótica terrena, elevou as suas concepções pessoais acerca do significado da vida, sobre Deus e, em especial, quanto à função do ser humano neste planeta, aos níveis de uma universalidade que ainda encanta a tantos quantos se dediquem a aprofundar os estudos referentes ao seu legado. É como se, com o seu exemplo, Ele tivesse dado o testemunho de que, até os avatares maiores esforçam-se, por precisar do concurso alheio para melhor apoiarem as suas tarefas renovadoras, apresentando um misterioso e, ao mesmo

tempo, intrigante e aparentemente desnecessário, processo de humildade, já que são tão poderosos, quando comparados ao comum dos mortais. Mas se assim é, daí a preocupação da Espiritualidade Superior que dirige os destinos da vida planetária em tentar semear na Terra a consciência quanto à importância de uma maior aproximação entre os legados deixados por trabalhadores do Alto, tanto no Ocidente como no Oriente. É como se faltasse uma pequena etapa, ou processo singular, para uma maior definição de rumo, a curto prazo, relativamente ao destino do planeta.

Sabemos da dificuldade que muitos terão em aceitar ou mesmo refletir sobre o que aqui está sendo veiculado. Mas, há algum tempo, desde que este livro foi iniciado – e o interessante para o autor terreno é perceber que esta obra nem sequer existia como projeto literário entre os muitos que já estavam sendo desenvolvidos – os mentores têm sinalizado que, muito do que este livro contém, será melhor aproveitado por uma próxima geração de pessoas vinculadas a alguns segmentos doutrinários que, a seu turno, promoverão, o que no momento não o permitem as forças ortodoxas que dominam o concatenar de certos acontecimentos. Isso o dizemos para afirmar que não existe a menor pretensão do autor terreno, de que este livro seja levado a bom termo de análise pelos que, atualmente, encontram-se predispostos à manutenção psíquica do que já se acostumaram a perceber e a sentir, o que respeitamos.

Por conseguinte, até os avatares, sob certos aspectos, necessitam despendar esforços para melhor firmarem-se nas suas próprias personificações terrenas, já que, ao nascerem para o mundo terreno, deixam o estado notável de proximidade à perfeição com que costumeiramente são dotados na sua existência além dos horizontes terrenos. Viver na Terra é submeter-se ao aparente império dos primitivos fluidos, que entorpecem e dificultam a vida de entidades cujo teor vibratório já representa o amor, a pureza e a ternura em suas formas mais belas de expressão, o que significa um grau de dificuldade de grande monta para os avatares. Quando Jesus afirmou que “havia vencido o mundo”, procurava significar que havia conseguido, enquanto homem, viver como um deus, já que praticara todas as noções de amor, de justiça, de solidariedade e de humanismo que é possível a um ser humano expressar, não se deixando levar pelas tentações comuns ao psiquismo dos que vivem na Terra. O que, convenhamos, não é fácil de fazer. Contudo, eles, os avatares maiores, conseguem viver acima

das circunstâncias terrenas, como se fossem deuses vivendo em plena Terra, o que de fato são.

Esses avatares maiores, produto do isolamento planetário, aqui vieram através do processo que foi denominado no livro *Reintegração Cósmica* como sendo o de ajuda indireta aos que vivem na Terra, que se dá através das encarnações.

Explicando melhor, os mentores espirituais referem-se ao processo de ajuda direta – que durante as últimas etapas do período de isolamento não chegou a acontecer – como sendo aquele em que seres cósmicos vêm até a Terra portando as suas formas existenciais, vamos assim dizer, normais aos mundos em que vivem, aqui chegando em suas naves para a visita fraterna, da mesma maneira que delegações de uma cidade ou de um país, no contexto terreno, podem visitar outras quaisquer. Já o de ajuda indireta, é aquele em que o ser cósmico despe-se da sua condição normal de existência e submete-se ao nascimento para poder conviver com os homens, ajudando-os no que for possível, e conforme permitam as circunstâncias.

No primeiro caso, os “seres de fora” não se submetem ao jugo dos poderes terrenos, pois que, caso o quisessem, fariam cessar qualquer atitude no campo da agressividade – da parte dos que vivem na Terra – já que detêm poder, seja pessoal, ou mesmo tecnológico, para tanto. No segundo, esses seres, mesmo sabendo dos problemas que advirão para o seu gesto amoroso, mergulham na carne se submetendo a todas as limitações que a “mente física” temporária impõe às suas consciências cósmicas. Esse tipo de ajuda, comum aos planetas problemáticos e/ou subdesenvolvidos, situados na retaguarda da escala progressiva dos mundos, foi exatamente do qual se serviram todos os avatares que se sacrificaram em nome da solidariedade cósmica que une a todos os seres. E jamais deixarão de ocorrer, porque mesmo no caso terreno, quando já estivermos convivendo abertamente com as demais civilizações do cosmo, esses mestres ainda se submeterão ao jugo das possibilidades dos mundos transitórios para, dentro de um processo educativo planetário, demonstrar como é possível arquitetar e viver a vida transitória da melhor forma possível, conforme os padrões de conduta ética e ascencional previstos nas leis cósmicas.

Os avatares, quando se submetem ao processo de ajuda indireta, às vezes limitam as suas percepções relativamente a determinados aspectos cósmicos, pelo simples fato de não encontrarem, entre os valores e

conhecimentos terrenos, as motivações intelectuais necessárias para que certos centros de suas consciências cósmicas sejam despertados.

Assim, pode acontecer que um grande avatar, por força de aspectos sutis limitantes, presentes em sua “mente física”, possa se surpreender com acontecimentos provenientes, principalmente, do contexto cósmico, podendo ocorrer também com alguns aspectos do contexto espiritual. Entretanto, esse possível grau de dificuldade perceptiva, dificilmente ocorrerá com os fatos pertinentes ao contexto terreno, pois, quanto aos aspectos humanos, nada escapará ao seu grau de onisciência ou mesmo de onipresença, já que o fato do avatar se encontrar submetido ao universo físico permite que ele tenha “acesso mental” a praticamente toda a cadeia de acontecimentos e possibilidades desse contexto. Em outras palavras, dependendo do caso e da classe a que o avatar pertença – ou mesmo às circunstâncias que o cerquem durante a vida, que podem levemente prejudicar o seu grau de percepção – eventos cósmicos de diversas ordens poderão se situar à margem da sua percepção, até que estejam prestes a acontecer. É o peso da limitação terrena.

Realmente a Índia tem sido o palco predileto para a incursão de uma grande família de seres já despertados para a importância de manter atuante a parte divina que carregam consigo, que é herança maior do Pai.

Se bem percebemos, somente as terras do Oriente – e aqui estamos considerando as regiões do Oriente Médio e da Ásia – tiveram e ainda têm a dádiva de receber avatares de diferentes portes. Rama, Krishna, Enoch, Zoroastro, Buda, Lao Tsé, Jesus, dentre outros – somente para nos referirmos até ao tempo de Cristo – desfilaram nos seus testemunhos de luz, de amor, de beleza e de esclarecimento, ofertando as melhores sementes que traziam como produto das suas próprias heranças espirituais e do grau de unicidade que gozam junto ao Pai.

Se não estivermos incorrendo em erro de interpretação diante de fatos e informações de ordem espiritual dos acima citados, como já explicitado em capítulo anterior, uma mesma entidade responde pelas encarnações de Rama e de Krishna, quando da realização das tarefas necessárias em épocas distintas. Novamente, esta mesma entidade estaria atualmente, na sua amada Índia, desempenhando novos trabalhos voltados para a educação planetária, dentre outros aspectos. Assim tem sido no Oriente.

No Ocidente, entretanto, somente avatares menores esporadicamente conseguem realizar um ou outro trabalho renovador. O questionamento

referente à inexistência, tanto no passado como no presente, de avatares maiores nas terras ocidentais, não será aqui desenvolvido, pois é assunto que demandaria muitas abordagens distintas, o que desfiguraria o objetivo maior da presente obra. Mas fica a reflexão para quem dela desejar se servir: por que os grandes avatares, ao longo da História, somente têm surgido no Oriente?

Outro aspecto importante é que esses seres tão evoluídos, amando indistintamente a todos os humanos, não têm problemas entre eles – como não poderia deixar de ser – no que se refere ao fato de um determinado discípulo terreno dirigir-se a um ou a outro avatar, em suas preces ou nas considerações e posturas pessoais quanto à fidelidade religiosa, ou mesmo ainda na questão relativa à afinidade entre o discípulo e o mestre. Não esqueçamos que esses seres estão interligados entre si, por muitos padrões de conduta amorosa pertinentes aos seus ideais comuns, além de todos se encontrarem profundamente ligados – de uma maneira ainda incompreensível para o ser humano comum – à fonte maior do amor do Pai Celestial.

As limitações que enxergamos nesses casos têm a ver com a nossa própria ignorância, e não porque representem algum problema no campo da moral ou da ética espiritual.

Se por questões de filiação a este ou àquele credo, alguém deixar de se sensibilizar ou mesmo de procurar receber os ensinamentos de um outro avatar, melhor seria a nenhum segmento estar vinculado, pois não são os avatares que exigem ou esperam fidelidade de crença ou alguma espécie de exclusividade. Tudo o que eles desejam, e é para isso que se sacrificam sempre que é necessário, é que o ser humano terrestre atinja a sua própria redenção. Exclusivismos desagregadores – leia-se fidelidade religiosa estéril vitimada por postura psicológica de fanatismo e de intolerância – são questões a serem discutidas com os seguidores e dos que se fazem representantes terrenos dos legados desses avatares, o que, convenhamos, é um outro assunto.

Se alguém na Terra ou em qualquer outra morada cósmica, exige ser servido com algum tipo de exclusivismo, muitas vezes travestido de fidelidade religiosa, creiam, não é um avatar, ou se o for, não está desempenhando a sua missão sob a égide dos interesses do Mais Alto, o que também ocorre com avatares de menor porte vibratório no campo do tirocínio espiritual. Outros interesses, nesses casos, terminaram por

transformar a ilusão dos valores transitórios terrenos na realidade maior, em detrimento do que realmente importa. É quando os valores mundanos vencem a convicção íntima e a resistência moral dos que encarnam com missões de vulto e, muitas vezes, as distorcem em alguns de seus aspectos ou mesmo completamente.

De toda a forma, o Oriente sempre contou, ao longo da História, com a presença de muitos avatares, o que marcou indelevelmente as “placas de sinalização” das estradas da vida, daquele lado do mundo, orientando os que por ali transitam na marcha das reencarnações, quanto à conduta correta e às orientações necessárias para a arte do bem viver, expressadas nos postulados de suas diversas linhas religiosas.

Mesmo com todas as distorções inevitáveis ao concurso da imperfeição humana com o trato das coisas divinas, de há muito existe um modo de vida espiritualizado no Oriente. Era, portanto, essencial aos propósitos do Mais Alto, que também no Ocidente algo fosse feito no mesmo sentido.

O FATOR ROCHESTER

DIVERSOS ESPÍRITOS jamais acreditaram que o movimento espírita iria realmente atingir os objetivos essenciais para os quais voltavam-se os esforços da Espiritualidade. Dentre esses, o de Rochester era, talvez, o exemplo mais carismático dessa postura.

Assumiu para si, como poucos logram fazer, a responsabilidade de superar a todos os problemas que o cercavam, e mesmo assim, levar adiante uma das missões mais difíceis de serem executadas nos ambientes espirituais.

Nos intervalos entre as suas vidas terrenas, conforme lhe permitia a sua situação espiritual – que nem sempre apresentava boas condições vibratórias, pelos problemas cármicos adquiridos durante as reencarnações – e, em especial, quando havia uma certa “casualidade” de também estarem desencarnados os espíritos de Kardec e Ramatis, ele procurava sempre avistar-se com os amigos que lhe eram tão caros. Costumava dizer que sabia do “sacrifício vibratório” que eles faziam para poder conviver, um pouco que fosse, com o seu espírito problemático, o que lhe era motivo de contínua gratidão.

“Não sei – dizia ele em certa oportunidade, referindo-se aos espíritos de Kardec, de Ramatis, de Judas Iscariotes, e de Pestalozzi, dentre outros – como vocês se detêm em convivência que causa tantos problemas às vossas organizações espirituais. O que lhes posso oferecer, senão comentários de vivências complicadas, onde pouco ou nada tenho conseguido fazer por mim mesmo, e muito menos, pelos que me estão próximos. Sei que, por sermos de uma mesma “origem” espiritual, há a tendência generosa da parte de todos vocês em me suportarem a companhia.” Assim se referiu o espírito de Rochester, naquela ocasião, pensando ter conhecimento da origem espiritual que lhes seria comum, no que estava enganado pois, o que existia e existe, na verdade, é somente o conhecimento quanto a uma mesma origem de residência extraterrena, em alguns mundos de Capela, antes do exílio para a Terra.

E continuou: “Sou grato a todos, mas, somente a isso me permito porque, aqui dos ambientes espirituais, mesmo com todas as minhas esquisitices comportamentais na Terra, como costumam se referir alguns amigos deste lado que assim classificam as minhas tendências ainda não

administradas, consigo algo contribuir para as costumeiras tarefas que normalmente vocês se incumbem. Se não fosse por isso, uma certa angústia moral que sinto, não me permitiria ver o sacrifício de todos.”

Esses repetidos comentários do espírito de Rochester, normalmente provocavam nos seus parceiros espirituais algumas reações, que iam da pura ironia fraternal, a rasgados elogios por certas conquistas louváveis que ele detém, apesar dos problemas cármicos que ainda lhe caracterizam a retaguarda espiritual.

Certa feita, logo após terem se verificado no palco terrestre as infelizes ocorrências pertinentes à Revolução Bolchevique e à Primeira Guerra Mundial, dizia: “Recordas-te, ó Kardec, que no passado, entre os anos 140 a.C. e 80 d.C., tive três reencarnações e em todas desencarnei cedo? Na primeira, entre os celtas, convivi contigo; na segunda, como gladiador, ao tempo de Tibério César, não cruzamos nossas trajetórias de vida mas, na terceira, como um patrício romano, sob o período imperial de Tito, voltei a te encontrar, já em idade avançada. Nesse período, podia até ter me interessado mais pelas coisas do espírito, mas não o fiz. Na atualidade, gostaria de me dedicar com todo empenho, mas tantas são as algemas que ainda ligam a minha jornada evolutiva a problemas tão diversos, que nada posso esperar.”

“Naqueles tempos, vivi como se Jesus não estivesse na Terra, e agora vivo aqui na Espiritualidade, como se ele não fosse voltar. É como se isso não me dissesse respeito. Vendo, entretanto, o teu empenho pessoal, como o de tantos outros, para que essa notícia – a volta do Mestre – seja, ao menos, analisada pelos que vivem no planeta, pergunto-me: se, realmente, essa volta acontecer, não seria melhor que fosse totalmente surpreendente, ferindo de morte a presunção dos tolos de todos os tempos que sempre impõem os seus toscos limites às possibilidades das épocas? Por que essa preocupação se, conforme penso, mesmo que a notícia do seu retorno seja veiculada na Terra, ninguém a levará a sério? Acreditas mesmo que alguém a considerará? Quantos já não o fizeram, ainda no decurso do século XIX, tentando divulgar, e foram ridicularizados, e desculpa-me por dizer, com toda a razão, acho eu, já que tomaram como sabido aquilo que necessitavam ainda descobrir para ter a certeza?”

“Não saberia te responder – disse Kardec – pois jamais me predispus a profetizar, quando encarnado, em relação a qualquer um dos aspectos pertinentes ao que aqui na Espiritualidade muitos afirmam ser a vontade do

Mestre, pois que Ele próprio deu a sua palavra de que voltaria, dizendo mesmo que não sairíamos dessa situação de isolamento cósmico até que se cumprissem as suas palavras. Acho mesmo, ó Rochester, que honrosa é a fé de muitos que, quando na carne, esquecem-se de suas conveniências pessoais e, acreditando servir aos interesses de Jesus, começam a agir como se fossem profetas. Mas, no que me toca, creio que jamais conseguiria fazer algo semelhante.”

“O que fiz, enquanto recolhia as impressões dos espíritos na época da codificação, foi até uma atitude cômoda de minha parte, até porque nada afirmei ou neguei em relação a esse aspecto. Apenas repeti o que o Mestre prometera e ressaltei que o Espiritismo era o Consolador esperado. Procurei, contudo, deixar claro que muito mais ainda estava por vir, já que tinha a consciência do quanto ficara de fora daquele processo de codificação, por força das minhas limitações, embora o tenha feito sem maiores realces, pois não julguei necessário.”

“Não saberia dizer-te, Rochester, se seria importante que tivéssemos maiores evidências informativas em relação à notícia da volta do Mestre, do que as que já existem. Mesmo aqui na Espiritualidade, como o sabes, somente alguns grupos de espíritos tratam desse assunto, como se ainda não fosse o momento da tentativa de maiores esforços para o esclarecimento estratégico.”

“Sei, ó Kardec, que aqueles que tratam do tema, apresentam teor vibratório de ordem superior em relação àqueles que, como é o meu caso, nem apenas procuram se dedicar ao assunto. Pergunto-te: achas que é devido às marcações energéticas complicadas que ainda carregamos no perispírito e nos embotam o entendimento, impedindo-nos de vibrar em sintonia com a exata relação de importância das implicações da volta de Jesus?”

“Provavelmente seria esse um dos aspectos a impedir a focalização da nossa mente com pretensão dessa magnitude, até porque, como bem o disseste, quem haverá de conseguir aferir todas as implicações que a chegada de Jesus poderá acarretar?”

“Tudo o que sei, ó Kardec, é que, dentro das minhas possibilidades, ajudar-te-ei no que puder. Contudo não esperes de mim o que não te posso dar. Se, sobre a tua próxima encarnação, ainda por ter seus parâmetros de atuação definidos, me disseres qual será o teu trabalho, nada te confidenciarei a respeito do que farei para ajudar-te, porquanto, sei que

nada irás querer. Dirás, como sempre o fazes, que devo preocupar-me com o objetivo do Alto e não com as tuas conveniências. Mas como posso cuidar de objetivos do Alto, se não os percebo e os desconheço? Através de ti, da tua honestidade moral para com esses assuntos, é que passo a saber que eles existem. Portanto, trato do que posso perceber, que é o teu zelo moral para com esses temas. Ajudando-te, termino por ser útil à tarefa maior. É o que posso fazer.”

“Não posso ver o mundo e as pessoas com os teus olhos ou mesmo com os de João” – referia-se aos de João Evangelista. “Necessito escutá-los para poder perceber como o mundo e as pessoas podem ser enxergados por outras óticas mais compassivas que a minha. Se fores te envolver com a continuidade dos trabalhos de codificação ou mesmo com nova carga de revelação, seja ela qual for, avisa-me, pois cheguei a bom termo com o concurso da minha afilhada – a médium russa Wera Krijanowsky – e já deixei algumas sinalizações para que, se preciso for, possam ser-te úteis. Esta será a primeira parte da minha ajuda, não da maneira que gostarias de a receber, mas como posso dá-la. As outras etapas, somente quando estiveres na carne é que poderei avaliar e implementá-las, conforme permitam as circunstâncias de então.”

“Como pouco sei do que te espera no futuro, apenas do presente posso cuidar. E o faço preocupado em pontualizar certas questões que poderão te servir como fator decisivo em algumas oportunidades.”

Realmente, pouco tempo depois, começaram a ser definidas, ainda no início do século XX, as linhas gerais da próxima encarnação do espírito de Kardec, e muitas foram as entidades espirituais que se congregaram em torno da nova missão. No entanto, ao terem conhecimento do que seria necessário fazer, grande parte achou por bem não se alistar para os primeiros momentos da tarefa, já que esta se processaria desvinculada de qualquer preocupação religiosa.

Os limites impostos pela prática religiosa, qualquer fosse a religião, eram tão inflexíveis – inclusive o Espiritismo – que a apresentação do conjunto de novidades teria que ser feita com a necessária liberdade, considerando ser essa a única maneira de se realizar a nova tarefa, conforme se supunha então.

Da mesma maneira que coube ao tirocínio pessoal de Kardec exercer o crivo sobre os diversos conjuntos de mensagens advindas da Espiritualidade, contando para isso, apenas com a sua própria bagagem

existencial – herança espiritual –, novamente, quando os tempos fossem chegados, caberia ao seu discernimento pessoal aferir o quê, quando e como cumprir a nova tarefa.

Os que se desligaram de maiores obrigações quanto à futura tarefa, o fizeram por terem a precisa noção da tendência dos seus espíritos, em se ligar aos movimentos religiosos, estacionando, às vezes, as suas possibilidades evolutivas, dentro dos limites impostos pela fidelidade sempre exigida.

Para muitos daqueles espíritos, seria quase impossível encarnar e não se sentirem atraídos pelas informações constantes na codificação espírita, o que era, e é, desejável, pois é um estímulo evolutivo para todos os que dela venham a se servir. O problema seria conseguir não estacionar naqueles padrões, visto que outra tarefa renovadora precisava ser feita. E pelos impulsos que ainda lhes eram normais, fatalmente afrontariam o novo que precisaria surgir, a título de defender o que tivessem abraçado.

Consciente desse aspecto que sempre se repetia nas novas empreitadas no campo do esclarecimento, cada vez mais Kardec procurava preparar-se para trabalhar na solidão das suas reflexões, mas agora, mais e mais apoiadas pelos mentores espirituais, pois, finalmente, a sua herança de trabalhos e conquistas longamente arquitetada no campo dos estudos da mente, do espírito, das disciplinas pessoais diante da vida, e principalmente, quanto a uma certa arte de codificar e fazer convergir as informações necessárias à fixação de marcos de aprendizado para os respectivos focos ou “represas de luz” – assim denominadas na Espiritualidade – permitiam ao seu espírito um convívio mais próximo, quando encarnado, com os amigos e mentores do lado espiritual.

Nas previsões que começavam a ser formuladas, percebia-se a dificuldade que teriam em apoiar a nova tarefa, mesmo aqueles que assim o desejavam. Porém, sabedores das dificuldades que invariavelmente cercam a mente espiritual quando associada ao cérebro físico, muitos não achavam sequer conveniente, assumir qualquer tipo de compromisso moral com Kardec.

Mesmo alguns espíritos de vulto que reencarnariam no seio do movimento espírita, tinham as suas dúvidas quanto às possíveis ajudas que lhe poderiam prestar, devido a que os temas que começavam a ser delineados para o trabalho futuro, conforme a evolução dos fatos, poderiam

mesmo não ser aceitos pela cultura de nenhuma das religiões da Terra, visto todas estarem fortemente presas ao passado.

E assim Kardec ia ficando novamente isolado com as suas perspectivas, que passou a denominar de utopia celestial, nas conversas com os amigos na Espiritualidade ao tempo em que estamos nos referindo, sem jamais abrir mão, contudo, do que havia se comprometido a cumprir, junto ao Mestre Jesus, antes mesmo dos trabalhos da codificação espírita.

“É melhor, sob todos os aspectos, ó Kardec – disse Rochester em certo diálogo – que novamente planejes as tuas atividades sozinho. Quem quiser te ajudar, que o faça, mas de forma semelhante àquela, na altura do Espiritismo, como foram previstos os programas encarnatórios de muitos que renasceram próximos a ti e, conforme as circunstâncias do livre-arbítrio pessoal o permitiam, ajudaram-te ou não, sem maiores queixas morais, que sei, para ti nada representam. Assim o digo, porque sei que nada adianta esperar dos que estarão em posição de vulto ou de importância, pois não abrirão mão das conveniências transitórias, porém concretas, sob a ótica terrena, em troca de pretensas questões de honra espiritual diante de compromissos assumidos.”

Kardec, acostumado que estava aos posicionamentos francos e diretos, mas um tanto irreverentes do seu amigo, retorquiu: “Ó Rochester, seguramente o Pai há de saber os caminhos de cada espírito e de cada ser no Universo, e não cabe a ti, nem a mim, a análise de possíveis faltas pessoais de ninguém” – no que ambos sorriram, para logo continuar: “Agradeço-te amigo, a preocupação e o apoio constantes que tenho recebido de ti. Mas não se turve o teu discernimento com essas questões. Pode ser até, que lá no mundo, venha a me sentir intelectualmente isolado no tratamento dos temas a serem veiculados, mas sei do acompanhamento constante que tu mesmo farás, além de Ramatis, de Bezerra, e de tantos outros amigos, que daqui darão o seu suporte vibratório, para que eu jamais desista, mesmo quando tudo possa parecer perdido, porque, pelo que sei, sempre ocorre nesses casos. Não me deixar dominar pelo desespero é habilidade espiritual que tenho aprendido, forçado pelas circunstâncias dos meus próprios equívocos. Por isso, nada posso reclamar e nada reclamo. Procuro trabalhar sempre, sem maiores complicações, independentemente de tudo o mais. Assim, não me perco em tristezas ou alegrias ilusórias.”

Apesar dessas ocorrências e das insistentes opiniões do espírito de Rochester, ocorreu um fato interessante, promovido por ele, e que se

enquadra no que ele mesmo denomina de suas incoerências preferidas.

Deu-se que, em certa oportunidade, Rochester veio a participar de um memorável encontro entre espíritos que já haviam se dedicado e ainda se dedicariam, ao longo da segunda metade do século XX e da primeira do século XXI, às lides artísticas nos diversos campos da vida humana.

Durante o evento, Rochester pronunciou-se no sentido da arte apoiar o humanismo e a espiritualidade, pois que os indicativos previstos para o futuro eram do pleno império do materialismo e da descrença. Procurou sensibilizar a todos os presentes, ressaltando o aspecto espiritual – a seu juízo – complicado, dos que ali estavam reunidos e, por isso, seria imperioso apoiar um certo trabalho que era do interesse de toda a família planetária, mas que estava sendo executado por alguns poucos, e esses necessitariam de apoio estratégico na próxima missão.

Explicou, com o nível de detalhes e observações que lhe é característico, todos os aspectos por ele observados no tocante ao sacrifício pessoal de alguns, às terríveis injustiças dos poderosos do mundo... e por aí seguiu a estratégia de transformar o seu amigo espiritual Kardec, em uma espécie de herói diante dos olhos alheios.

E assim, sem maiores explicações e para sua total surpresa, o espírito de Kardec foi procurado por uma delegação numerosa de espíritos que estavam se oferecendo para apoiar estrategicamente o trabalho que viria a ser feito.

Era tanta gentileza e ternura da parte dos que ali estavam, que Kardec, por já conhecer algumas posturas do amigo espiritual, entendeu prontamente o que estava ocorrendo, dizendo-lhes que não era a ele que deveriam ofertar promessas ou compromissos, até porque, por aquela época, nem todos os parâmetros do que viria a ser feito, estavam já completamente definidos. Contudo, se o desejo deles era o de trabalhar pelo progresso planetário, solicitassem nos seus próximos programas encarnatórios, a oportunidade benfazeja de travar contato com os ensinamentos espíritas, o que os prepararia inevitavelmente para os eventos ainda por acontecer.

Assim optou o espírito de Kardec porque, nessa data, ainda não estava totalmente visível, o que viria a ser a “aparente” impossibilidade de vir a ser apoiado, no novo trabalho, por algum tipo de suporte ofertado pelo movimento espírita.

De toda a forma, como decorrência dos fatos narrados, e até ao instante em que reencarnou, o espírito de Kardec recebia constantes promessas de ajuda da parte de espíritos que, previsivelmente, viriam a ocupar posição de destaque no campo das artes em geral.

Em outro momento, quando Rochester procurava explicar a sua postura, agora, favorável a que muitos ajudassem Kardec na sua próxima tarefa, argumentava que, do que estava progressivamente percebendo nas suas constantes análises, realmente o trabalho de organizar a “represa de luz” caberia única e exclusivamente a um só trabalhador, com o apoio de alguns poucos. Mas, levar os riachos dessa represa para todos os rincões do solo planetário, caberia a muitos tarefeiros, e dizia ele, “comodamente, muitos que estarão em posição importante no campo das artes e, portanto, sem outros compromissos, poderão promover uma grande aceleração à divulgação necessária dos esclarecimentos, através de simples posturas de apoio. Também, se não apoiarem, a falta moral será deles e não tua...”. Assim exprimia as suas opiniões, que sempre eram úteis à reflexão.

O espírito de Rochester, nas suas reflexões, procurava avaliar aspectos que Kardec jamais conseguiria atinar sozinho.

“Sabes qual foi, segundo o que penso, um dos principais motivos que fez o Mestre te escolher para esses trabalhos, antes da emancipação da Terra na escala dos mundos?” – perguntou, mas perante o silêncio do interlocutor, logo concluiu – “A tua noção bastante invulgar de prudência.”

“Como assim?” – indagou Kardec – “Não tenho a menor idéia do que queres dizer.”

“Explico! Conforme observei, e olha que, a exemplo do que fizeste, estudando em detalhe as posturas daqueles a quem admiras, fiz o mesmo em relação a ti, pois como sabes, tenho por ti afeição semelhante à que um discípulo tem pelo seu mestre. Estudando as tuas últimas vidas, e em especial as que tivestes como Boécio, Huss e Kardec, percebi que uma notável noção de prudência sempre caracteriza as tuas atitudes, em relação aos objetivos que te norteiam os passos terrenos.”

“És um dos poucos que, ao encarnar, costumavas fugir ao que chamo de prudência anestesiante e simplória. Aquela que faz com que o ser humano achesse toda uma vida sem se pôr em risco por nenhum ideal ou sonho que possa valer a pena. Estão vivos mas não vivem a magia dos desafios que nos estimulam o progresso. Tu, ao contrário, quando estás a trabalhar na Terra, motivado pelos objetivos que com a tua própria avaliação elege-

como sendo as questões maiores da vida, consegues tomar as atitudes e as posturas necessárias à busca do que queres atingir, na prudência já amadurecida dos espíritos esclarecidos. Em outras palavras, és um dos poucos trabalhadores da seara de Jesus a assumir riscos em um nível de singularidade que poucos ousam fazer. Afinal, semear novidades filosóficas em um mundo onde não são bem vistas pelas religiões, é tarefa que requer muita habilidade espiritual. Acho mesmo que Jesus te escolheu, dentre outros aspectos, por essa característica excepcional que apresentas.”

“Eu, no entanto, nada posso falar pois, em termos de prudência, sou talvez o menos avalizado para me referir a esse tema. Normalmente não consigo nutrir nesse campo, nada muito diferente do instinto dos animais da natureza terrena – nossos valorosos irmãos na retaguarda evolutiva. Mas esforço-me por não ter nenhuma prudência quando estou contigo, para ver se os impulsos da minha mente espiritual te podem ser úteis, já que sei da tua simplicidade espiritual que se recusa a avaliar negativamente a quem quer que seja, e quando te auto-avalias, cometes todas as injustiças contigo mesmo. É por isso que agora vou confessar-te algo que, suponho, não sabes.”

“Sempre que estás nesses ambientes em que também posso estar, procuro conviver contigo, consciente da paciência e da estima com que me brindas. Sabendo disso, os mentores espirituais que coordenam, no âmbito da Espiritualidade Superior, têm me transmitido, pelos seus emissários, orientações para te acompanhar, o repito, sempre que possível, por um motivo bem simples: se a tua tarefa fosse para ser realizada em um mundo evoluído, seguramente a minha companhia não te seria benéfica. Porém, por força de uma certa ingenuidade ou mesmo de um desprendimento espiritual de tua parte, e pelo fato de que o trabalho que irás realizar é na Terra, um mundo problemático, a minha companhia até te serve para despertar em ti, reflexões e cuidados com os quais normalmente não te preocuparias, a não ser que fosses provocado. E aqui estou, estimulando-te reflexões de toda ordem, sem nenhuma prudência, deixando que os impulsos do meu espírito imperem momentaneamente enquanto imponho, com os comentários que me são próprios, o meu jugo sobre a Humanidade.” – completou, irônico, Rochester.

“Agradeço-te, ó Rochester, não pelas expressões generosas a meu respeito, visto que são exatamente isso, generosas, o que é do teu feitio para comigo. Contudo, sei que uma certa indolência, às vezes perigosa para mim

mesmo, vem dominando as minhas posturas diante de alguns fatos, o que não é conveniente quando estamos na Terra. Essa indolência, penso ser produto do meu estado íntimo de profunda transição entre o aspecto velho do meu espírito, produto das marcações indeléveis dos equívocos do passado, e o novo, que busco edificar em mim mesmo, pautado nos ensinamentos dos meus mestres, única maneira que tenho de honrar-lhes os sacrifícios que vêm fazendo pelo gênero humano. É como se acima de tudo, a certeza inabalável produzisse sempre a vitória final das nobres intenções, o que provoca em mim um certo descaso em relação ao método e mesmo à conduta, já que nenhum mal me predisponho mais a causar a quem quer que seja, não importando o que possam fazer-me.”

“Por isso, necessito mesmo de aconselhamentos semelhantes ao que me ofertas, porque obrigam-me a refletir sobre a questão. Muito te agradeço a convivência, em especial, pela riqueza que tens de transformar instantes triviais em momentos marcantes, com a tua veia poética, satírica, mas que traduz um carinho e uma preocupação constantes para com aqueles que te rodeiam.”

“E assim é, ó Rochester, a boa convivência traduzida em uma relação onde a afinidade espiritual faz convergir o melhor de cada um de nós para a prossecução dos objetivos primeiros. Aprender uns com os outros, é ainda a melhor maneira de nos apoiarmos e enganar a ti mesmo, se não percebes que quem te procura sou eu, pelo elo de afeição que me une a ti.”

E foram muitos os momentos vividos por esses dois amigos espirituais, ao longo do tempo em que na Terra decorria a primeira metade do século XX. Juntos, nos ambientes espirituais mais próximos à crosta, acompanharam entristecidos os desagradáveis acontecimentos que marcaram aquelas décadas.

Ao longo dessa convivência, observando sistematicamente os destinos do movimento espírita, Rochester sempre seguia registrando o que ele chamava o seu grau de acerto e erro, em ter veiculado através da médium russa Wera Krijanovsky, entre os anos idos de 1888 a 1890, a temática que caracteriza muitas de suas obras.

Segundo a sua própria avaliação, procurou, ainda no século XIX, registrar alguns fatos, aparentemente estranhos e bizarros, que sabia não iriam ser – como não haviam sido até o final do século XIX – abordados pelo movimento espírita, o que, a seu juízo, seria mais um elo, contendo

certos painéis da realidade de um passado ainda por ser compreendido, que seria perdido.

Procurando mostrar as relações de causa e efeito das ações humanas, ressaltando a função do livre-arbítrio como mola propulsora dos nossos sucessos, como também da nossa infelicidade, a sua obra demonstra, com bastante clareza, o pano de fundo espiritual por detrás dos fatos da vida terrena. Caracterizando com cores psicológicas fortes as ambigüidades do comportamento, Rochester demonstra que os julgamentos que fazemos uns dos outros, pecam pela equivocada premissa da linearidade, onde, ao que costumamos pensar, os bons somente fazem coisas boas e os maus as ruins. Ele, com rara habilidade, demonstra que o ser humano percorre, às vezes, caminhos tortuosos, levado, em determinadas ocasiões quando a herança espiritual se deixa subalternizar, muito mais pelas circunstâncias da vida, já que estas costumam imperar em tais casos, do que propriamente pelas tendências incipientes que o indivíduo possa ter em relação ao bem ou ao mal.

Além disso, registrando ocorrências, por si mesmas, algo estranhas, mas que ainda trabalhadas pela sua criatividade exuberante, fornece quadros sobre potencialidades da alma que parecem estar na atualidade abafadas pelo modernismo decorrente da concepção cartesiana, que não mais concebe a possibilidade de existir Deus, espíritos, magia e feitiço, dentre outros aspectos misteriosos de muitas histórias do passado. É como se o autor estivesse se divertindo com o conhecimento moderno, dizendo-lhe, através das narrativas, quão pouco sabemos dos recônditos do psiquismo humano. Ao narrar fatos grotescos, sabe que vai chocar o leitor e que, provavelmente, não vai dar maiores créditos à história ali apresentada, mas, ainda assim, permanecerá uma semente de dúvida quanto a uma possível verdade por trás dos fatos descritos.

Ao ofertar indicativos de reencarnações de espíritos que lhe são caros – e também de desafetos do passado espiritual, sobre os quais ele faz absoluta questão de deixar registrada a sua opinião, sob a ótica e com as cores do seu julgamento pessoal – rompe com o padrão da elegância das narrativas espíritas, o que choca a muitos que não percebem as suas reais intenções no campo do esclarecimento espiritual: o enfoque pedagógico original e contundente do processo da reencarnação, uma das suas preocupações centrais.

Como ele mesmo o diz, assim age por saber da dureza espiritual de muitos. E quando se coloca junto com os seus companheiros de desdita e de aprendizado, sob a mesma dureza de análise – segundo sua própria expressão – é justamente para nivelar a todos os seus personagens como imperfeitos e carentes de compreensão, de carinho e da misericórdia do Alto.

Na atualidade, sempre que comenta a situação da comunidade de espíritos congregada na Terra, costuma defender a tese de que “Somos todos candidatos a nos tornarmos bons. Por enquanto, somos apenas espíritos tendentes ao bem, apesar de fazermos ainda muito mal a quem nos rodeia.”

Certo ou errado, Rochester é um espírito de opiniões muito claras e precisas a respeito de tudo o que lhe chama atenção. Acha mesmo que não deveria haver o exílio dos espíritos mais complicados, e que estão atrapalhando o progresso planetário. Assim ele pensa, porque nos ambientes espirituais, normalmente são discutidos os critérios que o Mais Alto utiliza para a questão do exílio, o que não acontece no mundo dos encarnados. Na verdade, por aqui, nem percebemos se de fato está havendo alguma coisa nesse sentido, sabido que é, que o exílio se processa a partir da retirada, nos ambientes espirituais, daqueles que não mais reencarnarão na Terra, pelo menos durante o Terceiro Milênio. Segundo os mentores, esse processo conheceu um incremento no ano de 1989, quando ali foi fincado o marco do início do milênio. Entretanto, na Espiritualidade, o trabalho nesse sentido é constante, já que o orbe terreno se encontra no período ao qual poderíamos chamar, dos primeiros instantes daquele “juízo dos vivos e dos mortos”, predito pelo próprio Mestre Jesus.

Um processo dessa envergadura ocorre, como não poderia deixar de ser, sem margem de erro, pois é preceituado no que entendemos por Justiça Divina. Ainda assim, Rochester se dá ao direito de avaliar a questão com a ótica que lhe é própria. Segundo ele, devido ao fato de que, se algumas “personalidades espirituais” estão permanecendo indevidamente na Terra para o Terceiro Milênio, então deve estar havendo algum problema no processo, e que sendo assim, todos deveriam ficar e começar tudo novamente. Ficando todos, conforme a sua opinião, a civilização não duraria muito mais, pelo que tudo teria que ser novamente começado.

Quando fraternalmente confrontado por amigos espirituais que argumentam que somente Deus e seus Prepostos é que podem medir com

justiça a predisposição íntima de cada um, avaliando as suas reais intenções e possibilidades, e que não nos cabe tecer nenhum juízo sobre este ou aquele caso, e muito menos concordar ou não a respeito de quem deve ser ou não exilado, costuma afirmar que realmente todos têm razão. Contudo, ele se reserva o direito de pensar e emitir opiniões a respeito do que bem lhe aprouver. Assim, deduz que, mesmo muito lentamente, estará evoluindo em espírito e em verdade – e, de fato, poucos assumem a realidade do que pensam ser, como Rochester o faz.

O que ele e muitos outros somente souberam há pouco tempo, é que alguns que não estão sendo exilados, por intercessão meritória de terceiros, de fato permanecerão na Terra no decorrer dos próximos três séculos. Contudo, caso tornem a apresentar as mesmas tendências desagregadoras, serão exilados em uma segunda etapa. Vale salientar que estes reencarnarão sob a tutela filial dos que por eles intercederam.

É realmente impressionante como os que amam e que têm méritos espirituais procuram interferir, quando vislumbram um mínimo de possibilidade de sucesso, pelos afetos que ainda se encontram muito complicados diante das leis divinas.

Rochester, com a destreza mental que lhe caracteriza, costuma afirmar que Deus, quando criou a todos nós, o fez de um tal modo que, a partir de então, parece que Ele resolveu somente interferir na sua criação através dos seus instrumentos criados pelo seu amor, ou seja, nós próprios. Cabe-nos evoluir para que possamos despertar em nós a condição de deuses com o intuito de atuarmos ao longo da eternidade. Cabe-nos evoluir para nos tornarmos mais e mais instrumentos de sua vontade. Se não evoluímos, permanecemos com as comportas dos nossos espíritos fechadas, impedindo assim que Ele possa agir através das potencialidades dEle herdadas, que permanecem adormecidas no âmago das nossas almas.

Em palavras simples, no mundo material, Rochester insiste em defender a tese de que, ou nos habilitamos moral e intelectualmente para que Deus possa agir através de nós ou, simplesmente, Ele não agirá, pois seria redundante Ele ter criado a tantos possíveis deuses para agir em seu nome, ao mesmo tempo em que atua incessantemente, fazendo o que, sob a ótica de Rochester, caberia a cada um fazer.

Quanto ao seu trabalho divino – e observemos bem a tese de Rochester – o Pai não o pode delegar porque é imanente a sua condição de deidade. Contudo, já que criados por Ele, nos havia sido delegado o poder de

interferirmos uns pelos outros e, em assim o fazendo, estaríamos agindo sob o impulso dos atributos herdados do Pai, nesses casos despertados pela nossa sintonia amorosa com os princípios da sua natureza também amorosa.

Dessa maneira, somos os próprios deuses uns para os outros, já que o Pai não interferiria no universo físico onde reinaríamos em seu nome. Ao não evoluirmos, estaríamos fechando as portas ao lado benéfico do cosmo, ficando assim entregues aos desmandos da própria ignorância.

Quando essa situação chega a um extremo tal, Deus solicita a outros seres evoluídos que intercedam em seu nome, e a estes se une no objetivo maior de ajudar os seus filhos problemáticos, até porque, responde também por aqueles que aqui vêm ajudar os que vivem na Terra.

Concluindo, segundo Rochester, ou nos tratamos de ajudar uns aos outros no cotidiano das vidas terrenas, ou Deus não terá como nos ajudar, sob pena de derrogar suas próprias leis, pois qual seria o sentido de nos ter criado a partir de sua natureza, se jamais chegaremos a ser deuses, já que estaremos sempre desejando ser ajudados, e não preocupados em ajudar? E como poderemos adquirir o mérito necessário para atingirmos o estágio de nos tornarmos deuses, se a toda hora formos ajudados pelos seres celestiais?

Se alguém que cruza o meu caminho está sofrendo, a partir desse instante – conforme postula Rochester – eu sou o próprio Deus para aquele que sofre, já que posso decidir ajudá-lo ou não. Caso não o ajude, Deus estará procurando outro que o faça em seu nome e, se ninguém o fizer, Ele não o fará, porque aquele que sofre, será por questões cármicas e convive com os demais também por injunções das mesmas leis. Ou seja, sob a sua ótica, somente nós, nos mundos materiais e nas esferas mais primitivas dos ambientes espirituais, temos o poder de ajudar a alguém. Quando não o fazemos, esse alguém não será ajudado. Contudo, quem serve como instrumento à misericórdia divina, estará adestrando o seu espírito na maestria amorosa que caracteriza os Prepostos do Pai Celestial.

Rochester avalia que muitas vezes oramos pedindo ajuda para alguém que nos está próximo, quando seria muito mais lógico e ético, seja sob a ótica terrena ou mesmo espiritual, não rezarmos e simplesmente nos dispormos a ajudar, o que seria bem mais prático e produtivo. Conclui dizendo que, a seu juízo, Deus ficaria mais feliz em receber menos oração e mais resultados concretos das nossas ações.

“Interferir é arte dos deuses”, diz Rochester.

Contudo, cada um interfere com a habilidade espiritual que lhe é própria. Basta observar como Jesus interferiu na história humana sem impor o seu jugo a ninguém. Além disso, submetendo-se ao jugo de todos, não confrontou ou impôs as suas opiniões, deixando cada um concluir o que lhe fosse possível. Jamais se imiscuiu na vida alheia, apesar de tudo conhecer. Se fôssemos comparar com o que costumamos fazer com a vida dos que nos rodeiam, apesar de nada sabermos... Assim, observamos o quanto ainda temos que caminhar e, se formos razoavelmente lúcidos, veremos que não existe motivo algum para sermos orgulhosos, o que já seria um grande aprendizado.

Paradoxalmente, mesmo sendo tão imperfeitos, temos sempre a obrigação moral de nos dispormos a ajudar o próximo, porque para quem necessita, quem o ajuda, torna-se o próprio Deus – defende Rochester. E somente os que são ajudados sabem aquilatar o valor moral de quem ajuda. Auxiliar alguém é tornar-se um instrumento de Deus onde se vive, é tornar-se parceiro dEle na grande obra administrativa de manter o cosmo em harmonia. E isso não é um preceito moral, mas sim, um fato concreto de evolução. Porém, quantos se perdem nos descaminhos da anti-filosofia, discutindo o mérito das condutas comuns aos atos de solidariedade, sem jamais exercerem o dever moral de ser solidários, dado que o orgulho intelectual e a comodidade espiritual não lhes permitem?

São muitos os pontos de vistas de Rochester, alguns provavelmente corretos, outros bastante complexos, mas todos interessantes de serem analisados pelos que buscam a verdade, ou que ao menos, pretendam se afastar da ignorância. Questionar e refletir formam a base do melhor instrumento que temos, que é o ato de pensar, para dela nos distanciarmos. Rochester é um grande exemplo disso, apesar de ser um espírito ainda tão cheio de imperfeições. Mesmo assim, poucos são tão verdadeiros e leais aos seus princípios, poucos se esforçam com tanto zelo por superar as próprias imperfeições e para ajudar a outrem e, na aparente ambigüidade do seu comportamento, continua sendo uma das mais encantadoras personalidades espirituais, seja pelo seu inegável brilho intelectual, seja pela riqueza com que expressa, através de suas atitudes, um dos mais belos panoramas que ilustram os que professam o amor de forma desinteressada: a amizade com que brinda aos que dele se aproximam.

O SONHO DE RAMATIS

ESTAVA TAMBÉM PREVISTO para o século XIX a possível realização de um antigo sonho referente ao ordenamento das tradições religiosas e filosóficas semeadas por todo o planeta. Pretendia-se harmonizar, em uma primeira etapa, os ensinamentos orientais com os do mundo ocidental, facilitando a abordagem referente à revelação cósmica que surgiria no próximo século.

Com este intuito, o espírito de Ramatis reencarnou para ajudar a alguns de seus parceiros espirituais que estavam nas terras do Nepal, preparando-se para as lutas esclarecedoras que se iniciariam na segunda metade do século XIX, mais especificamente nas suas últimas décadas.

Cumprida a tarefa, retornou para os ambientes espirituais, de onde começou a estabelecer, juntamente com os demais membros de uma grande falange, a programação a ser cumprida junto ao conhecimento terreno. A essa altura, por questão de estratégia de atuação, fosse nos ambientes espirituais ou mesmo entre os encarnados, diversas falanges de espíritos trabalhadores haviam se reunido sob a coordenação amorosa de Ramatis, para tornar possível o planejamento estratégico exposto a seguir.

Primeiro, observando quais os rumos que o esforço de Kardec havia conseguido imprimir à codificação espírita e quais as ênfases escolhidas por seu tirocínio para o devido realce no campo do aprendizado, Ramatis iria coordenar, dos ambientes espirituais, uma outra espécie de codificação, para complementar e destacar diversos aspectos indispensáveis ao inadiável processo de aprendizagem espiritual, não de todo abordado pelo trabalho realizado por Kardec.

É importante perceber que a intenção maior de todos os que trabalham na seara de esclarecimento dos mestres que coordenam o esforço evolutivo planetário, é sempre a de ofertar os esclarecimentos para quem deles quiser se servir, de forma espontânea, sem nenhum tipo de pressão psicológica ou proselitismo de qualquer espécie. Sabem todos esses mestres – e nunca é demais repetir – que a adesão aos princípios que promovem o desenvolvimento espiritual há de ser sempre tomada por cada ser de maneira espontânea. Será sempre uma questão de percepção pessoal. Por isso, o máximo a que se propõem os missionários realmente afinados com os altos propósitos da Espiritualidade Superior, é ofertar, disponibilizar,

deixar à vista e de maneira acessível à disposição de todos, as luzes de esclarecimento semeadas na Terra.

Movimentavam-se, portanto, os membros da grande equipe de Ramatis, de acordo com a estratégia de promover no mundo, naquela altura, o conjunto de ensinamentos que foram enfeixados na Teosofia. Pelos que trabalharam neste segmento, o espírito de Ramatis passou a ser conhecido por outro nome, o que não tem importância e aqui apenas está sendo registrado a título de informação complementar.

Fosse na Espiritualidade ou no palco terreno, membros dessa grande equipe trabalhavam na consecução do que viria a ser a formulação dos preceitos teosóficos. Apoiando-se mutuamente, as doutrinas espírita e teosófica, deveriam servir, como ainda servem, de manancial esclarecedor e como chave intelectual a abrir e a amplificar os horizontes de análise e de percepção do ser humano.

Mais tarde, na outra leva de encarnações para trabalhar em pleno século XX, atraindo para os seus esforços a vanguarda no campo das novas informações que chegavam do Alto, diversos espíritos de sua equipe tornaram a encarnar com o objetivo de dar continuidade ao grande projeto a que se vinculava o espírito de Ramatis e os que se congregaram ao seu redor.

De acordo com o que nos foi esclarecido, dentro do planejamento global de Ramatis, existia uma meta especial, que era a de chamar à atenção dos que estavam procurando se espiritualizar, para as questões referentes à vida fora da Terra, aos mundos mais evoluídos e a outros aspectos da vida cósmica. Pelo fato de Kardec ter optado por não explorar em profundidade os temas referentes ao contexto cósmico ou extraterreno, Ramatis havia assumido o compromisso junto ao seu amigo espiritual de, conforme as circunstâncias, desenvolver um trabalho com vistas a preencher esta lacuna.

Foi exatamente com este objetivo, dentre outros, que tomou corpo o conjunto das obras intelectualmente influenciadas pelo espírito de Ramatis, ao longo do século XX, como também as que ainda virão. Mesmo que o seu espírito venha a reencarnar, como está previsto por volta dos meados do século XXI, a sua falange continuará a desenvolver os esforços necessários para que a luz dos céus continue a iluminar aos que vivem na Terra. Mesmo sem mais necessitar, o seu espírito voltará à lide carnal com o objetivo estratégico de ajudar o progresso planetário.

Por aquele tempo, não se sabia ainda nos ambientes espirituais, o rumo dos acontecimentos futuros, o que forçou Ramatis a trabalhar com uma infindável série de possibilidades quanto ao tempo vindouro.

Entre as diversas opções que poderiam ser seguidas, no desenvolvimento do projeto de elucidação que estava sendo preparado pela sua falange com vistas ao século XX, optou pela que mais se aproximava das características mediúnicas do seu parceiro espiritual que assumiria a difícil tarefa de servir como medianeiro na Terra. Preferiu, dessa maneira, enumerar todas as probabilidades retratadas nos avisos proféticos – naquela oportunidade ainda passíveis de acontecer – como sendo a maneira pedagógica mais adequada de ajudar aos que estavam encarnados.

Com base em todo um conjunto de metas no campo formativo, preocupações elucidativas referentes ao aspecto espiritual e o complemento esclarecedor intrínseco ao contexto extraterreno, é que foi elaborado o planejamento referente às obras que viriam a ser escritas e que apresentam um singular teor estratégico para os que pretendem evoluir. Além disso, o trabalho de sua equipe espiritual iria servir para advertir sobre os perigos iminentes que poderiam ocorrer no futuro – a exemplo do papel desempenhado pelas falanges dos profetas do Antigo Testamento – tendo assim a incumbência de sinalizar, como fonte profética no mundo ocidental, mais especificamente na região planetária que estava servindo como foco convergente das estratégias das trevas, fazendo frente ao trabalho desenvolvido por alguns trabalhadores do Cristo (o Brasil).

Em um segundo momento da etapa de planejamento dos trabalhos, mesmo já sendo muito numerosa a falange que Ramatis coordenava naquela altura dos fatos, para que não ocorressem maiores dispersões em torno da questão dos pertinentes avisos proféticos, alguns grupos que também estavam elaborando trabalhos de conteúdo semelhante, resolveram se congregarem em torno de Ramatis, promovendo uma fusão ainda maior de diversos grupos de trabalhadores.

Vaticínios foram então preparados para serem difundidos entre os encarnados, antes que se verificasse a guinada no rumo dos acontecimentos promovida pelo mérito de muitos trabalhadores – aspecto que somente se verificou concretamente nas últimas décadas do século XX.

Ramatis preparou-se para coordenar a difícil tarefa de detalhar notícias e ensinamentos espirituais para os que vivem na esfera dos encarnados.

Em certo encontro, no qual o seu espírito estava acompanhado dos de Kardec, de Rochester, dentre outros, procurou expor a sua opinião e escutar a dos demais, sobre um aspecto que o preocupava e sobre o qual pretendia desenvolver um conjunto de preceitos no campo da psicologia para melhor abordá-lo, o que, infelizmente, por forças maiores, não chegou a acontecer.

“Tenho observado que a estranha tendência humana, surgida ao longo do tempo em que se desenvolveram algumas das páginas da história atlante, de se filiar com todas as forças da alma, a certas questões envolvidas com aparentes disputas, vem cada vez mais se acentuando entre os valores do mundo, o que descaracteriza o uso inteligente das energias que nos são próprias.”

“Nos tempos antigos, nas arenas do triste espetáculo promovido pela miséria humana, torcia-se pelo que fosse mais conveniente ao interesse imediato, sem maiores vínculos de qualquer natureza que sustentassem tão grande explosão emocional em torno de questões diversas. Qualquer motivo de disputa era razão para imprimir as posturas primitivas das paixões assoberbadas e violentas, em relação a um ou outro aspecto da contenda.”

“Passam-se as épocas, e somente resta ao ser terreno dirigir as suas emoções para o que lhe era transcendente. Nada melhor do que o campo das superstições a entronizar a ignorância, como base de todos os temores e dos mitos negativos. Em contrapartida, as religiões passam a ocupar estratégica e positivamente o lado benéfico da vida em um mundo onde não se sabia ao certo a razão de existir, o que, por sinal, coube à codificação espírita ser o primeiro degrau dessa longa escalada evolutiva que nos aproxima da Verdade, o que, infelizmente, poucos percebem. Surgem, então, as posições extremadas que começaram a gerar um dos piores venenos à boa saúde espiritual, o fanatismo, produto da má administração do ego (conjunto de tendências e inclinações que representa a herança espiritual que o ser tem de si mesmo) sobre a personalidade transitória que a cada vida exerce o poder de se melhorar através do usufruto do livre-arbítrio.”

“Movido pelo fanatismo religioso, o vínculo entre as pessoas e o credo de preferência está, cada vez mais, servindo como falso ideal, estimulando a sensibilidade humana a agir de maneira primitiva.”

“As disputas criadas aparentemente por força desses vínculos, sejam eles relacionados com as religiões, com as nações e/ou com certos interesses estratégicos, têm servido como falso pano de fundo das justificativas, para que toda a sorte de violência seja praticada, no que se

julga ser a defesa desses pseudo-ideais. O que era deprimente, agora está se tornando aterrador.”

“Na atualidade, os mentores do mundo não estão conseguindo sequer vislumbrar como se disfarçará esse veneno que dizima, especificamente, o que mais se esforça a Espiritualidade Maior para semear na Terra: a tolerância entre as diferenças e as diversidades que marcadamente caracterizam a vida no planeta.”

“Acabamos de assistir à desfiguração total que acometeu o ideário socialista, que precisava encontrar no mundo a possibilidade concreta de ser exercitado, com vistas ao porvir. Porém, após verificar-se uma prática tão distinta do que foi prognosticado, será crível esperar que venha ainda a ser convenientemente testado?”

“Condoeu-me verificar o esforço que o espírito de Rochester, daqui de onde nos encontramos, despendeu para que ex-parceiros de suas memórias espirituais não vitimassem, a ponto de tornar inaproveitável, os ideários tão longamente elaborados por outros trabalhadores.”

“A revolução que vimos, criou um monstro de tamanha voracidade, que exige dos seus fieis seguidores ideológicos, um grau de submissão mental que aniquila toda a prudência moral, em nome da criminosa necessidade de sustentar a pureza dos objetivos revolucionários. Em flagrante postura de intolerância para com quem não se submeta ao seu jugo ideológico, passam a degradar, sob todas as maneiras, a honra e a dignidade existencial de muitos. É como se comesçassem a perder a noção humana do significado da vida. E tudo isso, por um vínculo com uma simples questão de idéias! O que não poderá vir depois?”

“Aflige-me refletir sobre a intolerância religiosa que marca ainda algumas frentes espirituais, pois sempre que reencarnam, despertam em si mesmos, arquivos cármicos complicados de excessos cometidos em vidas passadas. E tudo o que for concernente às paixões humanas, haverá de lhes servir como perigoso estímulo ao culto de posturas equivocadas. Entristece-me, ainda mais, a questão do exclusivismo doutrinário que, infelizmente, começa a se enraizar no seio do movimento espírita e em alguns segmentos do Budismo.”

“Pretendo, pois, arquitetar possibilidades para tentar abordar essas questões, apesar de ainda não saber exatamente como. Não obstante, tentarei chamar a atenção dos que vivem na Terra, para o aspecto infantil e primitivo do exclusivismo, seja qual for a sua forma de apresentação.”

“Não o saberia dizer – aparteuo Rochester – o que julgo ser o mais difícil em toda essa questão. Se a tola pretensão de ter encontrado a verdade, que às vezes tenho observado em alguns encarnados, quando estudam os livros por ti produzidos, ó Kardec, ou se a postura dos que, além de acharem ter encontrado a verdade, se sentem na “santificante” obrigação de convencer todo o resto da Humanidade quanto à verdade que agora lhes pertence, assim eles julgam. Estes últimos, sentem-se como os cavaleiros do apocalipse espiritual criados por suas próprias mentes, já que saem com as pontas das línguas preparadas para a dissertação superficial dos nobres princípios ali abordados, mas envolvidos pelas sombrias intenções de impor o jugo pessoal ante os demais, não conseguem dar o menor testemunho daquilo que predicam. Estes, eu os conheço de longe, pela falta de simplicidade, pois carregam nos aspectos exteriores o que lhes falta edificar no íntimo de si mesmos. Normalmente não têm nenhum tipo de credencial a apresentar.”

“Lastimo que estejam reencarnados, precisamente onde semeaste, aqueles que, sinceramente, saem tentando converter toda a Humanidade ao seu redor para que se tornem espíritas, sem perceberem que, sequer eles próprios o conseguem ser. Nenhum dos que se agrupam nesses dois casos apreendeu muita coisa do que foi explicitado, mas ambos ajudam a que a preocupação de Ramatis tenha razão de ser, já que a pior coisa que existe na Terra é quando alguém se julga o marco zero de um novo tempo ou de uma nova realidade. Coitados. Normalmente suas atitudes servem apenas para que transformem suas vidas em verdadeiras nulidades para o progresso das comunidades – e disso eu entendo muito bem, pelo que me lastimo. Mas não tento convencer ninguém a respeito de coisa alguma.”

“Não saberia mesmo dizer, ó Ramatis, o que poderia ser feito por ti para chamar a atenção desses que se repetem na submissão estéril de suas vontades espirituais, ao jugo de interesses que desapontam até a espíritos frágeis, como é o meu caso. Jamais daria uma gota de suor em benefício do que vejo: incontáveis espíritos darem as suas próprias vidas e, o pior, tirando também as que não lhes pertencem, por motivos que assustam a minha sensibilidade, já que são desprovidos de qualquer razão lógica. E observem que quem vos diz isso é um espírito carente de maiores conquistas, o repito. Ainda assim, daria a minha vida terrena por motivos que jamais seriam percebidos por aqueles, cuja atenção encontra-se

enfeitiçada pelo vínculo emocional e tirânico, despertado pela ignorância e pela falta de maiores projetos a serem feitos durante a vida.”

“O que fazer diante destes que, com suas falsas atitudes de benfeitores, conseguem estragar, em tudo o que tocam com suas vibrações doentes e fanáticas, até o lado bom das religiões e das doutrinas?”

“Creio que a curto prazo – principiou Kardec – e com isso quero dizer o intervalo correspondente a duas ou três vidas terrestres, não é conveniente que esperemos modificações razoáveis na conduta daqueles que despertaram em si mesmos, por força dos hábitos equivocados ao longo de muitas vidas, a tendência nervosa ao fanatismo, ao excesso, à implacabilidade de juízo, enfim, às posturas extremadas que implicam invariavelmente em problemas.”

“Na realidade deste orbe, todos sabemos, demoramos, às vezes, uma série de reencarnações para conseguir modesto avanço nas nossas posturas espirituais, quando não nos complicamos mais ainda.”

“Por outro lado, o espírito somente consegue melhorar a si mesmo quando, em primeiro lugar, toma consciência da necessidade de fazê-lo. E os espíritos aos quais estamos nos referindo estão longe de ter essa percepção. Mergulhados no vasto oceano do próprio orgulho, nutrem-se a todo momento com as emanções deletérias das vibrações que lhes são comuns. Para estes, ceder em alguma coisa, aceitar a opinião alheia, assumir um erro qualquer, são sinônimos de fraqueza, pois pensam ser o doentio orgulho que lhes move, exatamente a fortaleza moral que lhes mantém acesa as suas personalidades, que pretendem ser marcantes.”

“Estes, ó Rochester, dificilmente conseguirão, no decurso de uma vida, redimensionar suas condutas. Normalmente ocorre que, ao primeiro vínculo neles despertados em relação a qualquer coisa, fazem convergir para a situação criada, todas as suas energias pessoais, como que incapacitados para o exercício de uma maior reflexão, agarrando-se freneticamente ao que agora julgam ser o que de melhor existe.”

“Se fosse somente isso, não incorreriam em maiores problemas para si mesmos e para os que o rodeiam. Mas, lamentavelmente, obrigam a que todo mundo ao seu redor siga as suas preferências pessoais, as suas determinações, e quem mais não se submeter a elas, passa a ser adversário, já que o seu orgulho não admite que isso possa estar ocorrendo. Pagam esse alto preço primeiro os que lhes pertencem ao ambiente familiar. Depois, todo o resto, já que verão nos que não estiverem alinhados com os seus

postulados, pessoas a serem convertidas ao que julgam ser certo, ou simplesmente, deverão ser desprezadas.”

“Permita Deus que, nos tempos que se avizinham, possa a modernidade suavizar a postura dessas pessoas, pois, caso não ocorra, o conflito entre as gerações que se sucedem deverá ser enorme, com o que todos perdem.”

“Ao longo de muito tempo, os valores pouco mudavam, o que permitia que os bisavôs tivessem, às vezes, os mesmos valores e a mesma concepção de vida dos seus bisnetos. Contudo, já na última vida que tive, percebi que cada geração parece buscar uma identidade própria de valores. Como será no futuro, quando talvez o que os avós pensem, não deva sequer servir como base para a educação dos netos?”

“Talvez, nesses novos tempos, possamos todos trabalhar para que o exclusivismo religioso, político, doutrinário, ou de qualquer outra forma que se apresente, não venha a servir como fator de desagregação. Permita-nos Deus que o Espiritismo não venha a se transformar, por força de posturas dessa ordem, em movimento cuja tônica seja o exclusivismo doutrinário, fonte de toda intolerância e de limitação para o espírito.”

“Não faz muito – disse Ramatis –, fiz uma averiguação na Índia, onde muitos avatares de possibilidades diversas estão reencarnados, formando focos de luz e de esclarecimento voltados para o futuro. Em torno de cada um deles, incontável número de pessoas está se reunindo para serem ajudadas e esclarecidas. Todavia, percebe-se quão infeliz é a tendência do ser humano ao se ligar a alguma coisa, pois, a partir daí, tudo o mais, pouco lhe acrescenta à alma, já que as portas e janelas da percepção espiritual estão fechadas por essa doença promovida pela ignorância e pelo orgulho. Os adeptos de um grupo criticam os de outro, o que é lamentável. Chega realmente a impressionar a postura infantil e estéril de tantas individualidades que melhor aproveitariam as suas experiências terrenas se a nada se prendessem.”

“Precisamos trabalhar para que o esclarecimento possa iluminar a frente espiritual de todos os que vivem na Terra, pois é a única maneira que temos para evoluir.”

“Cuidemos para que no futuro, o raciocínio torturado pela frívola materialidade não venha a impedir o ser humano de acalentar seus sonhos, suas utopias, porque, já submetido à aparente rigidez e ao peso do primitivismo do corpo animal, o espírito eterno precisa de maiores

rompantes para superar a inevitável sensação de inércia que, invariavelmente, envolve a todos os que nasçam na Terra.”

“Que os materialistas matem a sua própria fé, fortes que pensam ser na ilusória propensão ao culto do falso brilho do orgulho intelectual, mas não vitimem os que de nada sabem, mas que, de maneira simples, desejam sonhar e trabalhar por um mundo melhor.”

“A poesia da vida necessita do concurso dos sonhos para que seja possível expressá-la ao longo dos anos.”

“Deixemos os simples de coração seguirem seus caminhos, já que neles, seguramente, encontra-se a parte mais bonita da Humanidade.”

“Aos que falta essa simplicidade, bem... que sigam da mesma forma os seus caminhos. Afinal, que diferença há de fazer, pois que caminhamos todos em uma mesma direção?”

Após as palavras de Ramatis, alguns dos que ali estavam expressaram os seus comentários a respeito do problema. Muitas hipóteses de possível atuação na Terra foram formuladas para procurar-se elevar o pensamento humano à condição de dignidade mínima exigida, para se conviver com outras realidades universais. Porém, mesmo com tantas idéias que ali foram apresentadas, e diante de algumas propostas complexas, Ramatis novamente chamou a atenção de todos para o fato de que, se até – e principalmente – o Pai Celestial e os seus Prepostos, respeitavam plenamente o livre-arbítrio de cada ser, como poderiam eles, menores na criação, agir de forma diferente?

Concluiu, repetindo com outras palavras, a mesma conclusão que expressara anteriormente: a de que, queiramos ou não, saibamos ou não, todos os caminhos terminam por levar ao Pai, sendo este o único determinismo que existe em todo o cosmo.

Nicolau de Cusa (1401-1464), bispo de Bressanone, na Itália, costumava dizer que apenas aqueles que são verdadeiros sábios aceitam a impossibilidade de nossa mente finita compreender a natureza infinita de Deus, onde todos os opostos, todas as singularidades, enfim, todos os extremos se encontram. Ramatis é um desses, que sabe quão pequeno somos para perceber a grandeza do Pai, mas que jamais desiste de procurá-lo. E enquanto a isso se dedica, semeia esclarecimentos e estímulo redentor ao longo de sua jornada, embelezando a sua estrada para o Pai. Felizes os que com ele caminham na mesma direção.

AS POSSIBILIDADES HUMANAS

*“A vida é curta,
mas a arte é longa,
a oportunidade, passageira,
o experimento, perigoso,
o julgamento difícil.”*

HIPÓCRATES (460-377 AC)

Já faz “algum tempo” que Hipócrates, prudentemente, ressaltava quão difícil era o ato de julgar.

Esquecem-se aqueles que, a todo momento e diante de qualquer motivo, movidos pela pressa psicológica que caracteriza aos que se comportam vulgarmente, inclinam-se a julgar os outros, sempre erigindo motivos de ordem de zelo religioso, de pureza doutrinária, de defesa de ideais filosóficos, dentre outras desculpas para a posição indesejável, sob a ótica da elegância espiritual. Assim agem por não saberem que o ato de julgar é uma inconveniência para a alma.

Quem julga se prejudica, mas quem é julgado, nem sempre é prejudicado e, normalmente, recebe a título de “crédito moral”, as benesses que lhe são atribuídas pelo juízo de outra ótica, que avalia os fatos de uma maneira bem diferente da que é feita pelos valores terrenos. Ainda assim, os julgamentos correm apressados, ocupando algumas mentes que pouco produzem e criam, mas que a tudo destroem com a superficial inseqüência dos seus atos. Frequentemente esses posicionamentos caracterizam seres adoentados, entregues aos comportamentos triviais que marcam a atual situação de subdesenvolvimento espiritual do nosso mundo. Infelizmente, encontram-se em grande número e estrategicamente espalhados, como se pertencentes a uma falange terrena que cuidasse de exercer na Terra o apressado julgamento da honra alheia. Esquecem-se que não estão habilitados a cuidar nem de si mesmos pois, caso estivessem, seriam maduros o suficiente para perceber que os espíritos razoavelmente evoluídos cuidam em observar os próprios erros, a fim de corrigi-los, e não os dos outros.

Se o século XIX foi uma época de lenta preparação para as grandes novidades do século XX, com a chegada deste, necessariamente, muitos novos painéis haveriam de surgir na face da Terra, ofertando renovadas possibilidades de crescimento espiritual. Tanto no campo do intelecto como no da moral, trabalhadores encarnados de diversas famílias espirituais se preparavam para dar início às tarefas longamente planejadas. Contudo, quanto mais novidades aparentes surgiam, mais se apressava o julgamento do mundo para contê-las, visto que para muitos, mais vale a submissão à ortodoxia, do que a ousadia de buscar o novo.

Independente de tudo isso, chegava o momento da execução na Terra do que fora planejado por diversas falanges espirituais, e o que precisava ser feito seria realizado de qualquer maneira, pois urgiam as realizações importantes, ainda que com o inevitável tempero das imperfeições humanas.

O movimento espírita receberia em seu seio o reforço das encarnações dos espíritos de João Evangelista – afinal o Mestre dissera que ele deveria continuar encarnando até o seu prometido retorno – além de outros seguidores de Jesus que se inscreveram para serem trabalhadores da última hora. Diferente do espírito de João Evangelista e de alguns outros que já haviam prestado os seus concursos ainda na primeira hora em que Jesus esteve no mundo, a maioria dos que agora trabalhavam na chamada última hora era exatamente o grupo formado por aqueles que nada ou pouco fizeram para ajudar, ou mesmo prejudicaram o esforço do Mestre.

Por essa época, os frutos iniciais do trabalho do espírito de Rochester também já começavam a ser ofertados e dariam guarida estratégica a um conjunto de informações algo cifradas para o apressado entendimento alheio, mas profundamente registradas nas mentes espirituais de alguns que, com missões referentes à próxima etapa do programa das revelações progressivas – revelação cósmica – reencarnariam mais tarde, logo após a possível ocorrência dos flagelos mundiais vaticinados para a metade do século. Assim, era esperado, por força da reencarnação de espíritos poderosos, mas vinculados às hostes trevosas, o que fatalmente promoveria os escândalos das guerras globais, como de fato ocorreram.

Era o momento também para que a falange na qual labuta o espírito de Ramatis providenciasse a encarnação de seus pares, com vistas ao desempenho da missão esclarecedora a que seus membros se propuseram.

Dessa maneira, nas primeiras décadas do século XX já se encontrava reencarnado um grande número de trabalhadores do Mais Alto que iria semear os frutos dos seus esforços no solo árido dos corações dos que vivem na Terra. Mas não é nada fácil realizar tarefas desse porte. Dificilmente se consegue realizar na Terra o que foi planejado nos ambientes espirituais.

Os problemas que normalmente se verificam entre o planejado e o que realmente se consegue executar, começam quando o espírito vai ser imantado na sua nova organização fisiológica. Quando isso ocorre, um determinado conjunto de “arquivos memoriais” presente na mente espiritual, é suposto que seja despertado na época mais propícia da vida física, para que as “intuições anímicas” possam, a seu turno, ser repassadas para a “mente física” que encontra suporte no cérebro físico – digamos assim, por falta de melhor vocábulo que expresse a real situação – a fim de que o espírito encarnado sinta os impulsos e/ou as tendências para realizar a tarefa pretendida.

Mas, quais são as funções do cérebro humano transitório, já que este nasce e morre com o corpo físico?

Embora não seja a sede do pensamento, posto que este é intrínseco ao espírito, o cérebro físico, imantado pelo cérebro do perispírito e a este intimamente associado, é a manifestação fisiológica indispensável da mente espiritual no nosso intervalo de vibração terreno, funcionando como uma espécie de receptáculo ou ninho da “mente física”. Em outras palavras, a mente espiritual necessita da existência de estruturas funcional e materialmente diferenciadas, umas mais depuradas e etéreas, outras mais grosseiras, para poder se manifestar nos diferentes intervalos de vibração, também estes mais grosseiros uns do que outros, vendo assim as suas capacidades restringidas, bem como diminuído o acesso consciente ao arcabouço de informações arquivadas nos centros memoriais. No nosso caso, o cérebro físico (e todo o sistema nervoso associado) é a extremidade mais “pesada”, mas, simultaneamente, imprescindível de que a mente espiritual tem que se servir para a existência inteligente do ser encarnado no nosso plano físico terrestre. Por esse motivo, tudo o que diga respeito ao cérebro, influi de forma direta na manifestação terrena do espírito.

Para o que aqui queremos expor, a “mente física”, da qual o cérebro é parte determinante, tem três funções básicas: a de perceber a realidade que pode ser apreendida pelos sentidos corporais, decodificando e classificando

as informações que lhe chegam através dos sentidos básicos; a de registrar essas informações em espécies de arquivos memoriais; e a de raciocinar criticamente utilizando-se das memórias arquivadas.

Dessa maneira, conforme forem as condições das células da vida fornecidas pelos pais e o ambiente fluídico em que decorra a gestação, o espírito que irá reencarnar poderá ter um corpo cuja condição cerebral poderá ser a melhor possível, ou apresentar tais ordens de problemas que venham a dificultar o funcionamento das funções do cérebro e conseqüentemente da “mente física” – o que poderá limitar de forma considerável, as possibilidades de expressão da mente espiritual durante a vida terrena.

Fatores como o da saúde, da alimentação, da educação que se recebe na infância e na juventude, da postura dos pais e dos educadores, e de tudo o mais que concorre para a formação da personalidade transitória da mente espiritual naquela vida, contribuem decisivamente no sentido de existir um maior grau de facilidade ou de dificuldade, para que as potências do próprio espírito possam ser despertadas ao longo da vida.

Dessa forma, os arquivos da mente espiritual referentes à missão terrena podem permanecer fechados, ou poderão ser devida e amplamente abertos, conforme a conduta da “mente física” e a vibração que o próprio espírito encarnado plasme em torno de si mesmo. Dependendo do grau com que isso venham a ocorrer, os trabalhadores espirituais convocados para trabalhar com aquele médium, poderão desempenhar com maior ou menor facilidade as suas funções de espíritos comunicantes. E não há médium em missão que fuja a esta regra.

Além desses aspectos, existe ainda o do livre-arbítrio do médium, que pode igualmente facilitar ou dificultar a atuação do seu mentor espiritual.

No que se refere à sua falange, Ramatis, ainda assim, conseguiu transmitir através da invulgar mediunidade de Hercílio, quadros elucidativos sobre muitos aspectos jamais abordados anteriormente. Especificamente nas questões referentes ao Oriente e ao Ocidente, diversas foram as contribuições legadas para o entendimento das atuais e das futuras gerações, relativamente ao estudo comparado das religiões. Em certa passagem do livro *A Missão do Espiritismo*, em relação à pergunta acerca da diferença mais generalizada entre o Espiritismo e o Budismo, é esclarecido que “Sem dúvida, é a grande diferença de compreensão e temperamento que existe entre o Oriente e o Ocidente. Enquanto os

orientais, principalmente os hindus, são meditativos e buscam aprender a realidade imortal no silêncio da alma, os ocidentais são dinâmicos e procuram o conhecimento através das formas ou da manifestação fenomênica do mundo.”

“A vida inquieta e tumultuosa do Ocidente só proporciona ao ser o entendimento das coisas espirituais através da própria vivência cotidiana, desatinada, enquanto os orientais podem dedicar-se mais intensamente à meditação na tranquilidade da natureza e no fervor das coisas íntimas do espírito.”

Mais adiante, já abordando os aspectos de um outro questionamento, Ramatis, através de Hercílio, continua serenamente a explicar que “Apenas expomos que a turbulência da vida ocidental exige doutrina ou religião perfeitamente em sintonia com essa atividade desordenada. O povo ocidental precisa de ensinamentos sintéticos e popularizados, que lhe sirvam a toda hora e lhe concedam oportunidade de graduar-se progressivamente entre a poeira do mundo, mas sem abandonar suas obrigações onerosas no seio da sociedade, do trabalho, do estudo, do esporte e até da diversão.”

“Em conseqüência, realmente é o Espiritismo a doutrina no século XX mais indicada para atender às necessidades do homem ocidental, ensinando-lhe a imortalidade do espírito, os preceitos da Reencarnação e Lei do Carma, isso de modo direto e fácil, sem exigir qualquer abstenção. Ademais, tanto o Budismo quanto o Espiritismo, tentam libertar o homem de suas algemas carnis, porém, cada uma dessas doutrinas opera de conformidade com as atividades, temperamentos e psicologia do cidadão oriental e do ocidental.”

“Buda servia-se de comparações para ensinar sua doutrina, lembrando bastante a natureza poética de Jesus e suas parábolas. O Espiritismo, no entanto, profundamente eletivo à mente ocidental, manifesta os seus ensinamentos diretamente e sem a poesia ou o simbolismo que requerem demoradas meditações. É doutrina de esclarecimento imperativo e próprio para a época atual, em que não sobeja tempo para as longas contemplatividades próprias da escolástica oriental. O espírita se ajusta corretamente ao homem apressado, ativo e onerado no turbilhão incessante da vida moderna, mas pronto a servir ao próximo e a meditar também sobre a vida espiritual.”

São expressões de análise que denotam a lucidez do espírito de Ramatis e a sua intenção de ofertar ao mundo ocidental, a percepção ímpar da função das doutrinas elaboradas na Espiritualidade e depois fecundadas nos corações dos homens, demonstrando a preocupação do Mais Alto em adequar os ensinamentos redentores às possibilidades de todos os que vivem na Terra. Hercílio Maes foi a notável extensão terrena do trabalho de toda uma falange espiritual. Contudo, a exemplo do que ocorreu com Kardec, que também não conseguiu cumprir totalmente com o nível do conteúdo e do estilo programados para a tarefa naquela oportunidade, com Hercílio também não seria diferente. Afinal, na Terra é costume fazer o que pode ser realizado. O próprio Mestre Jesus reajustou seu programa pessoal porque não conseguiu ser entendido, nem pelos apóstolos que o acompanhavam mais de perto.

O aparente antagonismo que existe, na atualidade, entre algumas vertentes decorrentes de “admiradores” da obra de Ramatis e “seguidores” da codificação espírita, além das referentes a algumas obras complementares, corre por conta das injunções comuns à vida terrena, pois nos ambientes espirituais, a harmonia é total, entre as diversas falanges envolvidas com o objetivo comum de redenção da Humanidade.

Quando os conflitos provenientes do choque de opiniões ou de outras desavenças, que normalmente ocorrem na Terra, não conseguem manchar as relações além da conta normal a esses casos, os contendores, uma vez desencarnados, por pertencerem a uma mesma tarefa, costumam resolver as diferenças intelectuais cultivadas durante a vida terrena envoltos em sorrisos e observações fraternais a respeito das “questões pendentes”. Quando o orgulho espiritual não cega o discernimento, nos ambientes espirituais essas pendências são resolvidas da melhor forma possível. Apesar de tudo, quando prevalece o veneno do orgulho, nem ali se conseguem maiores progressos. Afinal, cada um de nós é o que é, dá o que tem, em qualquer canto onde esteja e sob a condição existencial que nos for característica no momento. E não são poucos os casos de desafetos espirituais que iniciaram, por questões menores e acessórias, rixas que perduram por séculos. Nesses casos, infelizmente a verdade sempre é a única vítima, já que, normalmente, não é convenientemente percebida por nenhum dos desavindos, pois quando nos sintonizamos com aspectos da verdade maior, por mais modestos que sejamos, o nosso espírito vibra de tal

maneira que nos inabilita a certos comportamentos tendentes ao primitivismo espiritual.

E a base de todos esses problemas é, exatamente, a tendência mal administrada do ser humano em julgar o próximo, mesmo sem estar moralmente habilitado e muito menos devidamente informado para tanto. Apesar de ser uma atitude inconveniente sob todos os aspectos para a alma de quem faz o julgamento – nos obrigamos a repetir – são raros, conforme indicam os registros nos ambientes espirituais, os que lá chegam, tendo conseguido professar em vida terrena o ideal fraterno de a ninguém julgar.

Os poucos que assim professam o seu jugo espiritual, costumam marcar em si mesmos uma componente vibratória, que os habilita a vivências espirituais que enobrecem a alma, como justo prêmio e fator normal de conquista meritória pela posição assumida. Além disso, comumente passam a ser coordenadores de falanges, cuja ordem de trabalho é servir na intermediação de processos de ajuda do Mais Alto para os que vivem na Terra. Estes, costumam sintonizar as suas energias pessoais com o que de bom percebem nas pessoas e nas ocorrências da vida, ao contrário de muitos que se perdem por completo, e que, a exemplo dos vermes, procuram sempre sintonia com ambientes e situações onde impera a decomposição. Em outras palavras, são ainda aqueles que nada ou pouco constróem, que procuram, sob diversos pretextos, destruir ou diminuir o esforço alheio.

Cuidem melhor da própria situação espiritual aqueles ainda tendentes ao julgamento apressado do esforço alheio. A superficialidade da postura dos que se entendem como os eternos juízes da Humanidade, não os recomenda para trabalhos importantes de cunho espiritual, uma vez que, seguramente, não saberão avaliar coisa alguma referente às possibilidades alheias, caso consigam atinar com as que lhe são próprias. Os que assim agem, tentando destruir qualquer novo aspecto esclarecedor, demonstram não perceber o que realmente importa: a tentativa de esclarecimento que está sendo feita, mesmo que se dê através de homens e mulheres imperfeitos. Mas se não for através destes, como poderá a Espiritualidade ajudar aos que vivem na Terra? Se assim é, qual o valor para o Mais Alto, das atitudes daqueles que a todo instante procuram ocupar os espaços da mídia para atacar aqueles cujas opiniões não lhe servem como ponto de apoio ao que entronizaram como sendo verdade? No que estão contribuindo, a não ser para o crescimento do próprio ego? Em nada

realizando, tentam chafurdar a paz alheia, não contradizendo as idéias contra as quais tem o direito de se opor, mas sim, atacando a honra e a imagem pessoal do seu oponente, motivado pelo inconfessável desejo de permanecer em evidência a qualquer custo?

Os vigilantes de plantão, do que julgam ser a justiça divina na Terra, perdidos nas desagregações promovidas pelo orgulho e cegueira dos séculos – e como dizia Kardec, alguns há que pensam que a luz foi feita somente para eles –, perdem também o vínculo com o essencial dos processos das revelações progressivas, já que estando cegos e orgulhosos, combatem tudo o que lhes possa ferir as idéias. E o novo sempre lhes é motivo para a sanha virulenta. Como sempre, na próxima oportunidade, solicitam encarnar exatamente no seio do movimento que tanto combateram na vida passada. E entronizam como a maior das verdades aquilo que agora abraçam, e aí de quem for portador de outras novidades.

E assim caminhamos há milênios. Mas agora é chegada a hora de aprender a discordar, com o devido respeito espiritual, até porque, nem sempre estamos certos. E se estivermos, aí é que será mesmo o caso de não faltar com o respeito fraternal. Afinal, de que adianta sermos adeptos de revelação espiritual se não nos espiritualizarmos?

A REVELAÇÃO ESPIRITUAL

“Vive de tal forma que deixes pegadas luminosas no caminho percorrido, como estrelas apontando o rumo da felicidade e não deixes ninguém afastar-se de ti sem que leve um traço de bondade, ou um sinal de paz da tua vida.”

DIVALDO PEREIRA FRANCO – PELO ESPÍRITO JOANA DE
ÂNGELIS.

O Espiritismo é um modo de vida, um estilo de honrar a existência, constantemente apegado a ideais superiores, e não um modelo religioso, muito menos, mais uma maneira de se professar uma religião. Poucas mensagens o traduzem tão bem quanto a que nos é ofertada pela abençoada mediunidade de Divaldo Pereira Franco, ele mesmo, exemplo maior da prédica espiritual. Não obstante, muitos a vivem como se religião fosse, esquecidos de levar um estilo de vida que realmente homenageie os ideais ofertados pelo Mais Alto. Facilitar o entendimento dessa percepção era – como ainda é – um dos grande objetivos da Espiritualidade junto à mentalidade do Ocidente.

Entender os objetivos da Espiritualidade ao fixar na Terra esse foco de esclarecimento, é eleger a necessidade de melhoramento íntimo, como sendo a meta principal a ser perseguida durante a vida.

Mas esse tema não é devidamente enfocado, com as repercussões que a tentativa da reforma íntima provoca nos compartimentos do espírito, despertando as suas propriedades divinas herdadas dos atributos do Pai, pois dEle emanam as nossas centelhas existenciais.

Não há nada mais importante no ensinamento dos espíritos, do que a importância da postura amorosa e da busca incessante do melhoramento pessoal. Todo o resto é de menor importância diante desses aspectos. Todavia, a exemplo do que fizeram as religiões cristãs, ressaltando aspectos acessórios em detrimento do essencial – visto que este, apesar das proposições simples, é de difícil consecução prática – o movimento espírita também dá realce a aspectos de importância secundária, em detrimento do testemunho amoroso dos que a ele estão vinculados.

Jamais a tribuna ou a mídia espírita deveria servir de palco para qualquer agressão, suave que fosse, a quem quer que seja, por mais

equivocada ou mal intencionada que possa aparentar. É incompatível com os ensinamentos da Espiritualidade, a confusa prática mediúnica eivada de orgulho intelectual da parte do médium ou do dirigente, que tem o condão de submeter aos ditames dos seus caprichos, os reais interesses do Alto. Fatos assim, infelizmente, vêm ocorrendo com ênfase lamentável, nas três últimas décadas do século XX.

Professar a fé espírita é uma atitude consciente, magnânima, é usar da lucidez necessária para, por exemplo, buscar no estoicismo, a imperturbabilidade da alma, perfumando-a com o esclarecimento necessário que afaste o ser da ignorância e da inércia espiritual. É viver de forma perene a procurar nos outros, o quanto de bom que possam ofertar, e olhar de maneira compassiva e tolerante para com o muito de negatividade que ainda lhes possam marcar as pegadas. Realmente, quem dentre nós não tem represado todo um conjunto de tendências e inclinações que envergonham a nós mesmos e que de forma veemente surgem, tais quais vermes traiçoeiros, a nos envenenar o psiquismo? São reminiscências da nossa herança espiritual infeliz que ainda temos que administrar com a atual concepção de vida e de mundo que temos, usando o livre-arbítrio para poder dar vazão ou não, ao que nos vem do íntimo da alma conturbada. Felizes os que controlam, com a férrea vontade de melhorarem-se intimamente, essa avalanche de impulsos complicados que, conforme as circunstâncias que enfrentamos na vida, irrompem, como se fossem arquivos espirituais sendo despertados, para, agora, em uma nova encarnação, serem devidamente tratados.

Se o Espiritismo não tiver o condão de nos motivar a sermos complacentes uns com os outros, para muito pouco estará servindo. Se entre nós não há um só que prescindia do perdão, da compreensão, da tolerância e da compaixão alheias, por que então, de nossa parte, não assumirmos também a obrigação moral de sermos tolerantes?

As idéias podem, e devem, ser discutidas ou mesmo combatidas, mas, em nenhuma hipótese e sob nenhum pretexto, deve-se atingir a honra de quem as defende. E o que, infelizmente, às vezes se vê em artigos, reportagens e programas vinculados ao movimento espírita, senão a empáfia de uns, agredindo a sensibilidade de outros, por questões de disputa intelectual, inveja, mesquinhez, dentre outros fermentos perturbadores da alma? Tudo isso traduz uma ausência lastimável de elegância espiritual e de postura moral elevada, necessárias para se lidar com questões importantes.

Se o custo de defender a chamada pureza doutrinária do Espiritismo, for o de ferir a sensibilidade espiritual de uma só pessoa, creiam, sob a ótica da Espiritualidade, não valerá a pena essa defesa. Porque quem a faz, aniquila o princípio básico que os espíritos mais têm se esforçado por transmitir, que é o respeito ao próximo e às suas limitações. Na verdade, quem não as tem? Para o Mais Alto, nada há que possa justificar nenhuma forma de agressão a um ser humano, mesmo porque, todos somos, de certo modo, encarnações da divindade, já que dela fomos emanados. Se a esse preceito não conseguirmos enxergar, de pouco valerá percebermos o resto, porque estaremos sempre agredindo a extensão de nós mesmos, representada pela pessoa do próximo, o que é um ato de profunda ignorância. Tanto assim é que, quando agredimos alguém, a marcação energética fica gravada na nossa própria organização espiritual, representando, portanto, uma auto-agressão. E quantos, entre os espíritas, não o fazem?

Se os espíritas não forem exemplo de tolerância e da prática da responsabilidade moral para o mundo, quem o será?

Pode-se até discordar das idéias, dos posicionamentos, das opiniões deste ou daquele vulto do movimento espírita, só não se pode atingir-lhe a honra pessoal, atendendo ao fato de que, a obra que cada um realiza, fala por si mesmo. E nesse campo, os exemplos de total dedicação ao próximo de muitos dos que se vinculam ao ideal espírita, são testemunhos dos mais belos e edificantes, o que somente comprova os altos propósitos desses missionários.

Ofertar a outra face, como nos recomendava e ainda recomenda Jesus, é uma atitude consciente e plena de beleza, e assim agindo, estaremos reconhecendo no próximo a extensão de nós mesmos e do Pai Celestial. Apesar de tudo, quantos espíritas vêem nos adeptos de outras religiões simples adversários, como se o Espiritismo estivesse disputando almas?

Se o Espiritismo não defender e testemunhar a reforma íntima como emblema da sua luta renovadora, será que estará apto a cumprir a função que Jesus lhe reservou, como instrumento para melhorar o mundo a partir do crescimento espiritual de todos? Mas, como levar adiante o projeto de redenção de toda a Humanidade, se nem mesmo os espíritas disso dão testemunho?

Do que adianta aprofundar-se na busca dos conhecimentos sobre aspectos da mediunidade, se não há, sequer, a consciência da necessidade

do melhoramento íntimo? E em havendo uma certa consciência da importância do renascimento espiritual, o que adianta promover o culto personalizado de alguns poucos, quando, entre os espíritas não é esperado que haja autoridades terrenas, mas sim, humildes trabalhadores que ofereçam o que porventura tenham, sem esperar devoção, reconhecimento e muito menos, agradecimento? Será que estamos esquecidos que o saldo da nossa conta corrente espiritual ainda é marcadamente devedora e que, portanto, é de todo inconveniente para o nosso espírito esperar reconhecimentos que exacerbam o ego mas entorpecem a alma? Recordemo-nos de que a Humanidade – leia-se, aqueles que nos rodeiam – é credora das nossas melhores atitudes e sentimentos, e estamos todos aqui, acima de tudo, apenas para servir.

A revelação espiritual não veio para os espiritualizados, mas sim, para espiritualizar a todos, uma vez que todos somos, ainda, necessitados de esclarecimento, de compreensão e de carinho, sabendo que se não fosse o caso, seguramente não estaríamos aqui.

Tola é a pretensão dos que se julgam em missão especial, quando todas as vidas são missões especialíssimas, pois são arquitetadas conforme os mais nobres objetivos. Cada vida é uma missão sublime que visa a semeadura da paz, do amor e da harmonia no mundo, e quem disso não cuidar, nunca mais estará apto a desenvolver qualquer outro trabalho, porque não existe tarefa mais importante do que esta. Tudo o mais é de somenos importância, a não ser que se queira insistir na equivocada construção de mais e mais sepulcros caiados, dado que muitos ainda perdem a sua alma para, de forma ilusória, pretender ganhar o mundo.

A revelação espírita há de pretender ser sempre um foco luminoso, e não uma comunidade de crentes, perdida nos descaminhos do mundo, visando ocupar este ou aquele espaço estratégico entre as religiões. A codificação dada pelo Mais Alto, não deverá ser, jamais, objeto de intriga sequer entre duas pessoas, quanto mais entre grupos ou facções religiosas. E urge uma reflexão da parte de todos, sobre o papel do Espiritismo no mundo, uma vez que, se não soubermos em que direção seguir, como direcionar os esforços para chegar aonde se deseja?

O que será que cada espírita tem a dizer a si mesmo referente a esta questão? O que será que os espíritos esclarecidos têm a dizer? Será que não se percebe que há uma determinada classe de espíritos desencarnados que, profundamente dependentes da conduta religiosa, estão hoje

desempenhando o papel de espíritos comunicantes em alguns centros, e sem que o percebam, e com a conivência de muitos dirigentes e médiuns, estão transformando, do lado de cá e no de lá, a doutrina espírita em um mero ponto de apoio para suas predileções? Será que não se pode analisar, com maturidade, a estranha sintonia que há muito vem marcando as reuniões ditas “kardecistas”, onde os problemas pessoais estão recebendo outras indulgências, expressadas através de conselhos “infalíveis” que muitas vezes terminam por criar problemas mais sérios do que aqueles que se pretendia resolver?

E os exageros cometidos no tema da obsessão? Será que, da maneira que está sendo conduzida a nobre assistência pretendida aos mais necessitados, é possível que alguém vá a um centro que atenda casos desse tipo, sem que de lá saia com vibração mais desarranjada do que quando entrou? E sobre tenebrosos espetáculos de médiuns recebendo entidades obsessoras, com prejuízo de suas energias pessoais? E o que dizer da sensibilidade de quem está assistindo ao triste espetáculo de homens e mulheres caindo sobre cadeiras, sendo agarrados por muitas pessoas, a título de segurá-los para não se machucarem, onde os pobres espíritos que ali chegam, em vez de ajudados, são humilhados, tal como também ocorre nos cultos de certas igrejas evangélicas? E, no caso do Espiritismo e no de algumas igrejas evangélicas, o intrigante é saber que a boa vontade de servir é a tônica desses médiuns que, amorosamente, se ofertam para serem instrumentos da ajuda divina que ali chega, donde resulta a inequívoca responsabilidade dos dirigentes, que têm a obrigação moral de desenvolver-se intelectualmente para melhor conduzir trabalhos desse gênero.

Infelizmente existem centros denominados de kardecistas, onde a ignorância espiritual campeia e, apesar da boa vontade de muitos, não se pode ter a ilusão de que uns poucos estejam sendo ajudados. Infelizmente não é assim que acontece.

Ressalte-se, ainda, que o desconhecimento doutrinário, seja de que religião for, permite que o aspecto emocional presente nos rituais, passe a imperar, como sendo a força motriz do movimento religioso, em detrimento da abordagem doutrinária, o que termina transformando – como ocorre na mídia de algumas religiões – o que deveria ser evangelização, em entretenimento religioso.

Quando buscamos diversão e entretenimento, no que deveria ser um mergulho da consciência em busca do auto-conhecimento e na formulação

de posturas pessoais, de acordo com os ideais superiores que norteiam a vida, já estamos dando a tônica moral do significado dos nossos passos, o que é lamentável, pois que costumamos, de fato, nessas horas, relaxar os sentidos, nada mais. Mas, apesar disso, os corações sinceros e devotados, até por esses caminhos chegam ao Pai, porque Ele esforça-se por se expressar amorosamente por todas as estradas da vida, posto que seus filhos e filhas terrenos arquitetam, com o livre-arbítrio de que dispõem, jornadas de todos os tipos.

A prática religiosa pressupõe “mudança de rumo”, “tomada de consciência”, “reforma interior”, ou seja, algo que não poderá ser despertado em seu devido grau de consciência, nos rituais e celebrações onde reinam o imediatismo, o superficial e a preocupação com os aspectos exteriores.

Levamos “vidas” para tomarmos consciência de certos aspectos do Universo e de nós mesmos. Chega a ser deprimente perceber a oferta fácil dessa tomada de consciência em alguns minutos de êxtases estereotipados pela mídia religiosa.

Na longa jornada da evolução espiritual, o imediatismo, o superficial e o aspecto exterior de nada valem, porque estão dissociados da sustentação psíquica necessária para demarcar na alma, os seus correspondentes registros. Essas ocorrências são modestos complementos que podem servir, apenas temporariamente, para os que têm as suas consciências ali sintonizadas. Em verdade, Jesus jamais se referiu a festas, celebrações, benesses, cultos personalísticos, para quem o seguisse. Referiu-se até a uma certa dose de dificuldade para quem quisesse evoluir, pois cada um teria que carregar a sua própria cruz.

Dentre os aspectos da alma que precisam ser cuidadosamente trabalhados na intimidade e no esforço incessante da vivência pessoal, encontra-se a mediunidade com os seus dispositivos que precisam ser entendidos, se deles se pretender servir alguém em benefício do próximo.

Para se ajudar através desses mecanismos, são necessários amor, prudência e conhecimento doutrinário. Quando alicerçada sobre este tripé, a mediunidade obra benesses espirituais de grande relevância, apesar de pouco percebidas pelos olhos humanos, no que não reside nenhum problema. Mesmo que não haja mediunidade expressa, consciente, por parte dos que amorosamente se propõem a servir, tudo funcionará a contento, se os limites da atuação do grupo forem devidamente administrados pelos

dirigentes. De fato, os espíritos ajudam em silêncio, sem que sequer o saibamos. Por que então a nossa preocupação com celebrações e formalismos desnecessários?

A Espiritualidade nunca pretendeu esvaziar as igrejas católicas, os cultos protestantes, e encher os centros espíritas. O que sempre se pretendeu, foi encher os corações de todos com as sementes que despertam e motivam o processo de espiritualização pessoal. Como fazê-lo, em um mundo desagregado e prenhe da mais tosca intolerância, é onde reside o grande desafio. Mas poucos assim entendem, e a maioria se deixa levar pelas circunstâncias do exacerbado aspecto religioso do Espiritismo. E, em se transformando em mais uma religião, absorverá, como infelizmente já fez, os costumes tradicionais inevitavelmente inadequados à prática espírita.

Mas não se está pretendendo que as atuais gerações percebam ou mesmo concordem com o exposto. Alicerça-se hoje, o que se pretende ver edificado amanhã. Nós, que vivemos na Terra, podemos de nada saber do que está para acontecer, e que terá profundas implicações na maneira como as tradições filosóficas e religiosas vêm sendo conduzidas. Mas a Espiritualidade Maior sabe o que nos espera e, na atualidade, está trabalhando para que, no tempo propício, quando gerações mais esclarecidas perceberem, não a necessidade de se fundar mais e mais religiões, mas sim, a de espiritualizar o ser humano, os frutos do atual esforço sejam colhidos, em termos de benefícios para todos. Quando isto for compreendido e devidamente assimilado como sendo o ponto essencial em toda essa história, os fatos daí decorrentes surpreenderão, em muito, os que hoje pensam de maneira diferente.

Não se pretende, portanto, convencer ninguém a respeito de coisa alguma, sabido que é, que o verdadeiro progresso espiritual verifica-se pela tomada de consciência e não necessariamente pelo convencimento, o que é bem diferente. Cabe a cada um definir o seu próprio ritmo e estilo de vida; cabe a cada grupo, congregado em torno de um ideal comum, estabelecer os padrões e objetivos que nortearão os seus passos. Cada um é livre para exercer o seu direito de opinar e de propor alternativas, sempre e quando tal exercício não colida com os direitos e sensibilidade espiritual de outrem.

Conforme temos depreendido da preocupação da Espiritualidade, não há outra alternativa segura, a não ser a da vigilância e do exercício constante da autocrítica, como ponto de partida para a renovação, e sem que isso, entretanto, nos destrua a autoconfiança ou conduza ao despenhadeiro

do remorso doentio. Afinal, criticar os outros é atitude cômoda para o nosso psiquismo, pois nada custa, ao menos aparentemente. Contudo, criticar e corrigir a nós mesmos, representa um grau de dificuldade ímpar para cada um de nós e nesta regra não há exceção. Até os grandes espíritos missionários que encarnam, até mesmo para os avatares, o grau de dificuldade existe. Por sinal, sob certos aspectos que fogem à análise linear com que normalmente os seres humanos são observados, às vezes, chega mesmo a ser muito mais complexo, dizem os mentores.

Necessitamos entender, entretanto, que “os espíritos não ensinam senão apenas o que é necessário para guiar no caminho da verdade, mas eles se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais: a ele cabe aproveitá-los e pô-los a funcionar.” (*A Gênese*, de Allan Kardec).

Assim, por mais que possa não ser aceito o que aqui será expressado, os espíritos esclarecidos, em hipótese alguma, interferem no livre-arbítrio de quem quer que seja, nem criam ao redor de um indivíduo, possibilidades que ele próprio não as possa criar. Esses amigos espirituais não poderiam ser menos do que os próprios companheiros terrenos que, sabedores do valor da prudência, esquivam-se de interferir na vida dos seus afetos, ajudando-lhes, apenas, com as suas opiniões e orientações, sem pretender determinar o que deve ser feito.

Os espíritos esclarecidos apenas sinalizam, orientam, ajudam a despertar no indivíduo certas reflexões, mas não contestam, não negam, nem admoestam ou forçam através de alguma atitude, a que alguém venha a mudar de opinião a respeito disto ou daquilo.

Muitos pensam que alguns médiuns têm, ou teriam, o privilégio de nunca se enganar, porque os espíritos fatalmente os orientariam, os alertariam, e não deixariam que os trabalhadores terrenos, por notáveis que sejam, cometessem deslizes nos campos opinativos, doutrinários, nem quanto a opções de conduta pessoal. Ledo engano. Não funciona dessa maneira. Se, porventura um trabalhador terreno, ao final de sua jornada, tiver conseguido não se enganar em alguma opinião que deu ou que mantenha, sobre isto ou aquilo, será mérito total exclusivo seu, nada tendo a ver com isso os mentores espirituais. De forma análoga, se este trabalhador, por orgulho intelectual ou mesmo desconhecimento, cometer deslizes e

equivocos através dos pontos de vista defendidos, será problema seu, nunca dos seus mentores. E esta regra vale para todos, sem exceção.

Tudo o que os espíritos mais elucidados fazem, quando percebem que o instrumento terreno que utilizam incorre em equívoco opinativo ou mesmo conceitual, é somente sinalizar, de todas as maneiras possíveis, para que o seu colaborador encarnado possa perceber o que lhe está sendo acenado. Mas, mesmo que seja percebida a tentativa da Espiritualidade em ajudar, caberá exclusivamente ao tirocínio da pessoa o mérito de perceber ou não, o significado do que está sendo sinalizado. E ainda mais, ter a simplicidade espiritual suficiente para assumir o possível equívoco.

Dessa maneira, por injunções da vida ou mesmo por brincadeira de espíritos perturbadores – ou ainda estratégia de falanges trevosas que procuram desencaminhar os trabalhadores encarnados – se alguém, por exemplo, passa a supor que em vidas passadas foi um determinado personagem, em nenhuma hipótese e sob qualquer pretexto, por mais aquinhoado que possa ser o médium, os mentores dirão claramente sobre o equívoco, independente das implicações que isso possa trazer para aquele espírito, até porque eles dificilmente o conseguiriam. Tudo o que eles tentarão é sinalizar através de ocorrências outras, o equívoco em curso.

Se, por exemplo, um trabalhador cuja obra meritória é singular, e que para além de tudo o mais, já lhe reservou um galardão espiritual de vulto ao desencarnar, se porventura estiver equivocado em alguma opinião pessoal sobre isto ou aquilo, mesmo sendo um grande médium, os mentores não lhe apontarão o erro, até mesmo porque dificilmente poderia ser percebido, pelos limites que a “mente física” impõem ao desempenho da própria mediunidade. Não nos enganemos, pois, porque nada há que seja transmitido através do mecanismo mediúnico – dos ambientes espirituais para o terreno – que, na sua última etapa, não venha a ser processado pela “mente física” através do cérebro do médium.

Quanto às reencarnações, existem mecanismos ainda por serem esclarecidos à comunidade terrestre, que permitem que o espírito encarnado possa lidar com os arquivos memoriais presentes na mente espiritual, e que circunstancialmente são abertos. Mas, ao serem abertos, usualmente não conseguem chegar à “mente física” todas as informações ali registradas, e freqüentemente, dentro do atual padrão de conduta que caracteriza a vibração terrestre, somente algumas sensações conseguem ser canalizadas ao entendimento da “mente física”. Tempo virá, porém, em que a

compatibilidade vibratória entre a “mente física” temporal e a mente espiritual atemporal, permitirá condições para que o espírito encarnado tenha acesso consciente aos arquivos da sua alma, o que possibilitará progressos atualmente difíceis de serem imaginados.

Para isso é necessário que o pilar de sustentação espiritual que responde pelo equilíbrio psicológico, pela maturidade emocional e pelo rigor moral, esteja plenamente assentado em bases sólidas no campo do exercício da soberania do ser, para que o outro pilar, o do desenvolvimento intelectual, possa se elevar a níveis surpreendentes. Entretanto, no atual estágio da espécie humana, para que adianta acessar o passado, se dele somente temos arquivos memoriais difíceis de administrar? Se isso viesse a ser feito, poucas famílias terrenas conseguiriam ser aglutinadas, já que os seus pares, em sua grande maioria, são parceiros de compromissos e de equívocos do passado, não existindo entre eles maiores graus de simpatia espiritual, o que comumente encontramos nas relações de amizade além das fronteiras da família. Isso acontece em mundos subdesenvolvidos, sob a ótica espiritual, como é o caso da Terra, sendo que, em mundos mais evoluídos, as famílias se reúnem obedecendo aos laços de afinidade.

Kardec, na época em que codificava os preceitos redentores da doutrina espírita, chegou a formar um conjunto de reflexões sobre o tema da reencarnação, pretendendo, mais tarde, escrever um livro específico sobre isso. Pretendia, a título de experimento e a exemplo da abordagem específica feita no *Livro dos Médiuns*, traçar possíveis alternativas de conduta íntima, misturando orientações que chegou a pesquisar das culturas orientais, com algumas poucas informações que havia recebido a respeito do tema, provenientes de alguns médiuns que lhe ajudavam no mister esclarecedor. Infelizmente, não lhe foi possível sequer, iniciar o projeto pretendido, porque decidira priorizar outras questões referentes à doutrina.

A Humanidade não sabe, mas um dia descobrirá, por esforço próprio de um ou de muitos dos seus pares, que existe um mecanismo da alma que permite transmitir às suas expressões transitórias – vidas terrenas ou vidas encarnadas em outros mundos que não a Terra – as conquistas que lhe são próprias e que estão profundamente marcadas na organização espiritual, como herança de seus próprios méritos, a acompanhar o Espírito pela infinita obra da criação. Falta-nos, enquanto comunidade planetária, perceber e desenvolver esse mecanismo. Por enquanto, a Espiritualidade apenas informa que ele existe, e alguns poucos estão tendo experiências

peçoais, discretas, treinando, para, talvez em vidas futuras, abordar esta temática como uma das matérias da ciência do espírito. Caberá a cada um de nós, quando houver condição moral para tanto, despertar essa enorme potencialidade que de forma intrínseca existe no ser, apesar de atualmente vivermos na Terra, envolvidos por miríades de problemas.

Dessa maneira, os impulsos que surgem, sejam compreendidos ou não, as informações oriundas de processos, às vezes complicados e desnecessários, de incursões nos centros memoriais da alma para ter acesso a vidas passadas, ou mesmo aquelas veiculadas através de processo mediúnico, corretas ou equivocadas, serão, todas elas, objeto da ação dos mentores espirituais. Quando corretas, e se for o caso previsto no programa encarnatório da individualidade espiritual, eles sinalizam positivamente, confirmando a questão. Mas quando equivocadas, o processo torna-se complexo, normalmente dificultado à luz das possibilidades, porque o orgulho espiritual do médium não consegue criar campo propício para que, pelo menos, as discretas sinalizações dos amigos espirituais possam ser ofertadas. Ainda assim, vale o preceito da justiça divina, de que será dado a cada um conforme as suas próprias obras.

Em casos de opinião pessoal ou de conjunto de conceitos que limitem a percepção do médium, a possível ajuda espiritual para esclarecer a “verdade dos fatos”, torna-se menos provável ainda. Como não há privilégios, às vezes, para um grande médium ou mesmo para um avatar que disso tenha consciência, não é nada fácil para a Espiritualidade tentar esclarecer, quando porventura o missionário terreno assume este ou aquele ponto de vista sobre determinado tema.

Assim, é importante que percebamos que viver na Terra, representa um grande problema para os espíritos, até mesmo para os mais evoluídos. Para eles, não é fácil, sequer, “vencer o mundo”, como Jesus o afirmou. Muitas vezes há que, espíritos missionários com plena possibilidade de sucesso na sua empreitada, daqui saem com sérios equívocos cometidos durante a vida terrena. E não lhes é ofertado nenhum privilégio por serem quem são. Ao contrário, têm que procurar por si mesmos, testemunhar que de fato são capazes de fazê-lo. É sob essa ótica que se processa o fator de evolução desses espíritos de escol, obedecendo a uma ordem de critérios que legislam sobre o grau ascensional a que pertencem as suas individualidades.

Poucos são os que conseguem compatibilizar completamente os atributos de seu espírito com as possibilidades ofertadas pelas “mentes

físicas” utilizados nas suas expressões transitórias terrenas. Os que o logram fazer, são considerados, acertadamente, como grandes avatares.

Quando chegam as épocas das grandes revelações, e aqui citaremos apenas algumas das que ficaram devidamente registradas na nossa História, como foi o caso de Moisés, de Buda, de Jesus, de Maomé, da revelação espiritual promovida pela Espiritualidade, dentre outras, tudo o que o Mais Alto faz, através das hostes de assessoramento da deidade – leia-se, espíritos desencarnados, seres extraterrenos, dentro de certas peculiaridades – é ofertar as sinalizações e a fenomenologia necessárias para que os missionários encarnados possam perceber, entender e repassar os ensinamentos edificantes, conforme o grau de percepção, entendimento e de expressão que lhes sejam próprios. No concernente ao grau de habilidade espiritual do missionário encarnado, não nos iludamos. Os mentores apenas tentam ajudar, mas tudo corre por conta do mérito pessoal que o missionário possa ajuntar naquela vida em que estiver desempenhando a tarefa. Os méritos adquiridos em vidas passadas, as conquistas espirituais já realizadas, tudo isso conta, mas não servem como passaporte seguro para o sucesso da nova empreitada. Em outras palavras, a capacidade de liderança, a maior ou menor inclinação para a arte, para a filosofia etc., bem como os êxitos já logrados no sentido do amor, da humildade e da fraternidade, se farão presentes como tendência “inata” do ser encarnado, da mesma forma que, se ainda não tiver conseguido alcançar ao longo da trajetória milenar de depuração, chegarão até si também de forma “inata”, as tendências para o desamor, o orgulho, o egoísmo, a violência e as manifestações menores daí decorrentes. Mas, o fator determinante para que a tarefa consiga atingir o nível de consecução desejado, dependerá exclusivamente do exercício pleno com que o livre-arbítrio e o tirocínio que caracterizam o trabalhador naquela vida, venham a ser soberanamente regidos pela sua própria vontade espiritual, frente aos estímulos e vicissitudes da vida, e mergulhados no oceano de tendências “inatas” que caracterizam a sua natureza.

Esta regra serve para Jesus e para qualquer um de nós. É da Lei Maior, que assim o seja.

No que se refere ao tema da reencarnação, está previsto pela Espiritualidade, que corajosos trabalhadores espirituais venham a realizar – o processo já foi iniciado – tarefas esclarecedoras no perigoso campo da abordagem de algumas de suas vidas passadas. Perigoso, por ser ainda incompreendido, mesmo por aqueles vinculados a doutrinas como a do

Espiritismo e a do Budismo, cujos postulados oferecem campo fértil de informação e de reflexão sobre o assunto. Contudo, devido a certos problemas ocorridos ao longo do desenvolvimento do pensamento religioso da nossa História, esse tema foi desvirtuado do curso esclarecedor pretendido, e mesmo na codificação, por opções de Kardec e outras circunstâncias, não chegou, todavia, a ser devidamente tratado, conforme o pretendido pela Espiritualidade.

Assim, por ser uma questão conceitual, cujo entendimento é essencial a um conjunto de eventos que está por vir, alguns trabalhadores, ao perceberem o problema ainda nos ambientes espirituais, ofertaram os seus concursos pessoais para que, quando encarnados, “fossem para o sacrifício” da inevitável polêmica que cercam esses casos, servindo como foco de atenção de muitos, para o assunto, única maneira de, em uma escala de tempo menor que a previsível, empreender a tentativa de ofertar painéis das próprias almas sobre o tema. Isso será feito, mesmo com o sacrifício de suas sensibilidades pessoais. Mas não há outra alternativa.

Na verdade, esse processo já começou há algumas décadas. Mas os trabalhadores responsáveis pela sua continuidade, não conseguiram levar adiante o processo desejado na última década do milênio. Assim, nos é informado que, em breve, algumas histórias espirituais de certos personagens, devem ser esclarecidas sob a ótica da reencarnação. Esse processo se acentuará sobremaneira à medida em que o século XXI se desenvolva. É necessário que assim seja, mesmo com todos os riscos inerentes ao processo. Afinal, o que é que se faz na Terra, que não esteja submetido a toda ordem de riscos?

A REVELAÇÃO CÓSMICA

“Uma mesma família humana foi criada na Universalidade dos mundos, e foram dados a estes mundos, laços de uma fraternidade ainda inapreciada por vossa parte. Se estes astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o serão por seres desconhecidos uns dos outros, mas sim por seres marcados em suas fronteiras com o mesmo destino, os quais devem se encontrar momentaneamente segundo suas funções na vida, e se reencontrar segundo suas mútuas simpatias; é a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a primeira irradiação do Espírito divino que abraça a extensão dos céus, e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.”

A GÊNESE (DE ALLAN KARDEC)

O acima exposto foi escrito no século XIX. Alguns segmentos do Espiritismo, contudo, ao que parece, não levaram a sério o esforço dos espíritos codificadores em ofertar a necessária amplitude ao entendimento sobre o Universo. Têm-na em conta menor de apreciação, sendo esta a única explicação que nos parece plausível, para o menosprezo com que certos temas são tratados por setores do movimento. Porém, queiram ou não alguns espíritas, os Espíritos codificadores esforçaram-se por chamar a atenção para um contexto ainda mais abrangente que o apresentado naquela oportunidade, deixando-o por conta da ciência ainda por se desenvolver, a abordagem apropriada quando os tempos fossem propícios.

Como não poderia deixar de ser, há aqueles que se vinculam com tamanha dedicação ao estudo de certos temas, que certamente são atraentes à alma, mas, esquecidos de observar a tantos outros que existem, apesar de inobservados, transformam simples partes entendendo-as como se fossem o todo. Quando isso fazem, suas “mentes físicas” – adubadas pelo orgulho intelectual que advém do pretenso conhecimento que passam a defender, como se disso dependesse a própria honra – limitam, por completo, o entendimento do novo, e melhor seria a Providência impedir o progresso das idéias e dos fatos, para que tudo se adequasse às suas conveniências.

Assim tem sido e, infelizmente continua a ser, ao longo da evolução do pensamento religioso, já que o que se tem por “verdade”, passa a ser fator impeditivo para que novas verdades, ou novos aspectos dela, possam surgir.

Ora, se os espíritas não prestarem atenção ao que Kardec escreveu, quem haverá de fazê-lo? Vejamos, mais uma vez, o que o codificador deixou registrado no livro *A Gênese*:

“Há coisas a cujo sacrifício é preciso que nos resignemos de boa ou de má vontade, quando não é possível proceder de outro modo. Quando o mundo marcha, a vontade de alguns se revela impotente para o deter: o mais sábio é segui-lo, conformando-se com o novo estado de coisas ao invés de se agarrar ao passado que se desintegra, com o risco de cair com ele.”

“Por respeito a textos considerados como sagrados, seria necessário impor silêncio à ciência? Isto é uma atitude tão impossível quanto impedir a Terra de girar. As religiões, quaisquer que tenham sido, jamais ganharam nada por sustentar erros manifestos. A missão da ciência é a de descobrir as leis da Natureza; ora, como essas leis são obras de Deus, não podem ser contrárias às religiões fundadas sobre a verdade. Lançar anátema ao progresso como inimigo da religião, é lançar anátema à própria obra de Deus; ademais, é isso completamente inútil, pois todos os anátemas do mundo não impedirão que a ciência caminhe, e que a verdade venha à luz do dia. Se a religião se recusar a caminhar com a ciência, a ciência prosseguirá sozinha.”

“Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência; essas descobertas não são funestas senão aos que se distanciam das idéias progressivas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças; eles fazem em geral uma idéia tão mesquinha da Divindade, que não compreendem que o fato de se assimilarem às leis da Natureza reveladas pela ciência, é glorificar Deus em suas obras; porém, em sua cegueira, preferem com isso prestar uma homenagem ao Espírito do mal. Uma religião que não estivesse em contradição com as leis da Natureza nada teria que temer do progresso, e seria invulnerável.”

O conjunto dessas observações, Kardec o expressou para chamar à atenção de muitos que, naquela época, procuravam deter a marcha do progresso das idéias, fossem aqueles que lutavam contra o recém-criado movimento espírita – Kardec somente decidiu-se iniciar o movimento espírita no ano de 1868, exatamente o ano em que lançou *A Gênese*, um ano

antes do seu desencarne – ou mesmo os que já com algum vínculo com a doutrina preferiam que o Espiritismo tratasse apenas das questões referentes à organização de centros e sessões mediúnicas, o que, por sinal, ocorre até aos dias atuais.

É constrangedor ter ainda que repetir para alguns segmentos do movimento espírita na atualidade, as observações feitas no século XIX. A postura anacrônica e estéril que faz estacionar o progresso do espírito não pode ser a tônica, principalmente, a daquele movimento doutrinário que se propõe a nortear a evolução espiritual. Infelizmente, as religiões da Terra, desde há muito que apresentam esse problema. E não se pode transformar o Espiritismo, que é a mais moderna abordagem do processo, no caso de maior realce. Mas, perante a forma como se encontram os posicionamentos dos “doutores da lei espírita”, esquecidos da simplicidade d’alma necessária para que se possa tratar convenientemente assuntos desse tipo, o que poderá ser feito, perguntamos nós, para reverter o aspecto secundário que está sendo imposto à doutrina pelos excessos das celebrações, dos rituais e das posturas inflexíveis de alguns? Em nome de quem podem estes falar? Quem tem estatura moral para dizer o que é, ou não, possível acontecer?

É lamentável, mas acima de tudo, esforcemo-nos todos para perceber que ao Espiritismo cabe a realização de muitas coisas, menos a de impedir ou dificultar o vislumbre de novos horizontes, ou mesmo desonrar a quem porventura não se enquadre nos parcos limites do entendimento de alguns, sobre o que pode, ou não, ser verdadeiro e conveniente para o movimento.

É claro que não é conveniente para o Espiritismo acreditar ou assumir postulados que somente os fatos futuros permitirão que sejam percebidos. Contudo, o que não lhe cabe, é afirmar o que pode ou não ocorrer no futuro, pois, quando esses fatos ocorrerem, independentemente da opinião de alguns espíritas, como ficará a credibilidade de médiuns e dirigentes, que estranhamente nada sabiam a respeito de eventos tão importantes, mas que, afirmavam com soberba, que aqueles jamais ocorreriam, pelo simples fato de eles não estarem informados a respeito?

Muito mais se esses eventos foram prometidos exatamente pelo Mestre Jesus que prometeu e enviou o Consolador, que é o próprio Espiritismo. Afinal, quem está sendo incoerente com os fatos? Os que simplesmente trabalham e aguardam o que foi prometido pelo Mestre, ou os que trabalham, mas afirmam que esta ou aquela parcela das promessas de Jesus não vai mais acontecer?

Urge uma reflexão por parte dos espíritas, em especial dos médiuns e dos dirigentes, pois será inconcebível se daqui a alguns poucos anos for percebido que os mesmos agiram tal qual os escribas e fariseus no tempo de Jesus, visto que não avançavam e nem deixavam avançar, não entravam e nem deixavam entrar os que queriam se iniciar nos estudos de vanguarda que levam ao desenvolvimento espiritual, única maneira de evoluir. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Vós fechais aos homens o reino dos céus: vós mesmos não entraís e nem deixais que entrem os que querem entrar.” (Mt 23, 13).

Não se espera que passem a acreditar nisto ou naquilo. Porém, é imperioso que as cristalizações conceituais de médiuns e de dirigentes não impeçam os espíritos de expressarem as suas orientações e, em especial, de transmitirem as notícias do Alto que, por mais que possa surpreender a muitos, não estão sendo repassadas por questões de bloqueio da parte de alguns. De fato, seria surpreendente que uma autocrítica viesse a ser feita, mas se tal acontecesse, poder-se-ia perceber o que está ocorrendo e o que ainda está para ocorrer. Mas quem a fará, ou quantos o farão? E a verdade, como fica? Quantos estarão preparados para percebê-la?

A tendência à estagnação, que se faz presente no movimento espírita em relação a alguns aspectos do contexto espiritual, está em flagrante desarmonia com o contexto cósmico que já começa a nortear a nossa visão de mundo. Isso, talvez, esteja causando uma espécie de inabilidade intelectual temporária, no campo perceptivo de alguns médiuns, que apenas percebem o que se acostumaram a perceber, o que é lamentável.

Diferente da revelação espiritual, a revelação cósmica não será apresentada através de obras esclarecedoras e nem mesmo significará qualquer compêndio, a exemplo do pentateuco kardequiano, mas sim, um conjunto de vivências que a população terrestre terá, cujas conseqüências formarão um processo de aprendizado, sistemático e progressivo, no rumo da percepção da cidadania cósmica que cada ser terráqueo, de fato, possui, como herança do Pai Celestial.

Os diversos livros que estão sendo produzidos por muitos trabalhadores, apenas irão compor um ponto de apoio informativo, para facilitar o entendimento do que está por vir.

Não há nenhum espírito que, limitado pela “mente física” do processo de reencarnação, tenha a possibilidade mínima de servir como intermediário ao fluxo das informações que chegam sobre esse tema, por maior que seja a

pretensão de conseguir expressar com precisão, clareza e riqueza de detalhes, os eventos e todos os significados que lhe são inerentes. Esse contexto, a exemplo da questão conceitual relativa a Deus, encontra-se muito acima da capacidade humana de conceber ou mesmo entender.

Ao que tudo indica, tanto do contexto cósmico que nos rodeia, quanto da questão referente ao Pai Amantíssimo, o que na condição terrena se pode perceber, são apenas expressões simples, limitadas, e aspectos dos atributos da Obra da Criação. Pelo que nos é informado, existem outros níveis de existência, onde a consciência cósmica não se encontra temporariamente limitada, nem pelo corpo mental que envolve a mente espiritual no caso dos espíritos desencarnados mas ainda presos ao magnetismo vibratório dos mundos, e nem pela “mente física” decorrente da necessária adaptação ao cérebro físico das formas corpóreas mais primitivas, condicionantes estas que, além de embotarem a riqueza da mente espiritual, anestesiam quase que completamente a luz da consciência cósmica que nos liga ao Pai. Esta é a própria parte divina do Pai que habita em cada um de nós, herança maior do seu amor, pois que dEle somos expressões existenciais. Esforçemo-nos por despertá-la ao longo da nossa evolução pessoal. Pena que disso não tenhamos a devida consciência.

Quando, em uníssono, todos os grandes mestres do Mais Alto que vieram à Terra afirmam que a prática do amor fraterno é a única maneira de evoluirmos enquanto família planetária, é porque eles sabem que somente com a vibração amorosa plasmada na própria alma, é que um ser pode despertar a parte divina herdada do Pai. Daí a importância do amor incondicional, do perdão sempre renovado, amando até aos próprios inimigos. Contudo, esse assunto, apesar de ser o mais importante de todos os que vêm sendo veiculados na Terra desde todo o sempre, não será aqui aprofundado, necessitando de trabalho literário específico para isso, que a seu turno virá. Não obstante, nada há de mais importante, mesmo no que de novo possa vir a ser revelado, demonstrado ou mesmo vivenciado durante o desenrolar das diversas etapas da revelação cósmica, do que a insistente notícia de que, o “amai-vos uns aos outros”, é o preceito mais importante da “constituição cósmica”, e a nenhum lugar iremos se não aprendermos a amar.

O amor ainda é a grande novidade com a qual temos que lidar, já que não aprendemos a amar, mesmo com tudo o que já nos foi fraternalmente ensinado. Conquanto todos nós falemos de amor, seguramente não o temos

conseguido praticar em boa monta, pois basta observar o mundo, construído com as nossas atitudes, para que o constatemos.

Não se imagina na Terra, por mais que os espíritos falem a respeito da importância do serviço ao próximo, seja de que maneira for, como realmente a luz do Espiritismo tem modificado o espaço astral onde a doutrina redentora consegue chegar. São incontáveis os corações que se deixam despertar, pelo irresistível senso da necessidade moral de ajudar ao próximo. E se por nada mais o Espiritismo pudesse valer, somente esse despertar de responsabilidade espiritual diante dos menos favorecidos, já alegra todos os quadrantes da Espiritualidade. Mas, apesar do bem que se tem feito, todos precisamos refletir sobre algo mais, para que a doutrina moral e filosófica seja a luz maior a guiar os nossos passos, e não as idiossincrasias de um ou outro dirigente, porque, e é bom que o repitamos, quando inscrevemos o nosso nome para o trabalho redentor na seara de Jesus, é de fundamental importância que já professemos os primeiros graus da disciplina espiritual da humildade, da simplicidade e do controle das próprias emoções.

É indispensável perceber, que a postura amorosa esclarecida é o critério de conduta mínima exigido, para o gozo pleno e consciente da cidadania cósmica, nível de consciência óbvio, natural, comum a todos os seres que já se libertaram das amarras do imediatismo do ego e de suas expressões menores no campo do egoísmo e do orgulho.

A amplitude da consciência relativa à noção da cidadania cósmica, precisa ser, ao menos vislumbrada, para que possamos entender, ainda que superficialmente, os eventos que virão. É imprescindível que essa consciência seja alcançada, apesar de ser difícil assimilar, para os que se encontram ferrenhamente vinculados aos conceitos do nacionalismo doentio ainda existentes no nosso planeta, como produto dos conflitos e embates promovidos sob a imposição dos valores terrenos.

Precisamos romper com a mesmice religiosa que implica em submissão aos valores que compõem a horizontalidade do mundo. Neste aspecto, as autoridades religiosas definem o que pode e deve ser pensado, acreditado e falado, mesmo que os livros sagrados que deram origem a essas religiões, falem a respeito de dias futuros que transformarão a vida na face da Terra. Falam, curiosamente, de eventos peculiares já ocorridos, e de outros tantos, ainda por acontecerem. A Sagrada Escritura das religiões cristãs refere-se constantemente, ao longo de suas páginas, a um grande

acontecimento que será promovido, para que seja finalmente caracterizada a existência de Deus, de seus Prepostos e da justiça divina. Seria o limite de um tempo que foi dado ao ser terrestre, para que ele, em sendo avisado, tivesse o livre-arbítrio de conduzir a sua vida, mas que não se enganasse, pois teria que prestar contas de seus atos em um grande julgamento, no qual seria dado a cada um conforme as suas obras.

Ora, esta é a base filosófica sobre a qual se assenta a premissa da existência do Pai Celestial, que criou seus filhos e filhas, deu-lhes as moradas Universais para viver, e ensina-lhes os melhores caminhos da vida cósmica – através de seus Prepostos – dando-lhes a liberdade de procederem como desejarem. No entanto, determina que, ciclicamente no fim de dados períodos evolutivos – no nosso caso em um tempo futuro breve – haja a análise do padrão da responsabilidade individual frente a essa liberdade de decisão de procedimento.

É conveniente perceber que, se nós existimos, se existe o cosmo com suas muitas moradas, se diversos mestres espirituais, prepostos de Deus, aqui têm vindo nos ensinar a amar, falando de Deus e nos avisando de que um dia haverá uma aferição geral, então, falta só acontecer exatamente esse grande julgamento que, por tradição, é chamado de Juízo Final.

As elites religiosas que coordenam os movimentos pertinentes às religiões, repetem, através de suas prédicas nas celebrações, o que está registrado nos seus livros sagrados. Por esse motivo, o seguinte questionamento se impõe: será que os seus membros realmente acreditam e têm interesse em que os eventos ali preditos venham a ocorrer? Será que essas pessoas, bem situadas na condução do que lhes é tão caro, têm realmente interesse na volta de Jesus? Que contas haverão de prestar os que, em nome do Mestre, têm feito tanto mal, manipulado as mentes, locupletando-se em diversas situações históricas? Será que, com a volta de Jesus, os que estão em posição de mando, sustentados pelo prestígio promovido pelo orgulho e pela vaidade humanas, continuarão a ter alguma importância? Afinal, quem tem interesse em que, realmente, a promessa de Jesus se cumpra?

Se alguns médiuns e dirigentes espíritas – nem todos, repetimos – afirmam que a questão referente à volta de Jesus é de somenos importância, qual o seu interesse em que tal fato ocorra? Mas, se esse fato realmente estiver por ocorrer, e caso venha a ocorrer, como se sentirão muitos que já assim o afirmaram – ser de somenos relevância – devido ao orgulho

intelectual envolvido? E se a Espiritualidade Maior estiver há mais de três décadas tentando plantar, entre os encarnados, as sementes para esta reflexão, mas, por dificuldades de toda ordem no campo mediúnico, nada ou pouco tenha conseguido? E quando consegue, será que as poucas notícias transmitidas a esse respeito não foram literalmente abafadas pelos dirigentes, já que acreditam, assim, estar servindo aos interesses do Espiritismo? Quantos diretores de centro existem que não admitem sequer, que se use a expressão extraterrestre no que chamam de “seus centros”? O que acontece com um médium que tenha a “infelicidade” de receber mensagens que envolvam essa questão?

É do pensamento comum pensar que os médiuns podem muito. Mas não é bem assim. Poucos, pouquíssimos médiuns que existem atualmente encarnados, dizem os espíritos, podem muita coisa dentro do campo de trabalho a que estão vinculados. A grande maioria pode pouco, e além disso, apenas nos limites do campo de trabalho a que se dedica – como é o caso deste escrevente.

Alguns espíritos costumam registrar, com surpresa, o fato de vários médiuns conseguirem entender mensagens de certo teor, com um grau de precisão singular, mas, em questões referentes a outra temática, não conseguem a sintonia mínima que permita, sequer, a tentativa de transmissão da mensagem desejada pela Espiritualidade. Outros há, habilitados a realizar obras memoriais e de vulto, mas que, fora dos limites do que sua própria “mente física” consegue atinar, nada se habilitam a receber. Não porque o desejem, ou ajam de maneira premeditada, mas, simplesmente, porque suas mentes não conseguem mais se adequar a possíveis novidades que venham a ferir concepções de há muito cristalizadas.

Quem não tem vivência mediúnica ou não detém os conhecimentos básicos sobre a questão, pode até pensar que aqueles médiuns que podem “ver” e “ouvir”, teriam o condão de não se enganar quanto ao que vêem ou escutam, porque imaginam ser essas ocorrências iguais às que se vive normalmente. Mas não são. Muitos existem que realmente conseguem ver, mas não enxergam, ouvem, mas não entendem. Quando, além de ver e ouvir, conseguem enxergar e entender, às vezes não têm a devida habilidade para expressar o que foi corretamente percebido. E não há infabilidade nesse processo. É, portanto, contraproducente pensar que com alguns médiuns não exista a possibilidade de enganos. Existe!

A quem interessar possa, este autor terreno não conhece nenhum médium que lhe supere as imperfeições, as imprecisões, as angústias narrativas, as inquietações descritivas, as indisciplinas pessoais e a falta de estilo literário. Se, apesar de tão poucos recursos, um determinado grupo de espíritos e de seres noutros níveis existenciais insistem amorosamente, por concurso mediúnico tão frágil e desqualificado, será, certamente, por conta de injunções que somente a misericórdia do Pai há de justificar. Os riscos morais e intelectuais valem para todos, e os que tocam ao presente processo de informação estão completamente assumidos.

Se, o custo de informar “o novo” – que não é tão novo assim, por ser de há muito prometido – se resume somente a usar as horas de sono e diminuir um pouco a comodidade, e isso, pela honra de acreditar estar servindo ao Mestre, então que se vá o descanso mas permaneça a paz de consciência.

Será, no entanto, desastroso para a paz de consciência de muitos homens e mulheres bem intencionados que militam no movimento espírita, se vierem a perceber, após os fatos, o quanto dificultaram o aparecimento das primeiras luzes da revelação de um novo contexto, que apenas visavam iluminar o palco dos acontecimentos, como era pretendido pelos mentores espirituais. Em vez deste dia tornar-se um marco memorável nas suas consciências espirituais, passará a ser mais um tormento moral a constar nos seus currículos. Tal a consequência das posturas promovidas pelo orgulho intelectual do que se julga saber, mas que, na verdade, não se sabe.

Acreditem-me ou não, o que faço, faço porque já não mais suporto tormentos conscienciais, pois os tenho de sobra. E este livro somente se propõe a solicitar, a rogar, que se reflita sobre um tema, e que se aguarde, mas não para que se acredite no que está sendo exposto, até porque não se enquadra em questão de crença. O que este livro implora, é que, não se imponham limites nem fronteiras, ao que não é dado ao ser humano fazê-lo. Estamos lidando com uma ordem de autoridades celestiais, da qual não temos sequer a mínima idéia, apesar da doutrina espírita e, em especial, a própria Sagrada Escritura judaico-cristã, a ela ter se referido em muitas das suas páginas. Não se pretende, portanto, tornar esta obra simpática e agradável a qualquer grupo, movimento doutrinário, filosófico ou religioso, nem mesmo explicitar o que está implícito. O único público alvo é aquele a quem estas exortações ajudarem a refletir, sem qualquer imposição, e é, para além do mais, a minha própria consciência.

A revelação cósmica não terá como base nenhum tipo de crença, nem caberá na exclusividade de qualquer credo, doutrina ou filosofia, e é importante que, desde já, esse aspecto seja percebido. Ela será promovida pelos próprios eventos que envolverão aos que aqui vivem como, também, pelo progresso da ciência terrena. Não haverá lugar para crenças descabidas, líderes carismáticos que encantam com as suas prédicas e desencantam com as suas práticas, fanatismo, ilusões e muito menos, para a continuada manipulação por meio da fé ingênua de muitos, que alguns poucos vêm realizando há muito.

Se a revelação espiritual deu-se em função da atuação dos espíritos, a revelação cósmica está ocorrendo por conta do trabalho dos seres que vivem além das fronteiras do nosso planeta: os extraterrestres.

Toda a fenomenologia do século XIX – de mesas girantes, que tinham por trás os espíritos –, está agora dando lugar a uma outra, que tem por trás das aparições dos chamados OVNI's, seres inteligentes de outras paragens siderais que procuram chamar a nossa atenção, mas de tal forma, que não venhamos a entrar em pânico pelo inusitado.

Da mesma maneira que as mesas, pranchetas e outros apetrechos, após cumprirem a sua função inicial no processo de despertar a atenção deram lugar à comunicação direta entre espíritos desencarnados e encarnados, também a discreta movimentação dos objetos voadores, após cumprir o seu papel preparatório, dará lugar ao contato direto e fraterno, entre os seres de outros mundos e os espíritos encarnados, porque, com alguns níveis existenciais dos desencarnados, há muito existe esse contato.

No passado imemorial, há um determinado momento histórico – registrado conforme as possibilidades de então – que hoje é tido por conta de lenda, e refere-se exatamente ao momento em que todo um planejamento referente à vinda do “enviado dos céus” teve início. Referimo-nos ao tempo em que viveu Enoch, que foi, conforme revela a Espiritualidade e já informado anteriormente, o primeiro missionário de todo esse processo que ora termina, com a segunda volta do “enviado dos céus”, já naquele tempo anunciada.

Na verdade, sob esse prisma, as promessas do Cristo proferidas ainda nos ambientes dos mundos de Capela aos seres que iriam ser dali exilados, começaram a ser cumpridas, ou, em outras palavras, tiveram a sua primeira etapa desenvolvida com a missão de Enoch. E qual foi a sua missão? Exatamente a de anunciar ao mundo que uma autoridade celeste viria à

Terra, em duas oportunidades distintas. Além disso, ele referiu-se a respeito da “queda dos Anjos” como também do “chefe dos Anjos Caídos”.

Foi com Enoch, portanto, que teve início o processo que hoje, mais de quatro milênios depois, se completa, de reintegrar a Terra à convivência cósmica. E sem que o conhecimento mínimo necessário referente aos fatos e às conseqüências iniciais desse processo venha a ser divulgado, torna-se muito difícil para a Espiritualidade Maior, executar a última parte prevista das promessas do próprio Cristo. Daí o porquê da estratégia do Alto em apresentar ao mundo a revelação espiritual e a revelação cósmica nos seus aspectos primários, como partes de um mesmo e único processo de preparação planetária para os eventos que breve ocorrerão.

Mas a que ordem de eventos nos referimos?

Aos que já estão sendo promovidos por algumas equipes de seres extraterrestres, envolvidos com a prometida volta do Mestre.

Para quem jamais entendeu o porquê de nunca ter existido um contato oficial claro e inequívoco, entre esses seres e os que vivem na Terra, a explicação, segundo esses irmãos, é que somente poderá dar-se esse encontro, quando os eventos preparatórios estiverem concluídos, e caberá então, especialmente à equipe que assessora mais de perto o Espírito da Verdade, promover, a seu turno, o tão esperado primeiro contato com os nossos irmãos cósmicos.

Dentre os que vivem na Terra, aqueles que estiverem mais preparados aproveitarão melhor os fatos em curso. Em tese caberia aos espíritas servirem como ponto de apoio para esse processo, o que, infelizmente não é mais possível ser feito. O canal mediúnico espírita fechou-se de tal maneira a esta questão que, de maneira elegante e fraterna, como sempre procedem os espíritos e seres superiores, preferiram atrasar um pouco o processo a tolher o livre-arbítrio de alguém. Contudo, isso não impedirá o desenrolar dos fatos. Apenas não teremos mais algumas facilidades – os que vivem na Terra –, já que não foi possível melhor preparação. Em contrapartida, algumas dificuldades que sequer precisavam ter surgido, agora dominam o palco, onde, outra peça esclarecedora, poderia estar sendo encenada para o aprendizado e a evolução dos habitantes deste planeta. Mas, paciência. Sempre é dado a cada pessoa, a cada grupo de pessoas, a cada coletividade planetária conforme as próprias obras. E apesar de nada ou muito pouco merecermos, ainda assim Ele virá, conforme prometido. E com Ele todo um contexto cósmico será revelado.

Os espíritas que, na atualidade, ainda não compreendem a diferença entre um ser cósmico extraterreno e um espírito que reencarna na Terra, seguramente não chegarão a entender nunca as lições da codificação. Até porque, na realidade, essencialmente não há nenhuma diferença, a não ser, a que se refere ao fato de que os primeiros são espíritos que estão subordinados às leis existenciais de outros orbes e os últimos, às do orbe terrestre.

Os primeiros convivem com seres do naipe do nosso mestre Jesus, enquanto nós que sequer sabemos conviver uns com os outros, será que teríamos condição de fazê-lo?

Muitos que estudam as possibilidades abordadas neste livro questionam, com procedência, como será o “dia seguinte” de todo esse processo.

Imaginemos, por alguns instantes, que seres celestiais muito desenvolvidos, digamos, angelicais – porquanto os há em todos os níveis – simplesmente chegassem à Terra e se deixassem filmar, contatando abertamente as pessoas que lhe estivessem próximas. Estas, embevecidas pela presença de seres cuja vibração pessoal conseguem prender de maneira irresistível a atenção dos sentidos humanos, seja pela energia maravilhosa que deles emana, ou mesmo pela beleza singular de suas aparências, somente conseguissem contemplar, encantar-se durante muito tempo, até que a mente humana conseguisse controlar a aparente pane em que entraria, pela sintonia com o inusitado.

Durante o tempo em que esses seres permanecessem na Terra, as pessoas ao seu lado não fariam muita coisa, pelo estado de excitação normal de suas mentes. É necessário que esse seres, portanto, somente permaneçam o tempo que for suportável à humanidade terrestre, para que se tenha a certeza de que realmente eles existem, de que não estamos sós no cosmo e o que mais eles informarem para a reflexão de todos. Devem se ausentar durante um certo tempo, para que o psiquismo planetário vá se adestrando à nova realidade e às possibilidades que agora serão vislumbradas pelos que residem na Terra. Afinal, o nosso planeta tem que progredir pelo mérito dos que estão aqui congregados, mesmo que agora ajudados pelos irmãos de fora. Mas não serão eles a promover o progresso moral e intelectual que nos cabe cumprir.

Imaginemos agora que, se além desses seres celestiais, o próprio Mestre Jesus, na sua condição de autoridade celestial cuja forma de

apresentação é em muito aproximada à que teve quando viveu na Terra – já que esta derivou-se daquela – viesse ter conosco. A questão que se impõe para nossa análise é: embevecidos pela augusta presença do Mestre que atrai a todos de modo irresistível, pela sua beleza, graça e simplicidade, quem dentre nós conseguirá realizar alguma tarefa, estudar, trabalhar, enfim, evoluir?

Este é o nosso problema. Chegamos a tal ponto vibratório que, na atualidade, somos espíritos inabilitados para conviver com seres mais evoluídos e, em especial, com seres superiores. Por isso, estes somente permanecerão “pouco tempo”, durante os “primeiros contatos”, para que possamos realizar o que não se pode transferir para outrem: a responsabilidade pelo próprio progresso espiritual.

Assim, caberá a nós mesmos levar adiante a vida na Terra com as características e com toda a sorte de dificuldades que ainda a marcam. Estas somente se modificarão se nos modificarmos para melhor, tenhamos ou não, tido contato com as demais famílias cósmicas. Não seria razoável pensar que, qualquer dos que vivem na Terra se transformará em espírito evoluído e superior, somente porque teve a graça de receber visita de tal luminosidade!

O “dia seguinte” de todo esse processo, há de ser realizado, portanto, com muito esforço de todos os que vivem na Terra. E esse esforço não cessará jamais, porque o trabalho, como fator de evolução, existe em todos os quadrantes cósmicos, conforme os obstáculos e dificuldades comuns a cada nível existencial. Queiramos ou não, compreendamos ou não, somos espíritos eternos, no gozo da cidadania cósmica, porém, circunstancialmente vivendo como cidadãos terrenos, mas não tendo ainda, e infelizmente, sequer consciência desse aspecto.

E assim será o desenrolar dos fatos pertinentes à revelação cósmica. Nada a deterá, por ser promessa amorosa de uma autoridade celeste.

“Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.”

O Espírito da Verdade. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec*).

ALÉM DO HORIZONTE TERRESTRE

É SEMPRE difícil veicular notícias entre os diversos níveis da realidade. Apesar de prática comum que se expressa desde o passado, historicamente assim considerado, o processo mediúnico deve ser sempre balizado pela virtude e pelo senso crítico, sob pena de tornar-se o que não é: um instrumento de informação e ajuda, mas rendido a interesses que não se coadunam com esses objetivos. Na verdade, se não for para ajudar e esclarecer, para que servirá a mediunidade?

A vida cósmica é uma só, que se expressa através de muitas experiências em todos os seus níveis, sejam eles transitórios, onde se nasce e morre, ou não. O trânsito de informações entre níveis de percepção diferentes, normalmente acarreta problemas no intercâmbio dessas idéias. É certo e sabido que o fluxo não é tão simples assim, pelo menos no que se refere ao existente entre os que vivem transitoriamente na Terra e os que pertencem a outros contextos existenciais. Isso se dá pelo amortecimento da vibração provocado pelo “peso específico” dos corpos terrestres, bastante grosseiros se comparados com os existentes noutros ambientes existenciais, o que dificulta a percepção de vibrações mais sutis.

Por sermos, todos, espíritos temporariamente submetidos ao jugo de um corpo animal, não deveria implicar necessariamente que o império das paixões mundanas aniquilasse a teórica capacidade que temos de exercer a soberania espiritual sobre nós próprios. Infelizmente, parece que a perdemos, desde há algum tempo, visto que estamos, atualmente, enquanto coletividade planetária, completamente subjugados aos ditames dos interesses que regem o mundo, financiados pela nossa própria ignorância e orgulho espirituais.

Cada grupo, cada organização, defende os seus interesses utilizando quaisquer armas ou mecanismos que lhe possam ser úteis, não sendo relevante o que não pertença aos seus objetivos ou aos meios para os alcançar. Para cada conjunto de interesses que existe na Terra, há pelo menos uma organização que se proponha a defendê-lo. Porém, quem representa os interesses celestiais?

Há expressões organizacionais na Terra que se dizem representantes dos interesses do céu e do Pai Celestial, mesmo sem que exista delegação para tanto. Muitos há que mal conseguem dar conta da própria existência e

afirmam possuí-la. Se assim é, uma questão se impõe: como pode alguém intentar ser defensor ou representante de algo ou de alguém a quem não se pode compreender? A condição terrena não nos permite, sequer, perceber em plenitude, quem somos realmente, quem fomos no passado, qual a nossa real situação cósmica e, apesar disso, pretendem alguns se intitular donos de tal ou qual verdade, a respeito disto ou daquilo, em especial dos aspectos da verdade evangélica.

Chega mesmo a ser impressionante o grau de insensatez de alguns, que se pretendem juizes das reencarnações alheias, se mal logram saber das próprias, se é que para isso têm a devida maturidade espiritual.

Ora, situa-se um pouco mais além do horizonte comum da percepção terrena, a constatação fácil e precisa desses aspectos da vida cósmica de cada individualidade espiritual. E assim é, porque, quando a capacidade mental (da “mente física” transitória), à qual está submetida a “mente espiritual”, se perde diante das vibrações e impulsos primitivos dos frágeis conceitos terrenos, tudo o que esse espírito consegue, é repetir, em tempo integral, as suas próprias posições equivocadas, cujas opiniões julga ser a maior expressão da verdade.

Muitos tiram fotografias ao lado do túmulo dos seus ídolos, seja como homenagem fraterna ou movidos pela estratégia natural de usar essa foto como capa de livro ou mesmo a título de ilustração de algum trabalho literário. Que seja!

Alguns se tornam defensores ferrenhos de sua memória e, movidos pelas melhores intenções, promovem-no mesmo a patamares de hierarquia moral e espiritual que eles jamais pretenderam ser colocados. Que seja!

Outros, em cada dez de cem palavras proferidas em uma palestra, fazem referências elogiosas às suas memórias. Que seja!

Contudo, muitos desses admiradores ou seguidores deformam perigosamente as suas palavras e conceitos, colocando em suas bocas palavras que nunca disseram e expressando opiniões como sendo as deles, mas que jamais as tiveram, o que é lamentável.

Em especial, os fundadores de religião e movimentos filosóficos, sofrem freqüentes distorções no seu legado, promovidas pelo arrogante orgulho intelectual dos que lhe pretendem honrar a memória. Com o legado de Allan Kardec, principalmente na parte referente às interpretações evangélicas, deu-se esse tipo de problema que, adubado pela falta de

vigilância moral de muitos, terminou por se transformar em uma das mais perigosas deformações das promessas pessoalmente feitas pelo Cristo.

O exemplo mais grotesco desse processo de desfiguração daquilo que Kardec disse, escreveu e fez, refere-se ao fato de alguns vultos do movimento espírita afirmarem publicamente que, conforme o legado do codificador, não haveria jamais “outro” segundo retorno de Jesus, já que o surgimento do Espiritismo teria sido tal evento prometido.

Nada fere mais a verdade dos fatos do que esse tipo de afirmativa.

Qualquer pessoa é livre para ter as idéias que mais se afinem com a concepção de mundo e de vida que possam ter. Entretanto, não é dado a ninguém, mesmo movido pela melhor das intenções, desfigurar qualquer idéia alheia, para que lhe possa servir de apoio às conveniências ditadas pelo orgulho intelectual que vitima a muitos médiuns.

Precisamos todos perceber que, após tantas encarnações, a maturidade espiritual já nos é exigida quando retornamos à Pátria Espiritual. Foi-se o tempo em que as maquinações do orgulho serviam de desculpas ou como fatores atenuantes para o dano causado à alma de alguém.

Na Terra, dizem os mentores espirituais, nada há que justifique uma só ofensa, a quem quer que seja, e a que pretexto for. No entanto, a disputa estéril, o proselitismo barato, e a desnecessária fortaleza de dogmas imposta aos preceitos religiosos, servem de motivo para uns se motivarem a destruir a honra de outros, movidos por suas destruidoras intenções disfarçadas de zelo religioso.

Se a função do amor ainda tem de ser entendida até mesmo pelos mais evoluídos dos seres humanos que possam estar vivendo atualmente na Terra, como não deverá ser, por quem dele faz culto inflamado na oratória dos discursos vazios, mas que, quando despidos da fala que impressiona, mais parecem os tais sepulcros caiados aos quais se referia o Mestre Jesus: belos por fora, mas podres por dentro. E nunca os houve em tão grande número na Terra; eles estão presentes em toda parte. Que não sejamos um deles, sem que o percebamos.

Vivemos em um mundo onde a nossa realidade espiritual se esconde por trás da generosa máscara corporal que nos legou a misericórdia divina. Que seria da Humanidade, se pudéssemos todos, perceber essa verdade espiritual que se esconde por trás do rosto simpático de cada um de nós? Seguramente não haveria famílias na Terra, pois os laços dos compromissos espirituais seriam inevitavelmente rompidos pela percepção de quem

realmente somos. Bendito o esquecimento dos fatos do pretérito espiritual. Mas não podemos esquecer os aspectos morais que norteiam as nossas vidas, porque estes são assumidos, construídos e respeitados por nós. E não há nenhum registro, em nenhum testamento, em nenhum preceito moral, que estabeleça o direito de se fazer cessar o progresso, em nome do que se pensa ser um conjunto de conceitos que não pode ser completado, sob o temeroso e cômodo pretexto do zelo doutrinário.

Ora, a maturidade moral dos que muito recebem, pressupõe o despertar de uma consciência quanto à importância de se doar em benefício de alguma coisa. Que benefício há em construir obstáculos diante do óbvio, que é o contexto cósmico que nos envolve na Terra, sob o já ultrapassado e repetido pretexto de classificar como anátema e heresia, qualquer aspecto novo desvendado da verdade maior que nos rodeia? Qual a mais valia, se permanecermos estáticos no tempo, repetindo o que faziam os religiosos que, nas suas épocas, procuravam limitar o avanço do conhecimento? Será que certos segmentos espíritas de hoje não estão fazendo o mesmo que os católicos e protestantes de ontem fizeram com Kardec, quando de sua luta pessoal para que o Espiritismo encontrasse espaço, por entre os interesses dessas duas grandes religiões já de há muito estabelecidas? Afinal, quem são, em sua maioria, os espíritas de hoje, se não os católicos e protestantes de ontem? E a maturidade espiritual, como fica neste contexto?

Dizem alguns que Kardec foi o bom senso encarnado, o que, de fato, foi um esforço seu para assim proceder. Porém, essa questão leva a conclusões outras, que distorcem os reais esforços feitos por ele para levar adiante a obra da codificação. Se bem observarmos uma certa análise do filósofo francês René Descartes (1596-1650), maior pensador do século XVII, considerado o pai do racionalismo, no seu Discurso do Método, veremos que ele afirma que “o bom senso é, das coisas do mundo, a mais bem dividida, pois cada qual julga estar tão bem dotado dele, que mesmo os mais difíceis de contentar-se em outras coisas, não costumam desejar mais do que já têm”. Assim, ninguém reclama, pois todos se arvoram em possuí-lo. A questão é definir o que significa bom senso para cada um que se julga aquinhado neste mister.

Pergunto-me qual o “tipo de bom senso”, não ao que se referiu Camille Flammarion quando discursava ao lado do túmulo de Kardec, homenageando a sua memória e o seu esforço pelo trabalho realizado, mas sim, “bom senso” a que se referem alguns espíritas, quando dizem hoje que

Kardec agia com bom senso, se ontem foram exatamente muitos deles que moralmente tentaram vitimá-lo, sob a prensa esmagadora dos supostos interesses religiosos, que na oportunidade existencial abraçavam? Essa mudança de idéias e atuação poderia ser devida à evolução espiritual, o que seria natural e muito bem vindo. Mas, é lamentável percebê-los, na atualidade, criticando, no seio do movimento espírita, ainda com as suas mesmas sentenças morais inflexíveis e implacáveis de outrora, os confrades que, tal como no passado, novamente se esforçam no campo do esclarecimento. E aí de quem a elas não se deixe enquadrar: serão os deformadores do Espiritismo.

Jesus foi acusado de tanta coisa que acabou sendo crucificado. Depois dele, muitos também o foram. Esforcemo-nos para que, na atualidade, outro tipo de crucificação moral não esteja em curso, promovida exatamente por aqueles que encarnaram com o compromisso de varrer do palco terreno essas posturas primitivas e anacrônicas. Afinal, para quê o futuro, se vivemos presos às coisas do passado? E para onde estão voltadas as religiões terrenas se não para o passado? Qual a antevisão que a mediunidade espírita poderá ter, se os valores dos trabalhadores dessa seara estiverem inflexivelmente presos a questões conceituais transitórias, estabelecidas no passado? O que de valor eterno houver, que tiver sido semeado no passado, sobreviverá de qualquer forma, e não há dúvida quanto ao que foi registrado na codificação espírita. O problema é que, o “muito mais que ainda estava por vir”, a que se referiu o próprio codificador, está hoje arquivado nas prateleiras poeirentas das mentes ortodoxas, e, simplesmente, alguns segmentos do movimento espírita não deixam sequer, que o vislumbre dessas possibilidades de um futuro cósmico, possa ser percebido. E esse impedimento é causado a título de defesa da pureza doutrinária. Ora, convenhamos! Quantas possíveis verdades não estão ficando ao largo da evolução do pensamento religioso, filosófico e moral, por conta do preciosismo intelectual de alguns poucos, que se pretendem donos da verdade?

Que nada se acrescente à codificação, se for este o caso do juízo de quem assim pensa poder determinar o desenrolar dos acontecimentos na Terra. Mas que não se recusem a observar todas as idéias ofertadas quanto às possibilidades de futuro, sob pena de se incorrer no mais gritante dos equívocos possível, a esta altura da jornada evolutiva, que é perceber a total ausência de bom senso espiritual e moral para lidar com as questões

pertinentes ao fluxo das revelações progressivas, da qual o Espiritismo faz parte, apresentando a revelação espiritual, tendo sido essa a sua penúltima etapa e não a última. Falta, por isso, a revelação cósmica, e são poucos os espíritas que se permitem perceber esse aspecto. Não nos esqueçamos que o codificador reiteradamente repetiu que “os conhecimentos são transmitidos na medida em que a Humanidade os possa absorver”. Era de se supor que a Humanidade fizesse por recebê-los, e não que alguns evitassem que eles chegassem.

Existe ainda uma questão contundente a ser analisada, e que tem passado completamente despercebida aos que atualmente têm o compromisso moral de levar adiante o movimento espírita.

Durante os séculos XIV, XV e XVI, muitos espíritos trabalhadores – todos atualmente vinculados à revelação do contexto espiritual, sem que, contudo, sejam necessariamente espíritas – encarnaram com a preocupação de renovar os procedimentos cristãos, porque os clérigos, por aquela época, haviam se apoderado do “direito” de exercer as suas interpretações sobre a Sagrada Escritura, estabelecendo todo tipo de conveniência de análise, conforme os equivocados interesses, fossem pessoais ou mesmo conjunturais da realidade religiosa daqueles tempos.

Pretendiam, os que terminaram se transformando nos precursores da reforma que viria mais tarde com Lutero, que não existissem maiores distâncias, ou pedágios a serem pagos, ou mesmo cultos personalísticos a serem ofertados aos que se posicionavam como sendo os únicos capazes de interpretar as verdades constantes na Sagrada Escritura. Sonhavam, aqueles que deram as suas vidas na defesa dessas idéias, que caberia ao ser humano evoluir e, com a fé e o esclarecimento pessoais, possíveis a cada um, mergulhar na comunhão íntima com as mensagens da Sagrada Escritura, sabido que era, que o caminho que nos leva ao Pai, há de ser sempre percorrido pela experiência individual. Realmente, quem pode caminhar por outrem?

Assim, na primeira metade do século XIV, o franciscano inglês Wilhelm de Ockham (1300-1349) – que viria a influenciar sobremaneira a John Wycliff (1320-1384) e a Jan Huss (1369-1415) –, defendia que nada deveria existir entre o conhecido (Deus) e o conhecedor (o ser humano). Não deveria existir nenhum tipo de mediação ou mediador entre Deus e a criatura, o que tornava o papel dos clérigos desnecessário e perigoso, pelas distorções cometidas por estes.

Nos postulados filosóficos defendidos por Ockham, o conhecimento teológico deveria limitar-se ao conteúdo objetivo da revelação constante na Sagrada Escritura.

Defendia, portanto, a diminuição do poderio do magistério religioso, já que as interpretações teológicas estavam deformando o que, a seu critério, deveria ser a correta vivência cristã. Foi acusado de heresia e teve que se refugiar na Alemanha, onde se aliou ao Imperador contra o papa.

Mas seria alguns anos mais tarde, com Wycliff, que teria lugar no contexto histórico, o movimento renovador que procurava promover – como nos primeiros tempos do Cristianismo, quando ainda não havia o papel centralizador da teologia católica – o recurso direto à Sagrada Escritura, como sendo a fonte do descobrimento da fé e do esclarecimento religioso, do pensamento e das interpretações pessoais. Esse processo somente se concluiria no século XVI, quando os teólogos da Reforma estabeleceriam a autoridade suprema da Sagrada Escritura em detrimento do poder sacerdotal.

Porém, influenciados pelas teses de Wycliff, Jan Huss – cujo espírito mais tarde viria a personificar Allan Kardec – deu a sua vida em defesa desses mesmos ideais, defendendo que não caberia a nenhuma autoridade humana estabelecer qualquer tipo de juízo sobre as mensagens da Sagrada Escritura, dentre outras coisas. Este mesmo espírito, quando reencarnado ao tempo da codificação espírita, procurou aplicar o mesmo zelo moral com as mensagens que interpretou à luz do esclarecimento espiritual, sem deformar e/ou traçar nenhum tipo de juízo sobre o legado profético ali presente.

Especificamente sobre o Segundo Advento do Cristo, Kardec jamais apresentou a tese de que o surgimento do Espiritismo já seria a tão esperada volta de Jesus. Ao contrário. Na sua preocupação de realçar o que era opinião dos espíritos e o que era a sua própria, diante dos aspectos das verdades evangélicas, procurou ele dizer claramente, na página 389 do capítulo XVII, denominado “Predições do Evangelho”, do livro *A Gênese*, que “Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra em um corpo carnal, nem que personificará o Consolador. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.”

É lamentável, portanto, que na atualidade alguns irmãos e irmãs que se situam na vanguarda do movimento espírita, mesmo que com as melhores

das intenções, afirmem que Jesus não voltará, porque Kardec já havia afirmado que o surgimento do Espiritismo, que de fato todos sabemos ser o Consolador prometido, já seria a tão esperada volta do Cristo.

Dessa forma, os espíritas que assim agem, estão impondo as suas próprias interpretações evangélicas, e o que é pior, deformando a mensagem e o zelo com que Kardec apresentou esses assuntos, na medida em que colocam em sua boca, ou entre seus escritos, palavras que jamais proferiu ou escreveu.

É lícito que cada um tenha as suas próprias opiniões sobre o que Kardec fez ou deixou de fazer, mas não é aceitável, moralmente, que se possa aplaudir a conduta dos que apoiam as suas opiniões no legado do codificador, impondo-lhe interpretações evangélicas que ele jamais as fez. Que adianta tirar fotos ao lado do seu túmulo, desfigurando-lhe a memória? Que adianta apropriar-se do poder de influenciar a muitos no movimento espírita, ditando o que é verdade ou o que não é, do que está escrito na Sagrada Escritura? Quem, dentre nós, tem a estatura moral e espiritual para afirmar o que é, e o que não é verdade nas mensagens ali contidas? Quem, no movimento espírita, tem o condão de pretender ditar o que é simbologia e o que é verdade, nas profecias ofertadas pelo próprio Mestre Jesus, em especial, sobre a que Ele mesmo proferiu, referente ao seu retorno?

Ora, os espíritas que assim procedem estão repetindo os mesmos equívocos praticados no passado, contra os quais se posicionaram, com toda a honra espiritual e rigor moral, as figuras de Ockham, de Wycliff, de Huss, de Lutero e de Kardec. Será que se estes, na atualidade – se estivessem reencarnados – estariam novamente em confronto esclarecedor com os que se julgam “donos das verdades evangélicas”? Mas o que estão fazendo aqueles que, com sorrisos de superioridade intelectual, afirmam que Jesus não voltará porque o Espiritismo já seria o próprio retorno prometido nas Escrituras, a não ser, impor as suas interpretações sobre aspectos da verdade cósmica que se encontram muito além do horizonte das suas percepções pessoais? Será que alguém no movimento espírita já pensou em perguntar aos Espíritos o que eles dizem a respeito da volta de Jesus?

Será que teremos que tornar a repetir o que foi feito nos séculos XIV, XV e XVI, para poder afastar os “intérpretes oficiais” da Sagrada Escritura, com o intuito de proteger o legado evangélico, tratando que os avisos lá postos não sejam desfigurados? Ou não será mais conveniente se coibir de impor juízo de valor sobre tal ou qual aviso profético, e simplesmente

aguardar os acontecimentos, tratando de buscar o melhoramento íntimo e de contribuir para o progresso do mundo, semeando amor e tolerância, sem dogmatismos de nenhuma espécie?

Quantos dogmas Kardec defendeu? Quantos dogmas existem hoje no movimento espírita? São perguntas que cada um, que se relaciona de alguma maneira à codificação espírita, deve fazer e buscar as suas próprias repostas. Entretanto, se dogmas existem atualmente no seio do movimento espírita, seguramente não pertencem ao legado de Kardec. Foram criações posteriores, o que é normal. O que é lamentável é que se coloquem sob a responsabilidade do codificador, dogmas que ele jamais formulou.

Procedamos de forma a que não sejamos atropelados pelos fatos. Mas que seja por nossa conta aquilo que nos cabe fazer.

Incapacitados para maiores vôos no campo da compreensão, seguramente devemos investir a nossa energia no que mais importa.

Jesus, Mestre dos Mestres, que conhecia, e conhece como ninguém, os nossos pendores espirituais, sabedor de que somos sempre inclinados a achar que julgamos saber o que ainda não conhecemos, a dar como sabido aquilo que ainda precisamos aprender, na sua postura simples, terna e suave, já nos dizia: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo.” (Mt 6, 33; Lc 12, 31).

Ele não disse que aprendêssemos o que fosse possível e o amor nos abraçaria. Ele afirmou que nos amássemos e tudo o mais se resolveria com o passar dos tempos. Pois, de que adianta tudo saber, se não aprendemos a amar? Para que servirá o poder do intelecto, sem a direção segura do amor? Mas praticamos exatamente essa inversão dos seus ensinamentos no nosso dia a dia, procurando ser doutores nisto e naquilo, esquecidos de desenvolver o fermento essencial que forma a base da coexistência entre todos nós, que é o amor fraterno.

Se não podemos chegar a um conjunto de conclusões sobre a realidade que nos cerca, tentemos, pelo menos, nos respeitar uns aos outros. Se não podemos atinar com a verdade absoluta, apesar da tola presunção dogmática que move a muitos nessa busca, tratemos de semear os mais mezinhas deveres de tolerância e compreensão fraternas. Se na nossa condição humana não nos é dado descobrir ao certo o que é, e o que não é verdade, toleremos as opiniões alheias, sem que as classifiquemos como sendo bobagens ou heresias. Se somos todos postulantes a seguir os passos dos

grandes mestres que já viveram na Terra, que possamos minimamente amar, e quando isso não nos for possível, ao menos, perdoar, tolerar, respeitar. É assim que funcionam as sociedades cósmicas mais evoluídas.

Por saber que dificilmente conseguiríamos chegar a bom termo de convivência no campo da harmonia das idéias, dos conceitos, das preferências e das inclinações pessoais, Ele, o médico maior de almas que conhecemos, amorosamente, conclamava a todos nós – como ainda o faz – a, simplesmente, amar.

Mesmo que de nada soubéssemos, ou sobre muito pouco pretendêssemos saber, ainda assim, se nos amássemos, a Terra não estaria no estado que em que se encontra. Se sobre nada concordássemos, mas nos respeitássemos, formaríamos uma só família planetária – que é o que de fato somos diante do cosmo – na construção de um mesmo destino. Afinal, somos irmãos de um mesmo destino implícito em uma existência eterna que nos foi legada pela herança filial do amor do Pai Celestial.

O amor pressupõe algum tipo de afinidade, nem que seja aquela formada pelos laços da compreensão e da tolerância, ou mesmo do perdão. Mas, se não conseguimos amar, ou mesmo perdoar, para que serviremos? De que adianta existir semeando e praticando o desamor ao nosso redor? Para que isso servirá? Entretanto, quantos ainda existem na Terra que agem dessa forma? Se, quando na pretensa defesa dos ideais de uma religião a que abraçamos, atacamos a honra de alguém que pensa diferente, será que estamos amando ou desagregando? E o pior, é que fazemos essas coisas com a bandeira desta ou daquela religião nas mãos, como se estas se prestassem a esse tipo de desserviço moral no mundo.

Qualquer espírito razoavelmente aquinhoado no campo da evolução espiritual percebe que todas as religiões pretendem fazer evoluir o ser humano, religando-o ao Pai e por isso só, não poderiam servir de palco a atitudes contundentes no campo da execração pública de quem quer que fosse. Quando isso fazemos, no papel de religiosos, o que estamos construindo com a nossa atitude? Mas apesar disso, quantos utilizam espaços jornalísticos para tal?

Pode-se e deve-se discordar abertamente no campo das idéias e das propostas. O que não mais é permissível para quem se pretende “espiritualizado”, é se deixar dominar pelo venenoso tempero do orgulho intelectual na defesa das próprias idéias ou mesmo dos ideais religiosos a que se está vinculado.

É doloroso constatar que o amor, mesmo sendo a nossa meta almejada, ainda é a grande conquista a ser buscada, por cada um e por todos, porque não foi alcançada no decurso dos tempos. Mas quantos disso têm a devida consciência?

O amor, sentimento comum de qualquer cidadão cósmico razoavelmente evoluído, ainda não é a característica dos seres que vivem na Terra, mesmo decorridos tantos milênios de aprendizado. Será que a capacidade de amar, de perdoar, de tolerar, de conviver, encontra-se muito além do horizonte das nossas possibilidades existenciais? Por que será, que todos os grandes mensageiros do Mais Alto aqui vêm, sempre nos falam e testemunham, exatamente, sobre o amor, o perdão, a tolerância, e demonstram, com suas vivências, que é possível se viver dignamente neste planeta, apesar dos problemas que ainda caracterizam a nossa jornada?

O amor é a determinante política normal do exercício pleno da cidadania cósmica. Mas nós, seres congregados na Terra, achamos esse tema uma bobagem, com o qual, somente sonhadores, visionários, místicos e artistas se ocupam. O orgulho que, qual câncer silencioso e discreto, sorrateiramente vem de há muito destruindo as barreiras que comumente estabelecem os limites suportáveis entre o que é certo e o que não é, que a princípio deveria nortear o psiquismo de qualquer ser pensante, destruiu quase que por completo, a noção de humanismo, de solidariedade, de respeito fraterno entre nós. Posicionamentos doentios e equivocados no campo da expressão amorosa, ainda são tidos como o que de melhor se pode expressar durante a vida terrena.

Construímos um monstruoso culto a valores que mais parecem produto de um bando de doentes afetados em seu psiquismo, já que conseguimos até criar justificativas para as guerras, para a libertinagem sexual que muitos confundem com liberdade, para o uso de drogas como sendo uma moda, uma espécie de modernismo terrificante. Convivemos com criminosas propagandas que são premiadas, porque induzem as suas vítimas a se tornarem dependentes disto ou daquilo. Achamos normal que pais e mães possam despejar os seus jugos pessoais, às vezes insuportáveis, sobre os seus filhos; que profissionais não desempenhem as suas funções com dignidade porque ganham pouco; que os discursos estéreis e hipócritas dos políticos e governos corruptos, tenham audiência e apoio, e o pior, é que acostumamo-nos a tudo isso, como se essa fosse a maneira normal e comum de se viver. De tal forma estamos embrenhados nessas distorções, que nem

sequer conseguimos imaginar como poderia ser uma “vida” diferente desta que conhecemos. Quando a nossa “mente física” tenta imaginar uma outra maneira de viver, simplesmente entra em pane, por não conseguir descortinar nada diferente daquilo com que está acostumado a conviver. E ainda assim, somos orgulhosos. De quê? E ainda assim, pretendemos ser donos de verdades. Quais?

O que se faz neste planeta em função do ser humano? Qual a importância da postura amorosa, se todos são compelidos a tornar-se animalizados para poderem sobreviver em plena selva terrena? Quais os interesses que determinam, aqui na Terra, o que deve ser feito e em função de quê?

É preciso despertar o amor. A orientação do Mestre Jesus, apesar de dada há dois mil anos atrás, ainda é a necessidade mais atual e urgente que temos a preencher com o nosso esforço de melhoramento íntimo. Não há outra maneira de evoluir.

Muitos ainda, a exemplo de Judas Iscariotes, pretendem aprender muito, dar livre curso às suas ambições pessoais, realçarem a si mesmos no desempenho de algum cargo ou função importante, para somente depois praticar o amor. Judas – e quase todos os outros apóstolos – tentou, a todo custo, convencer o seu mestre Jesus, a quem realmente muito amava, a assumir o exercício do poder temporal, como se nesse aspecto residisse o futuro da Humanidade. Perdido e perigosamente iludido no jogo dos valores transitórios – como a maioria de todos nós –, aquele apóstolo pretendia transformar Jesus em uma espécie de rei terreno, aspecto que o Mestre sempre se recusou a assumir.

Tentava explicar que Ele veio para semear o amor no coração de todos os homens e mulheres, independente de raça, cor e credo, e que não poderia plantar o amor com uma espada na mão. Deu a César o que era de César, não se esquecendo, contudo, de amar a “César” como a qualquer outro ser humano, sem ver inimigo em ninguém, nem mesmo naqueles que o ofenderam.

Enganam-se os que pensam que Jesus era um revolucionário, da maneira que freqüentemente o entendemos. De fato, Ele foi o maior revolucionário que já pisou na Terra, semeador da maior das revoluções que, sem violências, sem desagравos e sem desagregação, lenta e silenciosamente, vem frutificando no íntimo de todos que aqui vivem, e que, a seu turno, começará a produzir os frutos de paz, de progresso e de

harmonia, arquitetada que foi, na busca do autoconhecimento, na prática da caridade e da tolerância, enfim, na prática do amor incondicional.

Pouco ou nada sabemos sobre quem somos, de onde viemos, qual o sentido da vida, qual a função do ser humano, para onde vamos, o que é a realidade, se Deus realmente existe, se Jesus existiu e se os atos por ele realizados foram reais, se existe vida fora da Terra, se existe vida antes e depois da vida terrena, o significado do amor, enfim, precisamos aprender tudo.

Infelizmente, muitos aspectos da grande verdade universal ainda estão situados muito além do horizonte da percepção que o ser terrestre construiu para si próprio. Mas por pouco tempo se manterá esse estado de coisas.

De mansões celestes situadas um pouco além do nosso horizonte, virá um Ser excelso, cuja simplicidade e amor enternecem a todos e cujo jugo suave que tudo dá e nada pede, atrai de maneira irresistível ao mais empedernido dos corações. Com Ele, certos aspectos dessa verdade cósmica serão restabelecidos, por seu desejo pessoal, para nortear os passos desta parte do seu rebanho cósmico congregada na Terra, desde há muito.

E não nos iludamos: caberá sempre às comunidades siderais promover as suas jornadas evolutivas pelo cosmo afora, mesmo sabendo e convivendo com padrões da realidade maior, ainda desconhecidos para o ser terrestre. Assim, devemos ter a devida consciência e maturidade espiritual para saber que, mesmo após a reintegração da Terra à convivência com as demais famílias espalhadas pelo cosmo, mesmo depois de sabermos quem somos, de onde viemos, qual o sentido da vida, que somos eternos, que temos um Pai Celestial e passarmos a conhecer alguns poucos aspectos da realidade cósmica que nos rodeia, que mesmo depois de tudo isso, teremos que bem administrar os nossos passos evolutivos firmados na prática amorosa e no progresso de todos.

Com a segunda vinda do “enviado dos céus” muita coisa haverá de mudar. Mas as leis cósmicas continuam irrevogáveis, cabendo a nós próprios criar o nosso futuro com base no esforço consciente no tempo em que vivemos.

Podemos ter todos os conhecimentos do mundo, mas se não tivermos amor nos nossos corações, para pouco serviremos. Precisamos, pois, edificar no nosso próprio íntimo, os alicerces do reino de amor do Pai Celestial, que está disponível a todos.

Mãos à obra que ainda está por ser feita, que jamais cessa no concerto evolutivo dos mundos, já que somos eternos e infinitas são as moradas do Pai.

Cuidemos, em especial, para que não nos falte o combustível da humildade e da simplicidade de coração, para que vejamos com regozijo a chegada inesperada do Cristo, quando os tempos forem chegados. E eis que os tempos já estão chegados.

Que sejamos, portanto, caminhantes que jamais se detêm na busca do progresso espiritual.

POSFÁCIO

Era apenas mais uma madrugada de trabalho. Acabara de concluir as últimas páginas do presente livro.

Refletia, com alívio, que uma das tarefas mais incômodas, dentre as que já me haviam sido solicitadas pela Espiritualidade Maior, finalmente terminara. Que suavidade era não mais sentir sobre os meus ombros, a responsabilidade de atravessar madrugada após madrugada, voltado para essa tarefa que me traz, paradoxalmente, a angústia de “ter que fazer” e a satisfação de “já ter feito”, por mais que a prudência me aconselhe, que o objeto da realização não consegue estar à altura da intenção pretendida pelos mentores espirituais.

Recordava-me do início, em 1990, de toda aquela história de “escrever livros” a pedido da Espiritualidade, quando o amigo espiritual Bezerra de Menezes deixou a meu critério, em sua generosa orientação, mencionar ou não, o nome do espírito responsável pela autoria intelectual das idéias que compunham este ou aquele capítulo dos trabalhos desenvolvidos naquela época. Optei por informar apenas, que os reais autores intelectuais eram espíritos e seres cósmicos, sem listar os nomes de suas vidas na Terra, já que, muitos deles, haviam produzido livros na seara espírita. O meu intuito era o de não criar problemas ou de ferir suscetibilidades, o que terminou ocorrendo de todo jeito. A única maneira de não criá-los, teria sido permanecer omissos diante dos fatos que me rodeavam, o que não é do meu temperamento. Tentei até, me furtar ao envolvimento com os fatos que ocorriam ao meu redor, produzidos pelos mentores espirituais que procuravam, conforme as circunstâncias, chamar a minha atenção para o objetivo que desejavam. Em algumas oportunidades disse mesmo “não”. Mas, ficar omissos, não me era possível.

A tarefa que acabara de realizar, muito mais do que as outras, fora motivo de desgaste psicológico, apesar de, estranhamente, não o ter sido no campo espiritual. Era como se o espírito (mente espiritual), em um estado de consciência mais ampla, prazerosamente, estivesse trabalhando através do seu próprio instrumento corporal atual (cérebro físico), que somente a muito custo se ofertava para o trabalho. “Ser médium de si mesmo”, é algo que transcende as amarras do animismo e, precisamente devido a isso, por mais profundo que seja o processo de análise, não poderão ser respondidas

todas as questões surgidas ao longo do desenvolvimento dos trabalhos. Ao mesmo tempo em que muitas páginas assim eram escritas, outras tantas eram produzidas pela interferência precisa e adequada das mentes espirituais de Ramatis e de Rochester, que se referiam também ao fato de que, para além dos dois livros (o *Livro da Reencarnação* e *O Sentido Gradualístico das Leis do Carma*) e alguns outros assuntos que Kardec não tivera tempo de realizar em vida, faltavam ainda algumas páginas no *Livro dos Médiuns*, precisamente sobre o tipo de trabalho mediúnico que estávamos realizando. Afinal, insistiam Ramatis e Rochester, se Jesus tivesse escrito na época em que viveu, evocando – ou acionando – a sua consciência cósmica, como seria isso enquadrado e classificado dentro do conhecimento advindo pela codificação espírita? Ora, em futuro breve, muitos espíritos reencarnarão, já aptos a buscarem nas suas próprias mentes espirituais, o arcabouço de suas experiências e conhecimentos adquiridos em vidas passadas. Haverá, com semelhante realidade, algum tipo de problema?

Refletia sobre um conjunto de aspectos e de circunstâncias que haviam envolvido este livro, quando os espíritos de Ramatis, de Rochester, de Hercílio Maes e de Bezerra de Menezes – e alguns outros – se aproximaram e se deixaram perceber, ante a minha desavisada percepção. Sorri-lhes fraternalmente, já envolvido pelo conjunto de vibrações maravilhosas que deles emanava. O que dizer, pensei, a não ser, agradecer pelo concurso inestimável de todos eles.

Enquanto assim pensava, começava a me deixar dominar pela emoção, já que, nas madrugadas silenciosas, o afeto dos familiares e amigos, a curiosidade intelectual e a emoção de pensar estar servindo ao Mestre, eram as eternas companhias que substituíam a monótona solidão. Assim era e havia sido em algumas outras encarnações, onde, por pura necessidade espiritual, obrigava-me a trocar o descanso pela dedicação aos objetivos a que me impunha, por meus impulsos espirituais.

Rochester, percebendo o meu estado de perturbação íntima, como se querendo poupar-me de um vexame emocional, começou a “implicar fraternalmente”:

”Agradecer não é bem o que você deseja. Conheço-lhe o bastante para poder perceber que, por trás desse agradecimento, está quase que uma irresistível vontade de dizer: agora está tudo muito bom para vocês que

estão nesse lado da vida, mas, e quanto a mim, que hei de enfrentar sozinho toda uma avalanche de ...?”

Sorrimos todos. Rochester, com as suas posturas habituais, simplificava em uma só brincadeira o que não havia sido dito, o que nem sequer era necessário ser dito, mas que todos sabiam que estava para ser dito e, quando assim era, cabia exatamente a Rochester dizê-lo. Vinha sendo assim pelo menos há alguns bons milênios.

Ele, que se autodenomina o proscrito das elites espíritas, já que poucos o aceitam – segundo sua própria expressão – exatamente ele, que com o espírito discreto e sereno de Hercílio Maes, mais se esforçara para que o livro fosse desenvolvido, estava agora, a fazer humor com a obra realizada, recordando-me que havia muito mais ainda por ser feito naquele campo esclarecedor e que era importante que tivesse consciência que meus problemas seriam do mesmo tamanho, independendo da quantidade de livros que viesse a publicar.

Segundo ele, quando dos ambientes espirituais começou a perceber, por volta das primeiras décadas do século XX, que as pessoas liam os seus livros – psicografados por Wera Krijanowsky – mas não o levavam a sério, concluíra que o problema iria persistir, não importando se escreveria mais um ou mais noventa. Mas, uma vez que o problema estava criado, iria aproveitar o máximo que lhe fosse possível. Para isso, estava mesmo procurando se sintonizar com alguns médiuns, até ao prazo previsto para a sua próxima reencarnação.

“Fique tranquilo”, disse-me Rochester, “pois seu nome não está na minha lista. Caso assim fosse, devido à teimosia de ambos, terminaríamos criando mais problemas do que soluções e, ao final da empreitada, precisaríamos de um bom período de férias um do outro”, com o que sorrimos bastante. “Mas não se iluda! Até ao fim da sua presente existência física, é bastante provável que novamente aproveite a boa vontade que você teve para com o Hercílio, – pois, somente quando ele lhe convidou, é que houve a predisposição mediúnica de sua parte – e venha novamente a trabalhar em conjunto com outros espíritos, para aproveitar-lhe o concurso. Contudo, o reconheço, devo fazê-lo com cuidado, porque algum dia estaremos reencarnados, Hercílio e eu, e você, desencarnado, a nos cobrar o concurso mediúnico. Com o Hercílio não encontrarás, seguramente, problema de ordem alguma. Comigo terás todos os possíveis e imaginários.” E assim continuava o incansável Rochester a parlamentar,

enquanto todos nós, enternecidos, agradecíamos o seu monólogo fraterno que tudo simplificava.

Após a troca de mais algumas expressões de carinho e respeito mútuos, saíram todos, pois sabiam da minha necessidade de ficar a sós, para poder decidir quanto aos outros aspectos pertinentes à obra.

Na verdade, parte de mim, ou o que restava da minha sensibilidade pessoal enquanto médium, não queria nem mesmo publicar, pelo menos enquanto estivesse “vivo”, e a outra parte não queria publicar nem mesmo quando estivesse “morto”. Mas, se já havia sido produzido, não seria agora benquista tamanha covardia de minha parte. Paciência.

Confesso que começara a escrever este livro, muito mais por curiosidade intelectual e espiritual, do que mesmo pelas continuadas solicitações dos espíritos amigos. E agora, pronto que estava, não poderia escondê-lo por detrás de minhas conveniências, ou do que delas restasse. Já sofrera tantos achaques à minha sensibilidade que, como dizia Rochester, um pouco mais, em nada ou em muito pouco modificaria o meu problema, se é que isto é um problema.

Pouco ou nada havia para ser refletido, diante do que estava feito. Cansado, desisti de tentá-lo.

Levantei-me, busquei uma janela e tornei a observar a madrugada lá fora. Faltavam dezessete minutos para as três horas da manhã. Teria umas boas quatro horas de sono, pensei comigo mesmo, antes de enfrentar as obrigações profissionais que me esperavam na manhã seguinte.

Tornei a me sentar, tomando as providências de “final de trabalho”, tais como salvar arquivos ainda abertos, desligar computador, organizar os papéis dispersos, quando, sozinho, sem nenhuma influência espiritual, perguntei a mim mesmo o que achava do rumo que tinha tomado a minha vida? Ao proceder assim, recordei-me do caminho, que em vidas passadas terminei por impingir, em algumas ocasiões, a certas pessoas, mas não me permiti ofertar guarida aos pensamentos difíceis de serem administrados que, de forma traiçoeira, às vezes, irrompem do fundo de nossa mente espiritual, levando-nos por caminhos que chegam a lugar nenhum.

Desisti, de fato desisti oficialmente, naquele instante, de construir a sempre necessária base racional que deve servir de apoio lógico a qualquer empreitada. Para aquela com que havia me envolvido, não existia lógica terrena capaz de sustentar o meu estado psicológico no momento.

Sorri e pensando comigo mesmo conclui que o que estava fazendo, o fazia convicto de estar servindo aos interesses dos amigos espirituais que, pelo meu entendimento, representavam um desejo do Mais Alto. Acreditava, e acredito, estar servindo ao Mestre Jesus. Caso esteja incorrendo em equívoco, registro apenas a minha boa intenção em servi-Lo, o que me garante o seu perdão incondicional.

No mais, é dormir em paz com a minha consciência, patrimônio inalienável dos que não se submetem à mesmice das possibilidades impostas pela opinião e interesses alheios equivocados.

O que faço, faço por mim mesmo, pelos ditames da minha própria consciência, acreditando, como já o disse, estar servindo aos nobres desejos de diversos amigos, em especial aos do amigo maior, Jesus.

Afinal, o tema que normalmente enfoco a pedido da Espiritualidade, é exatamente o cumprimento da última promessa feita pelo próprio Mestre, referente ao seu retorno.

Sei que não é fácil, para quem quer que seja, aceitar a possibilidade de que, realmente, o Mestre Jesus possa voltar à Terra na sua condição de ser cósmico extraterreno. Mas o que posso fazer se é aquele mesmo grupo, formado por espíritos desencarnados e seres cósmicos que no século XIX compôs a equipe do Espírito da Verdade e semeou as bases da codificação espírita que está agora, anunciando a chegada do Mestre, já que, segundo o que eles informam, estamos vivendo o momento em que essa promessa há de se cumprir?

Esses seres afirmam que os tempos profetizados estão chegados, e que é este o momento propício para que algumas páginas da revelação cósmica possam complementar o entendimento ofertado ao mundo pela revelação espiritual. Se esses seres são realmente trabalhadores celestes, que labutam na constante e ininterrupta obra amorosa do Pai, semeando aqui e alhures, ontem e hoje, aspectos de uma grande verdade cósmica que pouco a pouco se descortina ante a imprevidente ótica dos valores transitórios terrenos, o que posso fazer, mesmo que pelos meios modestos deste servidor menor, a não ser tentar repetir ou relatar o que julgo estar entendendo de suas solicitações e orientações?

Pode ser que ninguém mais, na face da Terra, saiba ou aceite que a equipe do Espírito da Verdade, que realizou a codificação espírita, seja a mesma que atualmente semeia o anúncio da volta de Jesus. Entretanto, no

que me cabe, tenho razões e fortes motivos pessoais para sabê-lo e afirmá-lo, independente de tudo o mais.

J. V. Ellam

POSFÁCIO DE RAMATIS

Eis o objeto de um grande sonho finalmente realizado. Pelo menos o é para o meu espírito e para o de Kardec, já que em seu nome falo, pelos ditames da conveniência espiritual. Feito uma espécie de semideus, difícil é para ele, tornar-se um simples homem novamente, o que lhe dificulta o trânsito terreno. Mas, por tratar-se de ponto de apoio para uma estratégia da Espiritualidade Maior, a seu turno, os aspectos pertinentes a essa questão serão devidamente esclarecidos.

Cabe-me, portanto, registrar em nosso nome, a alegria com que saudamos a empreitada esclarecedora.

Consciente dos riscos, em especial para os que estão na Terra, somos daqui, atores e testemunhas privilegiados de uma peça que está sendo encenada no palco terreno, porque somente assim, os que aí vivem podem perceber o esforço da Espiritualidade na direção da vida terrestre, para ensinar e motivar, semeando, dessa maneira, melhores expectativas quanto ao porvir.

Despreocupa-nos o juízo de valor sobre o resultado do nosso empenho. Preocupa-nos sim, a base sobre a qual se alicerça o esforço dos que vivem na Terra, para entender os tempos presentes.

Eis que chegamos a bom termo quanto ao objetivo pretendido. Move-nos apenas o singelo desejo de chamar a vossa atenção para outros painéis do esclarecimento espiritual, tido por muitos como equívoco ou aspecto de menor importância.

No presente ainda persistem nas mentes de muitos, hábitos singulares que buscam o já recalcitrante estacionamento espiritual do pouco esforço, já que assumem “verdades” de maneira absoluta e delas não se libertam por séculos, influenciando assim, de forma errada, o inevitável fluxo das vidas futuras, estejam ou não preparados para enfrentá-las.

Os conceitos e os dogmas religiosos foram erigidos em um passado, e a esse passado ficam presos, impedindo assim, a quem deles intelectualmente se apodera, a percepção dos novos valores que sempre temos para aprender, a título de evoluir. Afinal, para que servem tantas vidas, se em cada uma delas apenas desenvolvemos a nossa tendência de nos vincularmos a conceitos, que, se ligados a um passado qualquer,

tornam-se anacrônicos e estéreis diante dos novos horizontes que o futuro sempre impõe?

Como pode alguém, preso ao passado, arquitetar corretamente o futuro?

É nisso que reside o principal problema da Humanidade: ainda não sabe, de forma consciente, que tem um eterno futuro, a se renovar a cada oportunidade existencial proporcionada pelas leis cósmicas. E é esse o campo que espera pelo trabalho fecundo de todos nós que, há milênios, vimos perseguindo, um dia bem desenvolvê-lo: o de esclarecer a nós próprios e a quem mais assim o permitir.

Este livro visa, portanto, atender a essa simples questão: a necessidade de esclarecimento espiritual. Quem dele quiser se servir, estimamos que o faça de forma produtiva e ponderada, para que não se torne questão de fé, posto que não é.

Quanto às críticas implacáveis que hão de surgir... bem...; desculpem-nos a sinceridade, mas os espíritos que contribuíram para a confecção deste livro, já se encontram por demais experimentados neste mister e para nós não é nenhum problema.

Que possamos trabalhar no presente, voltando os nossos olhos para o futuro, já que é lá que reside o foco das nossas expectativas e da esperança que une a todos nós. Do passado, somente devemos retirar o devido aprendizado.

Honremos os testemunhos dos mestres espirituais que já viveram na Terra, com os nossos melhores esforços de redenção espiritual.

Ramatis

PÓS-FÁCIO DE ROCHESTER

Não faz muito, há cerca de uns dois mil e quatrocentos anos, vinha eu conversando com um amigo, companheiro de aprendizado na saudosa Academia do nosso mestre Platão. Corremos de uma chuva repentina, tentando vencer a distância que nos separava do local para onde nos dirigíamos. Vencida aquela distância, permanecemos olhando a chuva, até porque não tínhamos nada melhor para fazer.

Passado o tempo que nos separa dessa época, cada vez mais tomo consciência de que não há distância entre os que se amam, nem tão pouco entre os que se odeiam. Por sinal, isto tentei demonstrar através do meu trabalho literário, na confecção dos livros que daqui ajudei a produzir. Para minha alegria, conto-me entre os que se sentem realizados, apesar das imperfeições que ainda me caracterizam o espírito.

Devo ser portador do mais extenso currículo espiritual cuja marca é o equívoco, o orgulho, e, como pensa o meu prezado amigo médium, a teimosa insistência em posturas empedernidas no âmbito das paixões humanas. Apesar de tudo, esforço-me para, de alguma maneira, contribuir com o que posso ofertar, do pouco de amor que carrego comigo. Mesmo sendo quem sou, espírito ainda tendente ao primitivismo espiritual, concito a mim mesmo, a algo tentar semear no íntimo daqueles que me lêem as expressões da alma carente de maiores obras durante as vidas terrenas, desejando, desde os ambientes espirituais, dar-me em esclarecimento e tolerância.

Muitos espíritos maravilhosos trabalham daqui, enviando as suas mensagens, obedecendo a um objetivo ou mesmo atendendo à solicitação de grandes mestres, o que não é o meu caso. Muitos o fazem dentro de uma estratégia acordada com o Mais Alto, com o nobre objetivo de ajudar a tantos quantos se possa, o que também não é o meu caso. O que fiz e procuro fazer, faço-o por mim mesmo, envolvido na minha própria estratégia de redenção pessoal, com a ajuda de afetos do pretérito espiritual, e se a alguém puder servir, ótimo. Caso contrário, servirá à minha própria angústia, de algo querer produzir, voltado para o meu próprio bem, se ao bem comum para nada servir.

Se, entre os maiores, sempre existirão os menores para a realização de certas tarefas – conforme os viciados e distorcidos preceitos da ótica terrena

– aqui estou a produzir o que posso, sob a ótica da minha verdade, clamando, às vezes de forma desesperada, pela atenção dos que estão na carne, para os aspectos espirituais que envolvem a rápida vida terrena. Faço de tudo para ser escutado.

O compromisso que tenho é com a minha própria consciência, que ainda prenhe de tanto equívoco, não me permite fazê-lo com o Mais Alto, já que, invariavelmente, inclino-me para o erro sempre que reencarno. Mas mesmo sendo tão imperfeito, permito-me produzir, ainda que não agrade a muitos. O que fazer?

Este amado irmão que ora utilizo, jamais aceitaria um convite meu para escrever sobre assunto semelhante ao que foi tratado neste livro, no que ele tem razão, o reconheço. Conhece-me ele por demais para confiar a sua sensibilidade mediúnica a quem mal sabe dar conta da sua própria sensibilidade espiritual. Assim, aproveitei-me – como normalmente o faço em relação a este aparelho – da estratégia formalizada pelo prezado Hercílio Maes, a fim de sensibilizar-lhe o concurso mediúnico.

Acertadamente, o nosso irmão que agora utilizamos, diz que o que mais limita o ser humano, é o conjunto das suas próprias opiniões; que o que mais dificulta a sua evolução é, exatamente, a concepção de mundo que lhe é própria.

Sócrates questionava, com razão, se não seria a maior das ignorâncias, por sinal de todas a mais reprovável, acreditar saber aquilo que não se sabe?!

Questionamos o que é que realmente se sabe, vivendo na Terra? O que, na condição terrena, é possível sabermos com certeza? E são tantos que pretendem saber a reencarnação deste ou daquele vulto, desconhecendo, entretanto, o próprio passado. E como conhecer a verdade alheia, se nem sequer se conhece a própria? Muitos, porém, querem isso saber, com a absoluta precisão dos que, por orgulho, pensam que sabem alguma coisa.

Este livro apenas semeou o vislumbre de novos horizontes, já que as verdades de há muito estão postas para quem delas quiser se servir. Alimentar o espírito com o pão da vida do esclarecimento espiritual, é possibilidade concreta à disposição de muitos, desde o advento do Espiritismo. Contudo, alimentar-se nessa seara com o intuito de fortificar o próprio orgulho espiritual, é equívoco de grande monta, não mais aceitável no atual estágio em que se busca a maturidade do entendimento cósmico. E quantos estacionam as suas sensibilidades espirituais, na tola pretensão de

se tornarem valorosos defensores do que não necessita de defesa? Nessa aparente boa disposição em servir, terminam por criar verdadeiros monstros espirituais que, além de devorar a si mesmos, acabam destruindo também o que antes se pretendia defender.

Assim tem sido ao longo da História, com as deformações causadas pelos seguidores dos ideais primeiros e originais de muitos movimentos esclarecedores que surgiram na Terra. Afinal, como exemplo maior, o que tem Jesus a ver com o que muitos fizeram em Seu nome e até hoje o fazem? Se assim foi e é com a obra de Jesus, como não será, com a dos demais emissários da Espiritualidade? Assim também foi, e está sendo, com o movimento espírita. Apesar dos grandes e majestoso feitos no campo do serviço assistencial a espíritos desencarnados necessitados de ajuda, da caridade moral e material semeada por muitos devotados irmãos e irmãs que labutam na seara espírita e do esclarecimento ofertado a muitos, não pode servir, o Espiritismo, de palco para o afronte à honra alheia, sob qualquer perspectiva ou por qualquer motivo que seja. Muito menos deve servir para se atingir a alguém ou a muitos, na covarde justificativa que se está defendendo o Espiritismo. Ora, o Espiritismo não precisou e não necessita desse tipo de defesa, que não honra a memória daquele que o codificou e, muito menos, às nobres intenções dos espíritos que o promoveram.

Por mim, este livro se chamaria “Muito Além do Horizonte Espírita”, com o que não concordou o aparelho mediúnico, no que terminei lhe dando razão. Mas insisto que, muito do que aqui foi relatado e esclarecido, encontra-se um pouco mais além do horizonte da percepção de muitos espíritas – o que é normal, pois, se aí estivesse, provavelmente agiria da mesma forma – envolvidos que estão, com o império do orgulho intelectual das opiniões já publicamente assumidas, quanto às verdades que, assim, foram julgadas equivocadamente. Mas pouco importa.

O momento é de renovação, não da doutrina espírita, mas dos espíritas e, como de resto, de toda a Humanidade. Triste de quem insistir no teimoso orgulho intelectual – e disso entendo muito bem –, pelo acúmulo de erros já cometidos. Por isso me obrigo a chamar à atenção dos que assim se sentem tendenciosos, mesmo que não o percebam.

É, pois, com alegria, que chego ao fim de mais esta participação em trabalhos mediúnicos, se assim posso chamá-lo. Mas que seja. O embrulho, ou rótulo, em nada importa, a não ser para aqueles que somente percebem a

superficialidade e os aspectos acessórios da vida terrena. Para estes..., bem, fiquem com o que perceberem. O que de fato importa é o essencial, é o conteúdo esclarecedor que amorosamente é ofertado. E é exatamente esse alimento espiritual que, espero, possa ser recebido por quem dele quiser se servir.

Rochester

POSFÁCIO DE HERCÍLIO MAES

Registro o meu agradecimento. E o faço reconhecendo que a minha intenção era bem mais modesta, em relação ao curso que a obra tomou, pela influência dos demais autores espirituais. Para nós, ficou realmente gratificante. Ao irmão terreno que a escreveu e por ela se responsabiliza diante dos valores do mundo dos encarnados, seguramente há de lhe criar problemas, o que lamentamos. Mas nada existe simplesmente por existir. Tudo tem o seu significado. E tempo virá em que o significado da presente obra será compreendido. Até lá, é suportar as angústias inerentes ao julgamento e às incompreensões humanas, no que estamos todos já com um pouco de experiência. Porém, como não procurar imitar a Jesus neste mister?

Na Terra, o custo da insistência amorosa e da tentativa de esclarecimento diante dos que ainda não querem ou não sabem dar a real importância ao amor e a luz espiritual, é exatamente o reverso do amor e da luz, já que o pagamento vem em forma de desamor, de incompreensão, de afronta à honra pessoal, enfim, de tudo o que a postura ignorante, porém orgulhosa dos que pensam muito saber, normalmente promove a quem lhes fere a visão ortodoxa e, muitas vezes, estéril.

Observando os legados ofertados pelas figuras de Sócrates, de Platão, de Sidarta Gautama, de Jesus, de Kardec, de Gandhi, somente para citar alguns, observo com todo o louvor que eles, dentro das condicionantes que os rodeavam, tiveram muitos pontos em comum, que marcam indistintamente aos que na Terra chegam para renovar. No entanto, há um desses pontos que me surpreende e me motiva à reflexão constante, porque, hoje sei, é característica de poucos: o fato de não se deixarem limitar pelas possibilidades das épocas.

No atual estado em que me encontro – o de espírito desencarnado – convivo com algumas informações não disponíveis para vós, que estais atualmente reencarnados, que me deixam maravilhado, ao perceber como o espírito de Sócrates estudou, antes de ser Sócrates, os seus “ídolos espirituais”, retirando-lhes dos seus exemplos, o comportamento e a estratégia espiritual necessária para a sua evolução. E chegou onde chegou: a realizar uma missão de sublime e singular contribuição filosófica, em especial no campo da moral, da ética e da virtude para toda a Humanidade.

Fez mais: com o seu exemplo, semeou nos espíritos de Platão e de muitos outros, missões a serem efetuadas, – como de fato aconteceram – tornando-se multiplicador de beleza, de amor e de luz na Terra.

Da mesma maneira, o espírito de Platão estudou os seus “modelos espirituais” para traçar a sua estratégia de contribuição durante a sua vida terrena.

Enterneceu meu espírito, perceber o estudo feito pelo espírito de Kardec. Esse estudo foi por ele iniciado logo após a sua reencarnação como Boécio, tendo concluído-o por volta do ano 1770, conforme os registros “do lado de cá”. Verificou todas as suas reencarnações, observando, a seu juízo, os erros repetidamente cometidos, adestrando-se nas escolas da Espiritualidade e em algumas vidas terrenas, para exercer a sua soberania espiritual sobre as próprias emoções, única forma de ser o “senhor de si mesmo”. Mas o encantador é ter acesso aos estudos que ele fez dos seus “mestres e orientadores”, verdadeiros modelos espirituais que usou nas suas pesquisas.

O estudo sobre a personalidade terrena de Jesus, as posturas por Ele assumidas, a estratégia de convivência com os que O rodeavam, dentre outros aspectos, é manancial reflexivo e motivador que muitos espíritos até hoje buscam estudar nas “bibliotecas do lado de cá”, já que Kardec utilizou o testemunho terreno de seu mestre amado Jesus, como foco de sua redenção. Louvo o seu esforço.

Como sabeis, se aí existem os livros para o vosso deleite, aqui também os há. Inclusive muitos que ainda não foram reproduzidos no mundo dos encarnados, o que não acontece com o que aí é produzido, já que tudo o que é elaborado na Terra, tem a sua respectiva expressão espiritual aqui registrada. O inverso não é necessariamente verdadeiro, no que se refere aos livros aqui existentes, o que é uma pena. Mas não será sempre assim. Tempo virá em que os impedimentos vibracionais entre o mundo espiritual e o terreno serão vencidos. E é também para isso que trabalhamos todos.

Por enquanto, temos que correr os riscos da comunicação mediúnica, acertando e errando inevitavelmente, única maneira que temos para reportar as ajudas ofertadas pelos trabalhadores espirituais. Sem elas, mesmo com todos os equívocos que a cercam, como estaria a situação terrena? Como sei dessas dificuldades que cercam os médiuns, cuido para que não se repita com muitos o que aconteceu comigo mesmo, quando aí estive encarnado. A generosa elegância deste aparelho que agora utilizo, impediu-me de levar

adiante, da forma que desejava, as correções de rumo informativo e esclarecedor sobre as mensagens que enfeixei em livros, na porção mediúnica que me coube despertar e dela me utilizar para poder servir. Contento-me, entretanto, com as ressalvas proféticas por ele destacadas, apesar de não ter mencionado os meus inevitáveis equívocos pessoais, quando do meu testemunho mediúnico.

Contudo, se na Terra valem bem menos pelas idéias que temos e muito mais pelo zelo moral com que as defendemos e ofertamos ao próximo, desfruto hoje da felicidade íntima pela nobre intenção que sempre me norteou os esforços, além da percepção do bem e do esclarecimento mínimo, que, amorosamente administrado por Ramatis, pude semear nos “corações alheios”, sendo este o meu maior patrimônio, e o repito, independentemente dos equívocos e vacilações cometidas.

Despeço-me, portanto, feliz e sereno, pois que a semente continua, suave e constante, no coração de todos os que se permitirem ser a boa terra onde, a seu turno, a semente divina haverá de frutificar.

Aproxima-se a hora da colheita. Que permaneçamos despertos para a busca do esclarecimento e para a prática da caridade, conforme a eterna e sempre renovada recomendação do Mestre Jesus.

Hercílio Maes

SOBRE O AUTOR



Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.

Formado em Administração de Empresas, Rogério de Almeida Freitas confrontou-se com uma série de acontecimentos aparentemente estranhos: pessoas desconhecidas que o abordavam e o questionavam sobre se acreditava em espíritos ou em “seres de fora”. Nascido em Natal, a vida deste homem dos números deu uma reviravolta aos 27 anos, quando, depois de muito ceticismo, deixou que os espíritos entrassem em seu mundo.

Para mais informações:

www.ieea.com.br

contato@conectareditora.com.br



PROJETO ORBUM



Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs

espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

ROTEIRO DE LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante. Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**:

Reintegração Cósmica

Caminhos Espirituais

Carma e Compromisso

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus

Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I e II

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final a da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo - Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino - Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

IEEA



INSTITUTO DE ESTUDOS Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
 - Leia livros do autor antes mesmo dos lançamentos oficiais.
 - Assista vídeos de palestras não públicas
 - Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smarthones.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

CRÉDITOS

Muito Além do Horizonte – contexto filosófico-espiritualista

Diversos espíritos (obra psicografada por Jan Val Ellam)

Copyright © 2001 by Jan Val Ellam

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Capa e Diagramação: Luciana Lebel



Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açú, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

[Website Conectar Editora](#)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muito além do horizonte : contexto

filosófico-espiritualista : Kardec, Ramatis,

Rochester / Diversos Espíritos ; [obra

psicografada por] Jan Val Ellam. -- São Paulo :

Zian Editora, 2001.

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Filosofia

3. Psicografia I. Val Ellam, Jan.

01-4112 CDD-133.93

CDU 133.93



ISBN: 85-88584-01-08

Table of Contents

[Página de Título](#)

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[Advertência ao Leitor](#)

[Esclarecimento](#)

[1. Reencontro](#)

[2. O Sonho de Alexandria](#)

[3. Projetos Espirituais](#)

[4. Fim do Sonho Romano](#)

[5. Fantasmas do Passado](#)

[6. Antes da Codificação](#)

[7. Plano da Espiritualidade Maior](#)

[8. O Imponderável e seus Caminhos](#)

[9. Alternativas do Livre-Arbitrio](#)

[10. Cento e Quarenta Anos Decisivos](#)

[11. Oriente e Ocidente](#)

[12. Onde falham as Religiões](#)

[13. Onde falham os Homens](#)

[14. Diversos Caminhos](#)

[15. Os Avatares](#)

[16. O Fator Rochester](#)

[17. O Sonho de Ramatis](#)

[18. As Possibilidades Humanas](#)

[19. A Revelação Espiritual](#)

[20. A Revelação Cósmica](#)

[21. Além do Horizonte Terrestre](#)

[Posfácio](#)

[Posfácio de Ramatis](#)

[Pósfacio de Rochester](#)

[Posfácio de Hercílio Maes](#)

[Sobre o Autor](#)

[Projeto Orbum](#)

[Roteiro de Livros](#)

[IEEA](#)

Créditos